

Luzia A. Araújo

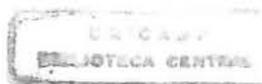
**DE *BIG BANGS* A BURACOS NEGROS NO
UNIVERSO DA TRADUÇÃO NO BRASIL:
UM ESTUDO SOBRE O PAPEL DA TERMINOLOGIA NA
PRÁTICA TRADUTÓRIA E NA FORMAÇÃO DE TRADUTORES**

Tese apresentada ao Curso de Lingüística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Lingüística Aplicada na Área de Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni
Co-orientador: Prof. Dr. Francis Henrik Aubert

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
2001



000114962

DE	Be
AMADA:	TIUNICAMP
	An 15d
	Ex.
NO BC/	45273
	16-392101
	D 7
	R\$ 11,00
	21107101
CPD	

CM00158317-2

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

Ar15d

Araújo, Luzia Aparecida de

De *big bangs* a buracos negros no universo da tradução no Brasil: um estudo sobre o papel da terminologia na prática tradutória e na formação de tradutores / Luzia Aparecida de Araújo. -- Campinas, SP: [s.n.], 2001.

Orientadores: Paulo Roberto Ottoni, Francis Henrik Aubert

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Tradução e interpretação. 2. Terminologia. 3. Tradutores. I. Ottoni, Paulo Roberto. II. Aubert, Francis Henrik. III. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. IV. Título.

**Tese de doutoramento defendida em 8 de março de 2001,
tendo como integrantes da banca examinadora:**

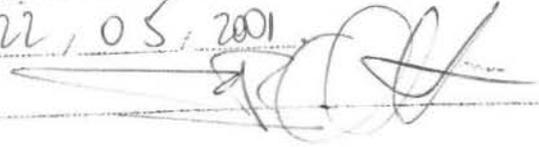

Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni – UNICAMP
Orientador

Profa. Dra. Maria da Graça Krieger – UFRGS
Membro externo

Prof. Dr. Paulo Sampaio Xavier de Oliveira - UNICAMP
Membro externo

Profa. Dra. Maria Augusta Bastos de Mattos – UNICAMP
Membro interno

Profa. Dra. Matilde Virginia Ricardi Scaramucci – UNICAMP
Membro interno

Esta exemplar é a redação final da tese
defendida por Luzia Aparecida de
Anaijo
e aprovada pela Comissão Julgadora em
22, 05, 2001


*Para tradutoras,
tradutores e
aprendizes*

Há muitas e muito poucas palavras. Por exemplo: pegamos um corpo. Se continuarmos a linha que sai do lado de fora de um dos pés (isto é, do ponto de vista do próprio corpo: o lado direito do pé direito ou o lado esquerdo do esquerdo) e vai pelo chão até o outro pé, teremos a palavra planeta, que inclui o corpo. Incluídos nesse corpo temos membros. Entre os membros pernas. Dentro das pernas pés. Nos pés dedos e nos dedos unhas. Mas se dissermos unhas podem ser das mãos. Se estiverem riscando um muro diremos atrito. Então podemos estar falando de fósforos, ou de pneus. De sexo, discussões e condutores elétricos. Assim: Mesa e cadeira são duas palavras. Móveis é uma palavra só – Coisas que se movem. Mas não há palavra para dizer dois corpos encostados, ou uma mão segurando um punhado de terra ou duas mãos dadas com um tanto de terra entre elas; como há, por exemplo, a palavra jardim para designar o conjunto de terra e plantas; ou a palavra planta para expressar a soma da parte dessa parte do jardim que fica acima e da parte que fica abaixo da terra. Com raiz bulbo folha talo ramo galho tronco fruto flor pistilo pólen dentro. Mas se não quisermos dizer planta podemos dizer pé. E a sola do pé chamaremos de planta. Sobre o solo. Assim como dizemos planta para o pé diremos palma. Para a mão. Folha da palmeira. E se não quisermos dizer planeta podemos dizer terra. Ou isso. Mas se ele não estiver perto não podemos chamá-lo de isso.

Arnaldo Antunes
As coisas

SUMÁRIO

Agradecimentos	11
Resumo	13
Prólogo	15
Episódio I – Do big bang aos buracos negros	
I.1 Uma breve história de um big bang	23
I.2 Detectando buracos negros nos universos	33
I.3 ... da prática tradutória	33
I.4 ... da formação profissional	51
Episódio II – Teorias por trás de buracos negros	
II.1 Muito <i>ruído</i> por nada?	99
II.2 Uma breve história do universo da tradução	109
II.3 Uma breve história do universo da terminologia	137
II.4 Explorando singularidades de dois universos	164
Episódio III – Dos buracos negros a um novo big bang	
III.1 Iluminando buracos negros nos universos	177
III.1.1 ... da prática tradutória	181
III.1.2 ... da formação profissional	194
III.2 O big bang de um novo universo	202
Epílogo – Um universo em expansão	237
<i>Abstract</i>	241
Referências bibliográficas	243
Apêndice	

AGRADECIMENTOS

O desejo de percorrer os caminhos da tradução e da terminologia surgiu alguns anos atrás e, desde o início até o presente momento, tive a sorte de contar com o apoio e a colaboração inestimáveis de um grande número de pessoas em diferentes fases e lugares. Percorrer esse caminho tem me proporcionado um enorme aprendizado acadêmico, profissional e pessoal e por isso agradeço muito a todos que fizeram – e continuam fazendo – parte dele. Agradeço especialmente a Maria Candida Bordenave, por abrir o caminho, mostrar-me o mapa pioneiro e participar da busca de trilhas alternativas, emprestando-me seus alunos.

A Paulo Roberto Ottoni, pela confiança e orientação. A Francis Henrik Aubert, por instigar minha vontade de saber sobre terminologia. A Blaise Nkwenti-Azeh pela cordial acolhida e supervisão durante o programa sanduíche realizado junto ao Departamento de Engenharia da Linguagem do Instituto de Ciência e Tecnologia da Universidade de Manchester (UMIST), assim como por suas sugestões mais pontuais e colaboração com a pesquisa de campo em universidades da Grã-Bretanha e Irlanda.

A Maria da Graça Krieger e a Anna Maria Becker Maciel por instigarem ainda mais minha vontade de saber sobre terminologia durante as amáveis acolhidas junto ao projeto TERMISUL da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); a elas também devo especial agradecimento pela colaboração com a aplicação dos questionários e pelas informações sobre os programas de formação de tradutores em sua instituição.

A Maria Teresa Cabre, cujos escritos introduziram-me ao outro lado da terminologia, pela cordial recepção junto ao Instituto Universitário de Lingüística Aplicada da Universidade Pompeu Fabra, o que me possibilitou conhecer mais de perto o programa de formação de tradutores lá desenvolvido, suas atividades e a de seus colaboradores, a quem também igualmente agradeço.

A Jennifer Pearson, Margaret Rogers e Myriam Carr, pela cordial recepção em suas respectivas instituições e informações sobre os cursos. A Andrew Rothwell, Jeremy Verrinder, Dorinda Offord, Sigrid-B Martin, Vania Vitillo, Francis Lough e Peter Sandrini, pelas informações de suas respectivas instituições sobre programas de formação de tradutores e ementas das disciplinas. A Rita Temmerman, pelos vários artigos enviados.

A José Carlos Paes de Almeida Filho e a Maria Augusta Bastos de Mattos pelas sugestões durante o exame de qualificação de tese que, espero, tenham sido aqui convenientemente incorporadas. Aos membros da banca examinadora.

A todos os tradutores e tradutoras, alunos e alunas, professores e professoras que gentilmente responderam a meus questionários e cuja contribuição foi fundamental para a realização desta pesquisa.

A Sérgio Rodrigues, a Cristina Carneiro Rodrigues, a Neuza Lopes Ribeiro Vollet, pela colaboração na aplicação dos questionários. A Nair dos Santos Ebling e a Rubens Brosso, pelas informações sobre os cursos.

A Lia Wyler e a Fabiene, pela primeira edição de *Uma breve história em português*; a Maria Helena Magalhães Castro, pela primeira edição em inglês; e a Marise Carrari Chamani, "minha inteligente prima mais velha, que conseguiu achar o livro do Hawking, com o título em espanhol", pela edição espanhola.

A meus amigos e amigas pelo incentivo, carinho e compreensão nos momentos de ausência. A Evanil Belloto, minha irmã, pela firme retaguarda e companheirismo faça sol ou faça chuva. A Maria Paula Frota, por sua generosidade, pela leitura e discussões deste trabalho, pelo abrigo em diversas etapas do caminho e mais ainda pelas experiências felizes e infelizes, na tradução e fora dela. A Marta Susana Daniele, Vera Lúcia da Silveira Nantes Button e Talia Bugel, cujos e-mails tantas vezes alegraram minhas manhãs chuvosas em Manchester. A Ricardo Ferreira Arantes, pelas inúmeras consultas online. A Maria Cristina Ferreira Leandro, Josalva Ramalho Vieira, Rosely Perez Xavier e Lúcia Kremer pelo abrigo durante a pesquisa de campo. A Luiz Roberto Mondino, Yukiyasu Iwashima, Adailton Salvatore Meira e Bernadete Hespanhol, por me ajudarem a buscar o equilíbrio. A Jonas Antonio Chaves, Maria Luiza Esteves Mattar, João Alberto Lazarim, Raffaella de Filippis Quental e Márcia Amaral Peixoto Martins. A Neusa Belloto Pagoto e a sua família, pela tranquilidade da Chácara Ipê. Agradeço ainda a Nícia Adan Bonatti pelos cafés e pousadas e, é claro, pelo buraco deixado em sua dissertação, colaborando para que eu procurasse outros mais.

Aos colegas e funcionários do IEL: Rogério Ribeiro e Rosemeire Marcelino, da secretaria da pós-graduação; Carlos Bastos, Wilson Kawai e Sueli Sarmento, do apoio à informática; a Edson Zanini, do setor de audiovisual, pelo auxílio e sincronia na apresentação; ao pessoal da Biblioteca e a Helton, do xerox. A Carmen, da PRPG. Aos colegas e funcionários da DGA, especialmente Andrei Vinícius Gomes Narcizo, Adauto e Vera Randi, pelo apoio e concessão do afastamento de minhas atividades profissionais; ao pessoal da Importação. Aos amigos e colegas do CEB, onde tudo começou, especialmente a Icaro Frederico Bellentani, que me ajudou a mudar de caminho e assim encontrar novos desafios; a Sérgio Santos Mühlen, pelas mesmas razões.

Agradeço especialmente a meus pais pelo respeito às minhas escolhas e pelo apoio incondicional que sempre me dedicaram. A tia Vi, pelo abrigo e por seu carinho na infalível dose diária de vitamina C.

À FAPESP, pela bolsa de doutoramento, nos períodos de fevereiro de 1998 a janeiro de 1999 e agosto de 1999 a setembro de 2000. A Assessoria Científica. Em particular, a Olinice, por sua boa vontade e ajuda à distância.

À CAPES, pela bolsa de doutorado sanduíche, no período de fevereiro a julho de 1999.

A Deus, por tudo.

RESUMO

Esta tese se propõe a explorar o papel da terminologia na prática tradutória e na formação de tradutores no Brasil. Conforme aqui argumentado, a terminologia desempenha um importante papel no âmbito da produção e recepção de traduções, seja enquanto jargão e como atividade voltada para a identificação, compilação e recuperação dos termos característicos de uma determinada área. Todavia, sua relevância parece ainda não ter sido devidamente reconhecida no universo tradutório em nosso país, onde é raro, por exemplo, encontrarmos fontes terminológicas de auxílio à tradução em português brasileiro. Além disso, a terminologia raramente figura como disciplina oferecida nos cursos de formação de tradutores e estudos teóricos sobre suas relações com a tradução são praticamente inexistentes. No atual universo tradutológico brasileiro, a terminologia parece ainda não ter suas fronteiras claramente demarcadas nem sua importância plenamente reconhecida.

Nossa exploração inicia-se com a releitura da recepção polêmica de *Uma breve história do tempo – do big bang aos buracos negros*, de Stephen Hawking. Nessa releitura, são detectados os *buracos negros* da terminologia enquanto jargão na prática tradutória. Ainda no âmbito da prática, uma investigação mais abrangente é realizada objetivando traçar o perfil atual de um grupo de tradutores e tradutoras com relação a linguagens de especialidade, à utilização de recursos terminológicos e à padronização ou normalização terminológicas. Paralelamente, são detectados *buracos negros* na formação profissional, por meio da análise de alguns cursos de tradução no Brasil assim como do perfil discente e docente em relação à sua abordagem da terminologia. O perfil dos cursos locais é comparado ao de cursos de formação similar no Reino Unido e República da Irlanda, por meio de análise curricular. Num segundo momento, constatamos uma falta de ressonância da crítica especializada sobre edições subseqüentes daquela tradução como também das transformações pelas quais tem passado a realidade profissional sobre o meio acadêmico. Procurando identificar as matrizes teóricas que sustentam os *buracos negros* da terminologia no *universo* da tradução, repassamos a breve história dos estudos dessas disciplinas, através de um percurso enfocando as diferentes abordagens teóricas ao longo de seu desenvolvimento, e tentando identificar singularidades que as aproximam.

A partir de uma perspectiva pós-estruturalista de tradução e terminologia, procuramos iluminar os *buracos negros* para melhor compreender sua formação, cujos efeitos se fizeram plenamente visíveis em *Uma breve história do tempo*. Centralizando o foco na problemática da formação profissional, são apresentadas algumas diretrizes e subsídios que, esperamos, possam contribuir para o *big bang* de um novo universo tradutório, onde a importância da terminologia esteja plenamente refletida.

Palavras-chave: Tradução, Terminologia, Formação de Tradutores, Terminologia Aplicada

PRÓLOGO

*Nos movemos en nuestro ambiente diario sin entender
casi nada acerca del mundo.*

Carl Sagan

(Introducción, *Historia del tiempo*)

É a ocorrência de *buracos* e de relações entre eles que move esta pesquisa. Talvez mais que isso, é o desejo de preenchê-los. São *buracos* que têm se manifestado de várias formas e em momentos distintos de minha experiência profissional, durante a qual, em meio a outras atividades, pude me dedicar à tarefa de traduzir. As primeiras manifestações deram-se há pouco mais de 15 anos quando, ao exercer uma função de apoio administrativo junto a um centro de ensino e pesquisa da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), traduzir e verter textos passaram a figurar entre as minhas atribuições. Esses textos eram, na sua maioria, artigos científicos para apresentação em congressos e publicação em periódicos especializados, na área de engenharia biomédica, e minhas traduções e versões eram geralmente aceitas sem quaisquer ressalvas. Simultaneamente, comecei a traduzir e a revisar textos como *freelancer* para uma produtora editorial e, nesse caso, minhas primeiras experiências não foram tão felizes. Levou um certo tempo até que os clientes, do ramo da indústria eletrônica, farmacêutica e de peças automotivas, passassem a aceitar minhas traduções e sugestões de revisão; antes disso, os textos invariavelmente retornavam com inúmeras correções devido ao uso inadequado de uma ou outra palavra.

Havia um buraco entre uma experiência e outra que não me permitia chegar a um resultado satisfatório no trabalho para a produtora editorial. Com a prática, pude perceber que esse buraco relacionava-se à familiarização, ou falta dela, com o assunto de que tratavam os textos e com o modo de dizer de quem os produzia. No primeiro caso, os dizeres da engenharia biomédica já me eram familiares antes mesmo de começar a traduzir, pois estava imersa nesse ambiente ao realizar outras atividades, que incluíam a editoração de boletins informativos destinados à comunidade de engenheiros biomédicos, bem como de projetos de pesquisa e

relatórios científicos. Ainda assim, quando surgiam dúvidas quanto ao emprego dessa ou daquela palavra, estas eram facilmente esclarecidas, já que estava cercada de "falantes nativos" daquela comunidade. O mesmo não acontecia no cenário de minhas traduções como *freelancer*, pois, no início, os assuntos não me eram nada familiares, tampouco os dizeres daqueles grupos profissionais em particular, comprometendo a qualidade do texto de chegada.

Anos mais tarde, quando passei a atuar como tradutora no setor de importação da Unicamp, uma outra experiência chamou-me a atenção. Em meu primeiro dia de trabalho no novo setor, ao traduzir um fax tratando da remessa de um embarque, tropecei numa palavra cujo desconhecimento impossibilitava totalmente a sua compreensão. Entre outras informações, o fornecedor dizia: *I will fedex your goods tomorrow*. Após recorrer a outros membros da equipe que, curiosamente, também desconheciam a expressão *fedex*, a consulta aos dicionários então disponíveis, comuns e técnicos, mono e bilíngües de nada adiantou. Uma das possibilidades que me ocorreu foi a de um erro de digitação, numa associação com o serviço de encomendas expressas (sedex) oferecido pelos Correios no Brasil. No entanto, não era esse o caso e o fax permaneceu intraduzido até o dia seguinte, quando a dúvida se resolveu por uma obra do acaso, numa visita inesperada ao Aeroporto Internacional de Viracopos. Entre as aeronaves que lá estavam, havia um cargueiro da Federal Express, exibindo em letras garrafais a logomarca da empresa, FedEx...

Nessa situação, novamente a falta de familiarização estava comprometendo o resultado de uma tradução. De certo modo, tal situação me reportou à experiência vivida no início de minha atuação como *freelancer* e, mais especificamente, a uma dificuldade de encontrar fontes de consulta para resolver satisfatoriamente problemas de tradução desse tipo, com a devida urgência que na maioria das vezes permeia a tarefa tradutória. A questão da familiarização com um modo de expressão em particular e a constatação da falta de fontes de consulta adequadas, embora representassem buracos manifestos em momentos distintos de minha prática profissional, acabaram escapando aos limites da tradução e convergindo para um mesmo espaço, o espaço da terminologia.

A terminologia, conforme entendida atualmente, abarca pelo menos três aspectos distintos. Sager (1990: 3) sugere que pode referir-se i) ao conjunto de práticas e métodos envolvidos na compilação, descrição e apresentação dos termos; ii) a uma teoria, ou conjunto de

premissas, discussões e conclusões necessárias para explicar as relações entre termos e conceitos; e iii) ao vocabulário de uma área de especialidade.¹ A terminologia importa para a tradução sob todos esses aspectos. Primeiro, na forma de um produto, de um vocabulário ou jargão especializado – assim como as palavras empregadas na linguagem comum e na linguagem literária, as palavras ou expressões empregadas técnica ou cientificamente têm o poder de transformar nossa experiência, conforme sugerido por Temmerman (2000: 237). Devido a esse poder, o emprego adequado desses jargões na tradução é um dos principais elementos determinantes da aceitabilidade do texto de chegada. Ainda como produto, são importantes também as compilações desses jargões – glossários, dicionários especializados e bancos de dados terminológicos (BDTs) –, que podem facilitar o processo tradutório, ao servirem de fontes de consulta para o tradutor ou tradutora. Segundo, a terminologia importa para a tradução na forma de atividade, ou seja, na forma de realização de levantamentos e pesquisa terminológica em que temos de estabelecer a diferença entre palavras e palavras empregadas terminologicamente de modo a garantir seu emprego adequado na produção do texto de chegada. Finalmente, aliado a esses dois aspectos, a terminologia importa também na forma de teoria, já que o estudo da formação dos termos e das relações com os conceitos por eles representados remete ao processo de significação e ao papel que o sujeito nele desempenha, questões fundamentais para o estudo da tradução. Segundo Cabré (1999: 177), não se pode negar as relações entre a tradução especializada e a terminologia, mas, apesar disso, muito pouco se sabe sobre tais relações.

A presente investigação constitui uma oportunidade de explorar as relações entre tradução e terminologia, numa tentativa de responder a questões tais como: Qual a importância conferida à terminologia, enquanto jargão, por tradutores e tradutoras na realização de sua atividade? De que forma tradutores e tradutoras têm lidado com gestão terminológica no exercício de sua profissão? Qual o espaço ocupado pela terminologia na formação de tradutores? De que forma a disciplina tem sido abordada? Na visão do aluno, qual a importância da disciplina para a sua formação profissional? A resposta para essas questões talvez possa nos trazer um melhor entendimento acerca do mundo da tradução no âmbito de suas relações com a terminologia, relações essas que constituem o objeto de estudo primordial desta pesquisa.

¹ Esta e todas as demais citações de textos não traduzidos para o português são tradução minha.

Sobre o caminho a ser seguido

Minha exploração do *universo* tradutório abrange duas *galáxias*, a da prática e a do ensino de tradução. Na prática, acabei encontrando em *Uma breve história do tempo – do big bang aos buracos negros*, de Stephen Hawking, doravante apenas *Uma breve história*, um terreno fértil, que me serviu de ponto de partida para explorar a singularidade do universo da tradução no que se refere à sua relação com a terminologia. A releitura da recepção polêmica que essa obra científica teve no Brasil permite-nos detectar *buracos negros* da terminologia enquanto jargão numa das facetas do universo tradutório – enquanto produto, ou obra traduzida. Além disso, fui buscar outros elementos constituintes da prática – enquanto produto e processo – que permitissem detectar *buracos negros* da terminologia também enquanto atividade nesse universo, procurando delinear o perfil atual do profissional de tradução, por meio da aplicação de um questionário a um grupo de tradutores. Num segundo momento, delineamos o perfil discente atual com relação à terminologia, e detectamos o espaço ocupado pela disciplina formação profissional. Para isto, foram aplicados três tipos de questionários a estudantes de instituições brasileiras e um questionário a docentes; de modo complementar, foram analisados programas de tradução no Brasil, assim como na Grã Bretanha e Irlanda a fim de obter alguns parâmetros comparativos da formação profissional. A releitura da recepção de *Uma breve história* e a análise dos dados dos respondentes, compreendendo um total de 36 profissionais, 126 estudantes e 17 docentes, assim como de nove instituições brasileiras e sete no exterior compõem o primeiro episódio desta tese.

No segundo episódio constatamos uma falta de ressonância da crítica especializada em edições subseqüentes de *Uma breve história* e um distanciamento entre a academia e a realidade profissional no que tange ao modo como a terminologia tem sido abordada nos cursos de tradução. Em seguida, repassamos a breve história da tradução e a breve história da terminologia, buscando identificar singularidades que aproximam essas duas disciplinas. Com base em idéias advindas do pensamento pós-estruturalista, é estabelecido um paralelo entre elas, que aqui nos auxilia a iluminar os buracos negros anteriormente detectados.

Finalmente, com base na releitura de concepções teóricas encontradas nos universos da tradução e da terminologia, no terceiro episódio tentamos trazer à tona uma nova forma de se conceber as relações entre ambos. São retomados os buracos negros da terminologia na

prática tradutória e na formação profissional, visando a melhor compreender a sua formação. O papel da terminologia na tradução é revisto, procurando tornar visível a sua importância enquanto atividade inerente ao processo tradutório e, conseqüentemente, enquanto componente fundamental e necessário ao processo de formação de tradutores. Centrando o foco na questão do ensino, são apresentadas algumas diretrizes e subsídios para a definição de objetivos e conteúdos da disciplina aplicada à formação de tradutores que, espero, possam servir de base para a composição de um novo universo tradutológico em que as relações entre tradução e terminologia estejam mais explícitas e seus limites claramente demarcados.

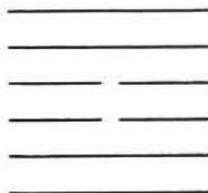
Sobre *big bangs* e *buracos negros* no universo da tradução

Parece-me necessário um breve esclarecimento acerca da *terminologia cósmica* empregada em meus escritos. Faço uso metafórico de alguns termos da física teórica por julgá-los apropriados ao meu objetivo principal de explorar as relações – nem sempre facilmente detectáveis – entre dois mundos, o da tradução e o da terminologia, que, apesar de apresentarem características díspares, por vezes se fundem e se confundem. Assim como na física, no universo da tradução às vezes deparamo-nos com fenômenos como o da obra hawkiniana, originários de um *big bang* – aqui entendido como uma explosão editorial – e que escondem *buracos negros* – ou anomalias – cujas manifestações carecem de um melhor entendimento principalmente em decorrência dos efeitos negativos que provocam.

Falo em *universo* por considerar a tradução e a terminologia enquanto objetos independentes, porém constituídos por uma diversidade de elementos correlacionados, ou *galáxias*, assim como o Universo em que habitamos e seus constituintes. A sabedoria oriental nos ensina que *o universo em que habitamos pode ser compreendido como um organismo vivo em que cada célula trabalha em cooperação equilibrada com cada uma das outras células para manter o todo* e reconhece uma relação inescapável de causalidade entre os eventos. É nesse sentido holístico que vamos explorar os buracos negros da terminologia no universo da tradução, tentando estabelecer uma correlação entre eles e conhecer suas causas para, quem sabe, encontrar subsídios que nos ajudem a preenchê-los ou, pelo menos, iluminá-los para que possamos melhor compreender suas manifestações e buscar alternativas para minimizar seus efeitos infelizes.

Episódio I

Do big bang aos buracos negros



O vento sopra sobre o lago e agita a superfície da água.
Assim, do invisível manifestam-se os efeitos visíveis.
(*I Ching*: Chung Fu)

I.1. Uma breve história de um *big bang*

big bang - teoria que diz que toda a matéria e toda a energia do Universo se originaram de uma explosão, a partir de um estado de enorme densidade e temperatura.

O lançamento de *Uma breve história* provocou um *big bang* na comunidade científica e no mercado editorial mundial, pois a história trazia em seu enredo novas formulações teóricas sobre a formação e o comportamento do Universo, passando rapidamente a encabeçar a lista dos livros mais vendidos nos Estados Unidos e na Inglaterra e, quase que simultaneamente, em outros cantos do mundo. O livro, lançado no mercado internacional em 1º de abril de 1988, nasceu de uma série de conferências proferidas pelo autor e endereçadas a seus pares harvardianos ao longo de 1982. Porém, ao contrário das conferências, era desejo de Hawking criar uma obra popular, destinada não somente à sua seleta e costumeira platéia acadêmica mas também, e principalmente, ao público leigo, a um público nada familiarizado com as formulações teóricas oriundas da observação de fenômenos cosmológicos. Para o físico teórico, não são apenas os cientistas que se interessam por desvendar as origens do Universo e seus segredos; as pessoas de um modo geral também gostariam de ter respostas para as grandes questões que permeiam e nutrem a ciência, como "de onde viemos?", "como o mundo começou?" ou "para onde vai?". Ao rever sua breve história, num artigo publicado dez anos mais tarde, Hawking nos diz: "o problema é que a maioria das pessoas pensa que a ciência é complicada demais [...] Nem todo mundo pode ou quer ser um físico teórico, mas as pessoas podem compreender as idéias básicas se elas forem apresentadas de maneira clara, sem equações" (1998: D7).

E, naquela época, o desejo do autor de produzir uma obra de alcance popular se concretizou. A editora escolhida cumpriu seu papel, fazendo com que um discurso científico, ligeiramente retrabalhado, desprovido de fórmulas ou equações mais complicadas – mas não do jargão especializado – fosse colocado à venda em bancas de jornais de aeroportos, em meio a tantas outras obras populares. A explosão dessa obra na galáxia científica contemporânea foi tão grande a ponto de surpreender o próprio autor, que comenta sobre o

inesperado fenômeno editorial em que se viu envolvido:

Embora quisesse vendê-lo até em bancas de jornal de aeroportos, sonhava com um sucesso modesto. Por isso, fiquei surpreso com a recepção que teve. Ele ficou nas listas de *best sellers* por quatro anos e 29 semanas, mais do que qualquer outro livro – aparentemente a Bíblia e as obras de Shakespeare não contam – e foi traduzido para 50 idiomas (*ibid.*).

Uma breve história é uma espécie de retrospecto popularizado da história da física, ou melhor, do modo como os físicos ou, mais genericamente, os cientistas e filósofos vêem o mundo desde anos longínquos antes de Cristo. Hawking inicia sua viagem pelo universo do tempo, ou pelo tempo do Universo, na Grécia antiga, com Aristóteles, para quem a Terra era o centro do Universo, "era estática e [...] o sol, a lua, os planetas e as estrelas se desloca[vam] em órbitas circulares, à sua volta (1988b: 19). Esse modelo havia sido formulado por Ptolomeu, no século II, e prevaleceu por muito tempo até ser sucedido, em 1514, pelo modelo de Nicolau Copérnico, para quem era o sol e não a Terra o centro do Universo. Esse novo paradigma, no entanto, não fora rapidamente aceito; quase um século se passou até que outros dois astrônomos, Kepler e Galileu, comesçassem a defendê-lo publicamente. Kepler havia dado um passo adiante na estrada da ciência ao sugerir que os planetas não se deslocavam em círculos, mas em órbitas elípticas. Sua hipótese, contudo, só pode ser explicada a partir das leis de Newton, surgidas na segunda metade do século XVII (cf. *op. cit.*: 20-22).

Até o final do século XIX, o conhecimento que se tinha do Universo e suas particularidades, manifesto em hipóteses teóricas traduzidas por equações matemáticas, fundamentava-se principalmente numa noção de tempo e espaço absolutos, numa suposta natureza causal dos fenômenos físicos e ainda no ideal de uma descrição objetiva da natureza. Foi a partir da descoberta dos quanta de energia, por Max Planck, em 1900, que os pilares da então física clássica começaram a ruir, dando lugar a uma ruptura conceitual que viria a revolucionar de vez o modo de ver o Universo e seus elementos constituintes. A maior revolução, no entanto, fora provocada por um novo paradigma que redefiniria os conceitos de espaço e tempo, proposto por Albert Einstein, primeiro com sua Teoria Especial da Relatividade e, depois, com a Teoria Geral da Relatividade, em 1915. Conforme apontado por

Capra, na teoria da relatividade

o conceito newtoniano de espaço absoluto como o palco dos fenômenos físicos é posto de lado, ocorrendo o mesmo com o conceito de tempo absoluto. Tanto o espaço quanto o tempo tornam-se meramente elementos da linguagem utilizada por um observador particular para descrever os fenômenos observados (1995: 54).

Para Hawking (1988b), essa dança teórica é inerente à ciência, pois "qualquer teoria física é sempre provisória". Atualmente, prossegue ele,

os cientistas descrevem o universo através de duas teorias parciais básicas: a teoria geral da relatividade e a mecânica quântica, que são as duas grandes contribuições intelectuais da primeira metade deste século. A teoria geral da relatividade descreve a força da gravidade e a macroestrutura do universo, ou seja, a estrutura em escalas de apenas poucos quilômetros para um tamanho tão grande quanto um setilhão de quilômetros, que é o tamanho do universo observável. A mecânica quântica, por outro lado, lida com fenômenos em escalas extremamente pequenas, tais como um trilionésimo de centímetro. Infelizmente, entretanto, sabe-se que estas duas teorias são incompatíveis entre si, não podem ser ambas corretas (pp. 31-32).

É justamente essa incompatibilidade teórica que tem alimentado a física nos dias de hoje, ou seja, a tentativa de compatibilizar a relatividade geral à mecânica quântica, ou, nas palavras de Hawking "a procura de uma nova teoria que as incorpore, uma teoria quântica da gravidade" (*op. cit.*: 32), procura esta que constitui o tema central de seu livro.

Ao rever *Uma breve história* dez anos depois, o autor faz um extenso apanhado dos desenvolvimentos teóricos e experimentais ocorridos em sua área ao longo dessa década. Hawking alega não ter havido grandes avanços na área experimental da física de partículas convencional, mas, por outro lado, sensíveis progressos na cosmologia, advindos principalmente dos resultados obtidos a partir de observações realizadas com o auxílio do telescópio espacial Hubble, além de outros grandes telescópios terrestres. Mais importante, segundo ele, foi a detecção de pequenas variações na radiação de fundo em microondas que enchem o Universo, que permitiram confirmar hipóteses teoricamente levantadas quanto ao

caráter não homogêneo do Universo primitivo. O autor observa ainda que o mundo dos físicos acabou se transformando numa aldeia global, graças à Internet, pois "se alguém tem uma idéia nova, basta enviá-la para um computador em Los Alamos. Dentro de uma semana, aparecem vários novos desenvolvimentos a partir dela" (1998: D7). Por essa razão, ele acredita que hoje a ciência está bem mais perto de chegar a uma teoria unificada do que nunca.

Perto ou não, nos limites desta tese, não cabe retrair todo o percurso feito por Hawking em sua tentativa de traduzir equações da linguagem da física teórica para um linguajar mais acessível ao mundo dos leigos, que lhes possibilitasse entender teorias elaboradas para explicar desde a origem do Universo até a formação de buracos negros. Mas vamos, isto sim, saltar dessa pequena viagem cósmica, deixando de lado o *big bang* e os buracos negros, conforme definidos pela física, para explorar um outro universo, ou, mais especificamente, o universo de um fenômeno editorial que foi a publicação de *A brief history of time* e sua tradução brasileira.

A leitura do artigo de Hawking levou-me de volta ao *big bang* anteriormente provocado pelo lançamento de seu livro no Brasil. Tal leitura me fez pensar nas questões levantadas por sua tradução para o português brasileiro, que abalou o cosmos da comunidade científica nacional. A revisão hawkiniana de sua obra, que praticamente reconta toda a história da física, desde o tempo em que a Terra era considerada o centro do Universo até a chegada da teoria atômica e suas implicações, aliada aos desdobramentos da física teórica nestes últimos dez anos, despertou-me o desejo de investigar determinados aspectos do universo da tradução. Ao contrário da física, que tem seus fenômenos captados por detectores de ondas e microondas ultra-sensíveis e suas observações filtradas pelas lentes de telescópios super potentes, capazes de aproximar objetos a anos-luz de distância, minha investigação se restringe à observação de um universo bem mais próximo, que se manifesta na forma de um produto, a obra traduzida, e de um processo, o ato de traduzir e sua singularidade, filtrada pelas lentes de um telescópio pós-estruturalista. Vamos, então, à história de um *big bang*.

O *big bang* de *Uma breve história* no Brasil deu-se ainda em 1988, pouquíssimo tempo depois de seu lançamento no mercado internacional. Aqui, como em outros lugares, o livro logo alcançou o topo da lista dos mais vendidos e seu autor recebeu elogios e louvores da imprensa de um modo geral, dando mostras de uma ampla aceitação da tradução, sem

quaisquer ressalvas. Esse estado de coisas, no entanto, não perdurou.

Devido ao sucesso e repercussão alcançados no exterior, sabia-se de antemão tratar-se de uma obra destinada a cativar um público leitor não especializado, o que, de fato, aconteceu e de uma forma muito rápida. Inevitavelmente, a explosão dessa obra ultrapassou os limites da platéia leiga e logo chegou à comunidade especializada, dando início ao que se pode chamar de segundo momento da recepção de *Uma breve história* no Brasil. Nesse momento, houve uma transformação radical no teor das críticas e a figura da tradutora, até então transparente, entrou em evidência. Os especialistas da área passaram a enumerar erros crassos de tradução, por meio de artigos e resenhas publicadas em revistas especializadas. Isso acabou repercutindo entre a crítica não especializada e contribuiu para que essa tradução passasse a ser execrada também por aqueles que inicialmente a tinham elogiado – ou que simplesmente não haviam se manifestado.

Mais tarde, esse fenômeno tradutório tornou-se objeto de estudo em uma dissertação de mestrado (Bonatti, 1993), objetivando estudar a noção de erro em tradução, e são os passos iniciais desse trabalho que estaremos seguindo nesta reflexão, rumando em seguida para um caminho diferente, a ser explicitado mais adiante. Neste trabalho, a autora pretende

mostrar o processo daquilo que Rosemary Arrojo chama de "palimpsesto" no exame da tradução brasileira de *A brief history of time: from the big bang to black holes*, do físico inglês Stephen W. Hawking, como exemplo da maneira pela qual um texto é apagado em uma determinada comunidade cultural, dando lugar a outra leitura do "mesmo" texto (p. 5).

Em sua argumentação, Bonatti adota como pressuposto teórico uma abordagem pós-estruturalista sobre leitura e tradução. Partindo da premissa de que comunidades interpretativas diferentes produzem interpretações diferentes de um "mesmo" texto, a então mestranda defende a idéia de que a não aceitação de *Uma breve história* pela comunidade científica brasileira resulta da possibilidade de interpretações plurais e da não aceitação, pela comunidade científica, de uma "interpretação" diferente da sua. Em outras palavras, resulta da possibilidade de cada leitura gerar uma determinada interpretação, interpretação essa inescapavelmente atrelada às circunstâncias, ao contexto de cada comunidade leitora.

Toda leitura, enquanto ato de interpretação, pode ser considerada o produto de leitores, mediado por suas condições de produção. E toda a polêmica gerada em torno da tradução brasileira de *A brief history of time* originou-se do fato de a tradutora ter produzido um texto de chegada mediado exclusivamente por suas próprias circunstâncias, mas que não estava de acordo com as expectativas de boa parte de seu público leitor, i.e., a comunidade científica brasileira. No Brasil, como em outros países, esta havia sido considerada uma obra de divulgação, ou seja, uma obra de caráter científico, destinada principalmente ao público leigo. Era desejo de Hawking escrever um livro de alcance popular e, para isto, uma das estratégias editoriais adotadas foi subtrair todas as equações para não afugentar leitores potenciais, conforme afirma o próprio autor (cf. *op. cit.*: 10). Talvez motivada pela subtração das equações, a tradutora tenha optado por subtrair também o modo de dizer característico daquela comunidade científica, o que acabou ressoando como um ato de desrespeito não apenas à figura do autor mas também a uma grande parte de seus leitores em potencial.

Pensar a tradução sob uma ótica pós-estruturalista traz severas implicações que, parece-me, não foram levadas em conta na dissertação de Bonatti. Mesmo partindo de uma abordagem pós-estruturalista, ela deixa escapar algumas das principais conseqüências ou implicações de tal abordagem para a prática tradutória. Implicações principalmente quanto ao papel do tradutor na realização de sua atividade, pois num cenário pós-estruturalista este passa a ter seu papel reconhecido enquanto produtor de significados, como agente da tradução e não mais como um simples transportador de um texto de um idioma para outro. Tal reconhecimento, por sua vez, impõe novas implicações. Por exemplo, traz em seu bojo a responsabilidade do tradutor para com seu público potencial. E parece ter sido justamente esse ingrediente que faltou à tradução brasileira de *A brief history of time*. Por conta disso, o desfecho da argumentação de Bonatti parece-me falacioso, pois abre uma brecha através da qual se pode chegar à aceitação de uma tradução inteiramente recheada de impropriedades terminológicas, ou erros, conforme apontaram os críticos leitores especializados de *Uma breve história*.

Bonatti examina, por meio de manifestações da imprensa, a recepção não consensual de *Uma breve história* pelo público brasileiro, o especializado e o não especializado (cf. *op. cit.*, cap. II.4). Após uma feliz – porém não duradoura – acolhida, observada nessa dissertação, em artigos publicados em revistas como *Veja* (edição de 24 de agosto de 1988) e *Leia* (edição

de outubro de 1988), a tradução brasileira da obra hawkiniana parece ter caído num buraco sem fundo. Ao contrário da recepção feliz por parte do público não especializado, o que se viu por parte da comunidade científica foi uma unânime rejeição da obra entre seus membros, devido à infinidade de erros detectados no texto traduzido. Vale reproduzir aqui dois exemplos dos dizeres da crítica especializada, publicados na revista *Ciência Hoje* (edição de março de 1989), e compará-los aos dizeres de não especialistas:

[...] sobre a agressão intelectual feita à opinião pública com a "tradução" da obra de Stephen Hawking. [...] São nada menos de 302 erros crassos e elementares de tradução que traem completamente o pensamento do autor, além de 412 outros erros, também de tradução, inadmissíveis numa obra científica (*apud* Bonatti: 63).

[...] estamos comprando gato por lebre. Com a agravante de tratar-se de obra de divulgação, destinada a leigos, que o mais das vezes não se darão conta que têm em mãos uma contrafação. Quanto aos mais avisados, capazes de perceber o logro, que poderão fazer? (*apud* Bonatti: 64).

Em matéria publicada um pouco antes, na revista *Veja* (edição de agosto de 1988), a tradução parece não ter sido questionada, pois afirma-se que:

quem sempre quis entender os pontos básicos do pensamento, por exemplo, de Albert Einstein e só encontrou explicações muito complexas ou banalizadas vai encontrar em *Uma breve história do tempo* o foco correto com a ênfase medida (p. 121, *apud* Bonatti: 66).

a maneira mais proveitosa de se ler o livro do célebre físico inglês Stephen Hawking é começar pelo glossário, no final do volume. Cada uma das definições, mesmo que pareçam um pouco impenetráveis à primeira leitura, ganha sentido quando aparece ao longo do texto (*ibid.*).

Essa falta de consenso que pode ser observada entre a crítica especializada e a não especializada resulta fundamentalmente do descompasso entre o nível de conhecimento técnico de uma e de outra comunidade receptora. Sem querer entrar muito a fundo na problemática do erro em tradução, vale observar que a falta de conhecimento do assunto

tratado por Hawking e, portanto, a falta de familiarização com os dizeres dessa comunidade em particular, fizeram com que os erros detectados por especialistas passassem completamente despercebidos por olhos não especializados. O que a comunidade leiga acabou aceitando sem ressalvas transformou-se em alvo de um impiedoso bombardeio lançado pela comunidade científica. Em sua dissertação, ao investigar

os mecanismos que levaram os significados construídos por Maria Helena Torres [a tradutora de *Uma breve história*] a serem rejeitados, numa demonstração significativa de como os sentidos são elaborados em comunidades culturais diferentes, e de como a busca de "correção" emana da comunidade científica" (*op. cit.*: 72),

Bonatti analisa a noção de erro em tradução e tenta justificar as escolhas da tradutora partindo do pressuposto de que "comunidades interpretativas diferenciadas poderão reconhecer como *mistranslation* conceitos que divirjam daqueles aceitos por seus respectivos grupos" (*ibid.*: 71). A não aceitação da tradução pela comunidade especializada é, dessa forma, atribuída a diferentes possibilidades de interpretação. Conforme mencionado na introdução de sua dissertação, a autora sugere que

o não-consenso na recepção da tradução brasileira deve-se ao fato de que as comunidades culturais envolvidas em sua apreciação a lêem a partir de estratégias diferentes, aceitando ou rejeitando os significados a partir das construções permitidas pelas comunidades [...] As conclusões desta análise apontam para o fato de que os significados considerados como "aceitáveis" não são um evento absoluto, mas que mantêm dependência direta com a comunidade cultural que os recebe (*ibid.*: 11-12).

Com efeito, é possível assumirmos uma postura relativista diante de tal situação. Parece-me natural que a tradutora tenha produzido um texto de chegada refletindo inteiramente a comunidade cultural à qual pertencia e que, por conseguinte, não correspondeu às expectativas de uma facção poderosa de seu público leitor. Ao traduzir, muito freqüentemente nos deparamos com múltiplas possibilidades de interpretação e a grande questão que se nos impõe é "qual interpretação deve ser privilegiada?". Ao analisar os mecanismos envolvidos na rejeição de *Uma breve história* pela comunidade científica, Bonatti

identifica a multiplicidade de interpretações como uma possível causa e acaba por abrir um precedente, a meu ver equivocado, que nos possibilitaria tomar como corretas as escolhas da tradutora. Sua reflexão aponta para o caráter inescapável da multiplicidade de sentidos como resposta à recepção polêmica de uma tradução, mas não vai além disso, ou seja, não vai além de identificar uma possível causa. Para escapar ao equívoco, era necessário um passo adiante, um passo em direção à identificação de alternativas para se evitar os efeitos sentidos em *Uma breve história*.

É precisamente aqui que pretendo tomar um rumo diferente do seguido na argumentação de Bonatti. Parece-me inevitável o reconhecimento da multiplicidade de sentidos em qualquer processo de leitura e, por conseguinte, em qualquer tradução, vista como um processo de interpretação. Mas inevitável também é pensar nas diferenças entre uma "simples leitura" e uma "leitura como fator inerente do ato de traduzir". A primeira, na maioria das vezes, é um processo com um fim em si mesmo. Já, no segundo caso, há uma leitura inicial que irá posteriormente servir de base para a produção de um novo texto sujeito a novas leituras. São objetivos distintos que, certamente, demandam estratégias distintas; uma leitura como parte integrante de um processo de tradução precisa necessariamente levar em conta seus novos possíveis leitores para que, diante de uma multiplicidade de sentidos, se busque chegar a um sentido que mais se aproxime das expectativas de seu público-alvo. Na produção de *Uma breve história*, tínhamos pelo menos dois tipos de público-alvo: um formado por leitores leigos ou não iniciados em física teórica e outro composto por leitores altamente especializados. Isto nos leva a um erro de estratégia cometido pela tradutora, caracterizado por uma despreocupação em relação a um segmento poderoso do público, segmento esse que, de fato, detinha um conhecimento especializado para julgar a tradução e o poder para tornar público esse juízo. Foi um erro estratégico que resultou num produto final de má qualidade.

Se, por um lado, a partir de idéias que emergem do pós-estruturalismo, nos é possível evidenciar a possibilidade de várias interpretações para um mesmo texto, por outro, tal evidência implica inevitavelmente uma questão fundamental: qual o limite dessas possibilidades? qual a interpretação a ser privilegiada numa determinada circunstância? Em *Uma breve história*, a tradutora privilegiou a sua própria – a da comunidade leiga – em detrimento de uma interpretação "mais especializada". Por não pertencer ao meio onde fora produzido o texto de partida, a tradutora, assim como a grande maioria dos leitores brasileiros,

não se deu conta de suas escolhas inapropriadas na produção do texto de chegada, escolhas estas que resultaram no apagamento das diferenças entre a linguagem comum e a linguagem utilizada por membros de um grupo em particular.

Parece ter faltado à tradução brasileira de *A brief history of time* uma preocupação com a terminologia que caracteriza os dizeres de uma determinada comunidade científica. Disto também parece não ter-se dado conta Bonatti, pois, em nenhum momento, sua argumentação aponta para a questão da correção terminológica como alternativa para se chegar a uma tradução aceitável. Toda comunidade, seja ela científica ou não, caracteriza-se não somente pelo tipo de atividade realizado por seus membros, mas também por um modo particular de expressão, ou seja, por uma forma linguisticamente diferenciada de registrar e divulgar suas realizações e ainda de intercambiar o conhecimento resultante de tais realizações com outras comunidades. Sob outros registros, outros termos, tal conhecimento e tais realizações se descaracterizam, perdem o seu valor. Esse modo particular de expressão, por sua vez, origina-se no âmbito da própria comunidade e se compõe de palavras ou expressões às vezes já existentes, outras vezes inventadas, para designar conceitos especificamente relacionados a suas atividades. E foi a falta de preocupação com um modo particular de expressão, ou em outras palavras, com a terminologia, primeiro em *Uma breve história* e depois na dissertação de Bonatti, uma das razões que me fizeram parar para observar alguns aspectos da atividade tradutória atualmente.

No próximo segmento estaremos focalizando a tradução enquanto produto, ao revisitar alguns dos erros apontados pela comunidade científica em *Uma breve história* numa tentativa de demonstrar, conforme sugerido mais acima, que os erros cometidos pela tradutora na produção de seu texto de chegada ocorreram por conta de uma completa ignorância terminológica, ou seja, uma falta de familiarização com a terminologia da área em questão. Com isso, pretendo mostrar a relevância da terminologia para a atividade tradutória, quando se deseja produzir traduções com uma maior probabilidade de aceitação pela comunidade cultural que as recebe. A partir daí, estaremos mudando o foco do produto para o processo e veremos como o papel da terminologia tem sido percebido, primeiro na prática tradutória e em seguida no ensino da tradução.

I.2. Detectando buracos negros nos universos...

buracos negros - termo cunhado pelo físico John Wheeler para designar corpos tão pequenos e tão maciços que nada, nem mesmo a luz, pode escapar de sua atração.

A tradução é um processo sujeito a um final feliz ou infeliz. É um produto passível de ser bem ou mal recebido. O relativo sucesso ou fracasso de uma obra traduzida depende de uma série de opções por estratégias e critérios que, adequadamente empregados, podem contribuir para que o tradutor ou tradutora não caia em armadilhas existentes ao longo do caminho. Como visto no segmento anterior, a mesma intensidade que promoveu o *big bang* de *Uma breve história* acabou por sugá-la para o buraco negro do universo da crítica especializada. Em nossa exploração do universo tradutório, torna-se necessário agora promover um recorte para que possamos observar mais cuidadosamente os vários elementos constituintes desse universo. Assim, neste segmento, tentaremos detectar buracos negros da terminologia no universo tradutológico, sob três aspectos, a saber: enquanto jargão ou vocabulário especializado, por meio de uma releitura de alguns erros de tradução em *Uma breve história*; enquanto atividade, por meio de um delineamento do perfil atual de um grupo de tradutores no que se refere à terminologia e sua competência na utilização e produção de ferramentas terminológicas para a tradução; e, finalmente, enquanto disciplina relevante mas ao mesmo tempo ausente da formação profissional, por meio de uma análise de programas de cursos e do perfil discente quanto à aplicação da terminologia em sua formação.

I.2.1. ... da prática tradutória

Vamos explorar as singularidades do universo da tradução na galáxia da prática tradutória, na forma de atividade profissional e do produto dela resultante, a obra traduzida. Primeiramente, vamos detectar buracos negros da terminologia enquanto jargão em *Uma breve história*, por meio da releitura de alguns exemplos de erros de tradução ali apontados por críticos especializados. Num segundo, ampliaremos o foco para o papel da terminologia

não somente enquanto jargão, mas também como parte das atividades inerentes ao processo tradutório, por meio de uma análise do perfil atual de um grupo de tradutores, esboçado a partir dos dados provenientes da aplicação de um questionário a profissionais da área. Começamos, então, por detectar buracos negros em *Uma breve história...*

Como vimos, em sua dissertação de mestrado, Bonatti realiza um estudo teórico sobre a noção de erro em tradução, tomando como exemplo prático a polêmica recepção brasileira da conceituada obra de Stephen Hawking. Em tal estudo, a noção de erro é relativizada com base na exploração do conceito de “comunidade interpretativa”, proposto por Stanley Fish (1980). Aqui, pretendo retomar alguns dos erros analisados por Bonatti e rediscutir essa questão a partir de um ponto de vista terminológico. Sem abandonar o conceito proposto por Fish, minha argumentação, num primeiro momento, também aponta para a possibilidade de interpretação plural, mas nem por isso caracteriza como corretas algumas escolhas feitas pela tradutora. Pode-se argumentar que a divergência entre os termos empregados na tradução e os posteriormente apontados como corretos por especialistas da área seja fruto de diferentes possibilidades de interpretação. Com efeito, ao traduzir, podemos nos ver diante de inúmeras possibilidades de interpretação. No entanto, aqui uma questão fundamental já se impõe: qual a interpretação a ser privilegiada?, ou ainda, que estratégias são empregadas no momento de escolher a forma mais adequada para expressar na língua de chegada um conceito expresso na língua de partida?

Os exemplos de erros de tradução aqui retomados podem indicar uma resposta a estas questões. Tais exemplos sugerem que a tradutora, em seu processo de escolha, descaracterizou a terminologia da comunidade científica potencialmente responsável pela validação de sua interpretação. Ao produzir uma tradução sem levar em conta tal comunidade, a tradutora acabou por prestar um desserviço, não apenas à própria comunidade científica, mas principalmente ao grande público, ou público leigo, para quem essa obra havia sido direcionada e que não tinha condições de perceber suas impropriedades.

Embora *Uma breve história* tenha sido lançada mundialmente, inclusive no Brasil, há mais de dez anos, a recepção da tradução brasileira ainda pode proporcionar um amplo espaço para reflexões acerca da prática tradutória. Trata-se de uma tradução no mínimo polêmica, que mereceu considerável destaque na imprensa em geral e que a crítica feroz do clero científico

acabou colocando numa posição de execração pública. Era sabido, quando de seu lançamento, que se tratava de uma obra destinada ao grande público, apesar de seu teor essencialmente científico, pois seu autor já havia divulgado um desejo de disseminar a ciência entre as camadas mais populares, ou seja, entre não-especialistas. O livro tornou-se um *best-seller* mundial e, no Brasil, não foi exceção, pois foi logo ocupando o topo das listas dos mais vendidos. Num primeiro momento, enquanto só havia atingido o público leigo, a tradução foi alvo de inúmeras e elogiosas críticas. Mas quando essa mesma tradução aportou em território científico, transformou-se em alvo de ataques fulminantes, tendo sido chamada de “abominável tradução brasileira” devido à quantidade de erros ali encontrados. Vejamos, na tabela a seguir, alguns exemplos dessa fogueira de erros, conforme apresentados por Bonatti (*op. cit.*: 106-116)²:

Termos no idioma de partida	Termos no idioma de chegada	
	Empregados na tradução	Sugeridos por especialistas
waves	ondas	ondas/ciclos
noise	barulho	ruído
bird droppings	<i>bird droppings</i>	excremento de aves
integer spin	<i>spin integral</i>	spin inteiro
pointing straight up	apontando diretamente	apontando para cima
directly overhead	diretamente do além	verticalmente
gamma ray background	antecedentes do raio-gama	radiação gama de fundo
abacus	calculadora	ábaco
string theories	teoria do filamento	teoria das cordas

Tabela I.2.1.1. Erros de tradução apontados pela comunidade científica

Embora esta lista apresente pelo menos dois tipos diferentes de erros, um relacionado ao uso de termos e expressões da linguagem especializada e outro a expressões de linguagem comum, vamos nos deter apenas nos primeiros. Na linguagem especializada, a divergência

²Não pretendo discutir aqui a noção de erro, tampouco retomar a análise realizada por Bonatti. Serão apenas utilizados alguns exemplos que servem de subsídio para minha argumentação que caminha numa direção diferente da adotada em sua dissertação.

entre os termos empregados pela tradutora e os termos posteriormente apontados como corretos por especialistas da área³ sugere pelo menos duas possibilidades de interpretação – uma correta e outra equivocada –, que culminaram na polêmica recepção brasileira da obra de Hawking, conforme observa Bonatti:

O que causa o não-consenso na recepção da tradução brasileira de *A brief history* é a interpretação plural que pode ser construída a partir dos seus significados; por isso é observável uma não-coincidência de leituras “corretas” das diferentes comunidades cujos membros emitiram seu parecer sobre o livro (*op.cit.*: 117).

Tal observação pode nos levar à idéia de que na tradução – como em todo processo de leitura – qualquer interpretação pode – ou deve – ser aceita, o que não é verdade. De fato, tal pluralidade de interpretações existe. Mas toda e qualquer interpretação fatalmente passará por um processo de legitimação, do qual podem fazer parte diferentes comunidades que compõem o chamado público-alvo. E, por mais plural que possa ser uma interpretação, apenas uma será legitimada por aqueles que compartilham as mesmas crenças e dividem o mesmo espaço no âmbito dessas comunidades. Quais são os caminhos que levam tradutores e tradutoras a optarem por uma determinada interpretação quando se vêem diante de um leque de possibilidades? Quais as armas ou estratégias a serem empregadas no percurso rumo à uma tradução mais aceitável?

Em *Uma breve história*, a tradutora parece ter caído numa das muitas armadilhas insólitas espalhadas ao longo da travessia de uma comunidade interpretativa⁴ para outra. Sabe-se que tal obra, emergida de uma comunidade científica, destinava-se também e principalmente à comunidade leiga, mas a tradutora acabou se perdendo pelo caminho, sem conseguir alcançar satisfatoriamente nenhuma delas. Neste caso – como em qualquer outra tradução – uma das principais armas, senão a principal, que a teriam ajudado a escapar dessas armadilhas, e parece ter sido ignorada, consiste na familiarização com o jargão, com a terminologia típica dos membros da comunidade científica de onde o livro saiu e para onde

³Ver, principalmente Machado (1989) “Lista das falhas grandes e médias da abominável tradução brasileira”, mimeo, disponível no Instituto de Física da USP e no Instituto de Física da Universidade Católica de Pernambuco (citado em Bonatti).

⁴A propósito de comunidades interpretativas, ver Fish (1980). Estaremos abordando esta noção mais adiante.

fatalmente iria voltar, traduzido em diversos idiomas. Numa das críticas publicadas na revista *Ciência Hoje* (cf. Bonatti, pp. 63-64), Borges e Benjamin lamentam que

o que os brasileiros estão levando para casa não é o livro de Hawking. A ignorância do inglês e da terminologia básica da física e a negligência editorial, resultaram num texto em que J. N. Machado, professor em Física da Universidade Católica de Pernambuco, pôde contar mais de 700 erros [...] Estamos comprando gato por lebre. Com a agravante de tratar-se de obra de divulgação, destinada a leigos, que o mais das vezes não se darão conta que têm em mãos uma contrafação (citado em Bonatti: 64).

É interessante observar que essa falta de familiarização com a “terminologia básica da física” impossibilitou à tradutora reconhecer, ou diferenciar, a linguagem comum da linguagem especializada. Vejamos o que ocorreu, por exemplo, com dois dos termos citados na tabela mais acima, *noise* e *bird droppings*; para isto, vale observar o texto de partida (TP) e o texto de chegada (TC):

TP: *In 1965 two American physicists at the Bell Telephone Laboratories in New Jersey, Arno Penzias and Robert Wilson, were testing a very sensitive microwave detector. (Microwaves are just like light waves, but with a frequency of the order of only ten thousand million waves per second.) Penzias and Wilson were worried when they found that their detector was picking up more noise than it ought to. The noise did not appear to be coming from any particular direction. First they discovered bird droppings in their detector and checked for other possible malfunctions, but soon ruled these out. They knew that any noise from within the atmosphere would be stronger when the detector was not pointing straight up [...] (citado em Bonatti: pp. 102-106).*

TC: Em 1965 dois físicos americanos dos Bell Telephone Laboratories, em Nova Jersey, Arno Penzias e Robert Wilson, estavam testando um ultra-sensível detetor de microondas (microondas são como ondas de luz, porém com frequência da ordem de apenas dez bilhões de ondas por segundo). Penzias e Wilson ficaram preocupados quando descobriram que seu detetor estava registrando mais **barulho** do que deveria. O **barulho** não parecia vir de qualquer direção particular. Primeiro descobriram *bird droppings* no aparelho e pesquisaram outros possíveis defeitos, mas logo desistiram. Sabiam que qualquer **barulho** interno da atmosfera seria mais forte se o detetor não estivesse apontado diretamente [...] (*ibid.*).

Parece ter havido uma inversão entre os tipos de linguagem especializada e comum: o primeiro termo fora traduzido como “barulho”, que, em português, não é apropriado para designar o conceito de *noise* no contexto do experimento científico de que trata o fragmento acima; *noise* acabou se transformando em “barulho” no texto de chegada, apesar de a opção mais adequada neste caso ser “ruído”, já que em português técnico do Brasil a esse tipo de “barulho” se convencionou chamar de “ruído”. Passou-se, desta forma, da linguagem técnica ou especializada para a linguagem comum.

Um percurso inverso se deu com a expressão *bird droppings*: julgando tratar-se de um termo técnico, a tradutora parece não ter encontrado o termo correspondente em língua portuguesa, optando por mantê-lo no idioma de partida, para total assombro de seus críticos. Segundo estes, tal expressão deveria ter sido traduzida simplesmente por “excremento de aves”, pois naquele contexto estava designando realmente excremento de aves e não qualquer outro conceito intraduzível, específico do jargão da Física em língua inglesa; a tradutora, no entanto, por falta de familiarização com a terminologia e por desconhecer o contexto extralingüístico, acabou transformando uma unidade lexical comum numa unidade terminológica, ao manter no idioma de chegada a mesma forma utilizada no idioma de partida.

Mas, e os dicionários, o que nos dizem? Vamos realizar uma pequena pesquisa terminológica em dicionários comuns e em bancos de termos *online*. Vejamos, primeiramente, algumas definições para os termos *noise*, “barulho” e “ruído”, extraídas de dicionários comuns, mono e bilíngües (inglês, inglês/português e português):

Random House:

noise  (noiz), *n.*, *v.*, **noised**, **nois-ing**.

—*n.*

1. sound, esp. of a loud, harsh, or confused kind: *deafening noises*.
2. a sound of any kind: *to hear a noise at the door*.
3. loud shouting, outcry, or clamor.
4. a nonharmonious or discordant group of sounds.
5. an electric disturbance in a communications system that interferes with or prevents reception of a signal or of information, as the buzz on a telephone or snow on a television screen.

6. *Informal.* extraneous, irrelevant, or meaningless facts, information, statistics, etc.:

The noise in the report obscured its useful information.

7. *Obs.* rumor or gossip, esp. slander.

8. **make noises**, *Informal.* to speak vaguely; hint: *He is making noises to the press about running for public office.*

—*v. t.*

9. to spread, as a report or rumor; disseminate (usually fol. by *about* or *abroad*):
A new scandal is being noised about.

—*v. i.*

10. to talk much or publicly.

11. to make a noise, outcry, or clamor.

[1175–1225; ME < OF < L *nausea* seasickness. See NAUSEA]

—*Syn.* 1. clatter, blare, uproar, tumult. NOISE, CLAMOR, DIN, HUBBUB, RACKET refer to unmusical or confused sounds. NOISE is the general word and is applied equally to soft or loud, confused or inharmonious sounds: *street noises*. CLAMOR and HUBBUB are alike in referring to loud noises resulting from shouting, cries, animated or excited tones, and the like; but in CLAMOR the emphasis is on the meaning of the shouting, and in HUBBUB the emphasis is on the confused mingling of sounds: *the clamor of an angry crowd; His voice could be heard above the hubbub*. DIN suggests a loud, resonant noise, painful if long continued: *the din of a boiler works*. RACKET suggests a loud, confused noise of the kind produced by clatter or percussion: *He always makes a racket when he cleans up the dishes*. 2. See **sound** 1.

Michaelis:

- noise** 1. alarido, barulho, som m. 2. clamor m., vozeria f. 3. rumor m. 4. escândalo m. || v. 1. fazer barulho. 2. falar muito. 3. propalar.
a big ~ (coloq.) um grande homem. **to make a** ~ fazer barulho, alarde.

Aurélio:

Verbetes: barulho

[Dev. de barulhar.]

S. m.

1. Ruído, rumor.

2. Tumulto, desordem, alvoroço.

3. Motim, revolta.
4. Mistura desordenada de objetos.
5. Alarde, ostentação.

Do barulho. Bras. Gír.

1. Extraordinário, excepcional:

Verbetes: ruído

[Do lat. rugitu, que no lat. vulg. tomou o sentido de 'estrondo'.]

S. m.

1. Barulho provocado pela queda de um corpo.
 2. Qualquer estrondo; barulho, estrépito, fragor.
 3. Rumor contínuo e prolongado; bulício.
 4. Fig. V. boato.
 5. Fig. Alvorço, barulho, escândalo, escarcéu.
 6. Fig. Aparato, fausto, ostentação, pompa.
 7. Eletrôn. Em um circuito, correntes ou tensões indesejáveis, usualmente não muito intensas, resultantes de causas incontroláveis, como, p. ex., movimento aleatório de elétrons num condutor, emissão ao acaso do cátodo de uma válvula, etc.
 8. Teor. Com. Toda fonte de erro, distúrbio ou deformação de fidelidade na transmissão de uma mensagem visual, escrita, sonora, etc.; sinal indesejável que não pertence à mensagem intencionalmente transmitida.
 9. Fis. Som constituído por grande número de vibrações acústicas com relações de amplitude e fase distribuídas ao acaso.
 10. Med. Som (2) normal ou patológico percebido pela ausculta: [Cf. roído, part. de roer e adj.]
- Ruído cósmico. Astr.
1. Radiação difusa observada pelos radiotelescópios, e que provém de áreas não específicas do espaço.
- Ruído de dactilo. Med.
1. Ruído (10) que se assemelha ao dactilo [q. v.] da prosódia grega ou latina.
- Ruído de fundo. Eletrôn.
1. Num sistema, ruído independente da presença do sinal.
- Ruído de galope. Med.
1. Desdobramento da primeira bulha cardíaca, de maneira que se ouvem três ruídos consecutivos, separados por pausas.
- Ruído do reator. Eng. Nucl.
1. Variação da densidade de fluxo de nêutrons, provocada pelas flutuações estatísticas da população de nêutrons quando o reator nuclear funciona com potência média estável.
- Ruído térmico. Eletrôn.
1. O que é originado pela agitação térmica dos elétrons condutores de corrente elétrica num componente que apresenta resistência.

O dicionário de língua inglesa Random House apresenta uma definição para o termo *noise* (5) que se aproxima do contexto científico a que se refere o fragmento aqui reproduzido.

No dicionário Aurélio, encontramos uma definição semelhante para o verbete "ruído" (8), muito embora "barulho" seja dado como sinônimo. No dicionário de inglês/português Michaelis, "ruído" sequer aparece como possibilidade de tradução para *noise*. Em complemento às definições desses dicionários comuns, vejamos o que é possível encontrar em um banco de termos. Os dois registros mostrados abaixo resultam de uma consulta *online* realizada no EURODICAUTOM⁵ para o termo *noise*, tendo como idioma de partida o inglês e de chegada o português (de Portugal):

MY QUERY IS: q noise@@;L EN/PT;
 EURODICAUTOM Query Results
 ----- new record -----

Subject
 theory & method (=ST4)
 applied mathematics (=MAB)

English
 Keyword
 noise

English
 Definition
 a convenient term for a series of random disturbances borrowed,through communication engineering,from the theory of sound.In communication theory noise results in the possibility of a signal sent,x,being different from the signal received,y,and the latter has a probability distribution conditional upon x.If the disturbances consist of impulses at random intervals it is sometimes known as "shot noise"

Portuguese
 Keyword
 ruído
 ----- new record -----

Subject
 Automation - Computer Science (sn: data processing) (=AUL)
 Automation - Computer Science (sn: data processing) (=AUM)

English
 Keyword
 noise

⁵Banco de dados terminológicos desenvolvido e mantido pela União Europeia, de domínio público. O módulo para consulta online está disponível no endereço: <http://eurodic.ip.lu/cgi-bin/edicbin/EuroDicWWW.pl>

English

Definition

a disturbance that affects a signal and that may distort the information carried by the signal

Portuguese

Keyword

ruído

A consulta a essa base de dados foi elaborada de forma que fossem mostradas informações adicionais, como área e definição, além do termo nos dois idiomas. Como se pode observar, o resultado mostra dois registros, indicando as áreas de ocorrência do termo pesquisado, além da definição no idioma de partida e o termo no idioma de chegada. Ambos remetem direta e tão somente ao sentido da unidade lexical em contextos especializados.

Em *Uma breve história*, ao confundir o uso da linguagem comum e da especializada no discurso de uma comunidade científica, a tradutora infringiu um quesito da tradução, merecendo a fúria dessa comunidade, o que resultou na rejeição de suas escolhas. Para evitar tal desencontro, seria necessário conhecer o modo particular de expressão dessa comunidade, o que parece não ter acontecido, conforme evidenciam os inúmeros exemplos apontados por seus críticos. E é justamente aí onde se dá um primeiro encontro entre tradução e terminologia, basicamente de duas maneiras: ou por meio da consulta direta a fontes terminológicas já existentes, como, por exemplo, dicionários especializados e bancos de termos, ou, na ausência dessas fontes, por meio da realização de um levantamento terminológico pelo próprio tradutor ou tradutora, tarefa esta abrangendo a leitura de textos paralelos na área em questão, no idioma de partida e no idioma de chegada, ou ainda a consulta a especialistas comissionados que pudessem validar ou não certas escolhas.

Ao compararmos os resultados da pesquisa terminológica realizada nos dicionários comuns aos resultados da pesquisa efetuada no Eurodicautom, podemos observar o caráter mais genérico dos primeiros em contraposição ao caráter especializado do segundo. Dicionários especializados, assim como bancos de termos, são geralmente produto do trabalho terminológico, onde se pressupõe uma extensa pesquisa junto às chamadas comunidades especializadas. Assim, ao lançar mão dessas fontes de consulta terminológica, tradutores e tradutoras estarão abreviando caminho, pois o jargão dessas comunidades já terá sido previamente mapeado, ficando os termos e seus respectivos conceitos ou definições

registrados para posterior consulta. No entanto, enquanto produto, tais fontes – embora não sejam simplesmente “listas bilíngües de palavras” – nada mais são do que textos potencialmente geradores de outros textos; são partes de um processo que, conforme observa Arrojo, ao se referir a listas bilíngües de palavras, “não pode[m] servir como uma chave mágica [...] ou resolve[r] todas as traduções [...] independentemente da época ou do lugar da tradução ou, ainda, de seus objetivos” (1992: 104-105). Mas podem, isto sim, servir como um importante recurso complementar nos freqüentes processos de escolha que toda tradução implica.

Os exemplos de erros de tradução aqui mencionados denotam um desrespeito à terminologia enquanto jargão, enquanto modo de expressão de uma determinada comunidade especializada. Isto, por sua vez, sugere uma ausência, ou ineficiência, de pesquisa terminológica – terminologia enquanto atividade – no processo de tradução de *Uma breve história*. Os problemas ocorridos nesta tradução levaram-me a tentar examinar a forma como se tem lidado com esses aspectos da terminologia na prática tradutória atualmente. Vejamos então, a seguir, como se manifestam alguns tradutores e tradutoras em relação ao papel da terminologia na realização de sua atividade.

Um perfil de tradutores e tradutoras

A investigação acerca do papel da terminologia na atividade tradutória se deu basicamente por meio da aplicação de questionários à comunidade tradutora brasileira, durante o segundo semestre de 1998 e segundo semestre de 1999. Inicialmente, foi elaborado um questionário piloto (vide cópia no apêndice), procurando traçar o perfil de um grupo de profissionais em relação ao seu conhecimento e familiaridade com fontes e recursos terminológicos. Além disso, esperava-se conhecer a forma como a gestão de terminologia tem sido conduzida profissionalmente em ambientes de tradução. De dez escritórios de tradução contatados na cidade de São Paulo, três permitiram a aplicação do questionário, tendo sido obtidas apenas cinco respostas.

Nesse primeiro grupo de respondentes, os dados mostraram que a maioria dos tradutores jamais participara de qualquer tipo de treinamento em terminologia; todos atuam

como autônomos, trabalham com dois ou mais pares de idiomas e não se especializaram em nenhuma área em particular. Todos consideram fundamental a familiarização com a terminologia de uma determinada área para traduzirem textos a ela relacionados. Para eles, a existência de fontes de consulta bilíngües contendo informações complementares (como contexto e exemplos de uso) poderia facilitar seu trabalho, poupando-lhes tempo, ajudando na escolha do termo mais apropriado e tornando a tradução mais exata. Ainda neste primeiro grupo, todos manifestaram o hábito de realizar o levantamento terminológico dos textos que traduzem (três, informatizado, e dois na forma de glossário em papel). As estratégias para resolver dificuldades de tradução mais citadas foram a consulta a outros tradutores (5), consulta a bancos de dados terminológicos (4), e consulta a especialistas (3). Três respondentes estimaram em 30% o tempo gasto com pesquisa terminológica na realização de uma tradução, um em até 50%, e outro em 20%. Quando objetivamente perguntados sobre o hábito de consultar bancos de dados terminológicos, apenas um respondeu consultar o seu próprio; outro referiu-se à Enciclopédia Britannica e os demais não responderam.

Com base nessa experiência inicial, um segundo questionário foi elaborado (vide cópia no apêndice), desta vez mais extenso, objetivando um maior detalhamento nas respostas. Esse questionário, dividido em sessões, focalizou especificamente o perfil do tradutor quanto à sua formação e atuação, à terminologia como vocabulário especializado, a recursos terminológicos para tradução e à padronização terminológica. Devido às dificuldades enfrentadas inicialmente e visando alcançar um maior número de respondentes, o segundo questionário foi aplicado via Internet, no final de 1999, compreendendo um universo de profissionais que fazem parte de duas listas de discussão brasileiras (trad-prt@onelist.com e tradutores@onelist.com), como também um pequeno número de tradutores cadastrados no SINTRA. Nesta fase, foram obtidas 31 respostas cujos dados são apresentados a seguir. As respostas foram cadastradas em um banco de dados especificamente desenvolvido para facilitar a recuperação e a forma de apresentação das informações. A tabulação dos dados permitiu a posterior elaboração de gráficos resumindo os resultados da pesquisa (vide apêndice).

Embora a aplicação do questionário via Internet tenha atingido um número maior de profissionais em diferentes localidades, vale ressaltar que não há aqui qualquer intenção de generalização quando se fala em "perfil do tradutor", uma vez que esta pesquisa não abrangeu, nem poderia abranger, uma comunidade profissional na sua totalidade. Fez-se aqui um recorte

temporal e de abrangência, pois o que se pretendeu foi apenas obter subsídios que pudessem ajudar no mapeamento de algumas características atuais da profissão, com vistas à identificação de lacunas no âmbito da formação profissional, a ser abordada mais adiante.

A primeira sessão do questionário (questões de 1 a 5) é voltada à identificação dos respondentes quanto à sua formação acadêmica e forma de atuação. Na segunda sessão, tenta-se estabelecer um panorama atual da prática da tradução e do papel que a terminologia nela desempenha. Este papel é abordado sob três aspectos: a terminologia como vocabulário especializado (questões 6 e 7), recursos terminológicos para a tradução (questões 8 a 11), e padronização terminológica (questões 12 a 16). Um sumário das respostas obtidas é ilustrado nos gráficos 1 a 16, apresentados no Apêndice.

- Perfil dos respondentes

Conforme ilustrado nos gráficos de 1 a 6, procurou-se delinear primeiramente o perfil dos respondentes no que se refere: i) à sua formação específica em tradução, ii) ao seu treinamento em terminologia; iii) ao tipo de atuação profissional; iv) aos pares de idiomas com os quais trabalham, v) a uma eventual especialização em determinada(a) área(s) ou assunto(s), e finalmente vi) às áreas de especialidade nas quais traduzem com maior frequência.

Os dados apontam que 48% dos respondentes (15) possuem formação específica em tradução, entendendo-se aqui por "formação específica" exclusivamente a formação proveniente de curso de graduação e/ou especialização em nível universitário. Destes, sete mencionaram ter realizado algum tipo de treinamento em terminologia, sendo cinco em disciplinas de curso e dois através de atividades extracurriculares. Entre os que não são formados em tradução (16), sete realizaram treinamento em terminologia em mini-curso oferecido em congresso, em curso oferecido pelo SINTRA ou por alguma entidade particular voltada ao treinamento de tradutores.

Em relação ao tipo de atuação profissional, a grande maioria (81%) dos respondentes atua de forma autônoma. Apenas uma pequena porcentagem (3%) atua como contratado junto a uma determinada empresa, trabalhando individualmente. Poucos também são os contratados que atuam em equipe (6%), e uma pequena parcela (10%), além de contratada, atua ainda

como freelance. A maioria atua com mais de um par de idiomas, sendo o inglês/português o par predominante: conforme mostrado pelo gráfico 4, 28% traduzem do inglês para o português e vice-versa, 24% apenas do inglês para o português, 21% do espanhol para o português, 18% do francês para o português e 9% do alemão para o português. Entre contratados e autônomos, a maioria (68% ou 21 respondentes) acabou se especializando em determinadas áreas, ou traduz textos de determinados assuntos com maior frequência. A informática responde por 31% da área de atuação desses respondentes, seguida da área jurídica (13%), ficando as demais (telecomunicações, medicina, economia, eletrônica, filosofia e literatura e artes) igualmente distribuídas. Cabe observar, no entanto, a grande predominância das áreas técnicas que, somadas, correspondem a 82% da fatia de mercado de trabalho de meus respondentes. Vejamos a seguir como se manifestam tais profissionais em relação à terminologia no dia-a-dia do exercício de sua atividade.

- A terminologia como vocabulário especializado

Para termos uma idéia de como se tem lidado com a terminologia enquanto vocabulário especializado na tradução foram elaboradas duas questões voltadas, respectivamente, para a importância da familiarização com as linguagens de especialidade e para as estratégias mais frequentemente empregadas para resolver dificuldades de tradução de caráter terminológico. Conforme pode-se observar no gráfico 7, a grande maioria dos respondentes (94%) considera a familiarização com o jargão de uma determinada área fundamental para a tradução de textos a ela relacionados. Diante de dificuldades de tradução quando não há tal familiarização, 28% dos respondentes mencionaram recorrer a dicionários (específicos e/ou gerais) para resolvê-las. As outras estratégias mais citadas para resolver dificuldades terminológicas foram, respectivamente: consulta à Internet (21%), consulta a textos afins e a especialistas (17%), consulta a outros tradutores (9%) e consulta a glossários especializados (8%), conforme ilustrado no gráfico 8.

- Recursos terminológicos para a tradução

Para delinear um perfil da terminologia enquanto atividade inerente à prática profissional, ou seja, gestão de terminologia aplicada à tradução, foram elaboradas questões relacionadas aos aspectos de sua familiarização com recursos terminológicos como também da real utilização de tais recursos.⁶ De modo complementar, outro aspecto abordado no questionário refere-se ao desenvolvimento de bancos de dados terminológicos e glossários e os programas mais utilizados para tal finalidade. Os gráficos 9 e 10 ilustram a familiarização de tradutores com recursos terminológicos: 65% deles responderam estar familiarizados com algum tipo de recurso e entre os mais conhecidos estão as ferramentas da Trados (70%), o Transit e o Déjà Vu (ambos com 15%). Conforme mostrado no gráfico 11, 50% dos respondentes informaram utilizar regularmente tais recursos. Quanto ao desenvolvimento de bancos de termos e glossários, esta parece ser uma prática inerente às atividades da maioria dos respondentes (87%); no entanto, apenas uma minoria se utiliza de programas especificamente voltados para gestão terminológica, conforme se pode observar no gráfico 13. Os programas mais citados são aplicativos genéricos da Microsoft, como o Word e o Excel, utilizados por 70% dos respondentes.

- Padronização terminológica

As questões relacionadas à padronização terminológica tiveram por objetivo observar de que forma a terminologia tem sido tratada em seu aspecto normativo no âmbito da tradução, seja no que se refere à necessidade de padronização de terminologia e a um eventual suporte terminológico fornecido pelo cliente, como também ao modo como as informações terminológicas são compartilhadas quando tal padronização torna-se imperativa. Os dados apontaram que aproximadamente dois terços dos respondentes freqüentemente se deparam com a necessidade de padronização terminológica na realização de sua atividade. Quando isso acontece, os clientes geralmente dispõem de algum tipo de assessoria terminológica com a qual os tradutores podem interagir, conforme apontado no gráfico 15 por 55% dos

⁶Entende-se aqui por "recursos terminológicos" fontes de pesquisa terminológica, tais como dicionários especializados e bancos de dados terminológicos, como também as ferramentas computadorizadas utilizadas para criá-los.

respondentes. Vários são os benefícios da interação entre cliente e tradutor, sendo os mais citados a garantia de uniformidade na tradução, a precisão na escolha do termo mais apropriado, a "personalização da tradução" e a qualidade do produto final. Mas uma das respostas sintetizou tais benefícios de forma bastante pertinente:

Eu faço tradução para empresas, não tradução de arte. Portanto, minha tradução tem que ter 'a cara da empresa'. Sendo assim, não só é importante que eu use o termo correto, mas também que, quando houver uma escolha, opte pelo termo que o cliente prefere. Mesmo na área técnica, o mesmo conceito pode ser refletido por termos diferentes, que, por sua vez, refletem a filosofia profissional do cliente. Por isso, clientes da mesma área, com filosofias distintas, têm preferências terminológicas bem diferentes.

Quanto ao hábito de compartilhar informações terminológicas, a grande maioria dos respondentes (71%) – mesmo aqueles cujos clientes não adotam qualquer política de padronização – compartilha tais informações, conforme mostrado no gráfico 16. Normalmente isto se dá através do intercâmbio de glossários, seja com o próprio cliente ou com outros tradutores. Um dos respondentes observou que

em cada projeto, há um validador, que recebe todas as traduções de termos (não existentes no glossário). Ele confirma ou contesta as traduções que recebe, inclui os termos validados no glossário e distribui a nova versão do glossário para todos os membros da equipe.

Outras formas de compartilhamento mencionadas foram a realização de reuniões, a troca de idéias por correio eletrônico, a troca de informações via telefone, e a utilização de memórias de tradução.

O cruzamento das respostas referentes à primeira sessão do questionário com as da segunda sessão permite-nos observar alguns dados na prática tradutória que nos chamam a atenção para a problemática da formação de tradutores, a ser abordada mais adiante, principalmente no que se refere ao uso de recursos terminológicos. A questão da importância da familiaridade com o jargão para traduzir parece ter uma resposta unânime, independentemente da formação em tradução, pois em ambos os grupos de respondentes (com

formação e sem formação específica em tradução) a grande maioria considera fundamental que se conheça a terminologia da área na qual se traduz; apenas um respondente de cada grupo considera prescindível tal familiarização. O mesmo pode ser dito em relação à resolução de dificuldades terminológicas, cujas estratégias são basicamente as mesmas para ambos os grupos. No entanto, a situação parece se diferenciar quando se trata de ferramentas terminológicas para a tradução, sugerindo já um primeiro desencontro entre a prática e a formação para a prática.

Dos 15 respondentes com formação específica em tradução, nove alegaram conhecer algum tipo de recurso terminológico. Apesar disso, apenas cinco mencionaram a utilização de tais recursos e, destes, somente um fez menção específica a uma base de dados terminológicos. Mais interessante ainda é observar que entre esses respondentes, 12 informaram que desenvolvem BDTs e glossários, mas nenhum utilizando programas especificamente voltados para esta finalidade; a grande maioria utiliza programas de processamento de textos ou planilhas. Um dos respondentes observou que "ainda utilizo fichários antigos catalogados a partir dos meus primeiros livros traduzidos. Pretendo transferi-los para o micro, mas ainda não tive chance de fazer. Nem sei como".

Um perfil ligeiramente diferente pode ser observado nos respondentes sem formação específica em tradução. Os dados mostraram que a maioria conhece recursos terminológicos, tais como memórias de tradução e programas de gestão terminológica (MultiTerm, Wordfisher, Termstar, entre outros). É interessante observar ainda quanto a este mesmo grupo de respondentes que 15 deles desenvolvem seus próprios bancos de dados e glossários, embora apenas nove tenham mencionado fazer uso de recursos terminológicos. Novamente aqui os programas mais genéricos, como processadores de textos e planilhas, são os mais utilizados para o desenvolvimento de bancos de dados e glossários; apenas seis mencionaram fazer uso de programas específicos para tal finalidade.

Os resultados aqui obtidos permitem-nos detectar alguns buracos negros da terminologia na prática profissional propriamente dita, que se manifestam sob duas formas interligadas, a saber: de um lado, pela ausência de fontes de consulta terminológica informatizadas, como bancos de dados, em língua portuguesa – ou língua "brasileira" – aos quais os tradutores possam recorrer. Tal ausência pode ser detectada ao se observarem as

respostas obtidas com relação às estratégias mais empregadas para resolver problemas de tradução: consultam-se dicionários, porém não se consultam BDTs. De outro, pela forma como são conduzidas as práticas de gestão terminológica no processo tradutório. Pode-se observar pelas respostas obtidas que a maioria dos tradutores respondentes, talvez motivados pela própria inexistência de fontes de consulta mais apropriadas, costuma criar seus próprios bancos de termos e glossários, mas muito poucos se utilizam de programas especificamente voltados para este fim, conforme observado acima.

Os resultados obtidos por meio da aplicação do questionário a tradutores parecem indicar o reconhecimento destes em relação à importância da terminologia para a tradução sob dois aspectos principais: a terminologia enquanto vocabulário especializado, incluindo-se aí a padronização terminológica, e a terminologia enquanto prática ou atividade inerente ao processo tradutório (levantamento terminológico), incluindo-se aí as fontes de consulta e os recursos ou ferramentas utilizadas em tal prática. Estes parecem ser alguns dos principais aspectos a serem considerados no ensino de terminologia no âmbito da formação de tradutores, pois, direta ou indiretamente, fazem parte do processo decisório do qual também consiste a tradução.

Sager (1992) observa que a tradução é “um processo de tomada de decisões”. Em nenhuma situação de escolha isto se torna mais explícito do que no das palavras, prossegue ele, ao mesmo tempo em que pergunta o que nos dá a certeza de podermos confiar em nossas próprias interpretações. A resposta, sugere ele, está na terminologia, pois ela proporciona uma chave adicional à compreensão das palavras e aos mecanismos envolvidos na sua formação e uso. E, para ele, isto já é uma justificativa mais do que suficiente para se incluir um curso de terminologia nos programas de formação de tradutores (cf. pp. 117-8).

Proponho, então, que saíamos do espaço da prática profissional e entremos na sala de aula, para verificar como se manifestam os buracos negros da terminologia no ensino da tradução no Brasil.

I.2.2. ... da formação profissional

No item anterior, detectamos buracos negros na galáxia da prática tradutória e delineamos um perfil profissional atual, com vistas a obter subsídios que pudessem nortear nossa exploração da galáxia do ensino da tradução. Nesta galáxia, tentaremos detectar buracos negros com base principalmente no perfil discente atual, por meio de uma comparação entre o que tem sido oferecido a aprendizes e o perfil profissional em relação à gestão de terminologia aplicada à sua atividade. Em nossa rota exploratória, vamos identificar formas de manifestação desses buracos por meio da delimitação do espaço ocupado pela terminologia nos cursos de formação de tradutores no Brasil e no exterior, além de uma análise dos programas e ementas das disciplinas neles oferecidas, não somente a própria terminologia como também aquelas voltadas para a prática da tradução.

Os dados que compõem esta análise são o resultado de uma extensa pesquisa realizada junto a várias instituições de ensino no país, que abrangeu não apenas a obtenção de informações curriculares, mas também a aplicação de questionários a estudantes e docentes no decorrer de 1998 e 1999. Com o objetivo de obter informações curriculares que pudessem subsidiar a análise dos programas de formação de tradutores no Brasil, uma pesquisa semelhante foi realizada no exterior, em universidades do Reino Unido e República da Irlanda, durante o primeiro semestre de 1999. Tal pesquisa, no entanto, limitou-se exclusivamente à coleta de dados sobre os programas de cursos e as ementas das disciplinas.

Começamos, então, esta exploração a partir do relato de um fato ocorrido em sala de aula. Num ensaio em que discute a postura teórica implícita na atitude de uma aluna de tradução de uma de suas turmas, Arrojo nos conta:

Há alguns anos, depois de uma aula de Prática de Tradução no Programa de Bacharelado em Inglês (modalidade Tradução) da PUC-SP, uma das alunas me entregou uma lista manuscrita de palavras e expressões inglesas. Explicou-me que essas palavras e expressões haviam sido extraídas de um manual de computação que aceitara traduzir e que, depois de consultar vários dicionários bilíngües, alguns deles técnicos, resolvera vir até mim em busca dos significados que tanto ela como os dicionários consultados desconheciam (1992: 99).

A situação relatada acima pode ser pensada sob aspectos distintos. Se, por um lado, esta experiência suscitou em Arrojo idéias para elaborar uma reflexão sobre “as conseqüências da postura teórica implícita na atitude e nas expectativas de [sua] aluna para a formação profissional de tradutores” (*op. cit.*, p. 99), por outro, este mesmo relato suscitou-me o desejo de investigar os possíveis fatores determinantes de uma tal atitude e suas conseqüências para a prática profissional. A atitude dessa aluna parece-me caracterizar um primeiro indício da existência de buracos negros da terminologia no âmbito do ensino da tradução em nossas escolas, já que denota seu total despreparo para lidar com vocabulários especializados, neste caso o jargão computacional. Vejamos, então, como se manifestam esses buracos negros, primeiramente tentando estabelecer a dimensão do espaço ocupado pela terminologia em alguns cursos de formação de tradutores oferecidos por instituições de ensino superior brasileiras.

Um perfil dos cursos de tradução no Brasil

A partir de um levantamento inicial realizado via Internet, procurou-se identificar onde são oferecidos tais cursos e, depois, demarcar o lugar neles ocupado pela terminologia. Foram identificadas inicialmente 13 instituições de ensino superior, a saber: no estado de São Paulo: Faculdades Capital, Instituto Adventista de Ensino, Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Universidade Estadual Paulista (UNESP-Rio Preto), Universidade Ibero-Americana (UNIBERO), Universidade do Sagrado Coração, Universidade São Judas Tadeu, Universidade de São Paulo (USP); no Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); no Paraná: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR); no Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); em Minas Gerais: Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); e em Brasília: Universidade de Brasília (UnB). Foram obtidas informações quanto ao programa dos cursos de nove instituições, pessoalmente, por correspondência e por consulta às respectivas páginas de algumas delas, disponíveis na Internet. A tabela a seguir mostra o espaço ocupado pela terminologia numa fatia da galáxia da formação de tradutores no Brasil.

INSTITUIÇÃO	CURSO	NÍVEL	DURAÇÃO (em semestres)	TOTAL DISCIPLINAS	TOTAL CRÉDITOS / HS	TERMINOLOGIA	
						NO. CR/HS	%
A	Bacharelado em Letras - Habilitação Tradução Bilingüe - Inglês/Português	G	8	56	204 / 3060	2 / 30	0,98%
	Especialização em Tradução	PG	2	12	360 hs	16 hs	4,4%
B	Bacharelado em Letras - Tradução/Inglês	G	9	36	182 cr	não consta	
C	Bacharelado em Letras - Habilitação em Tradução	G	8	35	208 / 3120	não consta	
D	Especialização em Tradução	PG	4	10	720 hs	72 hs	10%
E	Bacharelado em Letras - Habilitação Tradutor em Inglês	G	8	32	3144 hs	não consta	
F	Bacharelado em Tradutor e Intérprete	G	8	33	3492 hs	não consta	
G	Bacharelado em Tradução/Interpretação - Português/Espanhol	G	8	64	144 / 2940	60 hs	2 %
	Especialização em Tradução - Inglês	PG	3	10	420 hs	não consta	
H	Bacharelado em Tradução - Inglês/Português	G	8	30	137 / 2160	não consta	
I	Bacharelado em Letras - Habilitação Tradutor	G	8	44	199 / 2985	120 hs	4 %
J	Bacharelado em Letras - Habilitação em Tradutor e Intérprete	G	8	69	179 / 3258	2 / 36	1 %

Tabela I.2.2.1 - Espaço ocupado pela terminologia em alguns cursos de tradução no Brasil

A partir de uma rápida observação da tabela acima, pode-se notar o pouco espaço dedicado à disciplina no âmbito do ensino da tradução em algumas de nossas instituições. Porém, antes de analisarmos mais detalhadamente alguns desses programas, tentando identificar as causas desse pouco espaço, observemos como se manifestam alunos e professores com relação ao papel da terminologia nesse universo.

Para se delinear o papel da terminologia no cenário do ensino da tradução, foram aplicados questionários a alunos e professores no decorrer de 1998 e 1999, em cinco das instituições mencionadas na tabela acima, abrangendo cinco programas de graduação e dois de especialização. Os grupos de alunos respondentes foram assim divididos: i) alunos que não têm a disciplina terminologia em seu curso; ii) alunos que ainda não haviam cursado a disciplina; iii) alunos que cursaram terminologia - fase I (1998); e finalmente iv) alunos que cursaram terminologia - fase II (1999), tendo sido elaborados quatro tipos de questionários, respectivamente. Para o grupo de professores, foi elaborado um único questionário, objetivando atingir os responsáveis pela disciplina terminologia como também pelas disciplinas de prática de tradução. No total foram obtidas 126 respostas de alunos e 17 de professores.

O questionário aplicado a alunos que não têm a disciplina terminologia em seu curso (vide cópia no apêndice) teve por objetivo colher subsídios que permitissem examinar a forma como se tem lidado com o aspecto terminológico da tradução principalmente nas disciplinas de prática de tradução. Suas cinco questões abrangem aspectos especificamente relacionados às estratégias para resolução de dificuldades terminológicas; ao modo como são realizados levantamentos terminológicos; à familiarização com o jargão; e à aplicação da terminologia em outras disciplinas. De modo similar foi elaborado o questionário aplicado a alunos que ainda não haviam cursado a disciplina terminologia (vide cópia no apêndice), acrescentando-se aos aspectos já mencionados as expectativas dos alunos em relação à disciplina. O destinado a alunos que já haviam cursado a disciplina terminologia (fase I) (vide cópia no apêndice) focalizou aspectos ligeiramente diferentes dos dois primeiros. Tais aspectos referiam-se ao grau de preenchimento das expectativas dos alunos, à importância da terminologia para a formação profissional, ao período de oferecimento da disciplina, ao conteúdo e objetivos da disciplina, como também à aplicação da terminologia em outras disciplinas do curso.

O questionário aplicado em 1999 - fase II - para alunos que cursaram terminologia (vide cópia no apêndice) foi modificado em relação ao anterior, tanto em sua forma de apresentação quanto de conteúdo. As questões inicialmente propostas foram repensadas e reagrupadas em função dos objetivos gerais e específicos de minha investigação, visando também a uma melhor apresentação do formulário. As questões anteriores encontram-se parcial ou totalmente representadas no novo questionário, que foi dividido em sessões, da mesma forma que o aplicado aos tradutores em 1999. As questões que se referem à natureza e à carga horária (1 a 3) e aos objetivos e conteúdo da disciplina terminologia (4 e 5) compõem a primeira sessão. Na segunda sessão, especificamente voltada para a metodologia de ensino da disciplina, as questões referem-se à terminologia enquanto teoria e prática (6 e 7), enquanto vocabulário especializado (8 e 9) e, finalmente, ao desenvolvimento e à utilização em sala de aula de recursos terminológicos para a tradução (10 a 15).

De um modo geral, com a aplicação desses questionários, pretendia-se obter dados que possibilitassem visualizar não somente o espaço ocupado pela terminologia nos cursos de tradução, mas principalmente a forma como a disciplina tem sido explorada nesses cursos. Além disso, esperava-se delinear o modo como os alunos a percebem, enquanto teoria, atividade e vocabulário especializado, no âmbito de sua formação e futura prática profissional. São aqui apresentados e analisados os dados de 126 respondentes, dos quais 88 cursaram a disciplina terminologia e 38 não cursaram. Deste total, 51 questionários foram respondidos em 1998 e 75 em 1999. Vejamos, a seguir, as respostas obtidas, começando por alunos que não têm a disciplina em seu curso. Do mesmo modo que no perfil dos tradutores, aqui também os gráficos (17 a 50) apresentados no Apêndice proporcionam uma visão global das respostas.

Alunos que não têm terminologia

Para esses alunos, as seis estratégias mais citadas para resolver dificuldades terminológicas foram, respectivamente: a consulta a especialistas ou profissionais da área, a consulta a outros colegas, a tentativa de encontrar uma tradução mais adequada por meio do contexto, a pesquisa em textos e publicações afins, a consulta a outros tradutores e, finalmente, a consulta a professores. As respostas sugerem, portanto, que esses alunos resolvem suas

dificuldades terminológicas principalmente por meio da consulta a especialistas, estratégia citada em 45% das respostas, conforme ilustra o gráfico 17.

Pouco mais da metade dos respondentes (55%) tem o hábito de realizar o levantamento terminológico das palavras e expressões características de uma determinada área em suas aulas de prática de tradução; apenas quatro deles mencionaram manter um registro dos termos, três na forma de glossários e um na forma de banco de dados. Os demais informaram apenas o tipo de fonte de consulta ou não responderam, o que evidencia uma severa falta de sistematização em seu modo de lidar com a terminologia dos textos que traduzem.

Ao serem perguntados se fontes mais amplas de consulta, contendo informações quanto ao uso, definições, contexto etc., em vez de apenas o termo no idioma de partida e de chegada, poderiam facilitar uma tradução, todos responderam afirmativamente. Em suas justificativas, a maioria se referiu à possibilidade de uma escolha mais adequada, com menor risco de erro e melhor qualidade da tradução, quando amparados por informações mais detalhadas acerca dos termos a serem traduzidos.

A grande maioria desses respondentes considera importante a familiarização com o jargão na realização de uma tradução, principalmente porque isto facilitaria seu trabalho, tornando a tradução mais eficiente e também porque "o público alvo desse texto só poderá entender se usarmos a linguagem deles", conforme manifestou um dos alunos.

Quanto à abordagem da terminologia em outras disciplinas de seu curso, menos da metade (ou 45%) respondeu afirmativamente. Segundo eles, os aspectos terminológicos da tradução são tratados principalmente em "prática de tradução", embora não de maneira profunda, ao discutirem as escolhas feitas. Trinta por cento desse grupo respondeu que não e, curiosamente, um número considerável (25%) simplesmente não respondeu a questão.

Alunos que ainda não cursaram terminologia

As respostas desses alunos quanto às estratégias utilizadas para resolver dificuldades terminológicas diferem ligeiramente daquelas dos alunos que não têm a disciplina. As estratégias mais citadas foram, respectivamente: a consulta a profissionais da área ou especialistas (mencionada por 43% dos respondentes), a consulta à Internet, a consulta a

outros colegas de turma, a consulta ao professor, e finalmente a consulta a tradutores. Embora uma boa parcela desses respondentes (23%) tenha mencionado a Internet como estratégia, nenhum deles foi mais específico com relação à forma de utilização deste recurso.

Houve unanimidade quanto à questão da relevância da familiarização com o jargão de uma dada área para traduzir e quanto a fontes de consulta contendo informações mais abrangentes sobre termos ou unidades terminológicas. No caso da familiarização com o jargão, todos a consideraram importante por facilitar a tradução e garantir um texto mais fluente e adequado ao público alvo. Para eles, a existência de fontes de consulta contendo informações mais detalhadas poderia facilitar o entendimento do texto e a escolha do termo mais adequado no momento de sua tradução.

As respostas diferiram ligeiramente também quanto à realização de levantamento terminológico durante as traduções. Aqui, a maioria (ou 72%) dos alunos não costuma realizar tais levantamentos, alegando principalmente não haver espaço para isso em sala de aula. Entre aqueles que realizam, não houve qualquer menção espontânea quanto à forma de registro de dados terminológicos; alguns apenas se referiram ao tipo de material que costumam consultar para este fim.

Com relação às expectativas desses respondentes quanto à disciplina terminologia, pouco mais da metade (57%) mencionou esperar aprender a identificar e lidar com termos específicos de diferentes áreas. As expectativas dos demais relacionam-se ao estudo da origem das palavras, a conhecer métodos de pesquisa terminológica, a facilitar a resolução de problemas de tradução e ainda a conhecer fontes de pesquisa terminológica.

As respostas novamente se assemelham quando se trata da abordagem da terminologia em outras disciplinas. Quarenta e quatro por cento dos respondentes mencionaram que os aspectos terminológicos são tratados em disciplinas de prática de tradução (tradução técnica), mas suas respostas sugerem uma abordagem apenas superficial.

Alunos que cursaram terminologia – fase I

Conforme já mencionado, o primeiro questionário aplicado a alunos que já haviam cursado terminologia abordou aspectos ligeiramente distintos dos demais, sendo o enfoque

principal a tentativa de estabelecer o grau de aproveitamento dos respondentes em relação à disciplina. Apenas 37% desse grupo consideraram suas expectativas plenamente atendidas e, entre tais expectativas, as mais citadas relacionam-se à formação e identificação de termos das diversas áreas de especialidade e à elaboração de glossários. Ao tentarem definir suas expectativas, grande parte desses alunos mencionou não ter a menor idéia do que esperar de tal disciplina.

Dois terços julgaram adequado o período em que a terminologia é oferecida, mas alguns observaram que ela deveria ser ministrada logo no início do curso, o que poderia proporcionar-lhes um melhor aproveitamento e aplicação dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas de prática de tradução. Houve respostas totalmente díspares nesse grupo de respondentes; por exemplo, enquanto um deles considerou a carga horária insuficiente (um semestre letivo), outro julgou totalmente desnecessário "gastar" um semestre inteiro com a disciplina. Ao serem indagados sobre a aplicação da terminologia em outras disciplinas de seu curso, 30% mencionaram que os conhecimentos proporcionados facilitam a tradução. É interessante observar, no entanto, que igual número não soube responder e outros 20% responderam que o curso de terminologia não ajudou de forma alguma. Os demais mencionaram a familiarização com termos e a elaboração de BDTs e glossários como formas de aplicação da terminologia nas disciplinas voltadas para a prática de tradução.

Apesar da disparidade que pode ser observada nas respostas relativas à aplicação da terminologia, 87% dos respondentes recomendariam essa disciplina a outros colegas. Porém, a maioria não soube definir objetivamente seu conteúdo e objetivos; alguns poucos mencionaram tratar-se de uma importante ferramenta para o tradutor, no sentido de facilitar-lhes o trabalho. Entre os que não a recomendariam, as justificativas apresentadas reportam-se principalmente à "falta de conteúdo e objetivos" e ao fato de não ter sido adequadamente ministrada, sendo "maçante e suas discussões infrutíferas". A maioria desses respondentes considera a familiarização com o jargão relevante para a tradução; da mesma maneira, consideram importante também a terminologia enquanto atividade para sua formação profissional.

Alunos que cursaram terminologia - fase II

Conforme observado anteriormente, o questionário aplicado na segunda fase desta pesquisa para alunos que já haviam cursado terminologia foi reelaborado em função dos resultados obtidos na fase anterior, não somente em relação às respostas dos próprios alunos mas também às dos tradutores. Nesta fase foram obtidas 57 respostas, resumidas a seguir:

- Natureza e carga horária da disciplina

A terminologia é obrigatória em todos os programas onde o questionário foi aplicado, não existindo, porém, uniformidade quanto ao período em que é oferecida, nem quanto ao número de horas/aula. Na graduação, pode ser oferecida no segundo, terceiro e quarto anos, e a carga horária varia entre 30 e 120 horas/aula; na especialização, o período de oferecimento também varia conforme a duração de cada curso (1 ou 2 anos) e a carga horária total é de 16 e 72 horas/aula, respectivamente.

- Objetivos e conteúdo da disciplina

Ao se considerarem os objetivos e conteúdo da terminologia, pretendia-se ter uma idéia das expectativas dos alunos e do respectivo grau de preenchimento. Para o questionário aplicado no segundo semestre de 99, foi solicitado aos respondentes que graduassem cinco objetivos conforme sua relevância para eles. Tais objetivos foram previamente definidos como itens que supostamente gostariam de estudar na disciplina e, além da relevância, foi-lhes solicitado que graduassem os mesmos itens conforme o grau de preenchimento de expectativas relativo a cada um deles. Uma observação das respostas, resumidas no gráfico 37, sugere como mais relevantes para os alunos conhecer os principais recursos terminológicos para tradução, aprender a identificar o jargão de diferentes áreas de especialidade, e aprender a desenvolver/utilizar bancos de dados terminológicos, que são componentes essencialmente práticos da disciplina. Os dados sugerem uma menor importância conferida às atividades relacionadas aos aspectos teóricos da terminologia, i.e., obter uma visão geral da terminologia como área de estudo e estudar o processo de formação de termos.

A maioria considerou tais expectativas não preenchidas ou preenchidas apenas parcialmente. De um modo geral, um maior desequilíbrio entre a relevância dos tópicos abordados e o preenchimento das expectativas pode ser observado principalmente em relação aos aspectos de natureza prática, onde se pode notar uma relação inversamente proporcional: quanto maior a relevância do tópico para o aluno, menor o grau de preenchimento de suas expectativas. Os componentes de caráter mais teórico parecem estar mais equilibrados; apesar de considerados menos relevantes por este grupo de respondentes, as expectativas mostram-se mais próximas de terem sido atendidas, conforme ilustrado pelo gráfico 37.

Quando solicitados a enumerarem espontaneamente os tópicos efetivamente abordados na disciplina terminologia, a começar por aqueles que consideravam mais relevantes para a prática tradutória, cerca de 20% dos alunos não responderam. Para estes, nenhum tópico fora efetivamente abordado durante o curso por pura falta de planejamento ou até mesmo despreparo do responsável por ministrar a matéria. Para os demais, entre os tópicos abordados, os considerados mais relevantes foram, nesta ordem: aprender a identificar jargões e conhecer recursos terminológicos, ambos citados em 23% das respostas; aprender a desenvolver/utilizar BDTs; obter uma visão geral da terminologia; e estudar o processo de formação de termos. Estes números já parecem ser um indicativo da razão pela qual as expectativas dos alunos não têm sido adequadamente preenchidas.

- Terminologia - teoria e prática

As duas questões relativas ao papel da terminologia enquanto teoria e prática no ensino da tradução abrangeram sua aplicação em outras disciplinas e sua importância para a formação profissional do aluno. Para mais da metade deste grupo (65%), os conhecimentos teóricos e práticos proporcionados pela terminologia não tiveram qualquer aplicação em outras disciplinas do curso de tradução. As razões mais citadas foram a inadequação do período de oferecimento (disciplina ministrada apenas no final do curso), a falta de planejamento e o conteúdo inadequado. Apesar dessa alegada falta de aplicação, 98% deste mesmo grupo consideram a terminologia importante para sua formação profissional.

- Terminologia - vocabulário especializado

As questões relativas à terminologia enquanto vocabulário especializado abordaram a importância da familiarização com o jargão de uma determinada área de especialidade para traduzir textos a ela relacionados e a forma ou estratégias para resolver dificuldades terminológicas na realização de uma tradução. Oitenta e dois por cento desses respondentes julgaram imprescindível a familiarização com o jargão. As estratégias mais citadas para se encontrar o termo mais apropriado na língua de chegada foram, respectivamente: a consulta a dicionários, a consulta a textos e publicações afins, a consulta a especialistas e profissionais da área, a consulta à Internet, e a consulta a professores. Uma pequena porcentagem desse grupo (9%) não respondeu.

- Recursos terminológicos para tradução

Com este último grupo de questões, pretendeu-se verificar o grau de familiarização dos alunos com recursos terminológicos voltados para a tradução, notadamente fontes de consulta *online* e ferramentas computacionais para gestão de terminologia. Neste grupo de respondentes, apenas 25% mencionaram conhecer algum tipo de ferramenta terminológica para a tradução. Destes, 33% apontaram conhecer bancos de dados, 27% mencionaram estar familiarizados com glossários e 13% mencionaram conhecer dicionários especializados. Apenas outros 27% desses alunos mencionaram conhecer um programa específico, o Autolex.

Quando indagados sobre a utilização de ferramentas terminológicas computadorizadas nas aulas de prática de tradução, a grande maioria (89%) respondeu não se utilizar dessas ferramentas. Ao serem solicitados para especificar o tipo de ferramenta utilizada, um terço não respondeu e os demais mencionaram o Autolex.

Em relação à experiência desses alunos na criação de bancos de dados terminológicos e/ou glossários, pouco mais da metade (54%) informou não ter experiência alguma. Dos que responderam afirmativamente, 69% não especificaram o tipo de programa utilizado para esse fim. Os demais citaram o MS Word, o MS Access, o MS Excel e o TermWin como ferramentas para a elaboração de seus glossários.

Para mais da metade desse grupo de respondentes, existem condições propícias ao desenvolvimento de atividades voltadas a uma prática terminológica informatizada, e os principais benefícios advindos da utilização de recursos terminológicos para a tradução por eles citados relacionam-se à segurança para o tradutor quando da escolha do termo mais apropriado, economia de tempo, maior eficiência no processo tradutório, maior exatidão na tradução e facilidade de consulta e atualização.

Antes de passarmos à amostragem dos dados referentes aos programas de cursos de tradução, vale observar como se manifestam os professores em relação ao papel da terminologia na formação de tradutores. Procurou-se obter o perfil docente a partir também da aplicação de um questionário, que abrangeu aspectos de sua formação e atuação e, mais especificamente, a forma de abordagem da terminologia em sala de aula. Quanto à formação, pretendeu-se verificar o tipo de formação em terminologia que esses profissionais docentes eventualmente trazem em sua bagagem; no que se refere à atuação, o objetivo foi identificar o número daqueles que atuam como tradutor/a e seu grau de familiarização com ferramentas e fontes de consulta terminológica. Além desse perfil, aqui também procurou-se obter uma idéia da relevância da terminologia para a formação de tradutores, sendo focalizadas principalmente a realização de levantamentos terminológicos e as estratégias empregadas para ajudar os alunos a resolverem dificuldades terminológicas.

O questionário destinado a professores (vide cópia no apêndice) foi aplicado ao longo de 1998, junto às mesmas instituições nas quais se aplicou o questionário aos alunos. É interessante observar que embora tenha sido destinado prioritariamente aos responsáveis pela disciplina terminologia, obtiveram-se majoritariamente respostas de professores de disciplinas de prática de tradução, versão e estágio. Dos 17 respondentes que compõem este grupo, apenas um deles está diretamente relacionado ao ensino da disciplina terminologia. Os gráficos (51 a 59) apresentados no Apêndice ilustram as respostas obtidas.

Conforme pode ser observado, menos da metade dos docentes aqui pesquisados teve algum tipo de treinamento em terminologia; os que tiveram mencionaram como treinamento disciplinas de bacharelado ou especialização e mini-cursos. Pouco mais da metade desses docentes atua (ou já atuou) também como tradutor/a. Nesta prática, a totalidade destes não demonstrou o hábito de consultar bancos de dados terminológicos e, ao serem indagados sobre

o tipo de fontes de consulta que freqüentemente utilizam, mais da metade não respondeu (58%) e os demais mencionaram a Internet e dicionários especializados e glossários.

As respostas obtidas com a aplicação do questionário a professores revelaram que a grande maioria deles considera a terminologia relevante para a formação de tradutores. Entre as justificativas para tal relevância, uma resume de forma bastante pertinente a aplicabilidade da terminologia à atividade tradutória, e portanto sua pertinência num currículo de formação de tradutores. Para um dos respondentes, a terminologia visa a

(a) conscientizar os tradutores sobre a importância da precisão terminológica, sobretudo nas áreas especializadas; (b) proporcionar noções básicas sobre as principais questões da terminologia, como instrumento para enriquecer o processo decisório e conferir maior validade às opções; (c) fornecer os fundamentos da pesquisa terminológica; (d) indicar bancos de dados terminológicos e outras fontes informatizadas de auxílio à tradução.

A grande maioria considera relevante também a familiarização de seus alunos com o jargão de uma determinada área de saber ou de atuação para que traduzam textos a elas relacionados, pois "somente familiarizando-se com o jargão os alunos poderão dominar o 'modo de dizer' e os termos específicos da área". Entre outras justificativas, foram citadas também a maior facilidade para traduzir e a garantia de uma tradução correta e adequada.

Neste grupo de respondentes, as estratégias mais citadas utilizadas para ajudar os alunos a resolverem dificuldades terminológicas foram, respectivamente: a consulta a especialistas (56%), a consulta a textos afins (14%), e a consulta à Internet, a bancos de dados terminológicos e dicionários técnicos, cada uma mencionado em 10% das respostas.

A maioria dos professores (82%) afirmou orientar os alunos a realizarem o levantamento terminológico dos textos que traduzem, nas aulas de prática de tradução ou estágio. Tal levantamento é realizado principalmente por meio da elaboração de glossários (mencionada em 46% das respostas). As demais formas mencionadas foram a consulta a textos paralelos (24%), e a consulta a dicionários e a especialistas (12%). Uma pequena porcentagem não especificou, conforme pode ser observado no gráfico 58. Estes números são um indicativo da falta de sistematização na realização de levantamentos terminológicos, pois a

maioria dos respondentes parece não orientar seus alunos a armazenarem seus dados para posterior consulta e/ou atualização. É curioso observar também que em nenhuma das respostas foi mencionada a utilização de ferramentas computacionais especificamente voltadas para gestão de terminologia, as quais, hoje, constituem recursos essenciais a esse tipo de atividade.

Passemos, a seguir, à amostragem dos dados obtidos junto a algumas instituições de ensino. Estaremos analisando alguns programas de curso e ementas das disciplinas de prática de tradução e terminologia, quando oferecida, para, assim, completarmos nossa exploração de manifestações terminológicas no universo da formação profissional de tradutores.

Ao explorarmos mais detalhadamente a grade curricular de alguns programas de formação de tradutores, tentaremos encontrar indícios que nos levem a uma melhor compreensão das razões pelas quais a maioria das expectativas dos alunos em relação à disciplina terminologia não tem sido preenchida. Além disso, por meio de uma leitura de ementas e conteúdos programáticos, estaremos observando ainda de que forma questões terminológicas são abordadas nas disciplinas de prática de tradução, ou seja, de que forma a terminologia se manifesta no âmbito de outras disciplinas. Para isto, veremos inicialmente alguns programas oferecidos por instituições brasileiras e, em seguida, veremos ainda outros programas de formação similar, oferecidos por instituições no exterior.

Os programas de instituições de ensino superior brasileiras que compõem nossa exploração são os seguintes (cf. tabela da página 22): Instituição A: Bacharelado em Letras – Habilitação em Tradução Bilíngüe e Especialização em Tradução; Instituição B: Bacharelado em Letras - Tradução/Inglês; Instituição C: Bacharelado em Letras - Habilitação em Tradução; Instituição D: Especialização em Tradução; Instituição E: Bacharelado em Letras - Tradutor/Inglês; Instituição G: Bacharelado em Letras, Habilitação Tradutor Espanhol/Português; Instituição H: Bacharelado em Tradução - Inglês/Português; Instituição I: Bacharelado em Letras, Tradutor - Inglês/Português; e Instituição J: Bacharelado em Letras, Habilitação em Tradutor e Intérprete.

Desses programas, apenas quatro em nível de graduação incluem a disciplina terminologia em seu currículo. Na especialização, a terminologia faz parte do currículo dos dois cursos analisados. A tabela a seguir mostra a grade curricular dos programas de graduação.

	SEM 1	SEM 2	SEM 3	SEM 4	SEM 5	SEM 6	SEM 7	SEM 8
Bacharelado em Tradução Bilingue - Português/Inglês (Instituição A)	Prod. Tex. Formal, Teo. Lit. I, Texto e Leitura, Lingüística I, O homem e o Fen., Cult. greco-latina	Fonologia, Teo. Lit. II, Aspec. Morfossin., Discurso oral I, Latim I, Elet. dentro/fora, Anal. Interc. Texto, Educ. física I	Morfologia, Lit. P. Primórdios, Análise textual, Disc. Escr. I, Intr. Lit. Bras., Português p/ Trad., Iniciação à tradução	Sintaxe, Lit. Port. Séc. XVII a XIX, Cultura Britânica, Discurso Oral II, Cristianismo, Trad. Tec. Cient. I, Trad. Literária I	Disc. Soc. Int., Prosa Brasileira, Cultura Americana, Disc. Escr. II, Elet. dentro/fora, Trad. tec. cient. II, Trad. literária II	Sem. e pragmática, Poesia brasileira, Lit. comparada, Lit. americana, Eletiva fora depto., Trad. avançada, Teorias de tradução, Educ. física II	Lingüística II, Filosofia, Ética cristã, Lit. britânica, Terminologia, Estágio I	Proc. prod. comp., Lit. portuguesa séc. XX, Ética profissional, Eletiva fora depto., Sociologia/história, Versão escrita, Estágio II
Bacharelado em Letras - Tradução/Ing. (Instituição B)	Introdução à lingüística, Leitura e produção de textos, Inglês: compreens. de textos escritos, Prática desport. I	Latim I, Laborat. de texto I, Teoria da tradução I, Leit. crítica de textos, Inglês: compreens. de textos escritos 2, Inglês: expressão escrita	Latim 2, Laborat. de texto 2, Teoria da tradução 2, Inglês: expressão escrita 2, Prática desportiva 2	Cultura e instit. britânicas, Prática de trad. Inglês/Port: textos gerais, Prática de trad. Port./Inglês: textos gerais, Inglês: expressão escrita 3	Cultura e instit. norte americanas, Prática de trad. inglês/port.: textos jurídicos, Prática de trad. port./inglês: textos econômicos	Prática de trad. inglês/port.: textos econômicos, Prática de trad. port./inglês: textos econômicos	Prática de trad. inglês/port.: textos técnicos e cient., Prática de trad. port./inglês: textos técnicos e cient.	Prática de trad. inglês/port.: textos literários, Prática de trad. port./inglês: textos literários (*)
Bacharelado em Letras - Hab. em Tradução (Instituição C)	Educação física, Língua espanhola I, Língua Inglesa I, Língua latina, Teoria da literatura, Tópicos esp. de Língua portuguesa, Introdução à lingüística, Introdução a normas de tradução	Língua espanhola 2, Língua inglesa 2, Prática redação língua inglesa 1, Prática trad. língua inglesa 1, Prática trad. língua espanhola 1, Teoria da trad. 1, Cultura bras. 1, Sociolingüística apl. a trad.	Língua espanhola 3, Língua inglesa 3, Prática redação língua inglesa 2, Prática trad. língua inglesa 2, Prática trad. língua espanhola 2, Cultura inglesa, Literatura inglesa, Prática leitura língua portuguesa, Teoria da trad. 2, Semânt. e pragmática, Cult. brasileira 2, Estágio trad. I. ingl. 1	Língua espanhola 4, Língua inglesa 4, Prática redação língua inglesa 3, Prática trad. língua inglesa 3, Prática trad. língua esp. 3, Cultura norte-americana, Estágio trad. língua inglesa 2, Estilística da língua portuguesa	Língua portuguesa I, Língua port. (redação, produção, análise interp. do texto, Língua Inglesa I, Metodologia da Pesq. científica, Filosofia geral, Língua latina I, Lab. língua inglesa, Psicologia da educação.	Língua portuguesa II e redação, Língua inglesa II, Língua latina II (literatura), Lingüística I, Teoria da literatura, Literatura portuguesa I, Lab. língua inglesa, Semiótica geral.	Língua portuguesa III e redação, Língua inglesa III, Literatura brasileira I, Literatura portuguesa II, Literatura inglesa e norte americana I, Cult. e civil. dos povos de língua inglesa I, Teoria e prática de tradução específica I, Versão inglesa I.	Língua portuguesa IV, Língua inglesa IV, Literatura inglesa e norte americana II, Cult. e civil. dos povos de língua inglesa II, Literatura brasileira II, Teoria e prática da tradução específica II, Versão inglesa II, Estágio superv. para o curso de tradutor.

(*) SEM 9: Projeto final do curso de tradução e Estágio supervisionado: tradução-inglês. Além das obrigatórias que constam do fluxo, devem ser cursadas: 1 disciplina de literatura brasileira, 1 disciplina de literatura portuguesa, 1 disciplina de literatura inglesa, 2 disciplinas de uma das seguintes línguas: alemão, espanhol, francês ou japonês.

Tabela 1.2.2.2 - Grade curricular - cursos de graduação no Brasil

	SEM 1	SEM 2	SEM 3	SEM 4	SEM 5	SEM 6	SEM 7	SEM 8
Bacharelado em Letras - Hab. Tradutor/Intérp. (Instituição G)	Língua Port. I, Lingüística I, Teoria Lit. Aplic. I, Teor e Téc. Interp I, Língua Esp. I, Filosofia I, Ed. Física I, Teor Trad I, Prát Leit. e Prod. Texto (P/E) I	Língua Port II, Lingüística II, Teor Lit. Aplic II, Teor e Téc. Int. II, Língua Esp II, Filosofia II, Ed Física II, Teor Trad II, Prát Leit. Prod Tex (P/E) II	Língua Port III, Língua Esp III, Lingüística III, Cult e Cidadania I, Terminologia I, Informát Bás. I, Prát Leit Prod Tex (P/E) III, Téc Trad. I, Téc Int I	Língua Port IV, Língua Esp IV, Lingüística IV, Cult e Cidad II, Terminologia II, Informát Bas. II, Prát Leit Prod Tex (P/E) IV, Téc Trad II, Téc Interp II	Língua Port V, Língua Esp V, Cultura Esp I, Int Cons e Sim P/E I, Trad Literária I, Teologia I, Versão oral e escrita I	Língua Port VI, Língua Esp VI, Cultura Esp II, Int Cons e Simult P/E II, Trad Literária II, Teologia II, Versão oral e escrita II	Língua Port VII, Língua Esp VII, Int Cons e Simult P/E III, Cult Hispanoam I, Téc Fono-articulat, Trad Tec Cient I, Versão oral e escrita III, Est sup trad e interp I	Língua Port VIII, Língua Esp VIII, Int Cons e Simult P/E IV, Cult Hispanoam II, Deontologia, Trad Tec Cient II, Versão oral e escrita IV, Est sup trad e interp II
Bacharelado em Tradução Inglês/Port. (Instituição H)	EPB I, Int est ling I, Leit prod textos I, Teor lit I, L'ng lat I,	EPB II, Lit port I, Lit brasil I, Ling grega I morfo sintaxe, Int est ling II, Leit prod textos II, Língua ingl I	Desc port II morfo sintaxe, Est linguist. I fonologia, L'ng ingl II	Desc port III morfologia, Ling ingl leitura II, Ling ingl fonologia, Teoria da trad I	Est linguist II Semântica I, Ling ingl gram comunic I, Ling ingl redação I, Lit. ling inglesa poesia e teatro, Metodologia da trad	Desc port IV Estilist I, Lit ling ingl ensaio conto, Introd lit comparada, Trad textos gerais	Gramát contrastiva, Análise discurso, Lit ling ingl romance, Trad textos tec cient I	Monografia, Prát trad supervisionada
Bacharelado em Letras - Habilitação Tradutor (Instituição I)	Prát Desport I, Panor Cult da Lit. Bras I, Leit e Prod Textual, Inglês I, Leit Orientadas I, Est Lit: drama e narrativa, Conc bás de Lingüística	Panor Cult da Lit Bras II, Norma culta da língua port., Inglês II, Leit orient II, Est Lit: poesia, Est lingüísticos I	Teoria do texto, Elementos de Latim I, Inglês III, Est lingüísticos II, + disciplinas alternativas	Sintaxe do texto, Tradução: teoria e técnica, Inglês IV, Trad. do Inglês I, Lingüística e tradução	Panorama da Lit Portuguesa, Semântica do texto, Inglês V, Cultura Inglesa, Tradução do Inglês II	Prod textual I, Cultura norte americana, Inglês VI, Tradução do inglês III, Versão do inglês I	Prod textual II, Inglês VII, Trad do Inglês IV, Versão do inglês II, Estilística do Inglês	Estágio sup trad inglês I, Inglês VIII, Versão do inglês III, Terminologia I + disciplinas alternativas (*)
Bacharelado em Letras - Habilitação em Tradutor/Intérprete (Instituição J)	Língua Port I, Língua Ing I, Inglês: Fonét e Fonol I, Teoria Literária, Filosofia Ed. Cristã, Tec Pesquisa, Ed. física, Língua Esp I	Língua Port II, Língua Ing II, Inglês: Fonét e Fonol II, Língua e Lit Latina, Cult geral Mor. e Relig, Oficina de letras, Língua Esp II	Língua Port III, Inglês: Leit e prod escrita I, Oralidade em ling ing I, Inglês: fonét e fonol III, Lingüística, Teor de trad I, Term Aplicada, Lit port I, Lit bras I, Fund do Cristianismo I	Língua port IV, Inglês: leit e prod escrita II, Oralidade em ling ing II, Leit gên não-ficção ling ingl, Intr lingüística aplic, Teor de trad II, Oficina trad I, Lit port II, Lit bras II, Fund do Cristian II	Ling port V, Prát fluência língua ingl I, Leit intensiva em inglês, Cult povos ling ingl, Oficina trad II, Teor de trad III, Interpretação em LE I, Est. ciência e religião	Língua port VI, Prát fluência ling ingl II, Oficina de escrita em inglês, Introd expr estét ling ingl, Oficina trad III, Interpr LE II, Ética cristã, Estágio supervisionado I	Língua port VII, Leit prod texto ling port, Inglês avançado I, Lab de inglês I, Oficina trad IV, Interpr em LE III, Lit inglesa, Est lit. judaico-cristã I, Estágio supervisionado II	Língua port VIII, Leit prod texto ling port II, Inglês avançado II, Lab inglês II, Interpr LE IV, Oficina trad V, Lit norte americ, Est. lit judaico-cristã II, Estágio supervis III (**)

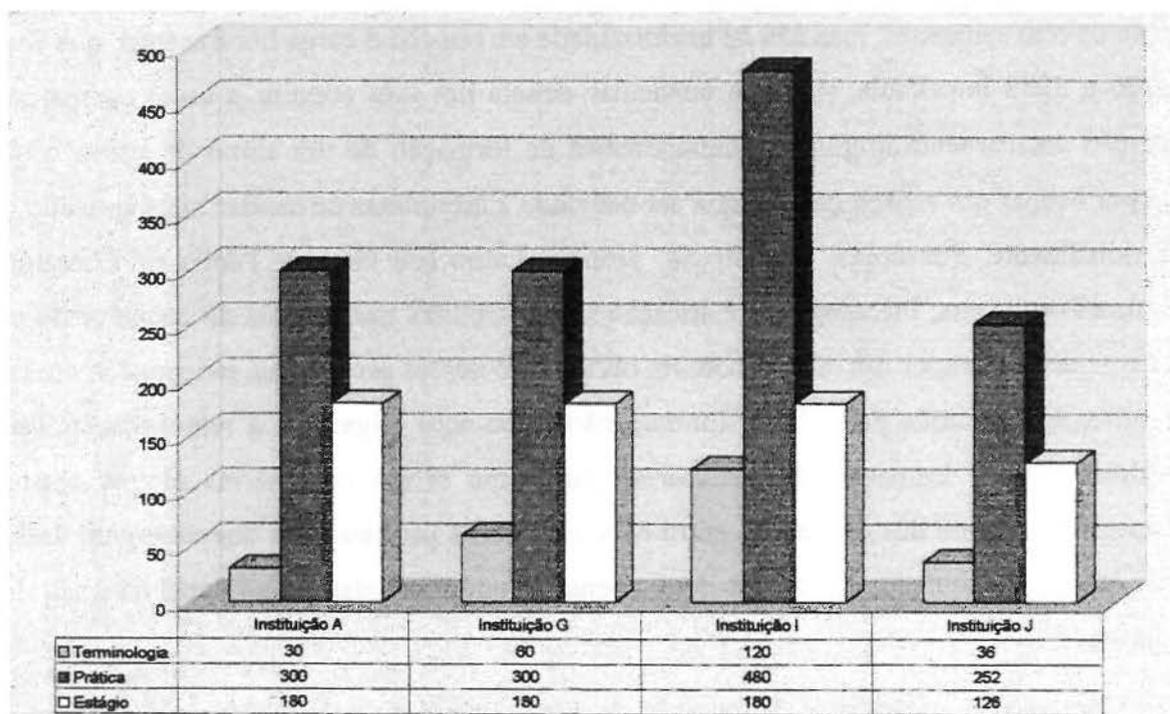
(*) SEM 9: Estágio sup de trad inglês II, Versão do inglês IV, Terminologia II. (**) Disciplinas eletivas: Informática I e II, Língua Espanhola III e IV, Versão oral I e II, Tópicos em Inglês, Tópicos em Português, Tópicos em Tradução.

Tabela I.2.2.2 (continuação)

Com exceção do programa de graduação das instituições B e I, os demais têm a duração de oito semestres, mas não há uniformidade em relação à carga horária total, que varia de 2160 a 3258 horas/aula. A grade curricular denota um viés comum a esses cursos: sua orientação notadamente lingüística, característica da formação de um aluno de letras, o que acaba por ocupar um espaço que poderia ser dedicado a disciplinas de caráter mais aplicado ou profissionalizante. Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Latim (ou Grego), Teoria da Literatura, Literatura Portuguesa, Psicologia da Educação são disciplinas tradicionais do bacharelado em letras e parecem compor um núcleo comum obrigatório nesses programas, independentemente da habilitação escolhida pelo aluno. Embora não caiba aqui julgarmos a relevância de cada uma delas para a formação de tradutores, parece-me serem necessários alguns ajustes, principalmente diante das diferenças entre os vários perfis profissionais que emergem desses cursos. Mas, por enquanto, vamos nos deter apenas às questões relativas ao papel da disciplina terminologia.

Começamos, então, pela delimitação do espaço ocupado pela terminologia no âmbito desses cursos em termos de horas/aula. Os valores individuais relativos a cada curso estão expressos na tabela I.2.2.1, apresentada anteriormente (p. 37). Como pode ser observado, não há uniformidade quanto ao número de horas da disciplina entre os cursos aqui mencionados, oscilando entre um mínimo de 16 horas/aula para um curso de especialização e um máximo de 120 horas/aula para um curso de graduação.

O gráfico a seguir ilustra o espaço ocupado pela terminologia em relação a outras disciplinas voltadas para a prática da tradução, nos cursos de graduação das instituições A, G, I e J. Na somatória da carga horária de "Prática", foram consideradas as disciplinas de prática de tradução e versão, como também técnica de tradução (no caso da instituição G).



Espaço ocupado pela Terminologia em relação a outras disciplinas de prática de tradução
(em horas/aula)

Mas vejamos como a disciplina terminologia tem sido abordada neste espaço tão estreito, a começar com os bacharelados oferecidos pelas instituições A e I.

Conforme já mencionado, o Bacharelado em Tradução Bilingüe – Inglês/Português, oferecido pela instituição A, prevê um total de 56 disciplinas, relacionadas na tabela I.2.2.1, correspondendo a 3060 horas/aula. A terminologia ocupa 0,98% desse total de horas e é oferecida no sétimo período (penúltimo semestre do curso). A seguir, apresenta-se a descrição da ementa e do programa da disciplina.

Ementa:

Iniciação ao estudo sistemático dos termos que dominam conceitos referentes a objetos, processos, produtos, etc. Princípios gerais que regem esse estudo. Elaboração de glossários inglês-português.

Programa:

1. Introdução; 1.1. O que é terminologia; 1.2. Necessidade e justificativa da terminologia em geral; 1.3. Relação da terminologia com o desenvolvimento científico e tecnológico; 1.4. Necessidade da terminologia em um país como o Brasil, levando em conta duas características: a) país lusófono, b) país em desenvolvimento.

2. Evolução da sociedade moderna e exigência de ordenação terminológica

3. Dados históricos da evolução dos estudos terminológicos; 3.1. Instituições e entidades terminológicas.

4. O termo *terminologia*; 4.1. Termo, conceito e denominação; 4.2. Língua especializada e língua comum; 4.3. Características distintivas de termo e palavra.

5. Objetivos dos estudos terminológicos e sua metodologia.

6. Árvore conceitual - ficha terminológica - papéis constituintes; 6.1. Estudos terminológicos e lexicográficos; 6.2. Cadeia terminológica.

7. Terminologia pontual e temática; 7.1. Terminologia monolíngue e multilíngue; 7.2. Cadeia de tratamento em estudo terminológico pontual multilíngue; 7.3. Pesquisa terminológica temática unilíngue e multilíngue.

8. Neologismo terminológico; 8.1. Modos de formação de termos.

9. Normatização terminológica; 9.1. Métodos de difusão terminológica.

10. Bancos de termos.

Na instituição I, o Bacharelado em Letras - Habilitação Tradutor, oferece um total de 44 disciplinas, correspondendo a 2985 horas/aula. A disciplina terminologia (I e II) tem uma carga horária de 120 hs/a, equivalente a 4% do total do curso, e é oferecida nos dois últimos semestres. Abaixo, a ementa e o programa da disciplina Terminologia I, como também a ementa da Terminologia II (o programa não foi fornecido).

Ementa:

Origem e desenvolvimento. Conceito, objetivo e métodos. Pesquisa terminológica: fontes documentárias, coleta, elaboração de fichas. Definição terminológica. Glossários e dicionários técnicos.

Programa:

Parte I: 1- Sentido e origem da terminologia; 2- Relações terminologia e tradução; 3- Diferentes escolas.

Parte II: 1- Conceitos básicos; 2- Termo; 3- Terminologia; 4- Terminografia; 5- Relações terminologia e lingüística.

Parte III: 1- Pesquisa terminológica; 2- Princípios teóricos; 3- Instrumental prático; 4- Aplicações.

Parte IV: 1- Análise crítica de dicionários e glossários; 2- Macroestrutura - seleção terminológica; 3- Microestrutura - definição terminológica.

Ementa (Terminologia II):

Formação de termos. Normalização. Pesquisa terminológica pontual e temática. Bancos de dados terminológicos.

Com uma rápida observação das ementas e dos programas acima, podemos perceber um enfoque mais teórico do que prático. Ambos dedicam-se ao estudo teórico da terminologia, sua definição, origens e desenvolvimento. Assim colocada, o caráter de "disciplina aplicada" perde-se em meio a seus conceitos. Isto pode nos levar a um primeiro questionamento, uma vez que se está lidando com a formação de tradutores e não de terminólogos: quais os objetivos da disciplina e quais aspectos devem ser priorizados para melhor atender às necessidades dos alunos em tão pequeno espaço.

Vejam como se dá essa abordagem em dois cursos de especialização em tradução, oferecidos respectivamente pelas instituições A e D. O primeiro é composto por 12 disciplinas⁷ e possui uma carga horária total de 360 horas/aula, com duração de um ano. Destas 360 horas, 16 são dedicadas à terminologia, representando 4,4% do total. Abaixo, a ementa e o programa da disciplina:

Ementa:

Noções básicas de terminologia como campo multidisciplinar em sua constituição e aplicação. Fundamentos para a elaboração de glossários especializados.

Programa:

1ª aula: Introdução. Linguagem e Terminologia. Terminologia e Tradução. Definições. Origem do fenômeno terminológico. História e evolução dos estudos terminológicos. Órgãos e instituições dedicados aos estudos terminológicos.
 2ª aula: Objetivos e metodologia da pesquisa terminológica. Objetivos gerais e específicos. Etapas da pesquisa. Conceito: características. Árvore conceitual. Ficha terminológica. Estudos lexicográficos e terminológicos. Cadeia terminológica.
 3ª aula: Neologia e Neomimíia. Modos especiais de formação. Fatores psico e sócio-lingüísticos. Normatização.
 4ª aula: Banco de termos. Constituição. Gerenciamento.

O segundo curso tem a duração de dois anos e é composto por 10 disciplinas⁸, com 72 horas/aula cada. A disciplina "Terminologia comparada: modelos e métodos" compreende 36

⁷ Introdução aos estudos de linguagem; Prática de tradução de ficção de consumo; Teorias de tradução; Prática de tradução de vídeo e cinema; Terminologia; Prática de tradução de informática; Leitura e epistemologia; Prática de tradução literária; Prática de tradução juramentada; Prática de tradução de economia e administração; Prática de tradução técnico-científica; e Metodologia de ensino de tradução.

⁸ Lingüística contrastiva I; Lingüística contrastiva II; Prática de tradução I; Prática de tradução II; Prática de tradução III; Prática de tradução IV; Produção e reprodução de textos: teoria e prática; Terminologia comparada: modelos e métodos; Tópicos de prática de tradução; e Tópicos de teoria da tradução.

horas de aulas práticas e 36 horas de trabalho individual, e visa a "transmitir aos alunos o instrumental teórico e prático necessário para a condução de pesquisas terminológicas mono e bilingües, e para a produção de glossários terminológicos". A ementa da disciplina não está disponível, mas seu programa é apresentado abaixo.

Programa:

1. Conceituação de terminologia. Terminologia e tradução. 2. A noção de situação em terminologia. 3. Terminologia, semântica e lexicografia. 4. A pesquisa pontual. 5. A análise terminológica. 6. A pesquisa temática. 7. A ficha terminológica. 8. A definição terminológica. 9. Sinonímia, neologismos e padronização. 10. Bancos de dados terminológicos. 11. Identificação de termos. 12. Compilação de termos.

Também aqui podem ser observados componentes essencialmente teóricos, caracterizando a disciplina terminologia em ambos os cursos. No programa da instituição A, há um desequilíbrio aparente entre o componente teórico (três primeiras aulas) e o componente de natureza mais prática (quarta aula). Este mesmo desequilíbrio pode ser verificado no programa do curso oferecido pela instituição D. Em nenhum destes programas faz-se menção explícita a um componente de caráter mais aplicado, como por exemplo, a familiarização com fontes e recursos terminológicos para a tradução, identificado como objetivo mais importante por grande parte dos alunos respondentes, conforme visto anteriormente. Tal desequilíbrio parece configurar-se como um dos principais fatores responsáveis pela insatisfação dos alunos em relação ao que lhes é apresentado enquanto conteúdo e objetivos da disciplina terminologia.

No gráfico mostrado à página 52, podemos visualizar o desequilíbrio entre a carga horária da terminologia e a de outras disciplinas de tradução, e as ementas e programas sugerem uma prevalência teórica em sua abordagem. Examinemos agora a forma como a terminologia tem sido abordada – quando abordada – nas disciplinas de prática de tradução, a partir de ementas e programas dessas últimas. Vejamos as formas de manifestação da terminologia nas disciplinas de prática de tradução, primeiramente nos cursos onde é oferecida; em seguida, veremos de que forma os aspectos terminológicos da tradução são tratados em um curso de cuja grade curricular a disciplina não faz parte. Continuaremos a ter como base os cursos até aqui analisados (tabela I.2.2.1):

- Bacharelado em Tradução Bilingüe – Inglês/Português (A)

Iniciação à tradução

Abordagem contrastiva de determinadas estruturas. Tradução de textos de caráter geral, com bibliografia teórica introdutória. **Desenvolvimento de estratégias de pesquisa: uso de fontes de consulta e de referência.**

Programa:

Estudo contrastivo de determinadas estruturas do inglês e do português (sintagmas nominais, aspectos e tempos verbais, etc.). **Uso de dicionários e outras fontes de consulta.** Tradução comentada de textos de natureza diversa. Convenções utilizadas na redação de textos em português (aspas, grifo, numerais, etc.). Leitura e discussão de textos teóricos.

Tradução técnico-científica I

Prática de tradução comentada, com embasamento teórico, de textos literários e científicos com grau de complexidade médio. Problematização dos limites entre a tradução literária e a técnico-científica.

Programa:

1. Discernimento e análise das características estilísticas, estruturais, lexicais, etc., do texto técnico.
2. Discernimento e análise das características estilísticas, estruturais, lexicais, etc., do texto científico.
3. Reflexão sobre os critérios de classificação dos textos e diferentes tipologias.
4. Relevância da análise teórica para a atividade da tradução.
5. **Exercícios de tradução de textos das várias áreas técnico-científicas, articuladas com reflexões teóricas sobre a prática tradutória e com a elaboração de glossários especializados.**

Tradução técnico-científica II

Prática de tradução comentada, com aprofundamento teórico, de textos técnicos e científicos com grau avançado de complexidade e especificidade.

Programa:

1. Características do texto técnico e científico especializado.
2. **Questões relacionadas à terminologia específica de determinadas áreas.**
3. Exercícios de tradução de textos das várias áreas técnico-científicas, em nível avançado.

Tradução avançada

Prática de diferentes modalidades de tradução: manuais, legendas de filmes, entrevistas, ensaios, comunicações acadêmicas e científicas, etc.

Programa:

. Introdução a diferentes modalidades de tradução escrita: contos, manuais, entrevistas, ensaios, comunicações acadêmicas, etc.
 . **No caso de textos técnicos ou científicos, abordagem de problemas relacionados à terminologia especializada das várias áreas.**

- Bacharelado em Tradução/Interpretação - Português/Inglês (G):

Técnica da tradução I

Discussão do processo tradutório em suas especificidades. Abordagem contrastiva de traduções publicadas, enfocando determinadas estruturas. Tradução de textos de natureza genérica, com bibliografia teórica.

Técnica da tradução II

Discussão do processo tradutório em suas especificidades. Abordagem contrastiva de traduções publicadas, enfocando determinadas estruturas. Tradução de textos de natureza genérica, com bibliografia teórica.

Teoria e prática da tradução técnico-científica

Prática da tradução técnico-científica em diferentes áreas de conhecimento e avaliação e escolha de estratégias tradutórias estruturais, textuais ou supratextuais para a solução de problemas.

Programa:

1- Estudo comparativo de textos originais e traduzidos: a) aspectos estruturais, textuais e supratextuais; b) aspectos de estratégias tradutórias. 2- Falsos cognatos. **3- Fontes de pesquisa para a solução de problemas: dicionários, livros, especialistas, e-mail, WWW.** 4- **Glossários.** 5- Prática do processo tradutório técnico-científico: a) o enfrentamento de problemas linguísticos, culturais, sociais, políticos, de citações, de funções, de registros; b) escolha de estratégias tradutórias; c) busca de fontes de pesquisa; **d) montagem de glossário.** 6- O cliente e o público alvo: a tradução formal e a dinâmica. 7- Estudo comparativo de tradução intuitiva e de tradução realizada após discussão teórica.

- Bacharelado em Letras - Habilitação tradutor em português e inglês (I):

Tradução: teoria e técnica

Discutir e analisar a natureza do processo tradutório em suas especificidades. Conhecer e explicar os procedimentos de tradução nos níveis fonológico, lexical, sintático, semântico e pragmático da língua.

Programa:

- I. Introdução: a) O que é tradução; b) Definições de tradução; c) História da tradução.
- II. Semântica: a) Teorias do significado e a tradução.
- III. Pragmática: a) Atos de fala; b) Idiomaticidade e convencionalidade.
- IV. Tradução literária / tradução e cultura.
- V. Terminologia: a) **Introdução à terminologia**; b) **Lexicologia e lexicografia**; c) **Glossários**; d) **Neologismos**.

Tradução do inglês I

Desenvolvimento de habilidades pertinentes à transposição de textos pragmáticos da língua inglesa para o vernáculo. Tradução de textos de ciências biológicas e de ciências exatas e tecnologia. **Uso de fontes de referência.**

Programa:

1. Conceito de tradução: Tradução produto; Tradução processo.
2. Etapas do Ato Tradutório: Universo Cognitivo e leitura; O leitor/tradutor.
3. Estruturas lingüísticas em contraste: Seqüência de tempos verbais; Perfeito em Inglês e em Português; O emprego do Pronome Possessivo.

Versão do inglês I

Desenvolvimento de habilidades pertinentes à transposição de textos pragmáticos em língua vernácula para a língua inglesa. Versão de folhetos, periódicos e documentos. **Uso de fontes de referência.**

Programa:

Exercícios de versão abordando as estruturas lexicais e sintáticas básicas das línguas envolvidas no processo. Versão de textos simples quanto a sua estrutura léxico-sintática com destaque para os aspectos contrastivos.

- Bacharelado em Letras - Habilitação em Tradutor e Intérprete (J):

Oficina de tradução I

Prática de tradução de textos gerais: organização social e administrativa, comércio, indústria, meios de comunicação, relações econômicas internacionais; empresas multinacionais; vida financeira e bancária; economia dirigida e de mercado.

Oficina de tradução II

Prática de tradução de textos técnicos e científicos: ciência moderna, química, física, biologia, engenharia, medicina; produção de energia; problemas ecológicos.

Oficina de tradução III

Prática de tradução de textos jurídicos, políticos e religiosos: instituições de direito civil, comercial, administrativo e penal; direito internacional público e privado. Textos políticos: organização político-partidária. Textos religiosos.

Como se pode observar nas ementas e nos programas acima, certos aspectos terminológicos da tradução encontram-se diluídos no conteúdo programático de algumas disciplinas voltadas para a prática tradutória. Na instituição A, as disciplinas de tradução técnico-científica e tradução avançada prevêem entre suas atividades a elaboração de glossários e a discussão de questões relacionadas à terminologia de certas áreas de especialidade. Na instituição G, não foi possível obter o programa das disciplinas de técnica da tradução I e II e, em suas ementas, não há quaisquer referências a questões terminológicas. No entanto, na disciplina "Teoria e prática da tradução técnico-científica" há referências específicas quanto a fontes de pesquisa e glossários, incluindo-se aí a sua elaboração. Na instituição I, há um item específico dedicado à terminologia no programa da disciplina "Tradução: teoria e técnica", mas nas outras duas disciplinas mencionadas (tradução e versão) não há qualquer menção a aspectos terminológicos da tradução. O mesmo ocorre nas disciplinas de oficina de tradução da instituição J; embora os programas não tenham sido fornecidos pela instituição, a ementa dessas disciplinas não faz menção específica à terminologia, seja enquanto vocabulário especializado ou atividade inerente à prática tradutória.

Pode-se perceber, por um lado, uma certa ênfase dada à elaboração de glossários especializados. Por outro, não há qualquer referência mais explícita quanto à metodologia utilizada na preparação desses glossários. Tampouco há referências mais específicas quanto aos tipos de fontes de consulta terminológica (exceto dicionários) a serem apresentados aos alunos, nem quanto à metodologia de pesquisa terminológica, visando a auxiliá-los na tradução de textos técnico-científicos. Aqui, vale um breve retorno ao conteúdo programático das disciplinas de terminologia das instituições A e I: não há referências explícitas a uma aplicação da terminologia nas disciplinas de prática de tradução. A observação do conteúdo dessas disciplinas sugere uma falta de integração entre as mesmas; nas disciplinas de prática de tradução pratica-se terminologia, mas não se reconhece essa atividade como tal, enquanto que nas disciplinas de terminologia seu caráter eminentemente aplicado à atividade tradutória parece não ser explorado. O próprio período de oferecimento dessas disciplinas inviabiliza qualquer possibilidade de integração entre elas.

Vejam, a seguir, como se manifestam os aspectos terminológicos da tradução no Programa de Bacharelado em Letras - Tradução, Habilitação Inglês, oferecido pela instituição B, cuja grade curricular não inclui a terminologia. Este programa tem a duração de quatro anos e meio e oferece um elenco de 36 disciplinas, mencionadas na tabela I.2.2.2 mais atrás. A seguir, são apresentadas as ementas de algumas disciplinas voltadas para a prática de tradução:

Prática de tradução inglês/português: textos gerais

Textos gerais: organização social e administrativa; comércio, indústria, meios de transporte, serviços, meios de comunicação, sindicatos, assistência social.

Prática de tradução inglês/português: textos econômicos

Textos sobre economia: relações econômicas internacionais; organização da economia interna; empresas multinacionais; a vida financeira e bancária; economia dirigida de mercado.

Prática de tradução inglês/português: textos técnico-científicos

Textos sobre assuntos científicos e tecnológicos: ciência moderna, conquistas da química, física e biologia; a engenharia e a medicina; a produção de energia; problemas ecológicos.

Uso do processador de textos

Emprego do processador de textos no trabalho de tradução: **redação e armazenamento de glossários**. Prática em uso do processador de textos.

Como se pode observar, embora não haja qualquer referência à pesquisa terminológica ou ao estudo teórico da terminologia, o “armazenamento de glossários” aparece na ementa da disciplina “Uso do Processador de Textos”. Não há qualquer referência mais explícita à terminologia nas ementas das disciplinas de “Prática de Tradução” (compreendendo textos gerais, jurídicos, econômicos, técnico-científicos e literários), as quais poderiam constituir um autêntico laboratório para a discussão de questões terminológicas, além de servirem para o desenvolvimento de práticas terminológicas mais sistematizadas.

Num ensaio em que discute a pertinência da terminologia nos cursos de tradução, Sager cita o depoimento de uma tradutora profissional, integrante de uma mesa-redonda de um congresso realizado na Universidade de Laval, no Canadá, em 1986. A tradutora observa que “os cursos introdutórios de 35-40 horas/aula oferecidos na maioria das universidades canadenses, que em duração se comparam à maioria dos cursos oferecidos por universidades européias, são totalmente inadequados”. Ela argumenta que:

se a pesquisa terminológica pode ocupar uma parte considerável do tempo gasto numa tradução técnica, deveríamos perguntar se à sua prática não deveria ser dedicado tempo igual, ou pelo menos comparável, às muitas horas dedicadas à prática da tradução [técnica], que faz parte de qualquer curso. Aulas práticas de pesquisa terminológica deveriam, portanto, acompanhar todas as aulas de prática de tradução (1992: p. 108).

No meio acadêmico brasileiro, embora seja reconhecida a importância da terminologia no processo tradutório, essa importância não se vê amplamente refletida na formação de tradutores, conforme sugerem os dados aqui apresentados. Da mesma forma que hoje é ainda possível detectar buracos negros da terminologia na prática tradutória, é possível também, como vimos, detectar buracos negros na formação de futuros tradutores. Podem ser atribuídas diversas razões para a ocorrência desses buracos, e estaremos voltando a este tópico mais

adiante. Por enquanto, vale repetir aqui o que afirma Sager: “são os tradutores que precisam de noções de terminologia [...] porque eles têm que atuar como terminólogos quando se deparam com decisões relativas à escolha adequada entre várias alternativas de formas de expressão” (*op. cit.*, p. 112).

Como vimos, meus respondentes reconhecem plenamente a importância da terminologia em sua atividade e se mostraram familiarizados com algum tipo de ferramenta terminológica informatizada para apoio ao seu trabalho. Entretanto, o mesmo não acontece com futuros tradutores oriundos dos cursos de graduação aqui oferecidos, conforme sugerem os dados aqui apresentados. Apesar de reconhecerem a pertinência da terminologia para a sua formação, a grande maioria dos respondentes em 1999 desconhece recursos terminológicos para a tradução e não utiliza ferramentas computadorizadas em suas aulas, sejam de terminologia ou de prática de tradução. Embora os dados indiquem que os alunos têm alguma experiência na elaboração de glossários, tal experiência é praticamente inexistente quando se trata da utilização de ferramentas terminológicas para a tradução. É curioso observar que nas instituições visitadas existe infra-estrutura computacional para o desenvolvimento desse tipo de atividade, mas a partir também da observação *in loco* de algumas dessas instituições, tais condições parecem não estar sendo bem aproveitadas.

Os dados aqui apresentados apontam um panorama do ensino de terminologia nos cursos de tradução no Brasil em que se pode verificar a necessidade de um maior balanceamento entre o que é oferecido e as expectativas dos alunos. Algumas alternativas podem ser pensadas não só a partir do que dizem os alunos, mas também com base nos dados obtidos junto aos próprios tradutores. Estaremos retomando esta questão mais adiante, no terceiro episódio desta breve história; por enquanto, vamos examinar alguns programas de formação em tradução oferecidos por instituições de ensino superior no exterior e tentar identificar os pontos em que se aproximam ou se afastam daqueles oferecidos no Brasil.

Um perfil da formação de tradutores no exterior

Diferentemente da metodologia adotada para a realização do levantamento de programas de tradução no Brasil, o escopo da pesquisa realizada na Grã-Bretanha e Irlanda foi ampliado, e abrange um maior número de cursos em nível de pós-graduação. Isto se deveu principalmente ao fato de que "no Reino Unido [a formação de tradutores] geralmente se dá nos cursos de pós-graduação" (Owens, p. 33). Foi realizada uma seleção preliminar de instituições acadêmicas por meio de uma consulta direta ao diretório de escolas de tradução do Instituto de Tradução e Interpretação (ITI), e por meio de uma busca específica de cursos de tradução no banco de dados do Serviço de Admissão a Universidades e Faculdades do Reino Unido (UCAS), ambos disponíveis na Internet. Foram consideradas ainda outras instituições que não constam nesses lugares, mas são mencionadas nos textos sobre o assunto. Esta busca resultou em 30 instituições, oferecendo um total de 77 cursos dedicados à formação de tradutores (explicitamente ou não), 30 em nível de graduação e 47 em nível de pós-graduação.

A diversidade terminológica empregada para designar esses cursos conduziu a uma busca mais minuciosa em sua descrição, principalmente de objetivos e de oportunidades de atuação profissional, informações essas disponíveis em guias estudantis e em brochuras *online* encontradas nos sites das respectivas instituições. Desta forma, um critério adicional para a seleção dos programas foi a menção ao desenvolvimento de habilidades específicas de tradução na descrição dos objetivos de cada curso ou à possibilidade de atuação como tradutor/a na descrição das oportunidades de trabalho, uma vez que na maioria das vezes o nome do curso propriamente dito não mencionava explicitamente a formação em tradução.

Nesse sentido, é interessante observar que menos de um terço dos cursos de graduação são explicitamente chamados de "Tradução e Interpretação" ou "Tradução"⁹; a grande maioria dos programas que incluem a formação de tradutores na graduação (24) encontra-se escamoteada em carreiras como "Línguas", "Línguas Modernas" e "Linguística". Tratam-se de programas modulares que oferecem ao aluno as bases para uma formação específica a partir de um eixo comum de disciplinas obrigatórias e de disciplinas optativas, estritamente

⁹Uma busca direta por programas de tradução/interpretação na base de dados do UCAS, realizada em julho de 1999, resultou em apenas 18 cursos de tradução (seis universidades).

relacionadas e direcionadas à especialidade escolhida pelo aluno. Isto já não acontece com o ensino em nível de pós-graduação; neste caso, a maioria dos cursos (*Postgraduate Diploma/Certificate, Master of Arts/Diploma, ou Master of Science*) faz menção explícita à tradução e/ou tradução e interpretação, embora existam também algumas denominações mais genéricas, como, por exemplo, "Técnicas Vocacionais" ou "Línguas Modernas".

Conforme mencionado, foram pesquisadas 30 instituições de ensino na Inglaterra, Escócia, País de Gales, República da Irlanda e Irlanda do Norte. Desse total, apenas seis instituições oferecem cursos específicos de graduação em tradução, e, nas demais, tal formação ou se dá em nível de pós-graduação ou faz parte dos chamados "bacharelados em línguas modernas". As instituições que compõem a presente análise são as seguintes: Dublin City University, University of Bath, University of Bristol, University of Leeds, University of Manchester Institute of Science and Technology, University of Salford e University of Surrey.

Dos inúmeros programas que apontam a tradução como possível área de formação profissional, apenas 11 (correspondendo a 4 universidades) oferecem explicitamente a disciplina terminologia como módulo ou unidade integrante de sua grade curricular. Essas universidades estão aqui identificadas respectivamente por Instituição K, Instituição L, Instituição M e Instituição N.

Os cursos que não oferecem a terminologia por vezes abordam tópicos a ela relacionados em disciplinas tais como "análise de texto e vocabulário", "prática de tradução especializada", "tecnologia de informação", "ferramentas computacionais para a tradução" ou "tradução assistida por computador". Este é o caso de outras três universidades, doravante identificadas apenas por Instituição O, P e Q. Os cursos no exterior considerados em minha análise são apresentados na tabela I.2.2.3 como também o espaço neles ocupado pela terminologia. A grade curricular de alguns dos programas de graduação e de pós-graduação é apresentada nas tabelas I.2.2.4 e I.2.2.5, apresentadas a seguir.

INSTITUIÇÃO	CURSO	NÍVEL	DURAÇÃO (em semestres)	TOTAL DISCIPLINAS	TOTAL CRÉDITOS / HS	TERMINOLOGIA	
						NO. CR/HS	%
K	<i>BA Hons in Modern Languages & Translation and Interpreting Studies</i>	G	8	36 + year abroad	240 cr	5 cr / 24 hs	2%
	<i>MA/Diploma for Advanced Studies in Translating</i>	PG	2	7 + dissertation	228 hs	24 hs	10,5%
L	<i>BSc Linguistic and International Studies French Programme for Future Lge Profes</i>	G	8	36 + year abroad	3600 hs	24 hs	0,6%
	<i>MA in Translation (EN, FR, ES)</i>	PG	2	20 + dissertation	350 hs	24 hs	6,8%
M	<i>BSc (Hons) in French Language Studies</i>	G	8	36 + year abroad	3600 hs	82 hs	2,2%
	<i>MLang Trans in French & Translation Studies</i>	G	8	36 + year abroad	3600 hs	82 hs	2,2%
	<i>MA Translation Studies</i>	PG	2	6 + dissertation	492hs	82 hs	16,5%
N	<i>BA in Applied Languages - Translating with Interpreting (EN, FR, ES)</i>	G	8	36 + year abroad	240 cr / 3600 hs	5 cr / 75 hs	2 %
	<i>Graduate Dip/ MA in Translation Studies</i>	PG	2	8 + dissertation	600 hs	n/a	
O	<i>MA in Applied Translation Studies (EN as mother tongue + FR, ES)</i>	PG	2	6 + dissertation	120 cr	n/a	
P	<i>MA/Diploma in Translation</i>	PG	4	8 + dissertation	240 hs	12 hs	5 %
Q	<i>BA (hons): Modern Languages and European Studies (FR + IT)</i>	G	8	40	240 cr	não consta	

Tabela I.2.2.3 - Espaço ocupado pela terminologia em alguns cursos de tradução no exterior

	SEM 1	SEM 2	SEM 3	SEM 4	SEM 5	SEM 6	SEM 7	SEM 8
BA Hons in Modern Languages and T&I Studies (K)	<i>French 1, German 1, Ab initio lge, Intro to European history, European Union, Linguistics 1</i>	<i>French 2, German 2, Subsidiary lge, Linguistics 2</i>	<i>French 3, German 3, Subsidiary lge, Theory of translation, Lexicography and Terminology,</i>	<i>Year abroad</i>		<i>French 4, German 4, Subsidiary lge, FR Translation and Interpreting (T&I) I, GR Translation and Interpreting (T&I) II,</i>	<i>French 5, German 5, Subsidiary lge, FR T&I II, GE T&I II, GE simultaneous interpreting,</i>	<i>French 6, German 6, FR Extended translation, GE Extended translation, Consecutive interp FR, Consec interp GE</i>
MLangTrans in French and Translation Studies (M)	<i>Linguistics I, Linguistics II, Information and communication technology, Introduction to CL, French syntax and discourse I, Written French I, Spoken French I, French Phonetics, Aspects of Modern French, Translation Studies, Combined/Subsid German I</i>		<i>Linguistics III, Lexicography, French syntax and discourse II, French morphosyntax, Written French II, Spoken French II, France and Europe, Translation Studies II, Computer aids for translators, Combined/Subsid German II</i>		<i>Year abroad</i>		<i>Theoretical linguistics, Terminology, Translation theory, Pragmatics, French-English translation, Spoken French III, Aspects of Modern France, French project, French translation project, French cinema and society I, French cinema and society II</i>	
BA in Applied Languages - Trans & Interp (N)	<i>Economic analysis, Intr to Linguistics, English lge skills, Intr IT & research methods, Intermediate lge 3, Ab initio lge 1, Culture & Society 1 Fr/Ge/Sp, Trans. practice Fr/Ge/Sp/Ja</i>	<i>Science Foundation, Linguistics for linguists, Intermediate lge 4, Language 2, Culture & society 2 Fr/Ge/Sp, Translation practice Fr/Ge/Sp/Ja</i>	<i>Language 4A/5A, Language 5B, Culture & society 2A, Translation A (econ), Translation B (econ), Culture & society 2B, Intercultural studies I, Contrastive Stylistics</i>	<i>Language 5A/6A, Language 6B, Specialised transl A, Specialised transl B, Science foundation 2, Terminology</i>	<i>Year abroad, Project (major piece of original research) Possible INTRA placement</i>		<i>Language 7A, Language 7B, Transl theory, Specialised transl A, Specilised translation B, One special subject</i>	<i>Language 8A, Language 8B, Transl technology, Specialised transl A, Specialised transl B, One elective</i>
BA (hons) Modern Languages and European Studies (FR & IT) (Q)	<i>FR w&s lge 1A, FR cultural studies 1A, FR politics & society 1A, IT w&s lge 1A, IT cultural studies 1A, Italian politics & society 1A, Europe 1A</i>	<i>FR w&s lge 1B, FR cultural studies 1B, FR politics & society 1B, IT w&s lge 1B, IT cultural studies 1B, IT politics & society 1B, Europe 1B</i>	<i>FR w&s lge 2A, FR cultural studies 2A, FR politics & society (advanced) 2A, IT w&s lge 2A, IT cultural studies 2A, IT politics & society 2A, Europe 2A</i>	<i>FR w&s lge 2B, IT w&s lge 2B, Europe 2B: Economics of the European Union, FR cultural studies 2B, FR politics & society 2B, IT cultural studies 2B, IT politics & society 2B</i>	<i>Year abroad</i>		<i>FR w&s lge 4A, IT w&s lge 4A, FR national option: lge specialist translation A, FR national option: lge specialist interpreting A, IT national option, European option</i>	<i>FR w&s lge 4B, IT w&s lge 4B, FR national option: lge specialist translation B, FR national option: lge specialist interpreting B, IT national option, European option</i>

Tabela I.2.2.4 - Grade curricular - programas de graduação (BA's) no exterior

	SEM 1	SEM 2	SEM 3
<i>MA/Dip for Advanced Studies in Translating (K)</i>	<i>Translation A into English, Translation A from English, Lexicography and Terminology, Principles of translation, Information Technology, Keynote lectures, Specialised translation and Business practice seminars, + Subsidiary language, Translation B into English with Specialised translation seminars.</i>	<i>Translation A into English, Translation A from English, Extended translation, Terminology project, Information Technology, Keynote lectures, Specialised translation and Business practice seminars, + two options: Subsidiary language, Translation B into English with specialised translation seminars,, Translation studies.</i>	<i>Dissertation (MA candidates)</i>
<i>PGDip/MA in Translation (L)</i>	<i>Principles of economics, Aspects of English law, Translation in specialist subject areas, Lexicography and Terminology, Translation theory, Technical writing (specialist stream), Text analysis, Norwegian or Greek for beginners (ab initio), Translation as a profession.</i>	<i>Applied economics, Aspects of European Union law, Principles of technology, Specialist translation in the fields of economics/politics, law and technology, Terminology, Computerised terminography and Technical writing (specialist stream), Introduction to machine translation, Translation theory, Norwegian or Greek for beginners, Translation as profession, Extended translation.</i>	<i>Dissertation (for MA candidates)</i>
<i>Graduate Dip?MA in Translation Studies (N)</i>	<i>Translation technology (including Terminology Management, CAT, MT), Translation theory, General translation - Ge/Fr/Sp/Ja/Ir, Economic translation - Ge/Fr/Sp/Ja/Ir, Scientific/Technical translation - Ge/Fr/Sp/Ja/Ir, Academic/Literary translation - Ge/Fr/Sp/Ja/Ir, Language - Ge/Fr/Sp/Ja/Ir Options: Language 2 - Ge/Fr/Sp/Ja/Ir, Software localisation, Corpus based lexicography and Terminology</i>		<i>Dissertation (for MA candidates)</i>
<i>MA in Applied Translation Studies (EN + FR, SP) (O)</i>	<i>Methods and Approaches: Applied Translation Studies, Machine-Assisted Translation: Applied Translation Studies, Advanced French-English Translation, Advanced Spanish-English Translation, Introduction to Translation Studies, Extended Translations, Research Methods and Computing Skills.</i>		<i>Dissertation: Translation Studies</i>
<i>MA/Dip in Translation (P)</i>	Year one: (3 terms) <i>Theory and practice of translation: (a) Theory of translation, (b) Translation techniques, Analysis of text and vocabulary: (a) Text analysis, (b) Terminology/lexicography, General translation I, Semi-specialised translation I.</i>	Year two: (3 terms) <i>General translation II, Semi-specialised translation II, The translator's expertise: (a) Subject expertise, (b) Introduction to interpreting, The translator's business: (a) Business practice, (b) Information technology.</i>	7th term: <i>Dissertation</i>

Tabela I.2.2.5 - Grade curricular - programas de PG (MA's) no exterior

Como pode ser observado na tabela I.2.2.3, os cursos de graduação aqui analisados têm uma duração de oito semestres, sendo que dois deles, normalmente o quinto e o sexto, são obrigatoriamente cursados no país do idioma estrangeiro estudado – ou países, no caso de o aluno haver optado por dois idiomas. Com relação ao idioma ou idiomas escolhidos pelo aluno, é importante notar que, para ingressar nesses cursos o aluno deve demonstrar proficiência na língua estrangeira em que deseja se especializar, ao contrário do sistema de admissão majoritariamente adotado no Brasil; se sua formação abranger dois idiomas estrangeiros, apenas um deles pode ser estudado *ab initio*. Os cursos geralmente obedecem a uma mesma estrutura e as disciplinas são distribuídas de forma a totalizarem uma carga horária aproximada de 3600 horas/aula. As grades curriculares apresentadas na tabela I.2.2.4 referem-se a quatro bacharelados em línguas modernas, havendo, em três deles (instituições K, M e N), uma ênfase específica na formação em tradução. Em todos os casos, enfatiza-se o aprofundamento do(s) idioma(s), pois as disciplinas de língua estrangeira estão inseridas ao longo dos oito semestres, assim como do estudo de aspectos culturais, históricos, políticos ou econômicos do país cujo idioma está sendo estudado. Com exceção da instituição O, as disciplinas de tradução são oferecidas desde o início do curso, já no primeiro semestre, ou a partir do terceiro.

Os cursos de pós-graduação aqui mencionados diferem dos programas oferecidos por instituições brasileiras, sobretudo quanto à sua duração, natureza e objetivos. Sua duração é geralmente de dois semestres para o *Postgraduate Diploma* (PGDip) e de três para o *Master of Arts* (MA), sendo o terceiro semestre dedicado à redação de uma dissertação. Tais programas visam basicamente a complementar a formação profissional do aluno e sua ênfase é, portanto, no desenvolvimento de habilidades práticas e não numa formação mais teórica, conforme sugere a grade de disciplinas mostrada na tabela I.2.2.5.

Como no caso dos cursos brasileiros, inicialmente procuramos identificar o lugar da terminologia na estrutura de cada programa de tradução, ou seja, o número de horas/aula da disciplina ou módulo de estudo. Conforme ilustrado pela tabela I.2.2.3, pode-se observar que a terminologia, enquanto disciplina inserida na grade curricular, aqui também ocupa pouco espaço, oscilando entre menos de 1 e 5% do total de horas/aula. As exceções aqui observadas foram os cursos de pós-graduação das instituições K e M, nos quais a terminologia ocupa respectivamente 10,5% e 16,5% da carga horária total.

Uma vez delimitado o espaço da terminologia, procuramos identificar sua abordagem em cada um dos cursos, seja como matéria de um módulo exclusivo ou como componente de algum outro módulo. Isto foi feito tendo-se em mente três noções ou aspectos que atualmente definem a terminologia – uma disciplina ou área de estudo, uma prática ou atividade, e um produto dessa prática (cf. Cabré, p. 16) – e como tais aspectos têm sido explorados no universo da formação de tradutores. Além disso, tomou-se como ponto de partida algumas idéias discutidas por Keith (1989) e Owens (1996) relacionadas às características, qualidades pessoais e habilidades que futuros profissionais devem ter ou desenvolver. Entre essas características e habilidades, especial atenção foi dada àquelas relativas à terminologia, seja enquanto vocabulário especializado ou como atividade voltada para a compilação, armazenamento e recuperação de termos e dados terminológicos.

Vejamos, a seguir, os objetivos e programas da disciplina terminologia, oferecida em alguns dos cursos mencionados acima:

Instituição:	L
Período de oferecimento:	variável na graduação; ambos os semestres na PG
Nível:	BA/MA
Nome da disciplina:	<i>Terminology</i>

Objetivos:

Aims - from the point of view of the tutor
 The course aims to introduce students to various areas from both the public and the private sector, as well as giving them the terminology necessary to fully understand these areas.
Objectives - from the point of view of the student
 To study the terminology of specific subject areas in English through vocabulary, explanation, exercises and research.

Programa:

The course will consist of a series of lectures. These may take the form of formal lectures, presentations, discussions and exercises, depending upon the subject area. Areas covered will include general business, insurance, banking, finance and the stock market, production and operations, industrial relations, the education system, and national and European politics.

Instituição: M
 Período de oferecimento: 4º. ano
 Nível: Graduação
 Nome da disciplina: Terminology

Objetivos

This course offers a theoretical foundation for specialised lexicography and an introduction to the practice of terminology processing and retrieval. It provides an exemplification of applications of computational linguistic techniques and is an essential complement to the study of translation processes. The course includes practical exercises in terminology compilation and retrieval, and offers students the opportunity to use commercial systems such as Eurodicautom, MultiTerm and Termium.

Programa

*Terminology: definition and scope
 Theories of reference; concepts: types and relationships
 Definitions: function, methods, types and rules.
 Theory of terms: synonymy, homonymy, variants, status.
 Term formation: patterns and trends; guidelines for naming of concepts.
 Models of efficient communication: standardisation.
 Compilation of terminologies: corpora selection criteria, methods; basic data categories and their representation.
 Storage of terminologies: storage design principles; the evolution of term banks: design function and types; a model for the representation of terminological information.
 Retrieval of terminology: user requirements; search and output profiles.
 Uses of terminologies: databases, thesauri, dictionaries.
 The role of terminology in translation and NLP tools.
 Coursework details: a practical project requiring students to demonstrate awareness of sound terminological practice, and to apply this knowledge in the collection, description and presentation of a glossary of a coherent set of terms.*

Instituição: N
 Período de oferecimento: 2º. ano
 Nível: Graduação
 Nome da disciplina: Terminology

Objetivos:

- to make you aware of the nature of special languages
- to introduce you to the field of lexicography
- to teach you to source and research terms and definitions
- to show you how to establish equivalence in terminology
- to distinguish between varieties of language
- to investigate key factors involved in language change

- to analyse language planning and standardisation strategies.

At the end of this module, you will be able to:

- identify and retrieve terms from a variety of sources*
- evaluate existing definitions*
- formulate new definitions where existing definitions are inadequate*
- ascertain whether terms in different languages designate the same concept*
- produce your own glossary*
- differentiate between various varieties of language*
- pinpoint key factors involved in language change*
- evaluate language planning/standardisation programmes*

Programa:

Introduction to LSP

Introduction to theory of terminology

Introduction to lexicography

Introduction to language change

Introduction to language planning and standardisation

Teaching and Learning Methods

You will attend lectures for two hours each week.

You will be expected to compile a glossary in accordance with good terminographical practice in a subject field of your choice.

A descrição dos objetivos e do programa do módulo oferecido na instituição L e que pode ser cursado por estudantes de graduação e de pós-graduação sugere um enfoque na terminologia enquanto jargão, pois enfatiza a familiarização do aluno com linguagens de especialidade de diversas áreas, a partir do estudo de textos. Não se faz qualquer referência a metodologias de gestão terminológica, tampouco à utilização de fontes e recursos terminológicos para a tradução.

Na instituição M, o módulo de terminologia apresenta uma abordagem totalmente diferente da anterior. Tem por objetivo "oferecer os fundamentos teóricos da lexicografia especializada e uma introdução ao processamento e recuperação de terminologia", incluindo exercícios práticos e possibilitando ao aluno conhecer e utilizar bases de dados como o Eurodicautom e o Termium, além de programas específicos de gestão de terminologia, como o MultiTerm. O conteúdo programático abrange aspectos teóricos e práticos da terminologia e

inclui a elaboração de um glossário com a utilização de alguma das ferramentas conhecidas durante o curso.

Também diferente é o módulo de terminologia oferecido a alunos de graduação da instituição N. Aqui, a uma abordagem lingüística soma-se uma abordagem pragmática, conforme sugerem os seus objetivos, e, entre as atividades a serem desenvolvidas, está prevista a compilação de um glossário numa área a ser escolhida pelo aluno.

A seguir, vamos tentar identificar como a terminologia se manifesta em algumas disciplinas de prática de tradução oferecidas nesses programas (a letra entre parênteses indica a instituição correspondente):

- French Translation and Interpreting I (K)

Objetivos:

To explore linguistic, stylistic, pragmatic and cultural characteristics of the use of French and English through contrastive analyses focusing on translation problems, to enable the students to acquire strategies for translation and interpreting.
Expected learning outcomes:
Ability to acquire strategies for translation and interpreting.

Programa:

*Translation activities will include contrastive analyses of parallel material and translations; **glossary compilation and dictionary evaluation**; elaborating strategies; translation at sight; guided translation exercises; **a translation from French into English of a technical nature which is supported by a simple glossary.***
Interpreting activities will provide a progression from monolingual exercises (eg reformulation, paraphrasing) to simple bilingual exercises on, for instance, logical connectors, modalities, numerical information, leading to liaison interpreting.

- Portuguese Translating and Interpreting I (K)

Objetivos:

The principle aim of this module is to give students an insight into the practice of translation and liaison interpreting in conditions simulating real situation in which the mediation skills of a translator or interpreter would be required.

Translation:

This module will enable students to develop their translation skills in order to translate full or partial texts with an overall extension of up to 1000 words. **Given the specialised nature of the texts, a degree of research is required, leading to the presentation of students' work supported by basic glossaries and an introduction pointing to the main problems encountered and strategies adopted to overcome them.**

Liaison Interpreting:

Students will be systematically introduced to the techniques of liaison interpreting, including effective note taking, in situations which require oral mediation between speakers of different languages, Portuguese and English. Scenarios considered include basic exchange of opinions and information between two speakers, etc. Emphasis is placed on practice and students will participate in the setting up of scenarios.

Expected learning outcomes:

Students will be able to: translate into English basic specialised texts written in Portuguese; undertake independent (guided) research for translation; **compile a basic glossary**; identify, analyse and solve translation problems; take simple notes; listen to short interventions in both Portuguese and English and render these into the other language.

Programa:**Translation:**

Study, research and translate Portuguese texts from specialised fields such as technical and commercial, for example a newspaper editorial, instructions on how to operate a piece of equipment.

Interpreting:

Practice sessions in note-taking, interpreting simple sentences and extracting the basic points from interventions in Portuguese and English.

- Spanish Translating and Interpreting I (K)**Objetivos:**

Translation: Students will learn how to: undertake the translation of specialised texts in a professional manner; **research the specialised topic areas; compile a glossary**; write a linguistic analysis of the translation difficulties encountered and the strategies employed to overcome them.

Interpreting: Students will be: introduced to professional interpreting techniques such as notetaking, communication management, etc. in the modality of liaison interpreting.

Expected learning outcomes:

An ability to: translate into English and Spanish specialised texts; take simple notes for the purpose of interpretation; listen to short interventions in both Spanish and English and render these into the other language.

Programa:

Translation:

Study, research and translate texts from specialised fields such as legal, scientific, technical and commercial, for example a financial or technical report, a scientific or medical paper, or a legal document).

Interpreting:

Practice sessions in note-taking, interpreting sentences.

- German Specialised Translation II (M)

Objetivos:

This module provides further practice in the translation of specialised texts from German to English.

Programa:

*The course builds upon the translation skills developed and practised in Module L1065. The texts to be translated are more challenging, both linguistically and in terms of specialised content. More emphasis is placed on textual analysis and on the evaluation and analysis of translations in the form of translation commentaries. **Students continue to compile specialised glossaries and become familiar with technological tools to assist them in the translation process.***

- English-French Translation (M)

Objetivos:

This module serves as a recapitulation on the use of lexicographical / terminological resources, translation mechanisms used from English into French, and some salient sublanguage-specific structures. It also aims to offer comprehensive practice in the translation of both general and technical texts.

The instruction is given by means of tutorial presentation integrating peer-group work and some Computer-Assisted Language Learning material.

Programa:

The general passages are drawn from a variety of sources representing a wide range of text-types, styles and topics. For general language, the emphasis is on achieving a good standard of accuracy and grammatical correctness in the target language. Without being too highly specialised, the technical passages belong to fields relating to computational linguistics and language engineering, as well as general numeracy, mathematics, statistics, etc. For technical language, the emphasis is on achieving a good standard of intelligibility and fluency in the target language.

- . Introduction to translating general language and technical language: difficulties, common mistakes and marking grids.*
- . **Lexicographical and terminological tools (paper and electronic) and their usage.***
- . General passages, with emphasis on use of tenses and moods, tense consistency.*

. *Technical passages (language engineering & numerical information), with emphasis on terminology, noun compounds and terms, prepositional constructs in technical texts.*

- *German Translation Project (M)*

Objetivos:

To give students experience of an extensive translation project to be completed in consultation with a project supervisor.

Programa:

The translation project involves the translation of an authentic German text of approximately 5,000 words into English. The German text should be of a specialised nature and should be linguistically challenging. The student but must be deemed suitable by the project supervisor chooses the text.

*In addition to the translation itself, students are expected to write a translation commentary of approximately 2,500 words. Here, they should give reasons for their choice of text, text type and area of specialism to which the text belongs. **They should discuss the various aspects (terminological, linguistic, pragmatic etc.) they considered and the difficulties they encountered when translating their chosen text.** Translation problems specific to this text or text type should be analysed, and the commentary should outline some justification of students' preferred solutions. Translation of the text should be discussed within the context of theories of and approaches to translation, and students are expected to be familiar with and to make reference to relevant literature in this field.*

The third part of the translation project is the compilation of a bilingual glossary containing 20 key terms related to the subject area of the translation text, together with definitions, contextual examples, translation equivalents and an index of terms.

O BA (Hons) in Modern Languages and Translation & Interpreting Studies, oferecido pela instituição K, permite a combinação de dois ou três idiomas e as disciplinas aqui mencionadas referem-se aos pares inglês/francês e inglês/alemão e inglês/português e inglês/espanhol. O módulo *French translation and interpreting I* é oferecido no sexto semestre e tem por objetivo permitir ao aluno que desenvolva estratégias de tradução e interpretação. As atividades previstas compreendem a análise contrastiva de textos paralelos e traduções e inclui a compilação de glossários e a avaliação de dicionários. Já o principal objetivo do módulo *Portuguese translation and interpreting I*, também oferecido no sexto semestre do programa correspondente, é desenvolver atividades em condições tais que simulem situações reais de tradução. Os alunos lidam com textos de natureza especializada e, ao final, devem

apresentar uma tradução acompanhada de um glossário e de uma discussão abordando as dificuldades encontradas e as estratégias empregadas para resolvê-las. A terminologia aqui se manifesta na forma de pesquisa terminológica e elaboração de um glossário. O mesmo ocorre com o módulo *Spanish translating and interpreting I*, que visa a familiarizar os alunos com textos especializados, com técnicas de pesquisa terminológica e com a compilação de glossários.

O módulo *German specialised translation II*, oferecido na instituição M, tem por objetivo proporcionar uma prática avançada de tradução de textos especializados. Seu programa compreende traduções comentadas de textos mais complexos, a partir das quais os alunos continuam compilando glossários especializados. No módulo *English-French translation*, os aspectos terminológicos da tradução são tratados com maior ênfase, pois se exploram a utilização de fontes lexicográficas e terminológicas, por um lado, e a terminologia característica de certos tipos de textos, por outro. Finalmente, o módulo *German translation project*, realizado sob supervisão, consiste num projeto de tradução de um texto especializado, acompanhado de uma discussão abrangendo vários aspectos da tradução, incluindo-se aí os aspectos terminológicos. Além disso, o aluno deve apresentar um glossário contendo pelo menos 20 termos indexados, acompanhados de sua definição, exemplos contextualizados e respectiva tradução.

A terminologia, no âmbito das disciplinas de prática de tradução aqui mencionadas, parece ter conquistado uma certa visibilidade, haja vista a natureza das atividades a serem desenvolvidas pelos alunos. Pode-se notar uma preocupação não apenas de proporcionar aos alunos ferramentas terminológicas que facilitem seu trabalho, mas também de criar condições para que sejam discutidos problemas de natureza terminológica encontrados nas traduções realizadas. Além das disciplinas de prática, ainda é possível identificarmos manifestações da terminologia em outras disciplinas ou módulos, como veremos a seguir. Novamente aqui, as letras entre parênteses referem-se às instituições onde são oferecidos.

- Translation technology (BA in Applied Languages) (N)

Objetivos:

- Familiarise students with technology (hardware and software) used by translators/in the translation process
- Introduce variables in translation as an industrial process
- Give students hands-on experience of: **Machine (Assisted) Translation; Terminology**
- **Management Systems; Translation Memory; Communications Software; Tools used in special translation activities such as Software Localisation**
- Make students aware of social/ethical/professional/philosophical issues that accompany increasing automation.

Programa:

- office automation and communications (word processing, DTP, modems, comms. software, internet, electronic info. sources, etc.)
- **terminology management systems (MultiTerm)**
- Machine (Assisted) Translation - linguistic, computational, organisational issues
- M(A)T practical (Alps, Globalink, Trados's Translation Workbench)
- Case studies of large organisations with translation needs (Pan-American Health Organisation, USAF, EU, etc.)
- Wider social/ethical issues: unemployment, deskilling, security, privacy

- Machine-Assisted Translation (MA in Applied Translation Studies) (O)

Objetivos:

On completion of this module, students should: have gained a thorough understanding of file management and directory structure. **Have acquired sufficient expertise in advanced word processing techniques to enable them to carry out essential tasks appropriate to the translation environment, such as glossary management, macro creation, file conversion and special character handling.** Be familiar with font localisation utilities which enable applications to incorporate non-Roman alphabets, such as Arabic, Cyrillic and Sanskrit. Have a clear overview of state of the art Machine Translation (MT) systems and Computer Assisted Translation (CAT) products. Be familiar with at least two integrated workbench-style CAT systems, such as IBM Translation Manager, TRADOS Translator's Workbench or STAR TRANSIT. **Be familiar with at least two terminology management systems, such as MultiTerm, TermStar or Lingo.** Have a clear knowledge of how to locate and exploit the translation resources available on the WWW.

Programa:

The main aim of this module is to serve as an introduction to computer-based tools, systems and methodologies currently employed by professional translators. Areas to be covered will include: basic computer skills and word processing in the translation environment; character coding standards (e.g. ASCII, ANSI, ISO, UNICODE); on-line communications; **accessing terminological databanks and machine readable glossaries; terminology management systems (e.g. MultiTerm, tremble or Lingo); electronic corpora and tools; Machine Assisted Translation systems (e.g. IBM Translation Manager, TRADOS Translator's Workbench or STAR TRANSIT).**

- Electronic Linguistic Tools and Sublanguages II (M)

Objetivos:

This module is a continuation of Electronic Linguistic Tools and Sublanguages I. Further French sublanguages are presented through authentic documents of increased difficulty and studied from the points of view of their characteristic language structures and terminology. More advanced language-handling tools are presented to characterise specific languages and extract information from specialised corpora. Special emphasis is placed on lexicographical and terminological resources, especially those supporting a conceptual organisation of the lexicon. A case study offers the chance to piece together an electronic solution to a linguistic problem in an industrial or commercial context, and is specifically geared towards the preparation of budding language technologists for their placements in French companies.

Programa:

French sublanguages are presented in an interactive hypermedia environment with terminological, grammatical and pragmatic explanations on line. Specific tasks are embedded in the presentation to support the learning process. The electronic tools are studied from the point of view of their potential application in linguistic description or task automation. Electronic language resources are reviewed to form a typology of lexicographical / terminological resources for use in translation.

- General language / Specialist language / Document types / Text types
- Information extraction from specialist corpora
- Typology of dictionaries. Electronic dictionaries
- La Poste
- Structuring the lexicon and organising concepts: Dicologique
- Case study

- Information Technology for Translators (M)

Objetivos:

*To introduce students to the range of language and translation resources available electronically and online.
To train students in the effective use of these resources and to demonstrate their application in the context of professional translation.*

Programa:

Unit 1: Communication

Email and file transfer for receipt and submission of work; Electronic discussion groups and mailing lists; Use of internet for contacting clients

Unit 2: Text Production

Production and editing of electronic documents; Layout and presentation issues; Working with graphics and multilingual documents; Use of translation memory

Unit 3: Information Retrieval

*Foreign-language resources and media; Accessing multilingual information online; **Using online and electronic terminological and lexical resources***

Unit 4: World Wide Web

Creating and editing web pages

De um modo geral, os módulos apresentados acima têm por objetivo familiarizar o aluno com recursos informatizados para auxílio à tradução disponíveis no mercado. Entre tais recursos, existem várias ferramentas especificamente voltadas para facilitar a gestão de terminologia, algumas delas mencionadas na descrição dos objetivos ou do programa de cada um desses módulos. Por exemplo, o módulo *Translation Technology* possibilita aos alunos familiarizarem-se com um sistema de gestão de terminologia (MultiTerm) e sistemas de memória de tradução; o módulo *Machine-Assisted Translation*, além de proporcionar-lhes desde noções computacionais mais básicas até a familiarização com sistemas de tradução assistida por computador, permite a familiarização com pelo menos dois sistemas de gestão de terminologia (MultiTerm, TermStar ou Lingo) além de bancos de dados *online* disponíveis na Internet; o módulo *Electronic Linguistic Tool and Sublanguages II* lida com linguagens de especialidade de um modo mais avançado, o que inclui a extração automática de termos; e o módulo *Information Technology for Translators* prevê, na unidade de recuperação de informação, a familiarização com recursos terminológicos *online*.

Ao se compararem algumas características da disciplina terminologia oferecida em cursos de instituições brasileiras às características daquelas oferecidas em cursos de instituições no exterior é possível notarmos algumas diferenças. Praticamente não há uma diferença expressiva em termos de carga horária, pois o espaço ocupado pela terminologia é relativamente pequeno em ambos os casos. Há, sim, alguma diferença em termos de objetivos e na forma de abordagem, pois os programas oferecidos no exterior denotam uma maior

ênfase em questões práticas. Essa diferença torna-se bem mais acentuada ao observarmos como são tratados os aspectos terminológicos nas disciplinas de prática de tradução e naquelas voltadas para a familiarização dos estudantes com recursos computacionais que visam a facilitar sua atividade. Tais diferenças contribuem para acentuar a existência de um buraco negro na estrutura de nossos cursos, que parecem custar a incorporar novas metodologias que resultam de transformações pelas quais a atividade profissional tem passado em decorrência principalmente de avanços computacionais.

Como tentei demonstrar neste episódio, podemos detectar buracos negros da terminologia em várias partes do universo da tradução. Vimos, primeiramente, como se manifestam na prática tradutória ao revisitarmos alguns erros na tradução de *Uma breve história*; nesse caso, sua ocorrência pode ser atribuída principalmente à falta de familiarização da tradutora com o modo de expressão de uma determinada comunidade científica. Em seguida, ao esboçarmos o perfil profissional atual, pudemos observar a existência de buracos negros no exercício da atividade propriamente dita; se, por um lado, tradutores e tradutoras reconhecem a importância da terminologia enquanto jargão para a realização de sua atividade, por outro, as práticas de gestão terminológica voltadas para a tradução ainda são realizadas de maneira pouco otimizada. Finalmente, completando o percurso pelo universo tradutório, pudemos detectar buracos negros da terminologia também na formação profissional, que atualmente se mostra um tanto aquém das expectativas e necessidades práticas de um aluno de tradução.

No próximo episódio vamos explorar duas galáxias teóricas, a da tradução e a da terminologia, na tentativa de identificar as matrizes teóricas que sustentam os buracos negros da terminologia no universo tradutório. Buscaremos ainda detectar singularidades nessas disciplinas, que nos permitam propor uma maior aproximação entre elas.

Episódio II

Teorias por trás de buracos negros



Céu e terra estão dissociados, e todas as coisas tornam-se entorpecidas.

O que está acima não se relaciona com o que está abaixo e
na terra prevalece a confusão e a desordem.

(I Ching: Pi)

II.1. Muito "ruído" por nada?

[...] estamos comprando gato por lebre.
Ciência Hoje, março 1989

Recentemente, a leitura de um artigo de Alvaro Machado, publicado na "Folha Ilustrada", chamou-me a atenção. Tal artigo saudava a chegada ao país de um clássico de Darwin, além de outros dois lançamentos. Tratava-se, respectivamente, de *A expressão das emoções no homem e nos animais*, *As cartas de Charles Darwin – uma seleta, 1825-1859* e uma reedição de sua biografia intitulada *Darwin: a vida de um evolucionista atormentado*, cuja primeira edição havia sido lançada em 1995. Assim dizia o articulista sobre tal biografia:

Se você é um dos 5000 compradores da festejada "biografia definitiva" de Charles Darwin [...], prepare-se para uma evolução. Devido a 2000 impropriedades e erros de tradução para o português (2,5 por página), a Geração Editorial decidiu submeter o título ao primeiro procedimento de "recall" (troca gratuita de produto lançado com defeito) de que se tem notícia no Brasil (p. 1).

Naturalmente, meu impulso imediato foi o de lançar-me em busca da primeira edição brasileira da "festejada 'biografia definitiva'" para inteirar-me de suas 2000 impropriedades e erros de tradução, o que talvez pudesse contribuir para incrementar com exemplos práticos minha argumentação em defesa da imperiosa propriedade terminológica na prática tradutória. Mas, em vez disso, optei por continuar focalizando apenas alguns dos 700 erros da "abominável tradução brasileira" de *A brief history of time*, cujos leitores, especializados ou não, não tiveram a mesma sorte, como veremos a seguir.

Se, no caso da biografia de Darwin, a editora responsável por seu lançamento no Brasil, numa iniciativa ímpar, optou por compensar seus leitores permitindo-lhes trocar os gatos pelas devidas lebres, no da epopéia cósmica de Hawking a história foi bem diferente, apesar de todo o "ruído" provocado pela crítica especializada. Como vimos no episódio anterior, houve inúmeras manifestações de indignação da comunidade científica por meio de

artigos e cartas enviadas a revistas especializadas, e se faz pertinente aqui mencionarmos mais algumas. Por exemplo, em reportagem já mencionada anteriormente, publicada na edição de março de 1989 da revista *Ciência Hoje*, Maria Luiza Borges e César Benjamin comentam estarem "comprando gato por lebre. Com a agravante de tratar-se de obra de divulgação, destinada a leigos, que o mais das vezes não se darão conta que têm em mãos uma contrafação", e se perguntam em seguida: "Quanto aos mais avisados, capazes de perceber o logro, que poderão fazer?" (cf. Bonatti, p. 64). Na edição de maio da mesma revista, é publicada uma carta de um leitor queixando-se: "o que comprei foi uma grosseira falsificação do original". A seguir, solicita orientação jurídica sobre como proceder. Em outra edição, de julho daquele mesmo ano, mais um leitor manifesta a sua indignação, tentando iniciar uma campanha contra as más traduções publicadas no país, ao propor que as editoras passassem a "selecionar seus tradutores entre pessoas que dominem de fato o idioma de origem e, mais ainda, tenham vivência no assunto" (cf. Bonatti, p. 65).

Apesar de todo o barulho provocado pela crítica especializada, parece não ter havido naquela época qualquer iniciativa por parte da editora visando a uma possível revisão e reedição da referida obra. Inúmeras edições subseqüentes foram lançadas com as mesmas impropriedades terminológicas detectadas por especialistas na primeira edição. Algumas centenas de milhares de leitores, cientes ou não, continuaram adquirindo "uma grosseira falsificação do original". Mais tarde, apenas parte das impropriedades de tradução foram corrigidas, como se pode observar mediante o cotejo de alguns trechos da primeira edição e da 28^a. Vejamos alguns exemplos, retomando o fragmento do texto de chegada mencionado na página 21 e os termos e expressões mencionados na tabela I.2.1.1:

1^a edição: Em 1965 dois físicos americanos dos Bell Telephone Laboratories, em Nova Jersey, Arno Penzias e Robert Wilson, estavam testando um ultra-sensível detetor de microondas (microondas são como ondas de luz, porém com frequência da ordem de apenas dez bilhões de ondas por segundo). Penzias e Wilson ficaram preocupados quando descobriram que seu detetor estava registrando mais barulho do que deveria. O barulho não parecia vir de qualquer direção particular. Primeiro descobriram bird droppings no aparelho e pesquisaram outros possíveis defeitos, mas logo desistiram. Sabiam que qualquer barulho interno da atmosfera seria mais forte se o detetor não estivesse apontado diretamente, do que quando estivesse, porque os raios de luz atravessam muito mais atmosfera quando recebidos próximo do horizonte, do que quando recebidos diretamente do além (Hawking, 1988b: 69).

- 28ª edição:** Em 1965 dois físicos americanos dos Bell Telephone Laboratories, em Nova Jersey, Arno Penzias e Robert Wilson, estavam testando um ultra-sensível detetor de microondas (microondas são como ondas de luz, porém com frequência da ordem de apenas dez bilhões de ondas por segundo). Penzias e Wilson ficaram preocupados quando descobriram que seu detetor estava registrando mais **ruído** do que deveria. O **ruído** não parecia vir de qualquer direção particular. Primeiro descobriram **dejetos de aves** no aparelho e pesquisaram outros possíveis defeitos, mas logo desistiram. Sabiam que qualquer **ruído interior** da atmosfera seria mais forte se o detetor não estivesse apontado diretamente, do que quando estivesse, porque os raios de luz atravessam muito mais atmosfera quando recebidos próximo do horizonte, do que quando recebidos diretamente do além (Hawking, 1997: 69).
- 1ª edição:** Na mecânica quântica, as forças ou interações entre as partículas da matéria são todas, supostamente, carregadas pelas partículas de spin integral 0, 1 ou 2 (Hawking, 1988b: 104).
- 28ª edição:** Na mecânica quântica, as forças ou interações entre as partículas da matéria são todas, supostamente, carregadas pelas partículas de spin integral 0, 1 ou 2 (Hawking, 1997: 104).
- 1ª edição:** Mesmo que a procura de buracos negros primordiais se prove negativa, como parece que pode acontecer, ainda assim nos dará informações importantes acerca dos primórdios do universo. Se este início tiver sido [...], poder-se-á esperar que tenham sido produzidos muito mais buracos negros do que o limite já estabelecido por nossas observações dos antecedentes dos raios gama (Hawking, 1988b: 159).
- 28ª edição:** Mesmo que a procura de buracos negros primordiais **se mostre inútil**, como parece que pode acontecer, ainda assim nos dará informações importantes acerca dos primórdios do universo. Se este início tiver sido [...], poder-se-á esperar que tenham sido produzidos muito mais buracos negros do que o limite já estabelecido por nossas observações **da radiação gama de fundo** (Hawking, 1997: 159).
- 1ª edição:** A memória de um computador é apenas uma invenção contendo elementos que podem existir em dois estados. Um exemplo simples é uma calculadora. [...] (Cada elemento do engenho estará à esquerda ou à direita do fio do conjunto) (Hawking, 1988b: 204).
- 28ª edição:** A memória de um computador é apenas uma invenção contendo elementos que podem existir em dois estados. Um exemplo simples é um **ábaco**. [...] (**As contas do ábaco estão distribuídas aleatoriamente nos fios do ábaco**) (Hawking, 1997: 204).
- 1ª edição:** Entretanto, em 1984 aconteceu uma notável mudança de opinião em favor do que era chamado teoria do filamento (Hawking, 1988b: 217-218).
- 28ª edição:** Entretanto, em 1984 aconteceu uma notável mudança de opinião em favor do que era chamado **teoria da corda** (Hawking, 1997: 217-218).

Como pode ser observado, algumas das impropriedades de tradução foram corrigidas (em negrito), enquanto outras permaneceram como estavam (sublinhadas). No primeiro fragmento, o termo *noise* e a expressão *bird droppings* agora aparecem com suas traduções mais adequadas no texto de chegada, mas as expressões "apontando diretamente" e "diretamente do além", que, segundo especialistas, comprometem o sentido da informação, permaneceram inalteradas. O mesmo se deu com a segunda ocorrência do termo "ondas", na sentença "microondas são como ondas [...] dez bilhões de ondas por segundo". Este deveria ter sido substituído por "ciclos", termo mais adequado nesse contexto, visto que em física costuma-se dizer que a frequência de uma onda é dada em "ciclos" e não em "ondas".

Se considerarmos a revisão da obra como um todo, podemos constatar que a editora parece ter-se limitado a substituir uma expressão por outra, a qual nem sempre se configura como uma forma mais adequada. O cotejo das duas edições permite-nos notar que até mesmo a diagramação das páginas foi mantida na edição revisada. Pior que isto, é o fato de a "edição corrigida" ter sido lançada sem qualquer observação quanto à correção das impropriedades anteriormente detectadas, pois não há qualquer nota explicativa ao leitor acerca dos problemas ocorridos com a tradução, tampouco qualquer referência a um processo de revisão técnica. Na 28ª edição, até mesmo a identificação do(s) revisor(es) desapareceu das informações catalográficas do livro.

A tradução da biografia de Darwin, lançada em 1995, também aponta para um descuido terminológico semelhante. Não quero sugerir qualquer tipo de generalização a partir desses dois exemplos; nem estou levantando a hipótese de que a maioria das traduções brasileiras apresenta esse tipo de impropriedade e, portanto, são de má qualidade. Ao contrário, prefiro crer exatamente no oposto, que temos profissionais conscientes de suas responsabilidades e munidos de ferramentas e conhecimentos apropriados para produzirem textos de chegada mais próximos das expectativas de seu respectivo público alvo. No entanto, embora possa ser considerada um caso isolado, dado o número abusivo de inadequações, *Uma breve história*, bem como a biografia darwiniana, é uma manifestação importante de anomalias num sistema cujos insondáveis componentes não só merecem como carecem de um maior entendimento.

E é em busca de um maior entendimento que vamos redirecionar nosso foco para a questão do ensino da tradução, tentando acompanhar sua evolução nesses últimos dez ou quinze anos. Os buracos negros detectados na formação profissional, apresentados no episódio anterior, permitem-nos tecer um panorama do estado da arte do ensino da tradução no que tange à terminologia. Vamos agora retroceder no tempo e, por meio da observação de algumas idéias debatidas no 3º. Encontro Nacional de Tradutores, tentar resgatar manifestações acerca da terminologia na formação de tradutores, alguns anos atrás. Isto deverá nos fornecer subsídios para avaliar a extensão da evolução do ensino da disciplina no âmbito da tradução nestes últimos 15 anos, ou, mais precisamente, 13 anos, já que o Encontro a que me refiro deu-se em agosto de 1987, um ano antes do lançamento de *Uma breve história*.

O tema central desse Encontro, realizado em Porto Alegre, foi o ensino da tradução. A conferência intitulada "A pesquisa no ensino da tradução", proferida por Aubert, logo após a sessão de abertura do evento, buscava "sua razão de ser na constatação de nossas carências". Dizia o conferencista:

Estas carências derivam, fundamentalmente, das insuficiências de nossos conhecimentos, acompanhadas de dois corolários algo perniciosos: as credices e os preconceitos que ainda obscurecem a visão clara dos fatos essenciais de nossa especialidade; e a insuficiência das relações dialógicas entre os diversos segmentos que a compõem (1987: 9).

Nos limites de sua conferência, ao se aprofundar na investigação de nossas carências, Aubert chama a atenção para as insuficiências teóricas da *tradutologia*, embora não veja nisso o ponto mais grave da situação. Para ele, "o que a teoria nos oferece é um leque de reflexões e opções, e incumbe a nós retirar dela e reprocessar aquilo que nos convém, seja por razões de fé, seja por razões de ordem prática" e as confusões se manifestam justamente na passagem da teoria para a prática (*op. cit.*, p. 10). Ao recapitular algumas proposições acerca do fazer tradutório, o autor observa que "se buscarmos na bibliografia elucidacões sobre as estratégias, as técnicas, os procedimentos da tradução, deparamo-nos ora com falta de menção explícita, ora com miragens" (*ibid.*), citando como exemplo os procedimentos técnicos da tradução conforme definidos por Vinay e Darbelnet.

O modelo proposto por Vinay e Darbelnet, assim como a grande maioria dos tratados existentes sobre tradução até então, tem como ponto central de investigação o produto e não o processo. Naquele momento, muitos estudiosos da tradução, assim como Aubert, criticavam o foco das discussões unicamente nas possíveis relações de um texto original com sua tradução; o enfoque no produto, argumentavam, acabava por excluir dos estudos tradutórios o processo em si, ou seja, o *como se traduz* e, por conseguinte, a própria figura do tradutor. A consequência mais funesta desta exclusão, a meu ver, é um buraco negro que se forma entre teoria e prática; ao se focalizarem apenas questões de equivalência entre um original e o texto traduzido, as questões metodológicas – incluindo-se aí as estratégias de tradução e, como parte delas, os recursos tecnológicos utilizados no dia-a-dia do exercício profissional, enfim, o fazer tradutório – são relegadas a um segundo plano, ou nem sequer investigadas.

Com respeito a essas questões metodológicas, Aubert faz menção à investigação de recursos tecnológicos disponíveis para a produção de textos em geral. Diz ele:

Embora não tenha merecido entre nós, possivelmente por preconceito anti-tecnicista, qualquer estudo sistemático, é uma constatação empírica evidente que existe uma diferença técnica incomensurável entre executar uma tradução com lápis e borracha, com máquina de escrever comum, com máquina de escrever elétrica ou eletrônica dotada de dispositivo de correção imediata, e com processador de texto (*op. cit.*, p. 11).

O autor aqui nos dá uma pequena idéia dos recursos disponíveis então, quando lápis e borracha e máquinas de escrever pareciam estar apenas começando a dividir espaço com processadores de texto, e prossegue enfatizando que "a peculiaridade técnica interage, aqui, com dois fatores cruciais da tradução profissional: *nível qualitativo final e prazo de entrega*" (*ibid.*, grifo do autor), culminando na questão da produtividade. Para Aubert é justamente a relação entre produtividade e instrumental de trabalho que seria merecedora de investigação, não apenas para se verificar qual o instrumento "ideal" do tradutor, mas principalmente para possibilitar um "melhor conhecimento das potencialidades e limitações de cada um, do tipo de trabalho a que cada um se presta, das circunstâncias que melhor correspondem às necessidades desta ou daquela tarefa" (*ibid.*).

Ao abordar, nos idos de 1987, a questão dos recursos tecnológicos, o conferencista traz à tona o "problema dos instrumentos lexicográficos e terminológicos", apontando para outras duas carências: a da padronização terminológica e a de fontes de consulta como dicionários especializados e glossários. Para ele, "o campo da normalização terminológica não constitui, obviamente, área de competência estrita do tradutor, exceto no momento de opinar sobre a possível adequação de algum neologismo [...]", chamando nossa atenção para a confusão terminológica que então imperava nos mais variados campos e para o fato de que "nós, enquanto tradutores, prestamos, inadvertidamente, mão forte à balbúrdia, quando, na falta de outras informações, vemo-nos compelidos a arriscar soluções terminológicas *ad hoc*, nem sempre competentemente filtradas pelos revisores" (*op. cit.*, pp. 11-12). A normalização e as fontes de consulta são questões intimamente relacionadas e, para o conferencista, a tarefa da padronização terminológica interna deveria preceder o estabelecimento de glossários e dicionários terminológicos. Suas palavras apontam para o caráter urgente, sentido já naquela época, de políticas de padronização terminológica, e mais ainda, para a necessidade de se aprofundar e expandir a produção de materiais confiáveis (tanto no vernáculo como em outros idiomas) aos quais os tradutores pudessem recorrer com um certo grau de segurança na realização de sua atividade.

Embora não estabeleça, nos limites de sua fala, qualquer associação mais direta entre o estado de coisas na prática profissional e aquele no ensino, Aubert aborda as carências deste último, mencionando o caráter superficialmente divergente de opiniões, que, contudo, rumavam todas para uma mesma conclusão, a triste conclusão de que

os cursos são fracos, os professores improvisados e mal remunerados, o nível de entrada dos vestibulandos é muito baixo, a estrutura curricular deixa a desejar, etc. Os culpados são, conforme o caso, os professores, os alunos, o MEC, o famigerado e fugidio "sistema", ou a decadência do mundo ocidental (*op. cit.*, p. 13).

Segundo ele, tratava-se de uma visão simplista, derrotista e inútil, dado o caráter ainda juvenil dos cursos de tradução que, por ocasião daquele evento, tinham cerca de 15 anos. Durante este período, no entender do conferencista, "muitos docentes tiveram de começar do nada, em termos de fundamentos teóricos, estratégias de sala-de-aula, seqüenciação de

conteúdos; em que muitas gerações de alunos tiveram de servir, conscientemente ou não, como cobaias de experimentações pedagógicas" (*ibid.*). Apesar dos mais variados obstáculos, alguns até intransponíveis, Aubert nos dá mostras de discordar da visão derrotista e ressalta ainda que "esses quinze anos representam também um acúmulo de vivências, um acervo de conhecimentos e de percepções que apenas aguardam o momento e os instrumentos adequados para serem compartilhados e se fertilizarem mutuamente" (*ibid.*). A origem dessas carências poderia ser atribuída aos mais diversos fatores. Aubert, além de identificá-las, propõe formas de encaminhamento com o objetivo de supri-las, o que somente ocorrerá, segundo ele, "se logarmos desbloquear nossos canais de comunicação", pois constata que

uma das características da tradução no Brasil é a falta de diálogo. A teoria custa a filtrar para a prática pedagógica, em grande parte, como vimos anteriormente, pela dificuldade na intermediação. A teoria custa ainda mais a filtrar para a prática profissional: o mundo dos acadêmicos e dos tradutores ainda falam linguagens díspares (*op. cit.*, p. 14).

Parece bastante clara aqui a identificação da necessidade de uma aproximação entre teoria e prática como um dos principais mecanismos através dos quais poder-se-iam começar a desenvolver estratégias para suprir determinadas carências da formação do profissional de tradução e, desta forma, melhorar a qualidade desse ensino.

Numa comunicação apresentada no mesmo evento, intitulada "A formação atual do tradutor", Cecin faz algumas observações e propostas que pretendem "ser tão apenas uma contribuição no sentido de provocar o debate sobre a necessidade da melhoria da qualidade do ensino da tradução no Brasil" (1987: 56). Em meio às suas observações, ela lembra que em nosso país, a grande maioria dos cursos destinados à formação de tradutores é vinculada a cursos superiores de línguas, o que a faz concluir que "esse ensino não é satisfatório em relação a uma formação lingüística e profissional adequadas ao exercício da prática do tradutor" (*op. cit.*, p. 55). Entre os pré-requisitos essenciais a uma formação mais adequada, Cecin sugere que o aluno deva familiarizar-se com fontes documentárias de seu país, além de saber fazer pesquisa terminológica e lexicográfica, porém não aponta estratégias nem metodologias a serem incorporadas para levar o aluno a alcançar tais objetivos.

Um exemplo bastante prático da manifestação da terminologia no ensino da tradução noutras latitudes nos é dado por Delisle, numa comunicação proferida no mesmo evento. Suas considerações abordam fundamentalmente os aspectos metodológicos dos seminários de prática de tradução, mais especificamente a metodologia adotada em seu seminário de iniciação à tradução de economia. São apresentados cinco objetivos de aprendizagem e, entre eles, dois estreitamente relacionados à prática terminológica, visando a familiarizar o aluno com o "economês", além de apresentar-lhe fontes documentárias e metodologias de pesquisa terminológica pontual. Sobre isso, nos diz:

A pesquisa terminológica pontual constitui mais um meio do qual o professor pode valer-se para atingir o segundo objetivo da iniciação à tradução de economia [assimilar a terminologia básica da economia]. Esses breves estudos podem versar, por exemplo, sobre as acepções do termo *staple* ou sobre a distinção a ser feita entre "mão-de-obra" e "população ativa", duas expressões que, de acordo com o contexto, servem para traduzir *labor force*. Por falta de tempo, deixo esse tipo de trabalho prático ao professor de terminologia (1987: 142).

Embora não nos seja possível traçar um panorama mais abrangente a partir apenas de uma análise dos dizeres aqui brevemente apresentados, as poucas questões levantadas no âmbito desse encontro nacional especificamente relacionadas à terminologia enquanto constituinte da formação de tradutores nos dão uma idéia do pouco espaço e da pouca visibilidade da disciplina nesse universo quinze anos atrás. Como vimos, inicialmente foram apresentadas no referido encontro certas carências bem pontuais identificadas a partir de um ponto de vista docente; por outro lado, tivemos a descrição, sob esse mesmo ponto de vista, de uma experiência de ensino bastante prática, na qual a terminologia *aparece* enquanto constituinte do processo de formação profissional do tradutor. A leitura dos anais do 3º Encontro Nacional de Tradutores vai nos mostrar que isto foi tudo o que se disse sobre terminologia naquele encontro.

Com efeito, se fizermos uma retrospectiva dos eventos realizados no país nos últimos anos, voltados à discussão de questões relacionadas à tradução, poderemos verificar que uma importância cada vez maior tem sido dada à terminologia. Não apenas o número de trabalhos vem aumentando, como também têm sido criados espaços específicos para se discutirem

questões terminológicas, seja na forma de sessões inseridas em eventos de tradução ou até mesmo na forma de eventos isolados. Grupos e centros de pesquisa voltados à terminologia têm sido criados, assim como publicações especializadas sobre o assunto são eventualmente lançadas, dando mostras do crescimento e do fortalecimento da área no Brasil.

No entanto, essa evolução parece não se ver concretamente refletida na prática quando pensamos a terminologia em termos interdisciplinares, ou mais especificamente, quando investigamos seu papel na formação profissional do tradutor. Como estamos tentando demonstrar nesta pesquisa, os "ruidos" da teoria que, certamente, vêm aumentando a cada ano, não ecoam na formação de tradutores, gerando uma situação paradoxal. Se, por um lado, a disciplina por si só vem conquistando cada vez mais espaço, por outro, seu espaço continua ainda muito restrito e pouco explorado no campo da tradução. Uma pequena amostra disso são as carências detectadas anos atrás e que permanecem nos dias de hoje, o que nos faz concluir que ainda padecemos da "insuficiência de nossos conhecimentos", que nossas atitudes continuam obscurecidas por credices e preconceitos e que ainda não conseguimos estabelecer relações dialógicas suficientes entre os diversos segmentos que compõem nossa especialidade, lembrando aqui as palavras de Aubert ao tentar identificar a origem das carências apontadas por ele. Ainda hoje os tradutores sofrem com a falta de ferramentas e fontes de consulta terminológica confiáveis, o que pode culminar em traduções mal recebidas e, portanto, mal sucedidas, como a que aqui tomamos como exemplo; ainda hoje a estrutura dos cursos de tradução encontra-se defasada em relação à demanda do mercado profissional no que se refere à terminologia, com objetivos precariamente definidos e conteúdos que não vão ao encontro das necessidades e das expectativas dos alunos, o que pode resultar na entrada de profissionais no mercado de trabalho inadequadamente preparados para um exercício salutar de sua atividade. Por conta de ainda participarmos deste triste cenário, vamos repassar a seguir a breve história da tradução e a breve história da terminologia, tentando identificar as matrizes teóricas que o sustentam.

II.2. Uma breve história do universo da tradução

A Torre de Babel

"Tôda a terra tinha uma só língua, e servia-se das mesmas palavras. Alguns homens, partindo para o oriente, encontraram na terra de Senaar uma planície onde se estabeleceram. E disseram uns aos outros: "Vamos, façamos tijolos e cozamo-los no fogo". Serviram-se de tijolos em vez de pedras, e de betume em lugar de argamassa. Depois disso disseram: "Vamos, façamos para nós uma cidade e uma tôrre cujo cimo atinja os céus. Tornemos assim célebre o nosso nome, para que não sejamos dispersos sôbre tôda a face da terra". Mas o Senhor desceu para ver a cidade e a tôrre que construíam os filhos dos homens. "Eis que são um só povo, disse êle, e falam uma só língua; começaram esta obra, e agora nada os impedirá de executar suas emprêsas. Vamos: desçamos e confundamos a sua linguagem, de sorte que êles não se compreendam mais um ao outro". E assim o Senhor os dispersou daquele lugar sôbre a face de tôda a terra, e cessaram a construção da cidade. Porisso deram-lhe o nome de Babel, porque ali o Senhor confundiu a linguagem de todos os habitantes da terra, e dali os dispersou sôbre a face de tôda a terra."

Livro do Gênesis, 11: 1-9

(Bíblia Sagrada, 5ª edição, 1964, tradução dos originais hebraico, aramaico e grego, mediante a versão francesa dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico de São Paulo).

Era uma vez uma arte. Era uma vez uma ciência. Era uma vez um acontecimento. Um acontecimento singular surgido talvez como única alternativa para amenizar os efeitos de uma suposta maldição divina sobre seu povo. Um povo que um dia resolvera atingir os céus, despertando por isso a ira divina, o que acabou por resultar numa catástrofe lingüística, conforme sugerem as escrituras sagradas. A passagem bíblica que aqui me serve de epígrafe certamente já foi objeto de inúmeras interpretações e não caberia, nos limites desta tese, propor mais uma. Vamos simplesmente tomá-la provisoriamente enquanto uma explicação mística para um evento primordial – a multiplicidade das línguas – a partir do qual se originou um novo universo, o universo da tradução.

Com efeito, o big bang do universo tradutório deve-se primordialmente a uma necessidade de restabelecer comunicação e disseminar conhecimento entre povos que um dia

se espalharam desordenadamente pela face da Terra e tiveram sua linguagem confundida para que não mais se entendessem entre si. A tradução existe porque os homens falam línguas distintas, nos diz George Steiner, considerado um dos principais estudiosos do universo tradutológico de nossa época, e

esse truísmo funda-se, na verdade, numa situação que pode ser considerada tão enigmática e geradora de questões de extrema dificuldade psicológica e sócio-histórica. Por que os seres humanos falam milhares de idiomas diferentes, mutuamente incompreensíveis? (1992: 51).

A resposta para esta questão constitui um dos grandes enigmas que tem entretido boa parte daqueles que se dedicam ao estudo dos fenômenos relacionados à natureza da linguagem e, por esta razão, tem sido incansavelmente buscada ao longo da história do conhecimento, resultando numa extensa coleção de tratados lingüísticos, psicológicos, filosóficos, biológicos, ou até mesmo mitológicos. Mas, apesar de sua relevância, não é exatamente essa resposta que mais nos interessa aqui; interessa-nos, isto sim, contemplar apenas um dos efeitos dessa diversidade lingüística à que têm sido submetidos os seres humanos desde os primórdios de sua existência, efeito este manifesto no ato de traduzir.

Falar sobre o ato de traduzir parece algo tão remoto quanto o próprio ato em si. Tão remoto e tão diverso, pois muito se tem falado há séculos, e a partir dos mais variados pontos de observação: da literatura, da filosofia, da religião, da lingüística, da semiótica, da psicanálise e até mesmo da matemática, entre tantos outros. Tão remoto, tão diverso e tão polêmico, já que os estudos da tradução têm sido marcados por uma notável falta de consenso ao longo de toda a sua história, cada reflexão rumando para conclusões, muitas vezes antagônicas, que refletem as marcas ideológicas, históricas, sociais, geográficas e culturais particulares a cada observador. Tão remoto, tão diverso, tão polêmico e tão contemporâneo, pois os estudos da tradução atravessaram séculos e chegam até os nossos dias configurando-se ainda como um dos campos mais férteis de investigação e produção intelectual.

Por um lado, a tradução é uma arte; por outro, ciência. Enquanto impossibilidade teórica para alguns, a atividade gera centenas de milhares de páginas traduzidas, alimentando um mercado de bilhões de dólares por ano. Teoricamente utópica para alguns, meio de vida

mais do que concreto para muitos. Prática essencial à comunicação humana, cujas peculiaridades têm sido geradoras de um extenso espectro de reflexões mas que, no entanto, nem sempre – ou muito raramente – ocuparam um lugar de destaque no palco da chamada cultura ou pensamento ocidental. Mas que acontecimento é este a catalisar tantos paradoxos? Possibilidade x impossibilidade, miséria x esplendor, domesticação x estrangeirização, arte x ciência são algumas das marcas dicotômicas que podem ser detectadas no universo tradutológico cuja história estaremos percorrendo brevemente nas páginas seguintes. Nosso percurso, embora cronologicamente orientado, estará tentando mapear esse universo também em termos de tendências que se alternaram ao longo da história, refletindo as diversas maneiras de se observar um *mesmo* acontecimento. Na exploração desse universo, procuramos identificar sua função enquanto atividade, aliada ao modo como tem sido concebida teoricamente, para tornar mais explícita a própria concepção de tradução que permeia e orienta esta tese.

Vamos iniciar nosso percurso seguindo um caminho traçado por Steiner em *After Babel*, cuja primeira edição data de 1975. Ele divide os estudos da tradução em quatro períodos, cujos limites não são nada absolutos. O primeiro período, e mais longo, vai do ano 46 A.C. até 1804 e tem início com a célebre receita dada por Cícero de não se traduzir *verbum pro verbo*, passando pela reiteração dessa fórmula por Horácio, cerca de 20 anos mais tarde, e chegando até os "enigmáticos comentários de Hölderlin sobre suas próprias traduções de Sófocles", já no século XIX (cf. *op. cit.*: 248). Nesse intervalo de quase 2000 anos, muitos outros nomes se manifestaram e suas reflexões esboçavam um caráter essencialmente empírico; os estudos teóricos de então consistiam em comentários e observações sobre dificuldades e estratégias adotadas na prática tradutória. Em tal período, segundo Steiner,

estão incluídas as observações e polêmicas de São Jerônimo, o magistral *Sendbrief vom Dolmetschem* de Lutero, datado de 1530, as discussões de du Bellay, Montaigne e Chapman, de Jacques Amyot aos leitores da sua tradução de Plutarco, de Ben Jonson sobre imitação, as reflexões de Dryden sobre Horácio, Quintilian e Jonson, as de Pope sobre Homero, de Rochefort sobre a *Iliada*. A teoria de tradução de Florio emerge diretamente das suas tentativas de traduzir Montaigne; as idéias gerais de Cowley estão intimamente relacionadas à tarefa quase obstinada de encontrar uma transposição inglesa para as Odes de

Pindar. Há grandes tratados teóricos nesta primeira fase: por exemplo, *De interpretatione recta*, datada de 1420, de Leonardo Bruni, e *De optimo genere interpretandi*, de Pierre Daniel Huet, publicado em Paris, em 1680 (após uma versão anterior reduzida, de 1661). O tratado de Huet é, na verdade, uma das mais completas e arrazoadas reflexões sobre a natureza e os problemas da tradução. Não obstante, a principal característica desse período é um foco estritamente empírico (*ibid.*).

A publicação de *Essay on the Principles of Translation*, de Alexander Tytler, em 1792, seguida de um ensaio de Schleiermacher intitulado *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*, datado de 1813 marcou a transição do primeiro para o segundo período. Ao contrário do primeiro, este período é acentuadamente marcado por uma abordagem hermenêutica e filosófica dos estudos tradutórios, durante o qual "a questão da natureza da tradução é mais genericamente tratada no âmbito de teorias de linguagem e da mente" (*op. cit.*, p. 249). Nesse intervalo de tempo, que se estende até cerca de 1946,

o tema adquire um vocabulário e um status metodológico próprios, agora distanciados das exigências e singularidades de um determinado texto. A abordagem hermenêutica – i.e., a investigação do que significa "entender" um fragmento de um discurso oral ou escrito e a tentativa de diagnosticar esse processo em termos de um modelo geral de significação – iniciou-se com Schleiermacher e continuou com A. W. Schlegel e Humboldt. Tal abordagem conferiu à temática da tradução um aspecto indisfarçavelmente filosófico. O intercâmbio entre teoria e necessidade prática continuou, é claro. E devemos a isto muitos dos relatos mais notáveis sobre a atividade do tradutor e as relações entre as línguas. Estes incluem textos de Goethe, Schopenhauer, Matthew Arnold, Paul Valéry, Ezra Pound, I. A. Richards, Benedetto Croce, Walter Benjamin, e Ortega y Gasset. Este período de teoria e definição filosófico-poética – existe hoje uma historiografia da tradução – estende-se até a publicação do inspirado, porém não sistemático, artigo de Valéry Larbaud, intitulado *Sous l'invocation de Saint Jérôme*, de 1946 (*ibid.*).

Em meados dos anos 40, começaram a surgir as primeiras especulações teóricas e experimentos práticos com as chamadas máquinas de traduzir, marcando o início da era moderna, ou terceiro período dos estudos da tradução. Seguindo a onda do movimento formalista, estudiosos russos e tchecos passam a aplicar teorias lingüísticas e estatísticas à

tradução, reduzida por teóricos mais exatos a uma complexa operação matemática, passível de ser executada por um computador, desde que adequadamente programado¹⁰. Ainda segundo Steiner, nesse período

há tentativas, empreendidas notadamente por Quine em seu *Word and Object* (1960), de mapear as relações entre a lógica formal e os modelos de transferência lingüística. A lingüística estrutural e a teoria da informação passam a fazer parte das discussões sobre intercâmbio interlingüístico. Tradutores profissionais fundam associações internacionais e começam a proliferar publicações principalmente ou freqüentemente dedicadas a questões de tradução. Trata-se de um período de constante e intensa cooperação, do qual o *Introduction to the Theory of Translation (Vvedenie v teoriju perevoda*, Moscou, 1953), de Andrej Fedorov é bastante representativo. Os novos rumos foram estabelecidos em duas importantes coletâneas: *On Translation*, editada por Reuben A. Brower e publicada em Harvard, em 1959, e *The Craft and Context of Translation: A Critical Symposium*, editada por William Arrowsmith e Roger Shattuck para a editora da Universidade do Texas, em 1961.

O fortalecimento da lingüística como ciência viu-se amplamente refletido nos estudos da tradução e um dos nomes mais representativos das influências lingüísticas nesses estudos talvez seja o de Roman Jakobson. Em meio a tantos outros nomes que co-habitaram esse período, surgem entre os anos 40 e 50 Vladimir Nabokov, Vinay & Darbelnet e Willard Quine, e entre os 60 e 70 Eugene Nida e John C. Catford. Essa fase, que se prolongou até meados dos anos 70, testemunhou a institucionalização da disciplina e, ao mesmo tempo, a profissionalização da atividade.

Embora não claramente especificado por Steiner, a redescoberta de "The task of the translator" (A tarefa do tradutor) de Walter Benjamin, no início dos anos 60, assinala a retomada da vertente filosófica nos estudos da tradução, marcando a transição para o quarto período, que se estende até nossos dias. Como se pode perceber, não é possível estabelecermos uma divisão absoluta entre os períodos aqui delineados, pois as características se mesclam ao longo dos mesmos; há, contudo, características predominantes que nos permitem identificá-los

¹⁰ Sobre tradução automática, ver, por exemplo, Niremburg 1987 e Slocum 1988. A questão da impossibilidade da tradução automática foi abordada teoricamente por Bar-Hillel 1964, e é discutida sob uma perspectiva pós-estruturalista em minha dissertação de mestrado (Araújo 1993).

como sendo de natureza mais empírica, no primeiro, mais filosófica, no segundo, mais institucional, no terceiro, e novamente mais filosófica no quarto. Após este panorama cronológico, tentaremos identificar algumas concepções de tradução, advindas de diferentes abordagens que têm marcado sua história. Para isto, vamos observar uma antologia mais recente, publicada no início dos anos 90, reunindo textos voltados à discussão das possibilidades e impossibilidades da tradução, notadamente a tradução literária.

Numa antologia, que abrange 21 textos publicados majoritariamente nos últimos duzentos anos – exceção feita aos fragmentos de Dryden –, Schulte e Biguenet enfatizam a necessidade de contextualizar historicamente as teorias de tradução, uma vez que elas "não nascem *ex nihilo*", e apresentam diversas correntes que compõem o pensamento tradutório. Para eles, a tradução é um ato de comunicação que envolve um ato de transformação; os teóricos incluídos em sua antologia

focalizaram, de uma maneira ou de outra, as delicadas mudanças e os desafios inerentes ao processo transformacional da tradução. Eles conferiram à tradução e a seus estudos uma nova importância numa era em que os métodos de interpretação provocavam um alto grau de confusão e insatisfação no meio acadêmico, onde a comunicação tornava-se cada vez mais fragmentária (1992: 9).

Segundo os autores, podemos chegar a duas impressões distintas sobre tradução a partir da leitura dos ensaios reunidos nessa antologia: a primeira é a de que a transferência de estrangeirismos para nosso próprio idioma permite-nos explorar e cultivar novas emoções e conceitos, o que de outra forma não nos seria possível, e a segunda a de que a tradução alarga continuamente as fronteiras lingüísticas de um determinado idioma. Assim concebida, a tradução funciona como "uma força revitalizadora da linguagem", podendo "estimular a criação de novas palavras no idioma de chegada e influenciar as estruturas gramatical e semântica de tal idioma". Resumindo, "a tradução deveria ser vista enquanto uma forma de enriquecimento lingüístico e conceptual" (cf. *op.cit.*, p. 9). Mais que isso, para eles há uma forte tendência disciplinar de separar assuntos que por sua própria natureza estão intrinsecamente relacionados e a reconstrução do processo tradutório reafirma tal interconexão, já que é a interdisciplinaridade que torna a tradução possível. Nesse sentido, "as

atividades de tradução são sempre interdisciplinares e hoje se apresentam como uma força integradora num universo fragmentário e descontínuo" (p. 10).

O texto de abertura dessa antologia ("On the art of translation", de Hugo Friedrich) esboça algumas das principais posturas teóricas que têm dado forma ao pensamento tradutório ao longo dos séculos. Inicialmente, reporta-nos ao Império Romano e nos dá uma idéia da forma como a tradução era então concebida, principalmente da sua importância enquanto meio de transformação cultural. Naquela época, traduzir significava incorporar à própria cultura idéias de uma cultura estrangeira sem qualquer preocupação com as formas lexicais e gramaticais dos textos de partida. Em outras palavras, a literalidade lingüística não importava ao tradutor, pois a tradução de textos literários e filosóficos do grego para o latim significava prioritariamente o empréstimo e a adoção de elementos da cultura grega que contribuíssem para ampliar as dimensões estéticas da própria cultura romana. Conforme afirmava Cícero, o fundamental era traduzir idéias e não um texto palavra por palavra. Friedrich observa que a tradução nos revela como a literatura e a filosofia dos romanos ganharam força a partir de modelos gregos, apontando que o ato de traduzir significava para aqueles

uma apropriação do original sem qualquer preocupação real em relação às suas idiossincrasias estilísticas e lingüísticas; a tradução significava transformação com o objetivo de moldar o estrangeiro conforme as estruturas da própria cultura. Não se violava a língua latina de forma alguma, nem mesmo quando o texto original violasse a estrutura de sua própria língua, ao transgredir convenções normalmente aceitas através da invenção de neologismos, novas associações de palavras ou criações sintáticas e estilísticas não usuais (p. 12).

Traduzir para os romanos significava conquistar e domar o idioma estrangeiro. Aqui já nos é possível detectar um primeiro componente do universo da prática tradutória: a despreocupação com a língua de partida nas traduções romanas pode ser considerada como um reflexo do predomínio ou do poderio do Império Romano sobre outros povos e culturas, manifesto neste caso pela extrema valorização do latim. Essa valorização do idioma de chegada no processo tradutório prevaleceu como norma também durante a era cristã, e se manifestava principalmente nas traduções de São Jerônimo cujos depoimentos acerca de sua própria prática eram, segundo Friedrich, "as manifestações mais evidentes do imperialismo

lingüístico e cultural latino, que despreza a palavra estrangeira enquanto tal, mas se apropria de seu significado a fim de dominá-lo através da língua do tradutor" (p. 13). Numa época em que a forma de escrita hipervalorizava a própria língua, estrangeirismos não eram bem-vindos. Como consequência, o tradutor devia respeito à sua língua e ignorar seu público alvo significava desrespeitá-la, público este também consciente e ao mesmo tempo agente do imperialismo da língua latina.

Além de se valer da tradução enquanto forma de valorização da própria língua, os romanos desenvolveram uma outra concepção da teoria e da prática tradutória: para eles, a tradução também era vista enquanto disputa com o texto original. Nessa disputa, "o objetivo é exceder o original e, com isto, considerá-lo apenas enquanto fonte de inspiração para a criação de novas expressões na própria língua". Deste segundo tipo, emerge uma terceira concepção, baseada na premissa de que

o objetivo da tradução é ir além da apropriação do conteúdo de tal forma a libertar energias estéticas e lingüísticas que antes existiam apenas enquanto mera possibilidade na língua e jamais haviam se materializado [...] Novamente neste caso, não se vai em direção ao original. O original vem à tona apenas para revelar possibilidades estilísticas latentes da língua meta, possibilidades estas estranhas ao próprio original (p. 13).

Para Friedrich, a idéia de que a completa dissolução e transformação do estilo original, resultando num estilo totalmente diferente na tradução, tornou-se uma característica predominante das teorias de tradução renascentistas européias. Aqui, o tradutor "sentia-se livre para não apenas se apropriar do conteúdo do texto original mas também para criar um estilo em total oposição ao utilizado na língua de partida", dando origem a uma nova forma de escrever, mais claramente perceptível na literatura clássica francesa (p. 14). Subjazia a idéia de tradução enquanto "interação entre duas literaturas e suas respectivas culturas, onde a língua de partida aparece sempre em oposição à língua de chegada" (*ibid.*).

Na segunda metade do século XVIII, no entanto, começa a surgir uma nova forma de se conceber a tradução que deixava transparecer uma maior tolerância em relação às diferenças culturais e, conseqüentemente, uma preocupação em promover a igualdade

lingüística. Para Friedrich, essa tolerância manifestava-se como percepção da própria história, como reconhecimento da diversidade lingüística européia e de que "cada uma dessas línguas tinha suas normas próprias e se fazia necessário reduzir rivalidades entre as línguas, fossem elas artísticas, intelectuais, ou quaisquer outras, conferindo a todas elas um caráter igualitário" (*ibid.*). Começava a surgir aí o respeito às diferenças, por conta das inconsistências lexicais, sintáticas e semânticas verificadas entre as línguas, trazendo à tona a questão da intraduzibilidade. Embora essa questão já estivesse presente desde sempre, segundo Friedrich, foi apenas no século XVIII que passou a ser discutida de uma maneira sistemática, no contexto do pensamento histórico e lingüístico, na França por Diderot e d'Alembert, e na Alemanha por Schleiermacher e von Humboldt (cf. *op. cit.*: 14-15).

O efeito mais imediato das inconsistências lingüísticas então percebidas foi uma sensação de resignação, de impossibilidade tradutória:

não existe nada a que possamos chamar de tradução adequada; na melhor das hipóteses podemos almejar apenas a uma aproximação provisória. O respeito pelo espírito do original do texto na língua de partida parecia tornar todas as tentativas de tradução ilusórias" (*ibid.*: 15).

Porém, essa sensação não perdurou, pois apesar das diferenças lexicais e sintáticas entre as línguas pensava-se também haver uma afinidade em suas estruturas internas. Desta forma, ao respeito pelo estrangeiro seguiu-se a coragem de suplantá-lo, mas não mais com a mesma prerrogativa de um conquistador romano. Essa suposta afinidade entre as estruturas internas das línguas é o que permite, segundo Friedrich, adaptar peculiaridades lingüísticas da língua de chegada ao seu original estrangeiro. Para ele

a atitude do tradutor diante das características estilísticas individuais de uma obra indica se ele irá render-se ao texto original ou conquistá-lo, se ele irá deter-se ao reconhecer as diferenças entre as línguas ou se irá avançar em direção a uma possível reconciliação de estilos entre elas (p.15).

Essa idéia de reconciliação foi tomada como norma da arte da tradução principalmente por Schleiermacher e Humboldt, que determinavam "um movimento em direção ao original".

Se desde a época do Império Romano, passando pela renascença, até o final do século XVIII as normas de tradução eram ditadas pela língua de chegada e o texto de partida era considerado apenas como um despertador de potencialidades lingüísticas adormecidas da língua meta, por volta de 1830-40 iniciava-se um período de total reverência ao chamado texto original e à língua em que era expresso. Aqui, há uma reviravolta, uma inversão de paradigmas, pois passa-se a crer que "todo o poder é gerado pelo original. Este poder torna-se o impulso criativo da tradução, que escapa ao uso corriqueiro da língua da mesma forma que o original escapou" (p.15). Dada a sua reconhecida relevância para os estudos tradutórios, vejamos como esse movimento em direção ao original se manifesta em Schleiermacher, antes de passarmos a um panorama teórico mais contemporâneo.

Em fragmentos extraídos de "On the different methods of translating",¹¹ Schleiermacher estabelece algumas distinções que viriam a influenciar sobremaneira os estudos da tradução de gerações seguintes. Primeiro, sugere a tradução enquanto ato praticado não apenas entre línguas diferentes, mas também dentro de uma mesma língua e até mesmo dialetos. E esta prática não se desenvolve com o único objetivo de "transplantar num solo estrangeiro o que uma língua criou em áreas acadêmicas e na arte da retórica"; desenvolve-se ainda "em transações comerciais entre indivíduos de países diferentes e em relações diplomáticas de governos independentes, nas quais cada um está acostumado a falar com o outro em sua própria língua". Uma distinção adicional deriva dessa diversidade de objetivos: a distinção entre interpretação e tradução. Quando lidamos com a tradução de uma língua estrangeira para a nossa, escreve ele,

aqui também poderemos distinguir duas áreas diferentes -- não totalmente distintas, porque não é este o caso, mas separadas por limites que se sobrepõem -- mais distintamente diferentes ainda se considerarmos seus objetivos finais. A tarefa do intérprete está no mundo dos negócios e a do verdadeiro tradutor nas áreas acadêmicas e na arte (reproduzido em Schulte & Biguenet, *op. cit.*: p. 37).

Ao propor uma distinção entre interpretação (oral) e tradução (escrita), o autor atribui à primeira um caráter mais transitório, sendo portanto mais adequada às transações comerciais,

¹¹ Tratado apresentado originalmente em 1813 à Academia Real de Ciências, em Berlim, e editado em 1938.

enquanto que a "verdadeira tradução" – ou a tradução escrita – aplicar-se-ia somente à academia e às artes, pois a escrita garante-lhes permanência. Reconhecendo o caráter arbitrário dessa distinção, Schleiermacher observa que ambas definições não são excludentes; trata-se apenas de uma questão de apropriação, já que, para ele, transferir oralmente obras artísticas ou textos acadêmicos seria tão sem sentido quanto impossível, enquanto que nas transações comerciais a interpretação oral é mais apropriada, sendo a escrita apenas um instrumento mecânico, uma forma de transcrição oral.

Talvez o principal pressuposto subjacente às idéias discutidas pelo autor nesses fragmentos seja o de que

Todo ser humano é, por um lado, dominado pelo poder da língua que fala; ele e todo seu pensamento são um produto dessa língua. Ele não pode, com certeza, pensar qualquer coisa que resida além dos limites da linguagem. A forma de seus conceitos, o modo e os meios de conectá-los, são-lhe delineados através da linguagem na qual nasceu e é educado; o intelecto e a imaginação são delimitados por ela. Por outro lado, no entanto, todo ser humano intelectualmente espontâneo e que pensa livremente também dá forma à linguagem (p. 38).

A idéia de que todo falante é um produto de sua linguagem, por um lado, e de que toda linguagem é moldada pelo falante, por outro, encontra-se na base da relação autor-tradução-leitor, investigada nesse tratado. Autor e leitor são duas entidades completamente distintas e caberia ao tradutor, através da tradução, tentar aproximá-los; para isto, são apresentadas duas alternativas ou dois métodos básicos de tradução: "ou o tradutor deixa intacto o autor tanto quanto possível e conduz o leitor até ele, ou deixa intacto o leitor tanto quanto possível e traz o autor até ele" (p. 42). Para Schleiermacher, trazer o autor até o leitor significa não traduzir, mas imitar ou parafrasear o texto original, e é a primeira alternativa – a que preserva o autor, fazendo o leitor abandonar seus próprios hábitos lingüísticos em favor da língua original – a única verdadeiramente plausível, devendo o tradutor render-se a um suposto espírito do texto original, preservando na tradução as características da língua de partida e, desta forma, sua condição de estrangeira.

Vejamos como essa noção de estrangeirismo se manifesta mais tarde, já no século XX, primeiro em Walter Benjamin e depois em Ortega y Gasset. Em "The task of the translator",

Benjamin (1923) inicia suas reflexões com uma observação no mínimo intrigante, a observação de que "na apreciação de uma obra artística ou de uma forma de arte, a consideração para com o receptor nunca se mostrou frutífera [...] Nenhum poema objetiva o leitor, nenhum quadro o observador, nenhuma sinfonia o ouvinte" (*op. cit.*: 71). E prossegue indagando: "a tradução destina-se a leitores que não compreendem o original?" (*ibid.*).

A tradução é um modo, escreve Benjamin. Para entendê-la enquanto tal, "deve-se retornar ao original, pois só ele contém a lei que governa a tradução: sua traduzibilidade" (p. 72). Conforme propõe, a tarefa do tradutor consiste em encontrar um efeito pretendido sobre a língua para a qual traduz, que produza nela um eco do original: "a verdadeira tradução é transparente; não encobre o original, não bloqueia sua luz, mas permite que a língua pura [...] brilhe sobre o original na sua totalidade" e "é tarefa do tradutor libertar em sua própria língua aquela língua pura [...] libertar a língua aprisionada numa obra através de sua recriação" (pp. 80-81). Ao recuperar a noção de estrangeirização na tradução, o autor sugere que o leitor é trazido o mais perto possível daquilo que lhe é estranho por meio de literalismos que acabam por transformar a língua da tradução, citando alguns tradutores que, para ele, ampliaram as fronteiras da língua alemã. Benjamin reproduz em seu artigo algumas observações de um outro teórico alemão, Rudolf Pannwitz, para quem as traduções de então, até mesmo as melhores, partiam de uma premissa equivocada:

Elas [as traduções] querem transformar o hindu, o grego, o inglês em alemão em vez de transformar o alemão em hindu, grego, ou inglês. Nossos tradutores reverenciam muito mais o uso de sua própria língua do que o espírito das obras estrangeiras... O erro básico do tradutor é que ele preserva o estado atual de sua própria língua em vez de permitir que ela seja intensamente afetada pela língua estrangeira. [...] Ele deve expandir e aprofundar sua língua através da língua estrangeira (p. 81).

No final dos anos 30 Ortega y Gasset também chama a atenção para a tradição "estrangeirizadora" alemã ao discutir a miséria e o esplendor da tradução. A miséria da tradução, segundo ele, é sua impossibilidade, determinada principalmente por diferenças lingüísticas e culturais que impedem a total transposição de um texto, ou mesmo de uma única palavra, de uma língua em outra. Para Ortega, um autor "faz uso de sua língua nativa com uma

habilidade prodigiosa, obtendo dois resultados que parecem impossíveis de recuperar: simplesmente, ser inteligível e, ao mesmo tempo, modificar o uso comum da linguagem" (*op. cit.*, p. 96), e é totalmente utópico acreditar que "duas palavras que pertençam a línguas diferentes [...] refiram-se exatamente aos mesmos objetos. Uma vez que as línguas se formam em ambientes diferentes, através de experiências diferentes, sua incongruência é natural" (*ibid.*).

Ortega proclama a morte da tradução ao enfatizar suas misérias, suas impossibilidades, mas ao mesmo tempo enfatiza que essas mesmas impossibilidades nos conduzem aos possíveis esplendores da arte da tradução. Seu esplendor reside exatamente na possibilidade de o tradutor manipular as diferenças, forçando o leitor a extrapolar os limites de sua própria língua, aproximando-se do autor e rendendo-se às particularidades de um idioma, de um estilo, de uma cultura originais, conforme antes sugerido por Schleiermacher.

A questão da traduzibilidade, que tem suas origens justamente no eixo da possibilidade/impossibilidade de se resgatar por completo o chamado espírito do original, marcou sobremaneira os estudos da tradução ao longo das décadas de 40 e 50. Conforme apontado por Venuti numa antologia recentemente publicada, dedicada aos estudos da tradução no século XX, e cujos rastros estaremos seguindo deste ponto em diante, abordava-se a tradução a partir de diferentes perspectivas, notadamente da semiótica, da lingüística, da filosofia e da crítica literária, sendo tais estudos marcados ao mesmo tempo por um ceticismo filosófico e um otimismo pragmático (cf. 2000: p. 67). Os principais expoentes deste período foram Quine (abordagem mais filosófica), Nabokov (crítica literária), Jakobson (lingüística, ou mais especificamente, semiótica) e Vinay & Darbelnet (lingüística, ou mais especificamente, estilística comparada). Vejamos rapidamente os principais pontos da abordagem semiótica de Jakobson e da estilística comparada de Vinay & Darbelnet.

Em seu ensaio intitulado "On linguistic aspects of translation", Jakobson leva para o campo da semiótica suas reflexões sobre a questão da traduzibilidade, ao descrever a tradução enquanto um processo que envolve a re-codificação de duas mensagens equivalentes em dois códigos ou sistemas de signos distintos. Para os lingüistas, escreve ele, "o significado de qualquer signo lingüístico é a sua tradução para um outro signo" (p. 145). Partindo da premissa de que o significado das palavras é um acontecimento lingüístico, ou mais

precisamente, um acontecimento semiótico, Jakobson propõe três maneiras de se interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido para outros signos numa mesma língua, para uma outra língua, ou ainda para um outro sistema de símbolos não verbal. Desses modos de interpretação surgem três tipos de tradução, que ele denomina respectivamente de tradução intralingual ou *rewording*, tradução interlingual ou tradução propriamente, e tradução intersemiótica ou transmutação. A tradução intralingual é, portanto, a interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua, enquanto que a tradução interlingual é a interpretação de signos verbais por meio de outra língua, e a transmutação, por sua vez, é a interpretação de signos verbais por meio de outros signos de sistemas não verbais.

Em quaisquer desses níveis identificados por ele não há, no entanto, um grau de equivalência total entre as unidades-código, já que não existe uma identidade pura entre as palavras nem entre as línguas. Para Jakobson, "a equivalência na diferença é a questão principal da linguagem e a preocupação central da lingüística" e "qualquer comparação entre duas línguas implica um exame de sua mútua traduzibilidade". Por esta razão, prossegue ele, "a prática da comunicação interlingual, notadamente a tradução, deve ser objeto de constante investigação da ciência lingüística" (p. 146).

A falta de equivalência total entre as línguas não torna a tradução impossível, segundo ele, pois toda falta pode ser compensada de uma ou de outra maneira: se há uma deficiência de ordem terminológica, por exemplo, esta pode ser suplantada por empréstimos, neologismos ou perífrases. Do mesmo modo, a ausência de um mecanismo gramatical na língua de chegada não impede a tradução literal da totalidade da informação conceptual contida no original: se falta uma categoria gramatical numa determinada língua, seu significado pode ser traduzido nessa língua por meios lexicais (cf. pp. 147-148).

Seguindo essa mesma linha de tradução possível e chegando até os limites da traduzibilidade, os lingüistas canadenses Vinay & Darbelnet propõem uma metodologia de tradução, compreendendo duas modalidades, a tradução direta, ou literal, e a tradução oblíqua, que demanda métodos mais complexos. No âmbito dessas modalidades, são delineados sete procedimentos de tradução, cada qual com seu respectivo grau de complexidade, que podem ser utilizados individualmente ou combinados entre si. Segundo os autores, a tradução direta abrange três desses procedimentos, i.e., o empréstimo, o decalque e a tradução literal,

enquanto que a tradução oblíqua compreende os demais, i.e., a transposição, a modulação, a equivalência e a adaptação (cf. Venuti, pp. 84-93). Numa linha imaginária, o empréstimo estaria num extremo, no mais alto grau de traduzibilidade, enquanto que a adaptação no extremo oposto dessa linha, ou seja, mais próxima da intraduzibilidade.

Nas décadas seguintes predomina nos estudos da tradução a noção de equivalência. Mas se trata de uma noção ligeiramente distinta da que já se manifestara em períodos anteriores, pois se pensava então não na falta mas na existência de uma equivalência entre as línguas. Predominante também era o desejo de se descrever a tradução e seus procedimentos enquadrando-a nos moldes da ciência, ou mais precisamente, nos moldes de uma ciência lingüística, influenciada – senão totalmente dominada – por idéias emprestadas da lingüística estrutural. Venuti nos fala, em sua antologia, que durante os anos 60 e 70 o ato de traduzir era "geralmente concebido como um processo de comunicar o texto estrangeiro por meio do estabelecimento de uma relação de identidade ou analogia com ele" (*op. cit.*: 121). Estabelecer uma relação de identidade ou uma analogia é nada menos que buscar equivalentes na língua meta para os componentes do texto na língua fonte, sejam estes lexicais, sintáticos ou semânticos. E isto só é possível quando se crê na possibilidade de uma linguagem universal. Nesse sentido, em 1963, George Mounin, considerado um dos principais expoentes desse período, vem afirmar que "a equivalência baseia-se em "universais" de linguagem e cultura, questionando a noção de relatividade que nas décadas anteriores fazia a tradução parecer impossível" (*ibid.*). Um dos principais pressupostos compartilhados por seus contemporâneos era o de que "o texto estrangeiro é um objeto claramente estável, com propriedades invariáveis, factíveis de redução a unidades, níveis e categorias de linguagem e textualidade precisamente definidas" (*ibid.*).

Nesse contexto moldado por uma noção de equivalência entre as línguas, despontam nomes como os de Eugene Nida, John Catford, George Steiner e Peter Newmark, os dois primeiros nos anos 60 e os dois últimos nos anos 70. Vejamos o que nos diz Nida, cujos estudos teóricos partem de experiências advindas da tradução bíblica. Embora para ele não haja nenhuma correspondência absoluta entre as línguas, é possível distinguir entre variedades "dinâmicas" e "formais" de "correspondência". Tais variedades, por sua vez, vão determinar dois tipos de tradução: a tradução interlinear (*gloss translation*), ou a tradução que tipifica a equivalência estrutural, e a tradução dinâmica, ou a tradução em que não há preocupação com

relação à equivalência entre as mensagens na língua meta e na língua fonte. Novamente parece haver aqui uma bipolaridade: ou se tem uma tradução literal, que mais se aproxima do texto e da língua originais (equivalência estritamente formal), ou se tem uma tradução livre, naturalmente mais próxima da língua meta (equivalência totalmente dinâmica). Na equivalência formal, escreve Nida, "o foco de atenção está na própria mensagem, tanto na forma quanto no conteúdo [...] Concebida a partir dessa orientação formal, a mensagem na língua meta deve corresponder ao máximo aos diferentes elementos na língua fonte", enquanto que numa tradução que tenta reproduzir uma equivalência dinâmica, a preocupação principal é com um efeito equivalente, pois assim concebida, tal tradução visa a uma "completa naturalidade de expressão e tenta reportar o destinatário a padrões de comportamento relevantes no âmbito do contexto de sua própria cultura" (*op. cit.*: 129).

Em Catford, essa noção de equivalência se manifesta em sua própria definição do ato de traduzir. Para ele, a tradução é uma operação que se realiza nas línguas, por meio de substituições de material textual da língua fonte por material textual equivalente na língua meta (cf. 1980: 22). Newmark e muitos outros teóricos seguiram esta mesma linha; no entanto, também neste mesmo período, uma outra noção de equivalência passa a ser explorada e vale reproduzir aqui duas definições de tradução que parecem ter impulsionado uma ligeira mudança de perspectiva:

A partir de um ponto de vista teleológico, a tradução é um processo de comunicação: seu objetivo é revelar ao leitor estrangeiro o conhecimento expresso no original. Do ponto de vista da situação de trabalho do tradutor, em qualquer momento de sua atividade (ou seja, de um ponto de vista pragmático) a tradução é um PROCESSO DECISÓRIO: uma série de inúmeras situações consecutivas – movimentos, como num jogo – situações estas que impõem ao tradutor a necessidade de escolher entre um número determinado (e muito freqüentemente definido com precisão) de alternativas (Levy 1967, reproduzido em Venuti 2000: 148, grifo do autor).

A tradução interlingual pode ser definida como um processo de comunicação mediado entre duas línguas, que geralmente visa à produção de um texto na LM (língua meta) que seja *funcionalmente equivalente* a um texto na LF (língua fonte) (Reiss 1971, reproduzido em Venuti 2000: 160, grifo meu).

Tanto Levý quanto Reiss definem a tradução enquanto um processo de comunicação e sugerem que o objetivo da tradução é produzir uma mensagem na língua meta equivalente à mensagem expressa na língua fonte, ou seja, que *funcione* na língua estrangeira da mesma forma que na língua original. Passa-se aqui de uma equivalência puramente lingüística para uma equivalência de ordem funcional. Com isto, os estudos da tradução começam a esboçar um caráter mais descritivo, em oposição ao caráter predominantemente prescritivo que se podia verificar até então. Ao se conceber a tradução enquanto um processo decisório, tenta-se compreender os componentes de tal processo, onde questões de natureza mais pragmática, relacionadas à função do texto na língua meta, ganham um maior peso.

No final da década de 70 e início dos anos 80, pode-se observar uma mudança de enfoque mais acentuada que direciona ainda mais os estudos da tradução para o texto, ou situação, na língua meta. Dois dos principais teóricos precursores desses estudos foram Itamar Even-Zohar e Gideon Toury, para quem as traduções literárias são fatos do sistema meta, sendo a própria literatura um "polissistema de formas e princípios compondo as "normas" que vão moldar as escolhas e estratégias do tradutor" (*op. cit.*: 123). Even-Zohar concebe um conjunto de traduções literárias como um sistema autônomo, como parte integrante de um polissistema literário da cultura meta, podendo ser central ou periférico no âmbito desse polissistema. Tal posicionamento tem suas implicações na esfera da própria prática tradutória, das normas, dos comportamentos e das políticas de tradução. Partindo do pressuposto de que "a distinção entre uma obra traduzida e uma obra original em termos de comportamento literário é uma função da posição ocupada pela literatura traduzida num determinado momento", o autor conclui que não apenas o caráter sócio-literário da tradução depende de sua posição no polissistema, mas também a própria prática tradutória fica fortemente condicionada a tal posição. Assim concebida, a tradução deixa de ser "um fenômeno cuja natureza e os limites são dados definitivamente", transformando-se numa "atividade dependente das relações existentes num determinado sistema cultural" (p. 197).

Toury, por sua vez, procura mostrar que uma orientação voltada para a situação meta acaba por transformar o próprio conceito de equivalência. Conforme observado por Venuti, este tenta "descrever e justificar a 'aceitabilidade' da tradução na cultura receptora, o modo pelo qual as diversas transformações constituem um tipo de equivalência que reflete as normas do sistema meta num determinado momento histórico" (p. 123). E a aquisição dessas normas

constitui um pré-requisito de todo tradutor num ambiente cultural. Atividades tradutórias, escreve Toury,

deveriam ser consideradas como tendo uma significância cultural. Desta forma, a tradução reporta-se primeira e fundamentalmente à capacidade de *desempenhar um papel social*, i.e., preencher uma função designada por uma comunidade [...] de uma maneira considerada apropriada em seus próprios termos de referência" (p. 198).

A importância dessa mudança de enfoque foi observada por Edwin Gentzler, para quem Toury

empurra o conceito de uma teoria de tradução para além das margens de um modelo restrito à fidelidade ao texto original ou de relações únicas e unificadas entre os textos de partida e de chegada. A tradução torna-se um termo relativo, dependente de forças da história e de uma teia semiótica chamada cultura. O papel da teoria da tradução também se altera, cessando sua busca por um sistema a partir do qual julgar um produto e focalizando agora o desenvolvimento de um modelo que ajude a explicar o processo que determina a versão final (1993: 129).

As forças da história e de outros condicionantes políticos e sócio-culturais que passavam a ser levados em consideração nos estudos tradutórios ainda no final da década de 70 parecem ter servido de semente para um novo desabrochar que se daria na década seguinte, considerada um dos períodos mais férteis e abrangentes vividos na teoria da tradução. Idéias há muito solidificadas passam a ser questionadas a partir de novas perspectivas proporcionadas pela semiótica, pela análise do discurso e, principalmente, pela teoria textual pós-estruturalista. Como resultado, modelos antigos e até mesmo mais recentes são abandonados em favor de descrições e formulações mais coerentes com um novo modo de pensar emergente no início dos anos 80. A equivalência definitivamente cede lugar à diferença; o texto de partida perde sua condição de objeto estável; a noção de fidelidade é revisitada; o autor perde a "autoridade" sobre seu texto; o texto de chegada ganha um novo status, e o papel do tradutor tem finalmente sua importância reconhecida no processo tradutório. É neste período também que a tradução se firma definitivamente enquanto área, e os "estudos da tradução" emergem como disciplina isolada, conforme observa Venuti,

"entrelaçando-se com a lingüística, a crítica literária e a filosofia, mas explorando questões únicas de comunicação entre culturas" (*op. cit.*: 215).

Numa mudança radical de paradigmas, o texto de chegada ganha cada vez mais enfoque e junto com ele o tradutor, que passa a ser visto como o principal agente de um processo de transformação. Chega a ser visto até como um "especialista que desenvolve a "especificação de um produto" orientado por um cliente e, a partir daí, produz "um transmissor de mensagem" para servir a um determinado objetivo na cultura receptora". Aqui, prossegue Venuti, referindo-se a um neologismo proposto por Justa Holz-Mänttari,¹² "a tradução não busca uma equivalência com o texto de partida, mas o substitui com um texto de chegada que atende às necessidades do cliente" (*op. cit.*: 216-217). Ainda referindo-se a esta questão terminológica, escreve Venuti

[essa] terminologia abstrata parece querer reduzir a tradução a um processo de linha de montagem de produção de texto, um fordismo que valoriza a eficiência absoluta. Foi desenvolvida em situações de ensino, onde soluções e estratégias eficazes de tradução são altamente valorizadas; e reflete, de fato, práticas reais entre tradutores de documentos técnicos, comerciais e oficiais. Tem o mérito de chamar a atenção para o papel profissional desempenhado pelo tradutor ou pela tradutora, para sua confiabilidade, trazendo à tona, assim, a questão de uma ética da tradução (p. 217).

Muitos são os nomes que colaboraram para o reflorescimento dos estudos da tradução na década de 80. Pode-se citar, a título apenas de amostragem, Hans Vermeer, André Lefevere, Joseph Graham, Antoine Berman, Lori Chamberlain, Jose Lambert, Theo Hermans, Maria Tymoczko, Marilyn Gaddis Rose, Mary Snell-Hornby, Susan Bassnett, entre tantos outros.¹³ Propositadamente, vamos nos deter por mais alguns parágrafos nas idéias de Lefevere e Vermeer, que aqui me servem de linque para chegar à concepção de tradução e outros pressupostos subjacentes ao desenvolvimento desta tese, além de servir de atalho para um breve panorama acerca dos estudos da tradução no Brasil.

¹² Em vez de utilizar o termo "tradução", Justa Holz-Mänttari faz uso do neologismo "ação tradutorial" ("translatorial action", em inglês, ou "translatorisches Handeln, em alemão). Não tenho conhecimento de uma tradução prévia deste termo para o português do Brasil.

¹³ Na bibliografia encontram-se as obras mais conhecidas desses autores, que poderão proporcionar ao leitor uma introdução às principais idéias desenvolvidas por esses teóricos.

Em um artigo de 1982, reproduzido na antologia de Venuti, Lefevere chama a atenção para a marginalização dos estudos da tradução no âmbito da teoria literária, notadamente em língua inglesa. Contrário a essa marginalização, ele tenta mostrar como uma determinada abordagem de tradução "pode contribuir significativamente para a teoria literária como um todo e como as traduções, ou utilizando um termo mais geral, as refrações, desempenham um papel importantíssimo na evolução das literaturas" (2000: p. 233). Ao comparar algumas traduções – ou, como ele propõe, "refrações" – para o inglês de *Mutter Courage und ihre Kinder*, de Bertold Brecht, Lefevere retoma as idéias de Even-Zohar e Toury, redefinindo as noções de sistema literário e norma, em total oposição a uma poética romântica. Conforme sugere, o Romantismo funda-se em pressupostos tais como: a originalidade do autor, o caráter sagrado do texto de partida, a crença na possibilidade de recuperar a verdadeira intenção do autor, além da crença de que toda obra literária deva ser julgada unicamente por seus méritos intrínsecos. Uma concepção sistêmica, por outro lado, escreve ele, "não padece de tais pressupostos. As traduções, textos produzidos na fronteira entre dois sistemas, proporcionam uma introdução ideal à uma concepção sistêmica da literatura" (*op. cit.*: 234).

Ao propor a noção de refração – a adaptação de uma obra literária para um público determinado, com a intenção de influenciar o modo como tal público interpreta essa obra (cf. *op. cit.*: 234-5) –, Lefevere sugere que as refrações sempre estiveram presentes na literatura, explicitamente na forma de tradução e menos explicitamente na forma da crítica, em resenhas, na historiografia, no ensino, ou na seleção de antologias, mas nem por isso constituíram-se em objeto de estudo. Na melhor das hipóteses, diz ele, "sua existência foi lamentada [...] As refrações certamente não foram analisadas de forma a fazer juz à imensa parte que lhes cabem, não apenas na disseminação da obra de um determinado autor, mas também no desenvolvimento de uma determinada literatura" (p. 235). Isto porque não havia uma estrutura apropriada para seu estudo. Essa estrutura passa a existir a partir do momento em que as refrações são pensadas enquanto parte de um sistema, "se o espectro que as refrata é descrito" (*ibid.*).

Lefevere parte do pressuposto de que a literatura é um sistema imerso no ambiente de uma cultura ou sociedade. Ele sugere que todo sistema literário possui um "comitê regulador", composto por pessoas ou instituições que o patrocinam; tal patrocínio constitui-se de um componente ideológico (a literatura não pode extrapolar outros sistemas de uma determinada

sociedade), um componente econômico (o patrocinador garante a sobrevivência do autor) e um componente de status (posição do autor na sociedade). Além disso, um sistema literário possui também um código de comportamento, uma poética, constituída por um componente de estoque, ou gênero, símbolos, situações típicas, e um componente funcional, ou idéia de como a literatura pode ou deve funcionar numa determinada sociedade. Por reconhecer a existência desses componentes, uma metodologia sistêmica, ao enfatizar o papel das refrações, revalida a noção de literatura enquanto "algo produzido não no vácuo de um gênio liberto", mas sim a partir das "tensões entre um gênio e as limitações sob as quais esse gênio tem de operar, aceitando-as ou subvertendo-as" (*op. cit.*: 248). Se, numa concepção romântica, noções como a originalidade autoral contribuíam para marginalizar os estudos da tradução, esta estrutura interpretativa, determinada por fatores como o "patrocínio", a "poética" e a "ideologia", atribuem "uma nova legitimidade ao estudo da tradução literária ao iluminar sua criação de normas e tradições na cultura de chegada", conforme observado por Venuti (p. 217).

Em "Skopos and comission in translational action", Hans Vermeer retoma a terminologia e as idéias discutidas por Holz-Mänttari, ampliando a noção de objetivo na tradução, ao concebê-la como uma forma de ação tradutorial. Enquanto ação, é portadora de um objetivo, de uma finalidade; a palavra "escopo", esclarece ele, é um termo técnico empregado para designar o objetivo ou a finalidade de uma tradução. Mais ainda, toda ação conduz a um resultado, a uma nova situação, a um novo objeto; uma ação tradutorial, por sua vez, conduz a um *translatum*, i.e., ao texto traduzido (cf. Venuti 2000: p. 221). Para Vermeer, "o objetivo de toda ação tradutorial e o método pelo qual deve ser realizada são negociados com o cliente que comissiona a ação", e para que seja bem sucedida é fundamental que ambos, objetivo e método, estejam precisamente definidos para o tradutor (*ibid.*). O tradutor é "o" especialista da ação tradutorial e, como tal, deve estar ciente de que seu poder de produzir um texto de chegada é delimitado pelo próprio objetivo de uma determinada tradução e por "instruções" que lhe são passadas por quem a solicita.

Uma das conseqüências práticas da teoria do escopo, escreve Vermeer, é uma nova concepção da condição do texto de partida para a tradução. No âmbito de sua teoria, "cabe ao tradutor decidir, por exemplo, qual o papel do texto de partida na sua ação tradutorial. Aqui, o fator decisivo é o objetivo, a finalidade da comunicação numa determinada situação". Não se pode esperar, portanto, prossegue Vermeer,

que a mera "trans-codificação" de um texto de partida, sua mera "transposição" para outra língua, vá resultar num *translatum* útil. [...] Como o próprio nome indica, o texto de partida é orientado para, e em qualquer situação conectado a, uma cultura de partida. O texto de chegada, o *translatum*, é orientado para a cultura de chegada, e é isto, no final das contas, o que define sua adequação. Daí segue-se que os textos de partida e de chegada podem divergir consideravelmente um do outro, não apenas na formulação e distribuição de seu conteúdo, mas também com relação aos objetivos estabelecidos para cada um, a partir dos quais a organização do conteúdo é de fato determinada (*ibid.*: 222).

Para o autor, tão importante quanto o escopo é o agenciamento, ou o conjunto de "instruções" dadas para se levar a cabo determinadas ações. O "agenciamento" compreende informações, no mais alto grau de detalhamento possível, quanto à especificação dos objetivos, dos usuários finais e das condições nas quais os objetivos pretendidos devem ser atendidos (*ibid.*: 229). O sucesso de uma tradução, sob esta ótica, depende fundamentalmente da precisão na definição de seus objetivos e da clareza no processo de agenciamento. Embora não se possa prever com exatidão quais os possíveis destinatários para um determinado texto, Venuti, ao se referir à teoria da ação, observa que "uma tipologia das possíveis audiências poderia orientar o trabalho do tradutor e o estudo histórico da tradução". Observa ainda que a metodologia proposta por Vermeer esboça uma similaridade com algumas tendências contemporâneas na crítica e na história literária, ou mais precisamente a teoria da recepção e a estética da recepção, onde os significados dos textos são determinados pelo leitor, ou pelas comunidades interpretativas, conforme proposto por Stanley Fish (1980) (cf. *op. cit.*: 217).

E é justamente a noção de "comunidade interpretativa" que me serve de linque para chegar à concepção de tradução que norteia este trabalho e, simultaneamente, esboçar um pequeno quadro das teorias de tradução difundidas no Brasil. Foi no final da década de 80, em meio portanto ao total reflorescimento dos estudos da tradução, notadamente na Europa, Estados Unidos e Canadá, que surgiu meu interesse em investigar certas inquietações oriundas de minha própria prática profissional enquanto tradutora. E acabei adentrando por caminhos teóricos da tradução seguindo as pegadas de Rosemary Arrojo que, em meados dos anos 80, começara a trazer para o território nacional uma nova concepção da atividade tradutória que já vinha se manifestando em outras latitudes. Tal concepção fundamenta-se nos pilares do pós-

estruturalismo e da desconstrução, abordagens influenciadas principalmente pelas idéias de Nietzsche e Freud, aplicadas a questões relacionadas à filosofia da linguagem. Como observa Venuti,

é somente a partir do surgimento do pós-estruturalismo que a linguagem se torna um lugar de polissemia incontrolável, e a tradução é reconcebida não simplesmente como transformadora do texto estrangeiro, mas questionadora, ou como sugere Jacques Derrida, como "desconstrutiva".(op. cit.: 218).

Em *Oficina de Tradução: A teoria na prática*, Arrojo discute algumas questões-chave em teoria de tradução, notadamente pares dicotômicos, como original/tradução, literário/não literário, literal/metafórico, e o já tão debatido conceito de fidelidade. A revisão desses conceitos a partir de uma perspectiva pós-estruturalista permite-lhe reformular a própria definição de tradução e, em decorrência, reformular também a natureza do papel que o tradutor nela desempenha. Ao contrário de uma visão "tradicional", que concebe a tradução enquanto uma operação mecânica de transposição, decodificação ou transporte de um texto de um idioma para outro, a tradução "revista" passa a ser concebida como um processo produção de significados na língua de chegada, processo este inescapavelmente mediado pela situação do momento de produção. Sobre essa visão tradicional, a autora observa

[tal visão], que obviamente pressupõe uma determinada teoria de linguagem, se reflete também nas diretrizes em geral estabelecidas para o trabalho do tradutor. Nesse sentido, os três princípios básicos que definem a boa tradução, sugeridos por um de seus teóricos pioneiros, Alexander Fraser Tytler, ainda são exemplares:

- 1) a tradução deve reproduzir em sua totalidade a idéia do texto original;
 - 2) o estilo da tradução deve ser o mesmo do original; e
 - 3) a tradução deve ter toda a fluência e a naturalidade do texto original
- (1986: p. 13).

Não só esses três princípios sugeridos por Tytler são desconstruídos por estratégias de leitura pós-estruturalistas mas também todas as idéias, concepções e metodologias de tradução

propostas nos séculos seguintes com base nos mesmos pressupostos, que refletem uma visão logocêntrica de linguagem.¹⁴ O surgimento do pós-estruturalismo, ao provocar um rompimento radical com essa visão, vem abalar – ou desconstruir – dogmas seculares de tradução fundamentados na crença em uma linguagem universal, independente do sujeito que a constitui. A tradução, atravessada por este novo prisma, passa a ter seu caráter transformador reconhecido: de marginal, passa a ganhar visibilidade no âmbito das produções literárias na medida em que se questiona o poder da língua, do texto de partida e da originalidade do autor perante a cultura de chegada. Com isto, o papel do tradutor adquire um status diferenciado, adquire visibilidade; este passa a ter seu poder de agente transformador da cultura de chegada reconhecido, mas um poder sempre delimitado por essa mesma cultura, pela comunidade interpretativa a qual pertence.

Essa concepção de tradução passou a ser difundida no Brasil em meados dos anos 80, por Arrojo, conforme já observei. Antes disso, os estudos da tradução brasileiros esboçavam em sua maioria uma visão calcada principalmente em modelos propostos por Jakobson, Catford, Nida, Vinay & Darbelnet, originários de uma lingüística tradicional e, portanto, refletindo as mesmas dicotomias e falácias das teorias estrangeiras fundamentadas nos pilares da lingüística estrutural. E tais estudos são bem recentes quando comparados aos europeus, por exemplo, pois a tradução enquanto atividade no Brasil passa a existir de modo mais amplo apenas no século XIX. Conforme observa Paes,

a tradução, entendida como atividade regularmente exercida para atender à demanda literária de um público leitor, não existiu nem poderia jamais ter existido no Brasil colonial. Durante os três séculos que esteve sob a tutela sufocante do absolutismo português, a vida intelectual do país foi mofina. Interessado tão só nos produtos agrícolas ou no ouro que daqui extraía, na exclusividade do mercado de que aqui dispunha para as suas mercadorias, Portugal fez o quanto pôde para manter a sua colônia transatlântica em estado de inferioridade mental (1990: 11).

Por uma questão de interesses, o colonizador tratou de impedir a circulação de perigosas "idéias estrangeiras", escreve Paes, acrescentando que "se se tiver em conta que o

¹⁴ Sobre a questão do logocentrismo na tradução, ver Arrojo 1990, 1991.

papel da atividade tradutória é precisamente o de pôr as "idéias estrangeiras" ao alcance do entendimento nacional, não será difícil entender por que ela praticamente inexistiu durante nosso período colonial" (*op. cit.*: 12). "Praticamente", pois, segundo o autor, houve algumas poucas exceções e talvez um dos marcos históricos da tradução brasileira seja a publicação em Lisboa, em 1618, de um *Catecismo na língua brasílica*, preparado pelo padre Antônio de Araújo, com a finalidade de adaptar a doutrina cristã à língua dos selvícolas (*ibid.*). Paes cita ainda como exemplos da produção tradutória do Brasil colonial as paráfrases ou imitações de Quevedo e Gôngora encontráveis na obra de Gregório de Matos e as traduções em prosa de Diogo Gomes Carneiro, ainda no século XVII. Embora a tradução literária tenha ganhado um bom impulso com a chegada do Romantismo ao Brasil, ainda na metade do século XIX, é somente no século XX, a partir dos anos 30, que passam a ser criadas as condições mínimas para a prática da tradução literária como atividade profissional no Brasil, em resposta ao surgimento de um mercado editorial mais ativo e, ao mesmo tempo, ao crescimento do público leitor.

Embora a prática tradutória em terras brasileiras se reporte ao século XVII, conforme observado por Paes, seu estudo é muito jovem ainda e parece ter-se iniciado somente na segunda metade do século XX, mais precisamente a partir dos anos 70. Apesar de ainda não dispormos de uma antologia brasileira dos estudos da tradução, reunindo os principais teóricos e suas idéias, pode-se dizer que a abordagem aqui predominante não escapava a uma tendência estrangeira então vigente, fundada nos avanços de uma ciência lingüística. Tais estudos são geralmente provenientes da própria experiência de seus autores com a tradução de obras literárias. Vejamos alguns exemplos.

Em *A tradução vivida*, editada originalmente em 1975, Rónai identifica quatro tipos de tradução: a interlingual, a intralingual, a sociolingüística e a intersemiótica, detendo-se na interlingual que para ele é a tradução propriamente dita (1981, ed. revisada: pp. 16-17). Ao tentar defini-la, e também delinear o papel do tradutor, o autor questiona a idéia de tradução como simples passagem de uma língua para outra e retoma as idéias de Schleiermacher de levar o leitor ao autor ou trazer o autor até o leitor, ao propor a "tradução naturalizadora" e a "tradução identificadora" (*op. cit.*: 20-1). Nesse processo de naturalizar ou identificar, embora reconheça a importância do papel do tradutor, ao entender que as "palavras não possuem sentido isoladamente, mas dentro de um contexto, e por estarem dentro deste contexto", e que,

por esta razão, a tradução "perde o que tinha de mecânico e se transforma numa atividade seletiva e reflexiva", Rónai acaba reduzindo a atividade tradutória a um processo de busca de equivalentes que permitam desvendar as intenções do autor. O que ele chama de atividade "seletiva" e "reflexiva" resume-se a um "único exercício realmente eficaz para nos fazer penetrar na intimidade dum grande espírito"; ele acrescenta ainda que a tradução "nos obriga a esquadrihar atentamente o sentido de cada frase, a investigar por miúdo a função de cada palavra, em suma a reconstituir a paisagem mental do nosso autor e a descobrir-lhe as intenções mais veladas" (*op. cit.*: 31). Na tentativa de desvendar as intenções de um autor, "o bom tradutor, depois de se inteirar do conteúdo de um enunciado, tenta esquecer as palavras em que ele está expresso, para depois procurar, na sua língua, as palavras exatas em que semelhante idéia seria naturalmente vazada", ou seja, procurar em seu idioma os equivalentes apropriados para expressar o significado expresso no idioma estrangeiro.

A noção de tradução como transposição de um texto de uma língua para outra, como também de fidelidade a uma "realidade original" manifesta-se claramente nos escritos de Erwin Theodor. No prefácio à segunda edição de *Tradução: Ofício e Arte*, publicada pela primeira vez em 1976, o autor nos diz que seu livro pretende "refletir sobre o ato da tradução propriamente dito, da transposição do texto de uma língua para outra, de idioma diferente". Nesse processo de transposição, "o tradutor encarrega-se de reconstruir a realidade encontrada da maneira mais condizente com o seu idioma, sem falseá-la, seja pela adição, seja por supressão" (1983, ed. revisada, sem no. de página). Partindo do pressuposto de que "por detrás de todas as formas e estruturas dos idiomas individuais, existe a língua comum a todos os homens", Theodor se apropria de uma definição proposta por Oettinger, em 1960, para quem a tradução "é um processo de transferência de sinais ou representações gráficas a um sistema de outros sinais e representações gráficas" (*op. cit.*, p. 14).

Na contramão desse fluxo linguisticamente orientado emerge também durante a década de 70 uma tendência voltada mais para uma estética poética da tradução, dando forma a um movimento mais tarde reconhecido como parte de uma estética tradutória pós-moderna, ou transtextualização, conforme apontado por Vieira (1994). Ao traçar um panorama da tradução literária no Brasil ao longo de aproximadamente 15 anos, abrangendo os anos 80 e parte dos anos 70, a autora atribui ao Tropicalismo e ao Movimento Antropofágico as origens do

"canibalismo", uma metáfora e ao mesmo tempo uma filosofia que revolucionou a prática tradutória brasileira no final da década de 70.

"Traduzir significa canibalizar, i.e., absorver e transformar", escreve Vieira, vendo no canibalismo uma das principais características da obra de Augusto de Campos. Esta associação se torna mais evidente, segundo ela, em *Verso, Reverso, Controverso*, onde "não é apenas o uso explícito de "devorar" ou a referência direta e até mesmo *verbatim* de Oswald de Andrade ("Só me interessa aquilo que não me pertence") no prefácio; ele [A. Campos] também se alimenta dos textos que traduz para recriar sua metalinguagem" (*op. cit.*: 67).

Também alimentado por ideais canibalísticos, Haroldo de Campos propõe o conceito de "plagiatropia", desenvolvido ainda durante os anos 60, que significa "a tradução da tradição e tem a ver com o significado etimológico de paródia enquanto "canto paralelo" para designar a transformação não linear dos textos ao longo da história" (*ibid.*, p. 69). Nutrindo-se ao mesmo tempo da Antropofagia oswaldiana e do *The Task of the Translator*, de Walter Benjamin, H. Campos regurgita sua "Transluciferação Mefistofáustica" que, conforme explica Vieira, reproduzindo as palavras haroldianas, "é o que a tradução se propõe a fazer: enquanto "des-memória parricida", a tradução "visa a apagar a origem, a obliterar o original" (*ibid.*). É dele também a noção de transcriação, oriunda de seus questionamentos acerca da mimese na tradução. A transcriação, ele proclama, "é uma praxis de tradução radical. Transcriar não é tentar reproduzir a forma do original enquanto padrão sonoro, mas apropriar-se da melhor poética dos contemporâneos do tradutor, utilizar a tradição local existente" (*apud* Vieira, p. 70). A tradução enquanto transtextualização ou transcriação "desmistifica a ideologia da fidelidade. Se a tradução é transtextualiza, ela já não é mais um fluxo de mão única", escreve Vieira, recitando duas metáforas antropofágicas haroldianas, que aqui reproduzo: a primeira é a "transluciferação" e a outra, ainda mais antropofágica, "tradução como transfusão. De sangue. Ironicamente, poderíamos falar de vampirização, pensando agora sobre a nutrição do tradutor" (*op. cit.*: 71). Será que poderíamos? Deixo a meu leitor a decisão de aceitar ou não essa hipótese mefistofélica.

Concepções alternativas de tradução passaram a ser retomadas no final da década de 80, desta feita por conta de sua maior inserção enquanto campo de pesquisa acadêmica, em algumas instituições de ensino no país. Assim, os estudos da tradução no Brasil atualmente

não se restringem apenas a investigações de caráter puramente lingüístico, objetivando a descrição de modalidades e procedimentos tradutórios, ou canibalístico... Tais fronteiras foram ultrapassadas e questões de outras naturezas passaram a ser incorporadas a esses estudos, notadamente de ordem ideológica, social, histórica, profissional e também educacional. Hoje, talvez a principal fonte de produção intelectual sobre tradução sejam os programas de pós-graduação e, nesse contexto, a diversidade de posições, metodologias e resultados permanece como sendo uma das principais características da investigação dessa atividade potencialmente geradora de tantas controvérsias.

Esta não tão breve jornada pelo universo da tradução objetivou tão somente proporcionar a meu leitor uma visão panorâmica daquilo que se tem falado sobre esta prática milenar, uma visão de suas controvérsias. Nesta breve história, vimos que os estudos da tradução não ficaram imunes às idéias e metodologias predominantes nas suas várias fases de desenvolvimento, sejam advindas da literatura, da filosofia, da lingüística ou de qualquer outra área que tenha se apropriado de tais estudos ao longo da história. Tais estudos são, desta forma, inescapavelmente marcados pela diversidade, diversidade não só de perspectivas, mas de metodologias, resultados e conclusões, fazendo com que a tradução seja concebida ao mesmo tempo como possibilidade e impossibilidade, que seus métodos ora privilegiem a domesticação, ora a estrangeirização.

Como espero ter demonstrado nesse percurso, cada período, cada momento da história, cada situação e lugar refletem diferentes abordagens do processo tradutório e, conseqüentemente, levam a questionamentos e formulações geralmente distintas que, por sua vez, trazem diferentes implicações não só para a prática profissional como também para a formação de tradutores. Alguns questionamentos e suas implicações serão retomadas mais adiante neste trabalho; por enquanto, proponho que nos lancemos em uma outra jornada, desta vez pelo universo da terminologia, tentando identificar as principais correntes e os pressupostos básicos que têm norteado seu estudo e, por que não dizer, sua prática.

II.3. Uma breve história do universo da terminologia

The word is the most enduring substance of the human race. Once a poet has properly embodied his most fleeting emotion in the most appropriate words, then this emotion will continue to live on through these words for millennia and will flourish anew in every sensitive reader...

Arthur Schopenhauer
("On language and words",
translated by Peter Mollenhauer)

... por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz ...

Michel Foucault
(*As palavras e as coisas*, tradução de Salma T. Muchail)

Not words for things, but words which are living things with the power to move...

Jeanette Winterson
(*Art and lies*, in Rita Temmerman, *Towards New Ways..*)

No segmento anterior, fizemos uma viagem pelo universo tradutório procurando identificar as formas como a tradução tem sido concebida enquanto atividade e objeto de estudo. Vimos tratar-se de uma atividade cuja realização é sempre implícita ou explicitamente determinada por condicionantes culturais, sociais, ideológicos, geográficos, históricos, entre outros, embora nem sempre se tenha reconhecido tal condicionamento. Da mesma forma é o falar sobre tradução, ou seja, as próprias teorias tradutórias não escapam de tais condicionantes e refletem os paradigmas predominantes em cada época. Vimos também que o modo como concebemos a atividade tradutória traz conseqüências e implicações não só para a descrição de seus procedimentos e formulações de modelos teóricos, mas principalmente para o próprio modo de se conceber o papel do tradutor na realização de sua atividade. A exemplo disso, no presente segmento vamos percorrer um outro caminho, agora tentando identificar as formas como se tem concebido a terminologia, passando por uma concepção hoje considerada "tradicional" e chegando aos seus diferentes aspectos reconhecidos atualmente: teoria, atividade e vocabulário especializado. Esta será, no entanto, uma viagem bem mais curta, pois, embora o aparecimento das chamadas linguagens de especialidade, ou jargões, remonte ao

século XIII, seu estudo só vai se estabelecer enquanto tal em meados do século XX, como veremos a seguir.

Nossa jornada inicia-se com uma visita às origens dos jargões, ou vocabulários especializados, primeiro componente definatório da terminologia a partir do qual constituíram-se mais tarde a prática terminológica e a Terminologia¹⁴. Conforme apontado por Burke, o termo *jargão* é de origem medieval, encontrado inicialmente em provençal e em francês nos séculos XII e XIII, e pouco depois também em inglês. Inicialmente era empregado apenas para designar uma fala ininteligível, mas ganhou novos significados ao se espalhar de uma língua para outra. A partir de sua disseminação em outros idiomas, como o italiano (*gergo* ou *zergo*), o espanhol (*jerga* ou *jeringonza*), e o português (*geringonça*), o termo *jargão* passou a referir-se principalmente a uma "linguagem do submundo, um tipo de gíria [...] que ajudava a tornar a atividade de pedintes, ladrões e vigaristas incompreensível para o cidadão comum. Era uma "antilinguagem" de uma contracultura ou uma linguagem para marginais" (Burke e Porter, 1997: 8). Esse tipo de linguagem incompreensível funcionava como um importante, e talvez o principal, recurso para facilitar o reconhecimento mútuo entre os membros de um determinado grupo, ou mais especificamente, um determinado bando de ladrões.

Mais tarde, já no século XVI, são verificadas outras designações para essa linguagem do submundo: *germania* ou *gringo*, em espanhol, e também *caló*, em referência à linguagem dos ciganos; *calão*, em português; *Rotwelsch*, em alemão; *argot*, em francês; *furbesco*, em italiano; e *cant*, em inglês. Além dessa linguagem do submundo, havia ainda outros tipos de linguagens criadas por diferentes grupos sociais ou étnicos, como é o caso dos ciganos e dos judeus, também consideradas jargões dado seu difícil entendimento por quem não pertencia a tais comunidades. Burke observa que durante os séculos XVI e XVII o conhecimento dessas linguagens especiais tornou-se cada vez mais evidente, e lembra que na Inglaterra, por exemplo, "o termo *cant* passou a referir-se não só à linguagem confidencial dos vigaristas [...], mas também à linguagem dos filósofos escolásticos, talvez porque eles estivessem começando a ser considerados um tipo de vigarista" (*ibid.*: 9), tendo alcançado ainda grupos religiosos, como os puritanos e os quacres, pelas mesmas razões. Nessa mesma época, *cant* e *jargon* eram

¹⁴ Deste ponto em diante estarei adotando a mesma estratégia utilizada por Temmerman (2000), para diferenciar o vocabulário das linguagens de especialidade, ou jargão (i.e., *terminologia*) da área ou disciplina dedicada ao seu estudo e das teorias dele resultantes (i.e., a *Terminologia*).

"empregados ainda mais amplamente para se referir a "termos de arte" ou "termos técnicos" usados por diferentes grupos profissionais" (*ibid.*: 10). Remonta, portanto, ao final do século XVII o emprego da palavra *jargão* como o conjunto de termos técnicos empregados num dado contexto profissional.

A diversidade desses modos de expressão fomentou o aparecimento dos primeiros glossários ainda durante o século XV, tornando relativamente públicas as linguagens privadas. Tal diversidade fez surgir o interesse pelo estudo das linguagens faladas por diferentes grupos; contudo, elas eram estudadas apenas como curiosidade e o que mais despertava a atenção dos estudiosos de então eram os jargões do submundo, dos ladrões e dos mendigos. Apenas a partir do século XVIII é que começam a ser publicados os primeiros vocabulários profissionais. E é apenas após o surgimento da Linguística como disciplina acadêmica que os jargões tornaram-se objeto de um estudo mais profissional (cf. *op. cit.*: 11-12).

Ao longo de praticamente cinco séculos os jargões foram não apenas objeto de estudo, mas também objeto de crítica, conforme observa Burke. Tais críticas ora expressavam xenofobia, ora enfatizavam uma dificuldade de compreensão das linguagens especiais. Ora denunciavam uma certa afetação ou pretensão, ora a corrupção da própria língua por conta de influências estrangeiras. No início da Europa moderna, escreve ele, "o surgimento das críticas ao jargão está associado aos movimentos autoconscientes para a reforma da língua", numa tentativa de "elevar o *status* do vernáculo", sendo necessário para isto "purificar", ou "purgar", a língua comum das metáforas recorrentes e reveladoras" (*ibid.*: 20). Dessa forma, purificar a língua significava deixar de fora os estrangeirismos, "saíam também os termos técnicos das profissões, ofícios e até atividades liberais, palavras "baixas" associadas a pessoas "baixas" (*ibid.*: 21).

Ao pesquisar as origens e o desenvolvimento da Terminologia, do ponto de vista de uma determinada necessidade e de uma atividade específica no mundo ocidental moderno, Rey atribui a Platão a escrita do "primeiro texto básico sobre terminologia". Reflexões sobre a linguagem e sua relação com objetos e o pensamento, diz ele, já existiam desde Platão à Idade Média. No entanto, "a idéia de uma disciplina autônoma, dedicada a problemas relacionados ao processo de nomear e a uma metodologia para resolvê-los emergiu lentamente somente após o Renascimento" (1995: 11). Rey se refere à terminologia como *nomenclatura*,

registrando seu primeiro aparecimento em francês e em inglês no começo do século XVI para designar "glossário" ou "lista de nomes", pouco diferindo da acepção então conferida à palavra "dicionário". Ele registra ainda o termo em inglês *technology* empregado por volta de 1615 para designar "um discurso ou um tratado sobre uma arte ou artes" que, ao contrário de "nomenclatura", adquiriu um novo sentido em meados do mesmo século, passando a referir-se mais especificamente à terminologia de uma determinada arte ou área" (*ibid.*: 11-12).

Em virtude do surgimento de novas "nomenclaturas" e "tecnologias" e da subsequente identificação dos discursos especializados, tornou-se necessário elaborar descrições para tais itens discursivos, fazendo com que a preocupação com a terminologia adquirisse uma maior importância ao longo do século XVIII. O desenvolvimento da Terminologia nessa época foi mais marcante na área das ciências naturais, dando origem a inúmeros trabalhos de descrição e classificação nas áreas de biologia e botânica e, mais tarde um pouco, na química. Conforme observa Rey, a importância que a Terminologia vinha adquirindo entre cientistas manifestou-se notadamente em obras como a *Encyclopédie*, de Diderot e d'Alembert, a *Cyclopaedia or Universal Dictionary of Arts and Science*, de Chambers, e o *Dictionary of the English Language*, de Samuel Johnson. Tal desenvolvimento refletia-se especialmente nas ciências naturais com a obra de Buffon, *Histoire naturelle*, que "atribuiu ao signo lingüístico um valor informativo para a construção e elucidação de conceitos" (*ibid.*: 12). O trabalho do biólogo sueco Lineu com a classificação das plantas foi também importante para a Terminologia, pois "ele reconheceu a necessidade de uma linguagem distinta" para representar tal classificação e seu complexo sistema de nomeação e descrição derivava da língua latina (*ibid.*: 13). Uma outra contribuição importante foi dada por Guyton de Morveau, que reformulou a nomenclatura química no final do século XVIII e a quem mais tarde se juntou Lavoisier. A nomenclatura de Lineu e toda a história natural desse século, escreve Rey, "baseavam-se numa completa unidade entre conhecimento e a linguagem utilizada para sua classificação", enquanto que a nomenclatura química de Morveau e Lavoisier "baseava-se numa metodologia funcionalista moderna" (*ibid.*).¹⁵

Para Rey, as chamadas ciências taxionômicas, ou seja, as ciências voltadas para técnicas de classificação, desenvolveram-se a partir de necessidades puramente científicas.

¹⁵ Esse "impulso classificatório humano" foi amplamente discutido por Foucault, em *As palavras e as coisas*. Ver principalmente o capítulo V, "Classificar" (1987: 139-178).

Mas, tão logo adotou-se uma metodologia científica nas ciências naturais e os sistemas formais como a álgebra e a lógica tornaram-se amplamente aceitos, o progresso econômico e o surgimento da burguesia capitalista aliados à divisão do trabalho determinaram novas transformações. Assim, além da linguagem das ciências surgia também a linguagem das profissões, considerada totalmente inadequada por Diderot devido à "escassez de palavras adequadas e à abundância de sinônimos" (citado em Rey, p. 14). Este havia notado a diversidade da linguagem entre os diferentes ramos profissionais e percebido a necessidade de harmonização, mas seguindo um tipo de reflexão que não se aplicava à linguagem da ciência. Para Diderot, observa Rey, o problema da linguagem das profissões era ao mesmo tempo conceitual e pragmático, "a fragilidade da linguagem técnica emergia da própria situação sócio-profissional e não da dificuldade de ajustar as palavras à realidade", já que "as profissões estavam suficientemente desenvolvidas a ponto de não sofrerem transformações rápidas", refletindo "o ponto de vista de uma sociedade pré-industrial, que logo se mostraria equivocado" (*op. cit.*: 15).

Com relação aos vocabulários especializados, Rey, assim como Burke mais acima, identifica uma acepção negativa em suas origens. A palavra *Terminologie*, segundo ele, aparece documentada em alemão em meados do século XVIII e, logo no início do século XIX *nomenclature* começa a perder terreno para *terminology* em inglês. Também no início do século XIX aparece o termo francês *terminologie*, com o sentido polêmico de "abuso de termos incompreensíveis" (*ibid.*: 15). O autor observa que segundo dicionários franceses do século XIX, o substantivo coletivo *terminologie* é freqüentemente empregado com referência a um grupo de palavras difíceis, obscuras e desnecessárias. Atualmente, "essa acepção negativa ainda continua atrelada à palavra *jargão* e somente dicionários especializados atribuem-lhe uma definição positiva [...] (o conjunto de termos técnicos de uma ciência ou arte e seu significado)" (*ibid.*: 16).¹⁶

Se enquanto vocabulário especializado, apesar dessa acepção negativa, a terminologia aparecia documentada, o mesmo não acontecia com a disciplina. Embora houvesse trabalhos

¹⁶ Essa acepção negativa pode ser encontrada em três das definições da palavra *jargon* dadas, por exemplo, pelo Random House (1996): "unintelligible or meaningless talk or writing; gibberish", "any talk or writing that one does not understand", "language that is characterized by uncommon or pretentious vocabulary and convoluted syntax and is often vague in meaning" O mesmo acontece com a definição de *jargão* em português, dada pelo Dicionário Aurélio (1972): "linguagem corrompida"; língua estrangeira que não se compreende".

de descrição e classificação terminológicas, "o estudo científico dos sistemas de termos e a teoria das áreas de especialidade não tinham ganhado um nome" (*ibid.*). Rey alega que hoje ainda esta acepção não é amplamente reconhecida e faz da Terminologia o principal foco de estudo em seus ensaios. Ele atrela o desenvolvimento da disciplina a fatores políticos, culturais, sócio-econômicos, profissionais, científicos, enfim, aos próprios desenvolvimentos e transformações que se verificavam nas várias áreas de conhecimento e de atuação humanas desde o final do século XVIII até o início do século XX. Durante o período colonial, por exemplo, a conexão entre a situação política vigente e a Terminologia é óbvia para ele, pois "havia uma enorme necessidade de designações rigidamente controladas em algumas línguas submetidas ao controle de nações mais poderosas" (*ibid.*: 19). Da mesma forma, ao final do século XIX, há uma generalização de processos em escala mundial, levando à "coexistência de vários níveis de tecnologia, do neolítico ao atômico, em diferentes partes do mundo", gerando novas necessidades às quais a Terminologia e suas aplicações práticas têm de responder (cf. *op. cit.*: 20).

Ao clamar para a Terminologia um status autônomo e independente, Rey a define enquanto uma disciplina "preocupada fundamentalmente com nomes e o processo de nomear" (*ibid.*: 11), e enfatiza que

durante a expansão do conhecimento e, simultaneamente, o crescimento da tecnologia e das comunicações no século XVIII, a Terminologia era vista como ferramenta necessária para superar algumas das dificuldades associadas a esses múltiplos desenvolvimentos. Apenas no século XX a disciplina adquire uma orientação científica e, ao mesmo tempo, é reconhecida como atividade socialmente importante (*ibid.*: 49).

O autor destaca ainda uma característica funcional da Terminologia, "subjacente às suas várias aplicações sociais", conferindo-lhe desta forma um status de disciplina aplicada. Ela comporta simultaneamente funções sociais, funções lingüísticas, além de funções cognitivas e classificatórias. Nenhuma dessas funções pode ser considerada isoladamente segundo ele, cada uma encontra-se engajada na outra, o que reflete um caráter trifacetado da terminologia, ou seja:

sua natureza organizadora e classificatória em relação à realidade, quer para fins de entendimento (ciências), dominação (habilidades) ou regulação (leis, religião, ética); sua natureza lingüística, porque terminologias, como vocabulários, consistem em formas de linguagem, palavras e expressões principalmente na forma de substantivos; e sua natureza social, que controla a comunicação em tipos de discurso geral e especializado (*ibid.*: 57).

Partindo do pressuposto de que toda atividade reconhecida pela sociedade depende da existência de necessidades, Rey estabelece três tipos de necessidades a serem supridas pelo processamento de terminologia. São elas a necessidade de descrição sistemática de um conjunto de termos, a necessidade de transmissão de conhecimento de uma determinada área por meio de sua terminologia, e a necessidade de padronização ou estabelecimento de normas que, para ele, manifestam-se em qualquer situação de uso da linguagem, notadamente na tecnologia (cf. *op. cit.*: 96-98). Tais necessidades sofrem a influência de três fatores adicionais: "os diferentes grupos de usuários possíveis ou reais, de produtores de terminologia, além dos diversos produtos envolvidos conferem à atividade uma orientação prática" (*ibid.*: 99). Esses grupos são formados por teóricos e praticantes; teóricos, diz ele, "sejam cientistas ou pesquisadores, precisam manter-se informados acerca da evolução de sua área e, conseqüentemente, manter o domínio sobre novos conceitos e termos", e praticantes, no sentido estrito, passam pela mesma dificuldade, pois é principalmente através da terminologia que chegam "ao domínio de teorias a partir das quais suas técnicas dão origem aos seus conceitos" (*ibid.*: 99-100).

Rey esclarece que as diferenças entre as necessidades de cada praticante de terminologia emergem de suas respectivas áreas de atuação e cita como exemplo tradutores, documentalistas, especialistas em padronização, entre outros. A atividade dos primeiros, escreve ele, "difere significativamente se traduzem textos de romance ou poesia ou textos científicos, técnicos ou administrativos". Tradutores especializados, "dependem radicalmente de boas ferramentas terminológicas, já que raramente podem se especializar numa área restrita e devem cobrir uma variedade de áreas tecnológicas ou científicas", sem que, no entanto, tenham de conhecê-las de forma muito abrangente ou profunda. Documentalistas enfrentam uma situação similar, porém de natureza mais amplamente especializada, já que necessitam de um conhecimento profundo sobre a área ou áreas em que atuam. Já, a tarefa dos especialistas

em padronização é bem diferente, diz o autor, pois eles não apenas identificam, mas principalmente tendem a propor novos termos. A fim de normalizá-los, "a padronização requer informações mais completas possíveis sobre as terminologias em uso corrente" (*ibid.*: 101).

As necessidades terminológicas diferem também conforme a área de conhecimento e seu respectivo estado de desenvolvimento. Segundo Rey, há teorias que se desenvolvem por meio de um discurso constitutivo no qual "os nomes dos conceitos tomam suas relativas posições de acordo com um sistema de valores explícitos" e a "definição dos termos e seu uso típico devem, em princípio, permitir a extrapolação de sistemas conceptuais". Em textos desse tipo, é possível que se realize um processamento terminológico sistemático, i.e., a extração de elementos constituintes de suas terminologias objetivas. Ele cita como bons exemplos desse tipo de análise um glossário da terminologia de Saussure, de R. Engler, e o *Le vocabulaire de la psychanalyse*, de Laplanche e Pontalis, baseado na obra de Freud, a partir de traduções francesas. Por outro lado, há outros tipos de textos mais difíceis de serem analisados por terem se originado em diferentes períodos históricos, causando problemas de interpretação terminológica por questões de ambigüidade e falas contraditórias.

Um outro importante condicionante das necessidades terminológicas apontado por Rey é o próprio status de uma linguagem em cada comunidade. Tal status é uma função do seu próprio grau de utilização, diz ele, e certas línguas, como o inglês, o francês, o alemão, o russo e o espanhol desempenham um papel ativo e direto na constituição de terminologias técnicas e científicas; suas necessidades são, pelo menos parcialmente, internas. Contudo, quando uma determinada atividade não é desempenhada ou desenvolvida em apenas um idioma surge a necessidade de empregar equivalências, empréstimos e outros mecanismos ou processos de linguagem, processos estes "essenciais para línguas que importam tecnologia e a terminologia a ela associada". Tais processos manifestam-se em todos os idiomas, alguns mais, outros menos, sendo necessário às vezes um duplo processo "de introduzir estruturas conceptuais e, com elas, as estruturas terminológicas na língua dominante de uma determinada cultura" (cf. *op. cit.*: 104).

Alguns anos antes de Rey, Sager já reconhecia o caráter aplicado da Terminologia, a partir do ponto de vista de sua função e, em decorrência disso, a importância do papel dos

possíveis usuários finais não apenas na constituição da própria disciplina, mas principalmente na definição de objetivos e metodologias de trabalho. Para ele,

são os usuários de serviços terminológicos que, em grande parte, determinam a natureza da disciplina ao especificarem o tipo de informação que desejam sobre os termos e o preço que pretendem pagar por ela. A partir de uma análise de necessidades, o terminólogo pode então decidir como estruturar uma base de dados para seu cliente. No entanto, em seu projeto, ele será influenciado também pela natureza dos dados que tem de coletar e pelo conjunto de métodos por meio dos quais esses dados serão coletados e representados (1990: 9).

A partir dessas observações iniciais, já é possível identificarmos uma diferença de enfoque entre esses dois teóricos. Enquanto Rey manifesta uma maior preocupação em relação à Terminologia, aqui entendida como área de estudo e ao mesmo tempo campo teórico, Sager parece se ocupar mais de seu aspecto pragmático, ou seja, da terminologia enquanto um conjunto de práticas, um processo de compilação, armazenamento e recuperação de informações terminológicas. A propósito dessa distinção, vejamos como a terminologia é definida por ele, antes de passarmos para outros aspectos de sua abordagem das questões terminológicas.

Na introdução de seu *A practical course in terminology processing*, Sager nega explicitamente o status independente da Terminologia ao mesmo tempo em que afirma sua pertinência enquanto um "tópico em quase todos os programas de ensino contemporâneos". Escreve ele:

Tudo de importante que pode ser dito sobre terminologia é dito de forma mais apropriada no contexto da lingüística, da ciência da informação ou da lingüística computacional. Concebemos a terminologia enquanto um conjunto de práticas que se desenvolveram gradualmente ao redor da criação de termos, de sua coleta e interpretação e, finalmente, sua apresentação em vários meios impressos e eletrônicos. Práticas, por mais que estejam bem estabelecidas, não constituem uma disciplina [...] Disciplinas estabelecem conhecimento sobre as coisas e como tal justificam-se por si só; metodologias são apenas meios para um fim, no caso da terminologia, como fazer coisas (*ibid.*: 1).

Embora não a reconheça enquanto disciplina autônoma, a terminologia é concebida por ele não apenas "enquanto um conjunto de práticas"; o autor propõe uma definição tripartida, ao distinguir três significados: a terminologia é uma atividade, ou seja, é o conjunto de práticas e métodos utilizados na coleta, descrição e apresentação de termos; a terminologia é uma teoria, ou seja, é o conjunto de premissas, discussões e conclusões necessários para se entender as relações entre conceitos e termos; a terminologia é o vocabulário de uma área de especialidade.

Além de fixar sua definição de terminologia nesse tripé de atividade, teoria e produto, Sager chama a atenção para seu caráter notadamente interdisciplinar, pois ela empresta conceitos e métodos de outras áreas e disciplinas. Da filosofia e da epistemologia, a terminologia "se apossou de teorias sobre a estrutura do conhecimento, a formação de conceitos, a natureza das definições etc.", enquanto que da psicologia ela "empresta teorias da percepção, entendimento e comunicação". A terminologia se avizinha ainda da lingüística, de quem tem emprestado "teorias sobre o léxico, sua estrutura e formação", e com a lexicografia, com a qual "compartilha formas de estruturar e descrever palavras, além de experiência na apresentação de informação sobre as palavras" (*ibid.*: 4). Devido às radicais transformações por que tem passado recentemente, por conta do grau de automação verificado na coleta e processamento de dados terminológicos, tornam-se cada vez mais estreitas as relações da disciplina com a tecnologia de informação, a ciência de informação e a lingüística computacional. O autor reconhece muitas similitudes principalmente entre a Terminologia e a ciência de informação; para ele, "ambas podem ser chamadas ciências aplicadas [...], ambas são extremamente dependentes de evidências empíricas, como uso, necessidades e preferências de usuários, e são, desta forma, receptivas às demandas da sociedade" (*ibid.*: 4-5).

Como se trata de uma obra destinada prioritariamente a preencher uma lacuna acadêmica, sendo portanto destinada à formação de profissionais, e dado seu interesse pela prática terminológica, Sager apresenta uma metodologia de compilação, armazenamento e recuperação de terminologia, por via informatizada. Tal metodologia funda-se em princípios teóricos que ele apresenta na forma de três dimensões da terminologia, uma dimensão cognitiva, uma dimensão lingüística e uma dimensão comunicativa. A dimensão cognitiva trata das relações das formas lingüísticas com seu conteúdo conceptual, e é onde se permite uma distinção entre termo e palavra, essencial à teoria da terminologia. Uma abordagem

cognitiva do estudo da terminologia, escreve ele, "requer uma compreensão da estrutura de conhecimento a fim de se obter um esboço o mais completo e coerente possível da natureza, do comportamento e da interação dos conceitos e seus respectivos termos" (*ibid.*: 13). A dimensão lingüística, por sua vez, trata das formas existentes e possíveis de representação de terminologias. Aqui, Sager analisa a teoria dos termos, contrapondo uma abordagem onomasiológica tradicional ("naming approach") a uma abordagem semasiológica ("meaning approach") (*ibid.*: 56), ao mesmo tempo em que enfatiza a importância dos aspectos pragmáticos em sua formação. Tais aspectos devem ser levados em conta, pois "a formação de termos sempre se dá em ambientes específicos [...], sendo e podendo ser influenciada conforme a área em que ocorre, a natureza das pessoas envolvidas e a origem do estímulo para sua formação" (*ibid.*: 80). Finalmente, a dimensão comunicativa, que ele pioneiramente acrescenta às duas primeiras, enfoca o uso das terminologias em situações reais de comunicação. A principal consequência do reconhecimento dessa dimensão comunicativa é que "sendo estudados no contexto de situações comunicativas, os termos deixam de ser vistos como itens isolados em dicionários ou como parte de uma linguagem semi-artificial" (*ibid.*: 58). Por isso, tal reconhecimento implica uma mudança metodológica, pois os termos passam a ser estudados nos textos e não mais como entidades isoladas, como rótulos para coisas independentes de um contexto (embora puramente lingüístico), configurando uma abordagem terminológica baseada em corpus extraído de situações de linguagem natural.

Essa dimensão comunicativa é o principal pilar de sustentação para um paradigma alternativo da teoria da terminologia, proposto recentemente por Cabré. Mas, antes de chegarmos a este novo paradigma, vejamos rapidamente algumas de suas idéias e reflexões acerca do desenvolvimento da área, em suas vertentes prática e teórica. Da mesma forma que outros teóricos antes dela, a autora relaciona as origens de uma prática terminológica voltada à padronização principalmente aos trabalhos realizados por Lavoisier, na química, e Lineu na botânica e zoologia, durante o século XVIII, atribuindo a especialistas, ou mais precisamente, a cientistas, o caráter de verdadeiros protagonistas de atividades voltadas para questões de denominação e conceituação. Com a progressiva internacionalização da ciência, verificada no século seguinte, "os cientistas começam a manifestar de forma sistemática a necessidade de disporem de regras de formação de termos para cada disciplina", necessidade expressa por botânicos, zoólogos e químicos em seus congressos internacionais (1993: 21).

No início do século XX, diz ela, "são os técnicos que se incorporam à ela [terminologia] de forma relevante", pois "o progresso acelerado dos diversos ramos profissionais e o rápido desenvolvimento da tecnologia trazem a necessidade não apenas de denominar novos conceitos, como também de harmonizar as novas denominações" (*ibid.*: 21-22). Assim, à necessidade da ciência de dispor de métodos e regras de formação de termos, soma-se uma necessidade tecnológica de denominação e harmonização. Conforme observado pela autora, é no contexto tecnológico das engenharias que, nos anos 30, surge o austriaco Eugene Wüster, considerado o fundador da terminologia moderna e principal representante da Escola de Viena, e o russo D. S. Lotte, fundador da Escola Soviética. Estaremos nos referindo a estas e a outras escolas de terminologia mais adiante. Vejamos antes o que ela chama de aspectos funcionais, que conduzem a enfoques diferentes sobre seu estudo e sua prática.

Para Cabré, a terminologia aplica-se a diversas finalidades, todas porém relacionadas ao mundo da comunicação e da informação. Por estar inserida num contexto comunicativo fortemente marcado pela diversidade, está condicionada a uma ampla gama de enfoques e abordagens teóricas e metodológicas. A autora nos diz que

a diversidade de contextos em que são realizados os trabalhos terminológicos, a diversidade de perspectivas subjacentes a qualquer área interdisciplinar e a diversidade de sujeitos que elaboram terminologia, de áreas temáticas que são objeto de estudo e de finalidades a que se destinam, conduzem a um amplo leque de abordagens à disciplina e sua realização aplicada (*ibid.*: 37).

Embora não seja possível se chegar a uma visão uniforme da terminologia, em razão de tanta diversidade, para Cabré não é tão complicado estabelecer um conjunto de pressupostos compartilhados pelas diferentes formas de abordagem da disciplina. Para isto, ela propõe uma distinção entre quatro perspectivas que conduzem a enfoques diferenciados de sua teoria e prática. São respectivamente a perspectiva dos linguistas, dos especialistas, dos usuários (diretos e indiretos) e dos planejadores linguísticos. Para os linguistas, a terminologia é "uma parte do léxico, especializada por critérios temáticos e pragmáticos"; para os especialistas, "é um reflexo formal da organização conceptual de uma especialidade e um meio inevitável de expressão e comunicação profissional"; para os usuários, a terminologia é "um conjunto de unidades de comunicação, úteis e práticas, cujo valor se mede em função de critérios de

economia, de precisão e de adequação"; finalmente, para os planejadores lingüísticos, ela representa "um lugar da linguagem onde se deve interferir para reafirmar a existência, a utilidade e a sobrevivência de uma língua, como também para garantir, mediante sua modernização, sua própria continuidade como meio de expressão" (*ibid.*).

A partir desses quatro enfoques distintos, são estabelecidas duas perspectivas mais amplas: a dos usuários e a dos produtores de terminologia. De acordo com essa linha dupla, "podemos dizer que a terminologia apresenta duas dimensões distintas, mas relacionadas entre si: uma dimensão lingüística e uma dimensão comunicativa". Enquanto para uns, a terminologia é um instrumento de comunicação, para outros é um objeto de trabalho (*ibid.*: 37-38). Aqueles para quem a terminologia constitui um instrumento de comunicação são os usuários diretos, ou especialistas de cada área de especialidade, e os indiretos, ou tradutores, redatores técnicos e intérpretes. Aqueles para quem constitui um objeto de trabalho são os próprios terminólogos e demais profissionais de linguagem dedicados à coleta, compilação, descrição e tratamento de informação terminológica, como especialistas em planejamento e documentalistas.

Para Cabré, é possível estabelecermos três grandes tendências em terminologia a partir das principais finalidades que emergem de diferentes enfoques. São elas: a terminologia orientada ao sistema lingüístico, ou corrente lingüístico-terminológica, a terminologia orientada à tradução, ou corrente traducional, e a terminologia orientada à planificação, ou corrente normalizadora. A primeira tendência engloba três escolas de terminologia, a de Viena, a de Praga e a de Moscou. A Escola de Viena é a mais difundida e constitui a base da terminologia moderna. Orienta-se pela Teoria Geral da Terminologia, proposta por Wüster. Segundo Cabré, sua importância se fundamenta no fato de ter sido "a única escola a ter desenvolvido um conjunto sistemático de princípios e fundamentos que constituem a base de toda a terminologia teórica e prática moderna". Essa escola "nasce de uma necessidade técnica e científica de normalizar terminologicamente suas disciplinas, com o objetivo de garantir a comunicação profissional e a transferência de conhecimento entre especialistas" (*ibid.*: 39-40). Tem, portanto, um caráter eminentemente normativo. A Escola de Praga dedica-se quase que exclusivamente à descrição estrutural e funcional das linguagens de especialidade. Para seus adeptos, "as linguagens especializadas são consideradas um "estilo" profissional" e, em decorrência disso, os termos são concebidos como "unidades que fazem parte de um estilo

funcional profissional" (*ibid.*). A Escola de Moscou, por sua vez, sofre a interferência da escola vienense e, por esta razão, seu principal enfoque é a questão da "normalização de conceitos e termos no âmbito dos problemas oriundos da situação de plurilinguismo da antiga União Soviética" (*ibid.*).

Já a corrente traducional, i.e. de terminologia orientada à tradução, desenvolve-se notadamente no mundo francófono e se encontra "na base dos trabalhos terminológicos desenvolvidos por organismos internacionais plurilíngües (ONU, UNESCO, CUE, FAO, etc.). Representa também o elemento mais importante a impulsionar a criação de bancos de dados terminológicos (TERMIUM, do governo canadense; EURODICAUTOM, da CUE; BTQ, do governo de Quebec, entre outros)" (*ibid.*: 41). Finalmente, a corrente normalizadora, ou voltada à planificação lingüística, surgiu durante os anos 70, no âmbito de "projetos de recuperação de línguas em situação de uso minoritário em seu próprio território", como ocorreu em Quebec em relação ao francês. Tais projetos embasavam-se na hipótese de que "o status de uma língua pouco estabilizada em seu uso pode mudar com uma intervenção sistemática e estratégica, levada a cabo por órgãos que detêm a responsabilidade sobre o tema, com o estabelecimento de uma legislação adequada e uma série de medidas destinadas a promover tal mudança" (*ibid.*).

Sobre a sua concepção da terminologia propriamente dita, Cabré reitera o caráter polissêmico do termo ao se referir às três noções hoje amplamente conhecidas e aceitas: 1) a disciplina, ou conjunto de princípios e pressupostos que regem o estudo dos termos; 2) a prática, ou conjunto de metodologias utilizadas no trabalho terminológico; e 3) o produto, ou conjunto de termos de uma determinada área de especialidade (cf. 1990: 82; 2000: 18). É, no entanto, no bojo de seus questionamentos acerca destas três acepções que se origina uma nova proposta de abordagem da terminologia.

Ao analisar cada um de seus componentes definitórios, a autora se coloca algumas questões sobre a terminologia enquanto objeto e enquanto disciplina que se ocupa desse objeto. Em relação à primeira acepção, a de que a terminologia é uma *disciplina*, ela questiona se se trata mesmo de uma disciplina ou apenas de uma técnica, e que tipo de disciplina; em sendo a terminologia uma disciplina *que se ocupa* dos termos especializados, que sentido tem *ocupar-se dos termos*, analisar, compilar em glossários, padronizar? Na

segunda acepção, a terminologia é concebida como um conjunto de princípios ou diretrizes subjacentes à compilação de termos; nesse sentido questiona a existência dessas diretrizes, sua universalidade e seu caráter normalizador. Em sua terceira acepção, seus questionamentos relacionam-se à idéia de conjunto, à diferença entre termos e palavras, ao sentido de falarmos de linguagens de especialidade e à diversidade em contextos especializados (cf. 2000: 18-19). Enfim, trata-se de uma série de questionamentos que a fazem retomar as diferentes perspectivas a partir das quais a terminologia tem sido abordada, os pressupostos teóricos subjacentes à teoria e à prática terminológicas, e a própria concepção de linguagem relacionada a cada tipo de abordagem.

É na construção das respostas a alguns desses questionamentos que surgem os elementos de seu paradigma alternativo, ou seja, os elementos para uma abordagem teórica de base comunicativa. Ao introduzir tais elementos, Cabré pondera que "toda atividade científica se sustenta num conjunto de princípios, que são, no final das contas, os elementos que permitem avaliar a coerência de uma determinada posição ou pensamento" (*ibid.*: 69), mas, no entanto, nem sempre tais princípios são explicitados, fazendo com que frequentemente "as propostas científicas não satisfaçam totalmente as expectativas criadas em torno delas" (*ibid.*). No âmbito desses questionamentos, a autora sugere que

a terminologia se debate atualmente entre a defesa dos princípios gerais da terminologia (TGT), inicialmente suficientes para determinadas finalidades (normalização conceptual e denominativa dos termos), e a busca de novos caminhos que possam dar conta da complexidade das unidades terminológicas no contexto da comunicação especializada (*ibid.*).

Sua reflexão aponta como causas para essa ruptura dois elementos principais, a saber: o reducionismo com que se concebia a disciplina e suas aplicações, por um lado, e a excessiva uniformização a que se tentava submetê-la, notadamente a universalidade dos princípios que a sustentavam, por outro.

Os elementos que compõem o novo paradigma proposto por Cabré organizam-se a partir de dois blocos fundamentais: o primeiro refere-se aos princípios gerais da disciplina e o segundo é centrado na diversidade de suas aplicações. A autora parte de cinco princípios

gerais: i) a terminologia é uma *interdisciplina*, que contém componentes oriundos das ciências da linguagem, das ciências cognitivas e das ciências sociais, devendo-se a isto o caráter poliédrico da unidade terminológica, que é ao mesmo tempo uma unidade lingüística, uma unidade cognitiva e uma unidade sociocultural; ii) por conta desse tripé interdisciplinar, a prática terminológica também é tridimensional, no mesmo sentido apontado por Rey, mais atrás; iii) a interdisciplinaridade somente se justifica quando os elementos procedentes de disciplinas distintas não apenas se integram, mas provocam uma reorganização conceitual; iv) a interdisciplinaridade proporciona análises de diferentes ângulos, permitindo enfocar aspectos diferentes; e v) além de interdisciplinar, a terminologia é multifuncional, prestando-se a objetivos diversos.

Por sua multifuncionalidade, chegamos ao segundo bloco de princípios, em que a autora reconhece que vi) a compilação de termos e confecção de dicionários é a aplicação mais conhecida da terminologia, porém não é a única, nem tampouco a mais representativa; vii) toda atividade terminológica justifica-se socialmente por sua utilidade em relação à solução de problemas relacionados à informação e à comunicação; viii) a importância social da terminologia é hoje determinada pelas características da sociedade atual; e ix) a prática terminológica varia conforme o contexto em que ocorre, os objetivos, os recursos disponíveis e a área que se deseja abordar.

Com base nos princípios aqui brevemente resumidos, Cabré identifica as principais insuficiências da teoria clássica, lembrando que a terminologia enquanto disciplina com fundamentos explícitos, "surge da prática, da necessidade de cientistas e profissionais normalizarem denominativa e conceitualmente suas áreas com o objetivo de garantir a comunicação profissional e a transferência de conhecimentos" (*ibid*: 72). A Teoria Geral da Terminologia (TGT), proposta por Wüster, escreve ela, é também decorrente de uma reflexão realizada a partir da prática, a partir de sua experiência durante o processo de realização de *The Machine Tool*, dicionário editado em 1968, e acrescenta que

em sua tese de doutorado, nos anos 30, Wüster havia exposto os motivos que justificam a sistematização dos métodos de trabalho em terminologia, estabelecido os princípios que devem reger os trabalhos sobre os termos e apontado as linhas principais de uma metodologia de tratamento de dados terminológicos, com base na experiência

adquirida com a confecção de seu dicionário. As preocupações de Wüster nessa época são sobretudo metodológicas e normativas, e não teóricas, uma vez que considerava a terminologia como uma ferramenta de trabalho que deve servir da maneira mais eficaz possível para a desambiguação da comunicação científica e técnica (*ibid.*: 72).

Conforme sugere Cabré, as motivações para o desenvolvimento da TGT são de caráter notadamente prático, sendo sua característica mais relevante o fato de centrar o foco da disciplina nos conceitos e de direcionar os trabalhos terminológicos para a normalização de termos e definições. A proposta wüsteriana, aponta a autora, "centra-se basicamente no conceito e nas relações conceptuais enquanto unidades de análise para se chegar às denominações dos conceitos estabelecidos" (*ibid.*: 73). Apesar de sua coerência interna, "baseada na busca de uma língua universal e na uniformidade da comunicação", a TGT não consegue dar conta da complexidade que hoje caracteriza a terminologia real, e o elemento chave dessa insatisfação é "seu caráter reducionista, que a torna incapaz de dar conta da complexidade do fenômeno terminológico no âmbito da comunicação especializada" (*ibid.*: 74). Para Cabré, o principal resultado desse reducionismo é uma confusão entre realidade e desejo, que no fundo esconde a dicotomia linguagem real x linguagem ideal, inspirando "uma aplicação fundada numa metodologia que se apresenta como universalmente válida e uniforme para todas as áreas de especialidade, para todas as finalidades e para todas as línguas" (*ibid.*). A autora resume as insuficiências da proposta wüsteriana aos seguintes pontos:

- os conceitos se estruturam lógica e ontologicamente de maneira hierárquica;
- a organização dos conceitos de todas as áreas profissionais segue um modelo do conhecimento científico, sem considerar as diferenças inerentes a cada área, seus contextos e demais condicionantes, tendendo à uniformização do conhecimento através de um processo de normalização;
- não se contempla a dimensão comunicativa dos termos, e a unidade terminológica só tem interesse em si mesma e a partir de uma única perspectiva, i.e., a normalização;
- a TGT parte do pressuposto de que os conceitos são estáticos;
- os termos não têm valor pragmático nem apresentam variação semântica, pois são considerados apenas no âmbito do registro formal profissional; e
- os termos normalizados podem servir para qualquer tipo de situação comunicativa.

Em síntese, a autora observa que "todos os pressupostos da teoria de Wüster se sustentam em dois princípios ou propósitos: a idealização da realidade, do conhecimento e da comunicação, e a limitação da área à normalização" e que as críticas que se tem feito à TGT "procedem de vários setores e se referem a três aspectos da terminologia que constituem os fundamentos de seu caráter interdisciplinar: os aspectos cognitivos, lingüísticos e sociais" (2000: 113).¹⁷ A partir do reconhecimento dessas fragilidades, Cabré apresenta novas bases para a constituição de uma nova abordagem da terminologia como disciplina que atente para seus dois aspectos funcionais, representacional e comunicativo, para sua materialização em diferentes níveis discursivos e, ao mesmo tempo, leve em conta a diversidade das áreas profissionais e seus condicionantes. Em linhas gerais, sua teoria pretende "dar conta dos termos como unidades singulares e às vezes similares a outras unidades de comunicação, dentro de um esquema global de representação da realidade, admitindo a variação conceptual e denominativa, e levando em conta sua dimensão textual e discursiva" (*ibid.*: 120). Assim, os fundamentos de sua Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) resumem-se nos seguintes:

- a terminologia é concebida como uma *área interdisciplinar*, construída a partir de uma *teoria do conhecimento*, uma *teoria da comunicação* e uma *teoria da linguagem*;
- o objeto de estudo dessa teoria são as unidades terminológicas, que são parte da linguagem natural e da gramática que descreve cada língua;
- os termos são unidades lexicais, ativadas singularmente por seus condicionantes pragmáticos de adequação a um tipo de comunicação;
- os termos são unidades de forma e conteúdo, nas quais o conteúdo é simultâneo à forma; o conteúdo de um termo não é nunca absoluto, mas sim relativo, segundo cada contexto e situação de uso;
- os conceitos de uma mesma área de especialidade mantêm relações de diferentes tipos entre si, e o conjunto dessas relações forma a estrutura conceptual de uma área;
- o valor de um termo se estabelece pelo lugar que ocupa na estrutura conceptual de uma área, conforme os critérios de trabalho estabelecidos; os termos *não pertencem a uma área*, mas são *empregados nela* com um valor singularmente específico;
- o objetivo da teoria da terminologia é descrever formal, semântica e funcionalmente as unidades que podem adquirir valor terminológico, dar conta de como o ativam e explicar suas relações com outros tipos de signos de um mesmo sistema ou de outro. O objetivo da terminologia aplicada é compilar as unidades de valor terminológico em uma área temática e numa situação determinadas e estabelecer suas características conforme tal situação;

¹⁷ Entre as críticas aos princípios da TGT, Cabré cita como mais pertinentes os trabalhos de Rey (1979 e 1992), Sager (1990), Gambier (1991), Slodzian (1995), Condamines (1994), Gaudin (1991 e 1995) e Temmerman (1997). A referência completa encontra-se na bibliografia.

- a finalidade aplicada de compilação e análise das unidades de valor terminológico empregadas numa área é muito diversa e permite inúmeras aplicações, nas quais se ativa a dupla função dos termos, i.e., a representação do conhecimento especializado e a sua transferência (cf. *op. cit.*: 122-124).

Para Cabré, somente a partir de um ponto de vista teórico e metodológico que ao mesmo tempo contemple as variações lingüísticas em todas as suas dimensões, assuma a condição de adequação dos termos, integre os aspectos psicolingüísticos aos elementos sociolingüísticos, além de assumir os diferentes níveis de representação para diferentes níveis de especialização, é que será possível aos termos "manifestarem-se em toda a sua realidade comunicativa e representacional. Somente assim, a terminologia do desejo passa a ser efetivamente a terminologia da realidade" (*ibid.*: 126).

Já com vistas a finalizar nossa pequena jornada pelo universo da terminologia, vejamos ainda outros dois enfoques contemporâneos, a partir de duas perspectivas ligeiramente distintas, porém interrelacionadas a esta abordagem de natureza mais comunicativa, apresentado por Cabré. O primeiro trata de uma abordagem pragmática da terminologia, proposta por Pearson, e o segundo trata de uma abordagem sociocognitiva, proposta por Temmerman.

Em *Terms in Context*, Pearson procura demonstrar a viabilidade da utilização de corpora no processamento semi-automático de terminologia, ao descrever uma metodologia para recuperação e manipulação de padrões de metalinguagem para uso na formulação de definições terminológicas. Em sua abordagem essencialmente pragmática, a autora empresta algumas noções provenientes da lingüística baseada em corpus e, literalmente, coloca em prática a idéia antes sugerida principalmente por Sager (1990) de uma metodologia terminológica baseada em corpora autênticos, ou seja, extraídos de situações reais de comunicação, a partir do reconhecimento da importância do contexto no estudo dos termos. Pearson observa que

terminólogos "tradicionais" tendem a estudar os termos isoladamente e a ignorar o contexto, mesmo quando eles foram originalmente pesquisados no texto, enquanto terminólogos "modernos" prestam atenção ao uso, ainda que majoritariamente no âmbito do reconhecimento do termo e recuperação de fragmentos contextuais apropriados (1998: 2).

Isto decorre de uma concepção tradicional, a partir da qual se percebe uma distinção clara e objetiva entre palavras e termos, estes entendidos apenas enquanto rótulos para conceitos que, por sua vez, nada mais são do que entidades abstratas isoladas de um determinado texto. Na terminologia tradicional, prossegue ela, "a ênfase reside na definição de conceitos, no isolamento de significados, em vez de se estabelecer convencionalmente um rótulo apropriado (i.e., termo) para um conceito" (*ibid.*).

Em sua proposta para uma metodologia baseada em corpus, essa distinção clara e objetiva entre termos e palavras não é apenas questionada, mas abandonada. Isto porque o principal fator a ser considerado quando se deseja determinar se uma unidade lexical em particular deve ser interpretada como uma palavra ou um termo é o cenário comunicativo onde tal unidade ocorre. "Palavras ou conjunto de palavras que podem ser descritas como *termos* em determinados cenários comunicativos podem ser reconhecidas simplesmente como *palavras* em outros", escreve ela (*ibid.*: 3). O percurso seguido em sua proposta é similar ao de outros teóricos antes dela, ou seja, primeiramente a autora apresenta a definição de terminologia da qual parte, para, em seguida, questionar alguns pressupostos da TGT, considerada atualmente a abordagem tradicional da terminologia.

Pearson também reconhece o caráter polissêmico da terminologia ao retomar a definição tripartida proposta por Sager e seguida por outros teóricos contemporâneos, conforme já apresentado nesta tese. Suas principais críticas à TGT podem ser resumidas como sendo: i) o fato de se partir do conceito, enquanto entidade abstrata; ii) a crença numa correspondência unívoca entre o termo enquanto rótulo e o conceito enquanto construto mental; iii) enquanto rótulos, os termos são "puros" e estão protegidos, isolados do uso real da linguagem; iv) o caráter prescritivo e normativo da atividade terminológica, que conduz à criação de vocabulários padronizados (cf. *op. cit.*: 11-12).

No âmbito de sua crítica, a autora contrapõe uma definição "tradicional" a definições de termo pragmáticas. Num enfoque tradicional, ela analisa a distinção proposta por Sager entre "palavras" e "termos" (Sager, 1990: 19), apontando suas semelhanças com as idéias de Rondeau e de Wüster antes dele que, por sua vez, conduzem à definição de signo lingüístico proposta por Saussure. Em resumo, Pearson conclui que "para terminólogos tradicionais, a noção de termo aplica-se a itens lexicais com referência especial em uma área restrita (Sager);

[o termo] pode ser um rótulo ou um símbolo lingüístico para um conceito (ISO 1087, Felber 1983: 8); é o equivalente ao signo lingüístico de Saussure, i.e., o conjunto de *signifiant* e *signifié* (Rondeau 1984: 19)", e observa que

faz-se distinções entre termos técnicos, que são utilizados numa única área, e termos gerais, que são utilizados em mais de uma área. Faz-se distinções também entre termos onde o significado (conceito subjacente) dos termos é convencionalmente estabelecido, e portanto protegido, e palavras onde o significado não é protegido. É fácil de entender por que terminólogos tradicionais gostariam de especificar uma correspondência unívoca entre conceito e termo, pois tal correspondência reduz a ambigüidade e facilita a comunicação. Pode facilitar a criação de hierarquias conceptuais que representem a estrutura de conhecimento de uma área, além do acréscimo de novos conceitos a tais hierarquias. É útil para fins de classificação, para a compilação de terminologias padronizadas. No entanto, é difícil imaginar como a definição de termo tal qual oferecida por aqueles que subscrevem a uma teoria de terminologia pode ser aplicada na prática (Pearson, 1998: 15).

Em oposição a uma definição de termo tradicional, Pearson privilegia uma noção de termo no contexto de situações textuais reais e não como um mero rótulo abstrato para um determinado conceito num dado sistema de classificação. Numa abordagem pragmática, as palavras adquirem ou perdem status terminológico, e tal status só pode ser determinado no âmbito de certos cenários comunicativos, ou de situações de comunicação. A autora alega que "falta aos terminólogos contextualizar a noção de domínio e esclarecer exatamente o que querem dizer ao se utilizaram de termos vagos como "discurso técnico" ou "discurso científico". Para ela, os termos somente podem ser considerados como tal quando empregados em determinados contextos e "toda discussão sobre se um termo é realmente um termo torna-se irrelevante se não estiver enraizada na realidade" (*ibid.*: 36).

A partir do pressuposto de que "as pessoas se comportam e falam de formas diferentes em contextos diferentes" e de que a "noção de cenário comunicativo é o fator mais importante no momento de decidirmos se as palavras estão sendo empregadas como palavras ou como termos" (*ibid.*: 26-28), a autora tenta descrever algumas situações de comunicação nas quais acredita ser a linguagem utilizada terminologicamente. As situações identificadas por ela são do tipo: i) especialista/especialista; ii) especialista/iniciados; iii) especialista mediano/leigo; e

iv) professor/aluno. A cada tipo, a autora atribui um nível de densidade de manifestação de linguagem terminológica, sendo para ela consideravelmente maior a probabilidade de uma densidade mais elevada de termos numa situação de comunicação do primeiro tipo. Por conta das diferenças de grau de familiarização ou nível de especialização entre autor/leitor ou falante/ouvinte, ela sugere que "a terminologia dos cenários i, ii, e iv, tem maiores chances de ser empregada de forma precisa, ao contrário do cenário iii, em que a terminologia é empregada de forma menos rígida e mais como parte de uma situação de comunicação geral". Conseqüentemente, conclui, "os cenários i, ii e iv são fontes confiáveis para possíveis candidatos a termos" e "quando os termos são empregados nesses contextos, podemos assumir que seus usuários aceitam o significado estipulado e convencionalmente estabelecido a eles associado" (*ibid.*: 39).

Ao considerar os cenários comunicativos enquanto principal fator na distinção entre palavras e termos, Pearson parece dar conta de um dos condicionantes fundamentais da linguagem humana, seja ela especializada ou não, que é seu componente evolutivo. Como ela mesma já havia observado, "o significado dos termos evolui conforme surgem as necessidades, independentemente daquilo que as normas prescrevem" (*ibid.*: 16), e só podemos acompanhar tal evolução no âmbito de contextos reais de comunicação onde se inserem.

É a partir principalmente dessa "propriedade evolutiva" da linguagem – e ao mesmo tempo potencializadora de transformações – que Temmerman vem propor sua abordagem sociocognitiva da Terminologia. "Não palavras para coisas, mas palavras que são coisas vivas com o poder de (co)mover" resume a idéia principal de sua argumentação, diz ela, que pretende explorar "algumas das conseqüências de se trazer o *poder das palavras de (co)mover* para a área da Terminologia (2000:xiii). O potencial criativo, transformador, "movedor" e "comovedor" da linguagem é amplamente reconhecido na linguagem literária, ou linguagem geral; aqui, a autora analisa as implicações do reconhecimento desse mesmo potencial nas linguagens especializadas. Em sua análise, ela desconstrói alguns princípios fundamentais da Terminologia clássica tradicional, ou mais especificamente da chamada Escola de Viena.

A Terminologia tradicional, também para Temmerman, fundamenta-se em certos pressupostos considerados inquestionáveis, como a objetividade dos conceitos, o princípio da

univocidade, que supostamente protege as palavras da ambigüidade e da polissemia, restringindo-se a uma perspectiva onomasiológica. Da mesma forma que a lingüística estrutural saussureana, escreve ela

a estrutura teórica subjacente aos métodos e princípios da Terminologia tradicional estava profundamente enraizada no objetivismo. Se a crença num mundo objetivo for substituída pela crença na compreensão de que o mundo e as palavras empregadas para comunicar sobre esse mundo fundamenta-se na experiência humana, e se esta compreensão é tida como prototipicamente estruturada e envolvida num sistema, então os princípios básicos das escolas de Terminologia tradicionais precisarão ser reavaliados (*ibid.*: 1-2).

A partir de idéias emprestadas das ciências cognitivas, a autora reavalia cinco princípios, que para ela configuram-se como os dogmas básicos da Terminologia tradicional: i) o estudo da disciplina parte de uma perspectiva onomasiológica, isto é, a Terminologia parte do conceito sem considerar a linguagem; ii) um conceito é objetivo, sendo possível atribuir-lhe um lugar num sistema conceptual lógico ou ontologicamente estruturado; iii) um conceito é idealmente definido numa definição intencional; iv) existe uma relação unívoca entre um conceito e o termo que ele designa, um conceito refere-se apenas a um termo e um termo designa apenas um conceito; e v) a relação conceito/termo é permanente, imune ao tempo.

Para cada um desses princípios, ela observa que: i) a linguagem desempenha um papel na concepção e comunicação de categorias; ii) muitas categorias são desordenadas e não podem ser classificadas por meios lógicos ou ontológicos; iii) nem sempre é possível ou desejável uma definição intencional; iv) a polissemia, a sinonímia e a linguagem figurada ocorrem e são funcionais na linguagem especializada; v) as categorias evoluem, os termos mudam de significado, a interpretação se desenvolve (cf. *op. cit.*: 4-16). Temmerman ressalta ainda que a Terminologia tradicional a) faz uso de um modelo objetivista, que é a base do pensamento ocidental; para os objetivistas, escreve ela, "a realidade é uma estrutura racional, independente da interpretação humana. [...] A perspectiva objetivista não considera o aspecto comunicativo da linguagem" (*ibid.*: 16-17). b) Em diversos casos, transformou-se num dogma; "o modelo daquilo que o significado é e a forma como pode ser descrito não é questionado, mesmo havendo muitos problemas associados à aplicação de princípios

terminológicos" (*ibid.*: 17). E c) investiga apenas maneiras de tornar a terminologia eficaz e o menos ambígua possível, sempre visando ao planejamento lingüístico ou à padronização, pois

os princípios formulados por Wüster na primeira norma ISO 704 (1968) adequavam-se perfeitamente para documentos relacionados à padronização de termos na área de tecnologia e na engenharia [...] O erro foi simplesmente generalizar [...] e proclamar que tais princípios pudessem formar a base para uma teoria geral da terminologia (*ibid.*: 18).

Temmerman analisa criticamente não apenas a Escola de Viena, mas também as escolas de Praga e de Moscou. Para ela, tais escolas, embora supostamente diferentes, coincidem na maioria de suas características, pois fundamentam-se praticamente nos mesmos pressupostos, mostrando um estreito paralelismo com a lingüística estrutural saussureana. Contrariando tais pressupostos, sua proposta para uma Terminologia alternativa, ou Terminologia sociocognitiva descritiva, parte do pressuposto de que "as palavras não 'significam' objetivamente"; ao contrário, elas apenas "podem ser interpretadas num processo de comunicação lingüística sobre uma realidade fora da linguagem que também deve ser interpretada" (*ibid.*: 42). Os paradigmas em que baseia seus novos métodos de descrição terminológica originam-se da hermenêutica e de uma abordagem cognitivista da semântica. Um dos pilares de sua metodologia funda-se numa reação pós-moderna ao racionalismo, reação esta desencadeada notadamente por Jacques Derrida, "o filósofo pós-moderno [...] que deflagrou uma guerra "desconstrutivista" de um homem só contra a tradição ocidental do pensamento racionalista" (*ibid.*: 55). Nessa guerra, escreve ela

Derrida é desafiado pela arrogância totalitária implícita nos argumentos da Razão. Contra uma noção essencialista de estabilidade do significado, Derrida mobiliza a idéia central do estruturalismo – que o significado não é inerente aos signos, nem àquilo a que se referem, mas resulta puramente de relações entre eles. Ele esboça as implicações 'pós-estruturalistas' radicais deste ponto – que as estruturas de significado (sem o que nada existe para nós) incluem e envolvem quaisquer de seus observadores. Observar é interagir, assim a imparcialidade 'científica' dos estruturalistas ou de qualquer outra posição racionalista é questionável (*ibid.*).

Além de inspirar-se na crítica derridiana ao estruturalismo, a autora se apropria também de alguns desdobramentos da semântica cognitiva, que "trata de todo potencial de interação entre o mundo, a linguagem e a mente humana", aliados a uma reinterpretação do triângulo semântico. Para Temmerman, na Terminologia tradicional, o potencial total dos três elementos que compõem o triângulo semântico foi deliberadamente deixado de lado, notadamente o que escapava ao objetivismo. Ao integrar esses elementos, ela sugere que a Terminologia sociocognitiva "considera nosso conhecimento sobre o mundo da ciência e da tecnologia enquanto **experimental** (Lakoff 1987). Muito do que conhecemos e interpretamos sobre o mundo é **personificado** (Johnson 1987), é o resultado de nossas percepções sensoriais" (*ibid.*: 61, grifos da autora). A partir desses *insights* e de sua própria experiência com uma análise terminológica realizada no âmbito das ciências biológicas, a autora propõe cinco novos princípios como uma alternativa sociocognitiva à Terminologia tradicional. Tais princípios são resumidos por ela como sendo:

Princípio 1: a Terminologia sociocognitiva parte de unidades de interpretação que freqüentemente têm uma estrutura prototípica;

Princípio 2: a interpretação é um evento estruturado. Uma unidade de interpretação possui uma estrutura intracategorial e uma estrutura intercategorial e funciona em modelos cognitivos;

Princípio 3: dependendo do tipo de unidade de interpretação e do nível e tipo de especialização do emissor e receptor na comunicação, o que é mais essencial ou menos essencial em termos de informação para uma definição irá variar;

Princípio 4: a sinonímia e a polissemia são funcionais no processo de interpretação e, portanto, precisam ser descritas;

Princípio 5: a) as unidades de interpretação estão em constante evolução. Os períodos históricos em sua evolução podem ser mais ou menos essenciais para a interpretação de uma unidade; b) modelos cognitivos interferem no desenvolvimento de novas idéias, o que implica que os termos são motivados (cf. *op. cit.*: 223).

Assim como as idéias de outros teóricos aqui mencionados, a abordagem alternativa de Temmerman traz implicações para a prática terminológica, não apenas no interior mesmo da Terminologia, mas também fora dela, ou seja, no âmbito de outras disciplinas que com ela interagem ou que dela fazem uso. Como vimos, introduzir a idéia do "poder das palavras de (co)mover" na linguagem especializada desencadeou uma transformação paradigmática que,

por sua vez, tende a acarretar transformações metodológicas. Entre tantos poderes, as palavras têm o poder de se movimentar através do tempo, escreve Temmerman, e reconstruir seu itinerário "significa recontar fragmentos da história da experiência e provar o papel que a linguagem desempenha na criação dessa nova experiência" (*ibid.*: 236). As palavras têm o poder de se movimentar, de se transformar e de provocar transformações, através do tempo, através do espaço, através de culturas, através de línguas, numa mesma língua ou de uma língua para outra, o que nos transporta de volta à tradução.

Nesta nossa breve jornada pelo universo da terminologia, vimos que o aparecimento dos jargões remonta ao século XII, quando, numa acepção negativa, estes eram tidos como linguagem ininteligível, como linguagem do submundo. É apenas mais tarde, por volta do século XVII que a expressão *jargão* passa a ser empregada para referir-se à linguagem das artes ou à linguagem técnica. A terminologia, enquanto vocabulário especializado ou conjunto de termos característicos de uma determinada área ganha esta acepção somente no século XVIII, em decorrência principalmente do trabalho de cientistas, numa tentativa de classificar e definir objetivamente suas áreas e objetos de estudo. Logo em seguida, a partir do desenvolvimento alcançado em diversas áreas profissionais, a terminologia passa a designar também as linguagens técnicas.

Muito embora desde o século XV já existissem trabalhos de compilação terminológica ou glossários, estes não eram vistos enquanto objeto de estudo, mas sim como ferramentas necessárias para auxiliar a superação de dificuldades de comunicação. Desta forma, a Terminologia só começa a se firmar como área de estudo a partir do século XX, notadamente com a chegada da Lingüística. Como vimos, no entanto, trata-se de uma área controversa, pois ainda hoje não é considerada como uma disciplina autônoma. Em sua história não tão longa, tem sido abordada a partir de diversas perspectivas, sendo as mais recentes uma crítica à chamada Teoria Geral da Terminologia (TGT). Nesse sentido, da mesma forma que a tradução, podemos dizer que a Terminologia não ficou imune às transformações pelas quais têm passado outras disciplinas no âmbito das quais tem sido estudada. Assim, de uma única TGT, fundamentada em princípios da Lingüística saussureana, atualmente temos pelo menos três abordagens distintas, porém interrelacionadas: uma abordagem comunicativa, uma abordagem pragmática e uma abordagem sociocognitiva da Terminologia, cujos princípios foram brevemente mostrados neste episódio.

É apenas a partir dessas novas abordagens do estudo da Terminologia que podemos reconhecer a sua aproximação da Tradução. É o reconhecimento das limitações de uma abordagem essencialmente voltada à padronização dos dizeres de determinadas comunidades que conduz a uma abordagem de caráter descritivo, e não exclusivamente normativo, permitindo explorar sua vertente aplicada. Por esta razão, no próximo segmento, veremos como tradução e terminologia se entrelaçam, a partir dos pontos de vista teóricos aqui apresentados para, no terceiro episódio, tentarmos iluminar os buracos negros detectados no início desta tese. Veremos quais as principais consequências e implicações da abordagem teórica aqui privilegiada não só para questões terminológicas relacionadas à prática da tradução, mas também para questões do ensino de Terminologia no contexto da formação de tradutores.

II.4. Explorando singularidades de dois universos

At that time, which we call the big bang, the density of the universe and the curvature of space-time would have been infinite. Because mathematicians cannot really handle infinite numbers, this means that the general theory of relativity [...] predicts that there is a point in the universe where the theory itself breaks down. Such a point is an example of what mathematicians call a singularity.

Stephen Hawking
(*A brief history of time*)

Nenhum especialista minimamente informado em lingüística aplicada põe em dúvida hoje em dia que entre a tradução especializada e a terminologia existe uma relação evidente e inevitável. Contudo, muito pouco se tem estudado as características e as motivações dessa relação e menos ainda se tentou estabelecer seus limites.

Maria Teresa Cabré
(*La Terminología: Representación y comunicación*)

Uma singularidade, entendida no contexto da física moderna, é um ponto no espaço-tempo no qual a curvatura espaço-tempo se torna infinita, conforme definido por Hawking no glossário da edição inglesa de sua *Breve história*. Assim convencionaram os matemáticos, a partir de um modelo teórico inventado para dar conta matematicamente de certas pressuposições acerca do comportamento do universo. Em nossa breve história do universo da tradução, vamos empregar uma outra acepção já conferida a este termo; vamos chamar de *singularidades* as particularidades ou especificidades do universo tradutológico e do terminológico; ou, mais especificamente, chamaremos de *singularidades* as características peculiares a tais universos. Particularidades ou características também infinitas, já que se manifestam diferentemente de acordo com a posição ocupada por ambos universos num dado espaço-tempo, num dado contexto geográfico, social, político, histórico etc., posição essa invariavelmente determinada pelo olhar de um observador.

Nossa jornada através das galáxias teóricas da tradução e da terminologia, desde os seus primórdios até os dias de hoje, objetivou identificar manifestações singulares cuja exploração pudesse nos conduzir a um melhor entendimento da ocorrência de buracos negros

no universo da prática tradutória. Para isto, delineamos um panorama das diferentes idéias, abordagens e pressupostos que têm permeado a prática tradutória e a prática terminológica, como também o que se diz sobre elas. No presente segmento, procuraremos mostrar que tradução e terminologia compartilham muitas dessas particularidades. E será a exploração dessas particularidades que nos levará a iluminar os buracos negros para, em seguida, buscarmos os pilares de um novo universo, no qual a importância da integração entre tradução e terminologia esteja plenamente refletida.

Conforme visto anteriormente, a tradução é uma atividade milenar, cujo estudo tem despertado o interesse de filósofos, praticantes e observadores das mais diversas áreas de conhecimento, dada sua importância no âmbito do intercâmbio de informações e de experiências comunicativas entre culturas que não compartilham uma mesma língua. Tal importância não se verifica apenas entre falantes de línguas distintas, pois para alguns teóricos, traduzir é uma atividade que se dá entre línguas e ao mesmo tempo no interior de uma mesma língua, desde o instante em que aprendemos a falar. Isto é o que sugere Octavio Paz, ao escrever:

Quando aprendemos a falar, estamos aprendendo a traduzir; a criança ao perguntar à mãe o significado de uma palavra, está lhe pedindo na verdade que traduza o termo desconhecido em palavras simples que já conheça. Nesse sentido, a tradução numa mesma língua não é essencialmente diferente da tradução entre duas línguas, e as histórias de todos os povos reproduzem a experiência infantil. Até mesmo a mais isolada tribo, cedo ou tarde, vai travar contato com outros povos que falam uma língua estrangeira (*apud* Schulte & Biguenet, *op. cit.*: 152).

Apesar da impossibilidade de precisarmos exatamente quando foram traduzidas as primeiras palavras, podemos dizer que a tradução é um acontecimento que nos acompanha desde o princípio de nossas relações com o outro, seja em nossa própria língua, ou, mais tarde, envolvendo uma ou mais línguas estrangeiras, à medida que vamos travando contato com elementos provenientes de outras culturas. Esse acontecimento tem sido objeto de definições muitas vezes distintas e até mesmo contraditórias, em decorrência de suas particularidades e, principalmente, da diversidade de perspectivas a partir das quais tem sido abordado ao longo de sua história. As antologias visitadas em nossa jornada pelo universo da tradução estão

organizadas cronologicamente e, como vimos, apresentam concepções às vezes recorrentes em distintos momentos do tempo. Nos textos incluídos nessas antologias, podem ser observadas correntes que ora fluem a favor da língua e da cultura de chegada, ora a favor da língua e da cultura de partida. Esse fluir alternado reflete, por sua vez, as várias tendências, as diversas abordagens e os lugares de onde se pode realizar uma atividade ou simplesmente observá-la enquanto acontecimento.

Nesse vaivém paradigmático, a tendência que marcou a prática tradutória durante o Império Romano, por exemplo, era a de domesticação do texto – e da língua – de partida, ou seja, o texto de partida era submetido a todo o tipo de violência em prol da cultura de chegada, cuja língua jamais poderia ser maculada em favor da língua de partida. Já, bem mais tarde, durante o Romantismo, o que se pode observar é uma tendência radicalmente oposta, ou seja, a de estrangeirização da língua de chegada, que deveria não somente absorver as características da língua de partida, mas principalmente se transformar, evoluir graças à influência do elemento estrangeiro. Embora totalmente díspares, essas tendências têm em comum o fato de serem histórica e socialmente condicionadas, assim como o são os próprios fazeres tradutórios.

É precisamente nos limites de um condicionamento histórico-social, embora nem sempre reconhecido, que emergem as diferentes aproximações ao estudo da tradução, incorporando-lhe idéias e metodologias oriundas de diferentes disciplinas. A abordagem hermenêutica, por exemplo, trouxe para os estudos da tradução teorias de linguagem e da mente ao mesmo tempo em que lhes conferia um aspecto mais filosófico, enquanto que a abordagem lingüística acabou por conferir a tais estudos um caráter notadamente científico, ao aproximá-los de um estudo científico, moldado a partir do estruturalismo. Enfim, cada tipo de abordagem de natureza seja hermenêutica, lingüística, literária, crítico-literária ou semiótica, entre tantas outras, têm contribuído para incorporar à prática e ao estudo da tradução elementos próprios e constitutivos de cada uma dessas disciplinas.

O mesmo pode ser afirmado em relação à Terminologia e suas práticas. Embora enquanto disciplina a Terminologia tenha se constituído apenas muito recentemente, a terminologia enquanto atividade já habita entre nós desde há muito tempo. Aqui também não nos é possível precisar exatamente o momento histórico em que uma palavra foi utilizada pela

primeira vez num sentido "especial", a ponto de ser-lhe conferido o estatuto de termo. No entanto, nosso breve percurso pelo universo terminológico mostrou que, como atividade, a terminologia surgiu primeiramente de uma necessidade prática de organização de conceitos e suas respectivas denominações, verificada principalmente no âmbito das ciências naturais. Tal necessidade logo acabou se estendendo a áreas técnicas e a atividades profissionais, em decorrência de avanços industriais e tecnológicos, cujas técnicas e processos passavam a ser descritas a partir da utilização de um vocabulário cada vez mais específico. Antes disso ainda, a terminologia era concebida como jargão, ou falar característico de determinados grupos étnicos e sociais, falar este de difícil compreensão para quem não pertencia a esses grupos.

Como vimos no segmento anterior, embora não seja recente a caracterização dos termos ou vocabulários especializados enquanto objeto de estudo, haja visto a existência de estudos datados ainda do século XV sobre linguajares específicos de determinados grupos, a Terminologia começou a despontar como área de estudo propriamente dita apenas a partir do surgimento da TGT, elaborada por Wüster durante os anos 50, refletindo os resultados de suas experiências práticas com vistas à padronização terminológica no ramo das engenharias. Conforme apontado por seus críticos mais tarde, a abordagem wüsteriana tem um caráter reducionista e se fundamenta em princípios estruturalistas de linguagem. Tal abordagem foi aos poucos dando lugar a aproximações mais abrangentes, contemplando não apenas aspectos exclusivamente lingüísticos, mas também cognitivos, pragmáticos, comunicativos, refletindo as próprias características e metodologias das disciplinas a partir das quais a Terminologia passava a ser observada.

Conforme visto anteriormente também, apesar de não haver um consenso em relação à autonomia da disciplina Terminologia, sua definição tripartida é compartilhada e aceita por diversos autores contemporâneos. Numa concepção atual de terminologia, se lhe atribui um caráter multifacetado e polissêmico, pois na maioria das vezes é definida simultaneamente como uma prática, um produto e uma disciplina. Aqui, já nos é possível detectar uma primeira particularidade compartilhada pela tradução e pela terminologia: sua própria definição. Da mesma forma que a terminologia, a tradução pode ser definida de modo a incorporar esses mesmos elementos, isto é, a atividade, o produto e a disciplina ou área de estudo.

Conforme definições apresentadas no segmento anterior, a terminologia enquanto atividade, trata da compilação, do armazenamento e recuperação de termos de uma dada área de especialidade. Já, enquanto produto refere-se aos termos ou ao conjunto de unidades terminológicas características dessas áreas. Enquanto disciplina, ocupa-se de entender os mecanismos envolvidos no processo de produção de termos que compõem as chamadas linguagens de especialidade. A tradução, por sua vez, pode ser entendida como uma atividade, ou seja, como um processo de produção de significados, por meio do qual um produto criado numa determinada língua (língua de partida) para atender a propósitos comunicativos de seus falantes é novamente produzido em outra(s) língua(s) (a(s) língua(s) de chegada) para atender a propósitos semelhantes dos falantes dessa língua. A tradução é também um produto dessa atividade, ou seja, é um texto traduzido. E, finalmente, pode ser ainda uma disciplina, ou seja, uma área de estudo e, ao mesmo tempo, o conjunto de pressupostos teóricos que a definem enquanto atividade ou processo;¹⁸ enquanto área de estudo, a Tradução ocupa-se de entender os mecanismos envolvidos na produção de um texto a partir de outro produzido em idioma diferente. Vejamos as particularidades compartilhadas entre tradução e terminologia de forma mais detalhada a partir de cada um desses três elementos definitórios.

Enquanto atividade, a tradução emerge de uma necessidade prática de possibilitar a compreensão entre comunidades distintas; a terminologia surge também de uma necessidade prática de dar forma ou expressão ao pensamento de uma determinada comunidade especializada. Entendida enquanto vocabulário especializado, a terminologia desempenha um papel importante na atividade tradutória, pois, numa situação de comunicação o objeto a ser comunicado, ou a informação a ser disseminada, pode estar representado terminologicamente no idioma de partida. Visando a uma tradução bem sucedida, o tradutor ou a tradutora devem adequar a terminologia do texto traduzido ao nível de especialização do texto de partida para que atenda às necessidades informativas da comunidade de chegada. Entendida enquanto atividade, a terminologia é também importante para a prática tradutória, pois, ao traduzir, tradutores e tradutoras constantemente se deparam com problemas terminológicos. Nesse sentido, é importante que conheçam metodologias empregadas no processo de reconhecimento de termos. Não apenas isso; é importante ainda que conheçam metodologias empregadas na sua compilação e recuperação, para que possam desenvolver seus próprios recursos

¹⁸ Deste ponto em diante estarei me referindo à tradução enquanto disciplina ou área de estudo como Tradução.

terminológicos quando necessário. Finalmente, entendida enquanto disciplina, a Terminologia pode também contribuir para a atividade tradutória, já que se ocupa do processo de formação de termos, ou seja, unidades de interpretação que compõem a materialidade lingüístico-discursiva integrante de todo processo tradutório. Entender os mecanismos envolvidos no processo de formação dessas unidades pode não apenas facilitar seu reconhecimento como também auxiliar na escolha do termo mais adequado na produção do texto de chegada.

Enquanto produto, podemos dizer que tradução e terminologia compartilham pelo menos duas particularidades: primeiro, uma obra traduzida e um termo são elementos constitutivos de uma situação de comunicação, quando concebemos um texto traduzido enquanto uma "macro unidade de interpretação" e os termos enquanto elementos constituintes dessa macro unidade, ou "micro unidades de interpretação". Segundo, os textos traduzidos e os termos podem ser entendidos também enquanto objetos de estudo da Tradução e da Terminologia, respectivamente, na medida em que se configuram como elementos constitutivos das investigações a partir das quais são formuladas as teorias no âmbito dessas disciplinas.

Finalmente, enquanto disciplina, podemos dizer que Tradução e Terminologia compartilham inúmeras particularidades que, no entanto, foram até hoje muito pouco exploradas. É exatamente no âmbito teórico que podemos encontrar o que talvez seja a principal singularidade compartilhada por estas disciplinas que, de certa forma, permite-nos identificar todas as demais. Tal singularidade refere-se às aproximações de que ambas têm sido alvo. Ao longo de sua história, temos pelo menos duas abordagens coincidentes, uma tradicional, fundamentada em princípios da lingüística estrutural, e uma alternativa, fundamentada em idéias pós-estruturalistas e pós-modernas. Aqui, o que mais nos interessa é essa abordagem alternativa que, ao chamar a atenção para o processo, seja o processo tradutório ou o processo de formação de termos, vem aos poucos trazendo à tona seus condicionantes e possibilitando investigar aspectos antes completamente ignorados ou deixados de lado por sua assistemática.

Como vimos nos segmentos anteriores, as abordagens tradicionais de Tradução e Terminologia partem de uma mesma perspectiva, fundamentada nos princípios da lingüística estrutural. Por outro lado, abordagens mais contemporâneas (ou não tradicionais) têm sofrido

uma influência direta do pós-estruturalismo, aliada a uma filosofia pós-moderna, que desconstruiu determinados conceitos da lingüística tradicional até então inabalados. A desconstrução da noção de estabilidade do significado, ou de um modo mais amplo, conforme proposto por Derrida, a desconstrução do logocentrismo, provocou uma reviravolta nos estudos da linguagem, refletindo-se também no modo de se conceber a Tradução e a Terminologia e suas respectivas práticas.

É sabido que no intuito de conferir aos estudos da linguagem o estatuto de ciência, Saussure estabeleceu os princípios da lingüística estrutural a partir da dicotomia *lingua-fala*, concebendo a *lingua* enquanto um objeto estável, uma estrutura organizada de signos da qual a lingüística deveria se ocupar, deixando de lado a *fala*, enquanto objeto instável, ou seja, enquanto linguagem em estado natural, em situações reais de uso. Ao propor essa dicotomia e ao desconsiderar a língua em situações reais de uso, Saussure excluiu o sujeito dos estudos da linguagem, reduzindo seu objeto de estudo à língua de um falante ideal, ou simplesmente a uma língua supostamente universal. As teorias textuais pós-estruturalistas rompem com a dicotomia tradicional saussureana e reintegram o sujeito, com todas as suas instabilidades e condicionantes, ao estudo da linguagem e de questões a ela relacionadas.

Numa abordagem tradicional, que parte de uma noção de estabilidade do signo, a tradução é vista como uma atividade meramente mecânica de substituição de unidades textuais numa língua por seus equivalentes em outra. O texto é concebido como um objeto estável, imune ao tempo e demais fatores sociais, culturais, ideológicos, etc., cujo significado é único e independente das circunstâncias extralingüísticas que têm lugar no momento de sua produção ou interpretação. Assim concebido, o texto é um repositório de significados originais a serem descobertos pelo tradutor ou tradutora e transferidos para o outro idioma sem qualquer interferência destes. Da mesma forma, a terminologia, concebida sob uma abordagem tradicional de linguagem, trata de conceitos e termos enquanto unidades estáveis e objetivamente determináveis, também independentes de qualquer situação ou interpretação. À luz de uma lingüística estrutural, os conceitos existem *per se*, são parte de um sistema conceptual lógica e ontologicamente organizado, podendo ser definidos e nomeados por um único termo; uma vez estabelecida a relação entre um conceito e seu termo, esta relação torna-se unívoca e permanente. A atividade terminológica sob essa perspectiva cumpre uma função exclusivamente prescritiva ou normativa, ocupando-se de desenvolver métodos para uma

descrição sincrônica das linguagens de especialidade, identificando ou até mesmo criando padrões a serem transformados em normas de utilização.

As mesmas luzes pós-estruturalistas e pós-modernas que há cerca de 20 anos ou pouco mais passaram a iluminar o cenário dos estudos da tradução, passaram a iluminar também, embora apenas muito recentemente, o cenário dos estudos da terminologia. Conforme sugerido mais acima, essa é a principal singularidade compartilhada simultaneamente por ambas as disciplinas. Os estudos da tradução, assim como os estudos da terminologia, foram por muito tempo ofuscados por um modelo objetivista, que está na base do pensamento ocidental. Para o objetivismo, "o mundo é constituído por objetos que têm propriedades e se posicionam em várias relações independentemente da interpretação humana" (Johnson, *apud* Temmerman 2000: 16). Ao questionar esse modelo objetivista, o ideal pós-estruturalista aponta para o caráter inevitavelmente subjetivo da realidade, pois todo objeto só se constitui enquanto tal a partir de uma determinada interpretação. Mas não se trata, no entanto, de uma subjetividade absoluta, pois toda interpretação é social e culturalmente condicionada.

Nessa perspectiva, toda interpretação se dá a partir de determinadas estratégias convencionalmente estabelecidas no interior das chamadas comunidades interpretativas, conforme proposto por Fish. É no âmbito dessas comunidades que o mundo é interpretado, a realidade é entendida, e a compreensão dessa realidade e dos objetos que a constituem se dá unicamente nos limites de um sistema, de um contexto, de uma determinada situação desencadeada por um sujeito desejante. Fish desenvolve sua argumentação ao explorar uma situação de comunicação na qual um colega de departamento é abordado por uma aluna recém saída de uma de suas aulas. "Há um texto nesta aula?", pergunta a aluna a seu colega, que responde automaticamente: "Sim, há. O *Norton Anthology of Literature*". "Não, não," diz ela, "estou perguntando se nesta aula a gente acredita em poemas e coisas, ou tudo somos nós apenas" (1980: 305). O autor afirma a total impossibilidade de haver um significado lingüístico, ou literal, ou normativo, para a pergunta "Há um texto nesta sala?", reconhecendo apenas possibilidades de interpretação: para seu colega, a partir das circunstâncias assumidas por ele, a aluna queria saber simplesmente se seria adotado um livro-texto em seu curso; no entanto, a partir da explicação da aluna, tornou-se claro o seu interesse em saber qual a posição do professor em relação ao status do texto. Tais possibilidades são determinadas por normas que, segundo Fish

não se encontram envoltas na linguagem [...], mas sim numa estrutura institucional no interior da qual se ouve proposições previamente organizadas em função de determinados objetivos e propósitos assumidos. Porque ambos, meu colega e sua aluna, situam-se naquela instituição, suas atividades interpretativas não são livres, mas sim delimitadas por pressupostos e práticas compartilhadas institucionalmente e não regras e significados fixos de um sistema de linguagem (*ibid.*: 306).

Para Fish, "os significados não são propriedade de textos fixos e estáveis nem tampouco de leitores livres e independentes, mas de comunidades interpretativas, responsáveis tanto pela forma das atividades de um leitor como pelos textos que tais atividades produzem" (*ibid.*: 323). A impossibilidade de um significado lingüístico, literal ou normativo nos leva, por sua vez, à impossibilidade de uma distinção clara e objetiva entre o literal e o metafórico, entre o científico e o não-científico, ou simplesmente entre uma palavra e um termo. O fator determinante das diferenças reside não em algo inerente a um determinado objeto, mas sim no modo como olhamos para ele. Para Fish, "todos os objetos são produzidos e não descobertos, e são produzidos pelas estratégias interpretativas que colocamos em prática", porém isto não deve nos levar a um grau de subjetividade total pois "os meios pelos quais [os objetos] são produzidos são sociais e convencionais" (*ibid.*: 331).

No paralelo que estamos tentando estabelecer entre tradução e terminologia a partir de uma abordagem pós-estruturalista, texto e termo perdem seu status de objeto estável e passam a ser considerados unidades de interpretação; a prática tradutória, assim como a prática terminológica, perde seu status de neutralidade e ambas passam a ser reconhecidas enquanto atividades inevitavelmente condicionadas a fatores que moldam o contexto de quem as pratica. Da mesma forma, o estudo da tradução e da terminologia perde também uma suposta neutralidade, a neutralidade esperada de qualquer disciplina científica, passando a ser reconhecido aí o inevitável condicionamento do observador aos fatores contextuais. Ao perderem o status de objeto estável, traduções e termos deixam também o centro dos estudos de suas respectivas disciplinas; do produto, o foco dos estudos da tradução e da terminologia passa para o processo, chamando a atenção para a natureza do papel que o sujeito nelas desempenha.

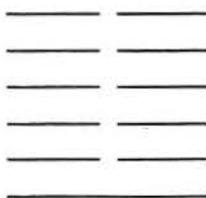
Em síntese, podemos dizer que as principais singularidades compartilhadas no universo da tradução e da terminologia referem-se a: enquanto atividade, ambas respondem a uma função informativa e comunicativa, o que lhes confere (i) um caráter de atividade aplicada; enquanto produto, ambas são elementos constitutivos de uma situação de comunicação, o que lhes confere (ii) o status de unidades de interpretação, e são ainda elementos constituintes de formulações teóricas, o que lhes confere (iii) o status de objeto de estudo; enquanto disciplina, ambas têm sido estudadas a partir de abordagens semelhantes, não ficando imunes a (iv) uma influência direta das idéias pós-estruturalistas. Tais singularidades foram identificadas a partir de um percurso que tentou retratar os caminhos teóricos percorridos por ambas disciplinas ao longo de sua não tão breve história.

Nesse percurso, pudemos observar as diversas concepções de tradução e de terminologia, decorrentes por sua vez de concepções de linguagem distintas. E vimos que o questionamento de alguns postulados anteriormente estabelecidos têm possibilitado considerar aspectos antes totalmente ignorados, seja no âmbito da Tradução ou da Terminologia. Embora seja possível evidenciar as relações entre ambas, com base nas singularidades aqui brevemente exploradas, tais relações são raramente reconhecidas no universo teórico da tradução e, talvez até como principal consequência disso, não se vêem refletidas no contexto da formação profissional de tradutores. Por outro lado, conforme sugerem os dados apresentados no primeiro episódio desta breve história, existe na prática tradutória uma conscientização por parte de tradutoras e tradutores em relação à importância da terminologia na realização de sua atividade, apesar de ainda encontrarmos exemplos que sugerem exatamente o contrário.

Em decorrência desse descompasso entre teoria e prática, no próximo episódio vamos analisar à luz de uma perspectiva pós-estruturalista de Tradução e de Terminologia os buracos negros anteriormente detectados nas galáxias da prática tradutória e da formação profissional. Veremos quais as consequências e implicações de novas abordagens da Terminologia, conforme proposto principalmente por Cabré, Pearson e Temmerman, para a prática e o ensino da tradução para, finalmente, chegarmos à formulação de uma proposta de ensino de terminologia aplicada à tradução que leve em conta as singularidades aqui brevemente exploradas. Estaremos, por fim, tentando estabelecer os elementos primordiais à configuração de um novo universo tradutório, no qual a importância de uma maior integração entre tradução e terminologia se veja plenamente refletida.

Episódio III

Dos buracos negros a um novo big bang



As coisas não podem ser destruídas de uma vez para sempre.
Quando o que está acima se desintegra por completo, ele retorna abaixo.
(*I Ching*: Fu)

III.1 Iluminando buracos negros nos universos...

Buracos negros não são tão negros assim...
 Stephen Hawking
 (*Uma breve história do tempo*)

Se os buracos negros detectados por cientistas no Universo do qual fazemos parte não são tão negros assim, os buracos negros da terminologia no universo tradutório são tão negros quanto parecem à luz de nossas observações no primeiro episódio desta tese. São obscuridades que, de alguma maneira, provocam anomalias no universo da tradução e cujos efeitos manifestam-se notadamente em duas galáxias, a da prática e a da formação profissional. Como vimos, a galáxia da prática é afetada por essas anomalias sob dois aspectos: a terminologia enquanto produto e a terminologia enquanto processo. Enquanto produto, ou jargão, vimos que ignorar o modo como se expressa uma determinada comunidade ao traduzirmos uma obra produzida por essa comunidade pode resultar na não aceitação do texto traduzido por parte dos membros dessa comunidade, como ocorreu com a tradução brasileira de *A brief history of time*. Ainda enquanto produto, conforme sugerem os dados coletados junto a meu grupo de respondentes, os buracos negros da terminologia manifestam-se também sob a forma de uma carência de fontes de consulta terminológicas para auxílio à tradução. Enquanto processo, as manifestações de buracos negros dão-se sob a forma de uma ausência de metodologias apropriadas de pesquisa terminológica que permitam ao tradutor ou tradutora o registro mais adequado de dados terminológicos para uma possível reutilização ou compartilhamento de informações com outros profissionais.

Apesar de tradutoras e tradutores reconhecerem a importância da terminologia para a realização de sua atividade, seja enquanto jargão ou levantamento terminológico, o que podemos constatar na prática é uma falta generalizada de produtos terminológicos no mercado nacional voltados para o auxílio à tradução, quer na forma de dicionários especializados ou, numa abordagem informatizada, bancos de dados terminológicos (BDTs), que contemplem o português brasileiro e possam ser utilizados como fontes de consulta confiáveis; além desse buraco, há ainda, entre a maioria dos tradutores, a ausência de uma metodologia otimizada

objetivando o desenvolvimento de tais recursos para uso próprio, com ferramentas especificamente voltadas para este fim, inexistentes no mercado nacional. Se, por um lado, a tradução padece da falta de recursos terminológicos adequados, por outro, esta ausência acaba se refletindo na qualidade do produto final, como é o caso das traduções mencionadas no início desta tese (Hawking, na década de 80 e a biografia de Darwin, na década de 90). Aqui, embora haja inúmeros outros fatores envolvidos, entendemos essas traduções mal sucedidas principalmente como um efeito direto das manifestações de buracos negros da terminologia no fazer tradutório.

O mesmo se dá com as manifestações de buracos negros na galáxia da formação profissional. Nessa galáxia, conforme sugerem os dados apresentados ainda no primeiro episódio desta tese, os buracos negros da terminologia relacionam-se a uma inadequação de objetivos e metodologia e produzem como efeito mais imediato um severo descompasso entre o que os alunos esperam do aprendizado dessa disciplina e o que lhes tem sido oferecido. Entre as diversas razões para esse descompasso podemos citar, num extremo, um forte vínculo dos programas de formação de tradutores e seus respectivos conteúdos programáticos com abordagens teóricas tradicionais e, no outro, um notável distanciamento da realidade atual do universo profissional por parte da chamada academia.

Além de detectarmos buracos negros da terminologia nas galáxias da prática e do ensino da tradução, percorremos ainda os caminhos teóricos dessas disciplinas. Ao final desse caminho, identificamos algumas particularidades compartilhadas simultaneamente por ambas e aqui denominadas singularidades. Tais singularidades, identificadas nos três componentes definitórios da tradução e da terminologia, referem-se a seu caráter de atividades aplicadas, seu estatuto de unidades de interpretação e de objetos de estudo e, principalmente, à influência direta que o estudo dessas atividades tem recebido das idéias pós-estruturalistas. Ao trazermos para o âmbito da Terminologia algumas das idéias advindas do pós-estruturalismo, temos necessariamente de rever seu papel no âmbito da tradução. Ao rever esse papel, buscamos iluminar alguns buracos negros aqui detectados e propor alternativas que possam contribuir para a formação de um novo universo prático e educacional, mais condizente com a realidade do mercado profissional contemporâneo.

Nesse sentido, parece-me oportuno neste momento olhar para a tradução não apenas como objeto de formulações teóricas e, portanto, com o propósito de descrevê-la teoricamente e até criar novos nomes para denominar procedimentos mentais ou intelectuais que só podem ser pensados de forma abstrata. Parece-me oportuno, isto sim, olhar para a tradução de um modo mais pragmático, como uma atividade ou tarefa realizada diariamente por milhares de pessoas em todo o mundo, independentemente de suas impossibilidades filosóficas. Faz-se oportuno e necessário olhar para a atividade tradutória enquanto profissão, a fim de identificar metodologias de trabalho empregadas atualmente em ambientes reais de tradução, buscando elementos concretos que possam subsidiar o seu ensino e, ao mesmo tempo, procurando criar no ambiente educacional elementos que, em troca, possam contribuir para a melhoria da prática profissional.

Como vimos, a partir de relatos teóricos datados desde antes de Cristo, a tradução é uma das atividades mais antigas praticadas pelo homem e, com certeza, uma das que mais condicionadas estão aos efeitos da evolução da humanidade. Houve um tempo em que se dispunha apenas de papel, pena e mata-borrão; tempos depois surgiu a máquina de escrever e depois ainda os processadores de texto. Nos últimos dez anos, as ferramentas computacionais disponíveis para tradutores deram um salto significativo e o aparato tradutório passou de simples e modestos processadores de textos para sistemas sofisticados de tradução automática ou assistida, incluindo-se aí as facilidades proporcionadas pela rede mundial de computadores, não só em termos de consulta online, mas também de intercâmbio instantâneo de informações de todos os tipos. Parece-me impossível ignorarmos esses fatores e suas implicações para a formação de novos tradutores. Por isso, um olhar cauteloso sobre a prática tradutória no mundo real se faz mais do que pertinente a fim de identificar elementos que possam subsidiar o planejamento de cursos de tradução, a escolha das disciplinas a serem oferecidas, a redefinição de seus objetivos e de novas metodologias de ensino, mais compatíveis com a realidade do mercado de trabalho contemporâneo.

O mesmo se aplica ao universo da terminologia. Embora enquanto disciplina seus estudos sejam bem mais recentes que os da tradução, pode-se verificar diferentes abordagens teóricas que trazem diferentes conseqüências e implicações para a forma como a concebemos, como a definimos, seja enquanto atividade, disciplina ou produto. Além disso, do mesmo modo que a tradução, a prática terminológica também não ficou imune às radicais

transformações tecnológicas presenciadas na última década. Das antigas fichas terminológicas manuscritas em papel, passou-se a compilar dados terminológicos com o auxílio de ferramentas computacionais, primeiro genéricas, depois especificamente voltadas para este fim. Não só isso; mais recentemente, pode-se verificar a utilização de ferramentas computacionais para o próprio reconhecimento e extração automática de termos em corpus especializado. Em decorrência dessas transformações, verificadas não só na prática como também no âmbito de abordagens teóricas, torna-se necessário reavaliarmos o papel da terminologia na tradução em seus mais diversos aspectos.

Assim sendo, neste episódio vamos retomar os buracos negros da terminologia anteriormente detectados na prática tradutória e na formação para a prática à luz das transformações pelas quais ambas as áreas têm passado. A partir de uma releitura de conceitos-chave em Tradução e Terminologia e da identificação das diversas abordagens que têm norteado o estudo dessas disciplinas, efetuadas no episódio anterior, os buracos negros detectados no primeiro episódio são revistos, ao mesmo tempo em que procuramos trazer à tona uma nova forma de conceber as relações entre esses dois universos. O papel da terminologia na tradução é reavaliado, com vistas a tornar visível sua importância enquanto atividade inerente ao processo tradutório e, conseqüentemente, enquanto disciplina necessariamente integrante do processo de formação de tradutores.

No próximo segmento, serão retomados alguns exemplos de erros de tradução de *Uma breve história*, considerando-os a partir de uma perspectiva pós-estruturalista de Terminologia. Essa perspectiva traz implicações para a forma como concebemos não apenas os termos, ou de um modo mais amplo as chamadas linguagens de especialidade, mas também as próprias fontes e recursos terminológicos no âmbito de sua utilização na prática tradutória. Retomaremos também alguns dados provenientes da aplicação do questionário a tradutores, que aqui nos servem para complementar a análise dos buracos negros da terminologia na prática tradutória. Ainda nesse segmento, veremos como abordagens tradicionais de Tradução e Terminologia manifestam-se na formação de tradutores, a partir dos dados obtidos junto aos alunos, professores e programas dos cursos. Finalmente, a partir dos dados coletados e das singularidades identificadas nesta pesquisa, tentaremos estabelecer alguns princípios e diretrizes para o ensino da disciplina Terminologia no contexto da formação de tradutores.

III.1.1. ... da prática tradutória

... cuidado com pessoas que, como meu cliente, têm uma visão terminológica do mundo. Cuidado com ideais segundo os quais um termo inglês corresponde a um termo português, como se isto fosse a regra e não a exceção. Pessoas como meu cliente podem tornar-se bons economistas, ou mesmo bons terminólogos, mas nunca bons tradutores.

Anthony Pym

(*Epistemological problems in translation and its teaching*)

No início desta tese a tradução brasileira de *A brief history of time* serviu-nos de ponto de partida para exemplificar o que chamamos de buracos negros de um dos aspectos da terminologia na prática tradutória. Tomamos como exemplo de buracos negros da terminologia enquanto jargão alguns erros de tradução conforme apontados pela crítica especializada e posteriormente analisados em uma dissertação de mestrado. Como vimos, ao analisar em sua dissertação a noção de erro no processo tradutório e os mecanismos envolvidos na não aceitação de *Uma breve história* pela comunidade científica brasileira, Bonatti atribui à possibilidade de múltiplas interpretações a rejeição das escolhas lexicais da tradutora na produção do texto de chegada. Bonatti se utiliza da noção de comunidades interpretativas para justificar tal possibilidade, mas acaba por abrir um precedente equivocado que nos permitiria aceitar como corretas as opções lexicais e terminológicas privilegiadas pela tradutora na referida obra.

Conforme mencionado anteriormente, a multiplicidade de interpretações em decorrência de estratégias e objetivos distintos colocados em prática no âmbito de diferentes comunidades interpretativas é inevitável em qualquer processo de leitura e, por conseguinte, em qualquer tradução quando concebida enquanto processo de produção de significados numa dada comunidade. No entanto, tal multiplicidade não pode, nem deve, servir de alibi para validar escolhas infelizes num processo tradutório. A conscientização acerca dessa multiplicidade impõe ao tradutor ou tradutora a adoção de uma postura diante do texto a ser traduzido que leve em conta não apenas a comunidade de onde se originou tal texto mas

principalmente a comunidade ou comunidades às quais se destina. E levar em conta uma determinada comunidade implica necessariamente levar em conta a forma como ela se expressa. Se seus membros, sejam eles compostos por um grupo social, étnico, político, profissional ou científico, utilizam-se de um linguajar próprio para se comunicar, tal linguajar inevitavelmente se reflete nos textos produzidos em seu âmbito e deve necessariamente estar refletido nas traduções desses textos para outros idiomas. Isto demanda do tradutor ou tradutora a familiarização com o jargão da área à qual pertence o texto a ser traduzido; na inexistência de tal familiarização, cabe ao tradutor ou tradutora buscar alternativas que conduzam a escolhas terminológicas aceitáveis e resultem num produto final que atenda às expectativas de seu público alvo.

Você vê relevância na familiarização com o jargão de uma determinada área de saber ou de atuação para a tradução de textos a ela relacionados? Por quê?

Sim. Porque quando você traduz um texto técnico você precisa deixar o texto compatível com a leitura de alguém da área. Usar os termos (jargões) que estão acostumados a usar, porque serão lidos dentro de um contexto de uma determinada área, e não de qualquer uma.

(estudante de 3º. ano de graduação que não tem Terminologia)

Não acho que para traduzir textos jurídicos o tradutor tenha que ser advogado, ou textos de medicina, médico. Mas dependendo da finalidade da tradução, o tradutor tem que ter bons conhecimentos do jargão da área, a fim de produzir um texto inteligível e aceitável.

(estudante de 3º. ano de graduação que ainda não cursou Terminologia)

Sim. O texto só será reconhecido como uma tradução válida para os especialistas se a terminologia empregada for aceitável.

(estudante de especialização que cursou Terminologia)

Ainda no início desta tese, da terminologia enquanto jargão, ou produto, ampliamos nosso foco para a terminologia enquanto atividade, ou processo, ao explorarmos a forma como tradutores e tradutoras têm lidado com aspectos terminológicos inerentes à sua prática profissional. Ao delinearmos o perfil atual de um grupo de profissionais de tradução no Brasil, vimos que a maioria deles reconhece a importância da terminologia para a tradução, além de considerar fundamental a familiarização com o jargão de uma determinada área para traduzir

textos a ela relacionados. Por outro lado, os dados sugerem também a existência de buracos negros da terminologia na prática tradutória que se manifestam sob duas formas principais: a ausência de fontes de consulta terminológica em português brasileiro e a ausência de uma metodologia e de ferramentas apropriadas à gestão de terminologia aplicada à tradução. Numa tentativa de iluminar esses buracos, veremos a seguir quais as implicações de uma abordagem pós-estruturalista de Terminologia para a prática tradutória, primeiramente considerando a terminologia enquanto produto e, depois, enquanto processo. Em seguida, vamos retornar à sala de aula, onde buscaremos iluminar alguns buracos negros da formação profissional de tradutores e, ao mesmo tempo, promover uma aproximação entre os universos da prática e do ensino da tradução, de forma que o produto do ensino possa melhor corresponder às necessidades e expectativas de futuros tradutores e tradutoras como também contribuir para suprir algumas lacunas verificadas atualmente no mercado profissional.

Objetivando iluminar os buracos negros da terminologia enquanto jargão na atividade tradutória vamos retomar aqui dois exemplos de erros de tradução, ocorridos em *Uma breve história*, a partir das micro-unidades de interpretação *noise* e *bird droppings*. Como vimos anteriormente, houve uma inversão entre linguagem comum e linguagem especializada em relação a essas duas unidades na produção do texto de chegada. *Noise* ao ser traduzido para o português como "barulho" perdeu o valor terminológico adquirido no texto de partida, enquanto que a expressão *bird droppings*, que não havia sido empregada terminologicamente, acabou adquirindo o status de termo ao ser mantida em inglês no texto de chegada. A inversão de valores desses itens lexicais pode ser atribuída a dois fatores principais: primeiro, à falta de familiarização da tradutora com a terminologia da área em questão e, segundo, à falta de uma metodologia e de estratégias que a permitissem estabelecer uma distinção entre termo e palavra no texto de partida, recriando-a no texto de chegada por meio do emprego de unidades lexicais e terminológicas apropriadas. Em outras palavras, parece-me ter faltado à tradutora os meios necessários para identificar as unidades lexicais empregadas terminologicamente a fim de que o texto de chegada pudesse ser produzido em sintonia com o modo de expressão da comunidade receptora instituída de poder para validar ou rejeitar sua tradução.

Diante da falta de familiarização com uma determinada área de atividade ou de conhecimento há outros mecanismos a serem colocados em prática a fim de suprir essa falta. Abordagens mais recentes de terminologia podem nos indicar algumas pistas para chegarmos

a tais mecanismos. Mas, antes de recorrermos a tais abordagens, vale lembrar um ponto-chave para o estudo de questões relacionadas ao processo tradutório com base em uma abordagem pós-estruturalista: a natureza do papel que o tradutor ou tradutora desempenha nesse processo.

Uma mudança de enfoque quanto à natureza desse papel deu-se a partir de um rompimento com a noção de literalidade do significado. Na tradução, tal rompimento implica reconhecer o caráter instável do texto de partida, ou seja, significa reconhecer que os significados antes tidos como depositados num chamado "texto original" não são propriedade desse texto, mas sim o produto de uma ou mais comunidades interpretativas e, como tal, serão recriados a cada nova interpretação. Implica, por conseguinte, reconhecer a possibilidade de múltiplas interpretações e a necessidade de escolher entre tal multiplicidade a que mais se afine com a comunidade receptora. Implica, finalmente, reconhecer o tradutor ou tradutora como produtores de novos significados na cultura de chegada, como responsáveis pela recriação de um texto num idioma diferente daquele em que fora inicialmente produzido, enfim, como autores e autoras de um novo texto potencialmente gerador de novas interpretações. Assim, cabe-lhes tomar um determinado texto enquanto uma unidade potencialmente geradora de novas interpretações, transformando-o e fazendo as adaptações necessárias para que possa ser lido e entendido nos limites dos objetivos e das estratégias de leitura ditados por seu público-alvo. Isto lança as responsabilidades do tradutor ou tradutora a um patamar mais elevado, não apenas em relação à forma de abordagem do texto de partida como também e principalmente em relação à comunidade receptora do texto de chegada.

A plena consciência do papel que representam e de suas responsabilidades implica, além de um sólido conhecimento do idioma de partida e do idioma de chegada, ter consciência dos procedimentos envolvidos no processo tradutório como também dos recursos disponíveis para sua realização. Implica conhecer cada uma das etapas envolvidas no processo tradutório, etapas que abrangem desde o primeiro contato com o texto de partida, o levantamento terminológico, a escolha das fontes de consulta adequadas ao tipo de texto, a pesquisa terminológica, a escolha de um programa de gestão de terminologia para armazenar os resultados da pesquisa, a definição de um revisor especializado no assunto, até a tradução propriamente dita. Na maioria dessas etapas – o reconhecimento do texto de partida, o levantamento terminológico, a pesquisa terminológica, o armazenamento dos dados terminológicos, quando necessário –, tradução e terminologia se entrelaçam e tradutor e

tradutora passam a desempenhar o papel de terminólogo e terminóloga, sem, contudo, darem-se conta disso.

A partir de uma abordagem pós-estruturalista de linguagem, enquanto na tradução passa a ser reconhecida a impossibilidade de significados literais, ou de uma distinção clara e objetiva entre o literal e o metafórico, na terminologia passa a ser reconhecida a impossibilidade de uma distinção clara e objetiva entre termos e palavras. Ao aproximarmos essas duas impossibilidades, veremos então que a distinção entre termos e palavras, da mesma forma que a distinção entre o sentido literal e o metafórico, é também um produto de comunidades interpretativas. Em função disso, temos necessariamente de repensar nossa “visão terminológica do mundo” e o papel que o terminólogo nele desempenha, içando sua importância, e com ela suas responsabilidades, para o mesmo patamar ocupado pelo tradutor.

A chamada visão terminológica à que se refere Pym na epígrafe a este segmento parece vincular-se estritamente aos princípios da TGT, segundo os quais existe uma realidade anterior a qualquer interpretação humana, o que nos autorizaria a estabelecer uma relação unívoca entre um termo e o conceito por ele representado como também uma correspondência unívoca e direta entre um termo no idioma x e seu equivalente no idioma y. Numa perspectiva contemporânea segundo a qual nada transcende à interpretação humana, essa “visão terminológica do mundo” não mais se sustenta, fazendo com que tenhamos de repensar também nosso conceito de “bom terminólogo”. Tradicionalmente, faz parte do papel deste garimpar termos supostamente estáticos e sempre atrelados a um único conceito, enquanto parte de uma estrutura fixa e ontologicamente organizada, independentemente do lugar e do momento onde ocorrem. No entanto, ao reconhecermos o caráter volátil e instável dos jargões especializados, temos de reconhecer também um novo *modus operandi* de quem faz terminologia, já não mais como um simples garimpeiro ou garimpeira de termos, mas sim como intérprete de textos que podem conter unidades especializadas de significação, ou unidades terminológicas. Essa possibilidade é condicionada por uma situação de comunicação específica, pois a distinção entre termos e palavras só pode ser determinada no âmbito de cenários comunicativos (Pearson) e depende essencialmente de condicionantes pragmáticos (Cabré) ou sociocognitivos (Temmerman) em operação num dado tempo e lugar. É nessa “revisão terminológica do mundo” que podemos encontrar pistas para os mecanismos que nos levem a produzir traduções mais eficazes.

Ao atribuímos a uma unidade lexical o valor de unidade terminológica estamos ao mesmo tempo atribuindo-lhe um significado numa situação de uso específica. Conforme sugerido por Fish, os significados não pertencem a textos estáveis nem tampouco a leitores livres e independentes, mas são propriedade de comunidades interpretativas que determinam e moldam suas condições de produção. Os significados são produzidos a partir de estratégias interpretativas que colocamos em prática e que são social e convencionalmente estabelecidas (cf. p. 155 desta tese). Assim, a primeira pista para auxiliar no reconhecimento e diferenciação dos termos em relação a outras unidades lexicais empregadas em *Uma breve história* nos remete diretamente para a comunidade que o produziu, ou seja, uma comunidade científica composta por físicos, matemáticos e outros especialistas dedicados ao estudo do universo. Parece-me que apenas uma proximidade com tal comunidade e suas respectivas convenções poderia ter assegurado um maior grau de confiabilidade nas escolhas da tradutora e, por conseguinte, um maior grau de aceitabilidade dessas escolhas. Levada ao extremo, esta pista poderia fazer-nos crer na necessidade de tradutor e tradutora converterem-se em, ou travestirem-se de, membros de uma determinada comunidade, ou ainda transformarem-se em visionários tentando antecipar as estratégias interpretativas empregadas por seu público-alvo em potencial, para produzirem um texto sintonizado com tal público.

A abordagem pragmática da terminologia explorada por Pearson, para quem as palavras adquirem ou perdem status terminológico em cenários comunicativos ou situações de comunicação, nos conduz a outras pistas que também poderiam ajudar-nos a definir o status de um texto a ser traduzido. Como vimos anteriormente, a autora estabelece alguns tipos de situações de comunicação com maior ou menor grau de incidência de linguagem especializada. No caso de *Uma breve história*, temos pelo menos três possibilidades de situações de comunicação, conforme definidas por Pearson: i) especialista/especialista, ii) especialista/iniciados e iii) especialista/leigos (cf. pp. 140-141 desta tese). Todos são cenários que envolvem uma alta densidade de manifestação de linguagem especializada. E somente a plena identificação desses cenários ou situações comunicativas poderia ter ajudado a tradutora a definir suas próprias estratégias de interpretação e aproximá-las das estratégias adotadas por seu público alvo em potencial. Posteriormente, poderia tê-la ajudado ainda a estabelecer as estratégias de tradução propriamente ditas, incluindo-se aí o tipo de linguagem a ser utilizado, que privilegiasse o uso adequado da terminologia.

Pistas semelhantes podem ser encontradas a partir das abordagens comunicativa e sociocognitiva da terminologia. Como vimos mais atrás, na abordagem comunicativa proposta por Cabré um dos fundamentos centrais é o de que os termos nada mais são do que unidades lexicais ativadas por seus condicionantes pragmáticos de adequação a um tipo de comunicação (cf. p. 137 desta tese). Novamente aqui temos uma situação de comunicação enquanto fator determinante da manifestação de um certo tipo de linguagem, especializada ou não. Numa situação de comunicação, seu grau de especialização condiciona a densidade terminológica de um texto. Aqui também, caberia à tradutora reconhecer o tipo de situação comunicativa em que o texto de partida foi inicialmente produzido para recriá-la adequadamente na cultura de chegada, ativando as unidades lexicais conforme os condicionantes pragmáticos de ambas as situações. De modo similar, numa abordagem sociocognitiva, conforme nos diz Temmerman, as palavras não significam objetivamente, mas são “coisas vivas” (cf. p. 141 desta tese), já que são unidades potencializadoras de interpretação e, portanto, não pode haver uma distinção clara e objetiva entre elas e os termos. Da mesma forma que as palavras, os termos não são estáticos mas possuem um caráter evolutivo, têm o poder de se moverem, de se transformarem e a nós também, conforme os processos cognitivos de que fazem parte.

As impropriedades de tradução ocorridas em *Uma breve história* denotam uma falha na identificação do cenário comunicativo por parte da tradutora e na posterior reconstrução desse cenário na produção do texto de chegada, onde a linguagem especializada acabou se transformando em linguagem comum e vice-versa. Conforme já observado, a tradutora parece ter caído numa armadilha construída a partir do desejo do autor de que sua obra pudesse atingir *também* – e não exclusivamente – o público leigo. Isto porque, dadas as condições de produção do texto de partida, não se poderia deixar de lado o principal segmento do público alvo em potencial, formado por especialistas e iniciados, caracterizando-se assim uma situação de comunicação altamente especializada. Tal situação ora parece ter sido totalmente ignorada, ora percebida apenas parcialmente, o que não foi suficiente para evitar confusões terminológicas como no exemplo citado mais acima. Essas confusões ocorrem porque pessoas se comunicam de maneiras distintas dependendo das circunstâncias em que se encontram. Com efeito, conforme observa Pearson, “as pessoas se comportam e falam de forma diferente em situações diferentes. A maneira pela qual elas se referem aos objetos depende 1) do

contexto ou situação em que se encontram, e 2) do tipo de conhecimento que trazem para uma situação em particular” (1998: 26). Assim, prossegue ela

físicos conversando entre si sobre física provavelmente farão uso de muitas palavras ou expressões (i.e., termos) que um falante normal de uma língua não irá entender. Eles usam uma linguagem técnica, uma linguagem que possui seu próprio vocabulário restrito, com termos claramente definidos e compreendidos pela comunidade de físicos, mas não necessariamente acessíveis a quem vive fora dela. As pessoas não têm dificuldade em aceitar que a linguagem empregada é técnica e que as palavras adquirem um significado específico (*ibid.*).

Os exemplos de erros encontrados em *Uma breve história* sugerem que a identificação de um determinado cenário comunicativo, por si só, não é garantia da qualidade de uma tradução, da aceitabilidade das opções privilegiadas no processo tradutório. Tais exemplos indicam que a tradutora trouxe para a produção do texto de chegada um conhecimento aquém do exigido por uma importante parcela de seu público alvo em potencial; faltou-lhe, conforme já observado, a familiarização com as palavras e expressões empregadas pelos falantes daquela comunidade científica. Assim, além de reconhecer o tipo de situação comunicativa, seria necessário ainda o trânsito da tradutora entre essa comunidade que lhe permitisse assimilar e compreender o “vocabulário restrito” empregado por seus membros nos dois idiomas para poder utilizá-lo adequadamente na língua da tradução. Em outras palavras, parece-me que teria sido necessário à tradutora travestir-se de membro da comunidade científica em particular, incorporando seus valores a fim de produzir um texto aceitável por essa comunidade.

Na prática, entretanto, não se pode esperar que tradutores transformem-se em físicos, médicos, biólogos, engenheiros, advogados, economistas, enfim, em “especialistas em tudo”, a cada vez que forem traduzir textos relacionados a uma determinada área de conhecimento ou de atuação profissional. Embora uma parcela considerável de profissionais opte por limitar suas respectivas áreas de atuação especializando-se em algumas delas, conforme sugerem os dados mostrados em minha pesquisa, isto não pode ser tomado enquanto regra geral. Assim sendo, espera-se que na impossibilidade de se travestirem de especialistas e de estarem familiarizados com esta ou aquela área em particular, tradutores e tradutoras disponham dos meios necessários e criem estratégias para suprir uma eventual falta de familiarização, meios e

estratégias que envolvem a utilização de diferentes tipos de fontes de consulta, como textos paralelos, dicionários e outras fontes terminológicas, além da imprescindível assessoria de especialistas da área.

Como você resolve dificuldades terminológicas (i.e., encontra o termo mais apropriado para uma expressão na língua de chegada), que eventualmente ocorrem ao traduzir textos de uma área com a qual não está familiarizado?

Se for de informática, converso com um consultor (tenho facilidade por ser meu marido!), consulto dicionários, lanço a dúvida em uma lista de discussão para tradutores.

Pesquisa em dicionários técnicos da área, pesquisa em publicações específicas da área, pesquisa na Internet, consulta a pessoas ligadas à área, consulta ao cliente.

Usando dicionários bilingües tão só e unicamente como ferramentas para fornecer sugestões [...] Entretanto, essas sugestões são sempre conferidas com dicionários monoglotas especializados ou preferivelmente com textos monoglotas sobre a matéria, escritos por falantes nativos. Dicionários bilingües e "modelitos", se usados sem confirmação externa, são perigosas fontes de erro em tradução. Consultando algum especialista disponível no próprio cliente. [...] Jamais dando fê aos inúmeros "glossários" que trafegam de mão em mão como se fossem a palavra de Deus. (grifos do respondente)

Uso de dicionários gerais e específicos, consultas pelos programas de busca na Internet, perguntas aos colegas da lista de tradutores da Internet, perguntas ao próprio solicitante da tradução, mando pro inferno e traduzo do meu jeito!

(Respostas obtidas de tradutores profissionais, 1999)

A partir do reconhecimento de que apenas a identificação da situação comunicativa em que se enquadra uma tradução não é suficiente para permitir ao tradutor e à tradutora chegarem a um emprego mais adequado de unidades lexicais ou terminológicas na produção do texto de chegada, a utilização de fontes de consulta, nas suas mais variadas formas, adquire uma importância crucial no processo tradutório. Por exemplo, a consulta a textos paralelos no idioma de partida pode proporcionar não só uma maior compreensão do texto a ser traduzido como também uma maior assimilação da linguagem empregada e suas formas de uso na

comunidade de origem, o mesmo acontecendo com a consulta a textos paralelos no idioma de chegada, o que contribui para facilitar o processo tradutório. Esses textos podem ser encontrados em livros, revistas e artigos especializados, impressos ou online. Fontes como essas, no entanto, embora importantes, não são nosso principal foco de atenção. Vamos nos deter aqui especificamente em fontes terminológicas que, como vimos, compõem uma das facetas dos buracos negros da terminologia na prática tradutória.

Ao pensarmos a Terminologia sob uma perspectiva pós-estruturalista, temos de reconsiderar também nossas concepções acerca da natureza das fontes terminológicas, sejam elas dicionários comuns, especializados ou BDTs. Se os termos, assim como as palavras, não podem ser definidos objetivamente, mas apenas numa relação direta com o sujeito e as condições de produção ou circunstâncias comunicativas em que ocorrem, adquirindo assim o poder de se transformarem e de transformar nossas experiências, torna-se necessário reconhecermos esse mesmo poder nas fontes de consulta que utilizamos. Estas são produzidas visando a servir a certos propósitos no âmbito de um determinado cenário comunicativo – ou até de vários ao mesmo tempo – e são, portanto, marcadas pela transitoriedade. Ou seja, a mesma noção de impermanência que se aplica a palavras, termos ou textos, aplica-se também a dicionários, glossários e BDTs. Definições atribuídas a palavras em dicionários comuns, ou a termos em dicionários especializados, assim como suas traduções, apresentadas em fontes bi ou multilíngües, são apenas interpretações provisórias construídas a partir de determinadas expectativas, num determinado contexto e visando a um determinado público alvo. Seria totalmente equivocado, portanto, pensarmos essas fontes enquanto depositárias de soluções mágicas para nossas dúvidas lexicais ou terminológicas em quaisquer circunstâncias. Tais fontes podem apenas nos sugerir interpretações que, por sua vez, podem ou não corresponder ao elemento mais adequado que buscamos para uma situação específica.

Há, no entanto, algumas diferenças de concepção que se refletem na estrutura, na organização e na categoria de informação disponível em diferentes tipos de fontes de consulta que distinguem dicionários e glossários de bancos de dados terminológicos, e que tornam esses últimos fontes um pouco mais confiáveis, ou menos traiçoeiras, para uso na tradução. No modo como são conhecidos atualmente, os dicionários comuns, em papel ou CD-ROM, trazem o conjunto de vocábulos de uma língua e suas definições acompanhadas de informações gramaticais (classe de palavra, gênero, número) e, eventualmente, informações

quanto à origem do vocábulo, a área de conhecimento e exemplos de uso na forma de sentenças. Já, os dicionários técnicos ou especializados são específicos de uma ou mais áreas e trazem o conjunto de unidades lexicais especializadas características dessas áreas e suas respectivas definições. Dicionários bilíngües, por sua vez, geralmente limitam-se a apresentar os vocábulos seguidos apenas de sua tradução e, eventualmente, de transcrição fonética e informações gramaticais, enquanto que glossários bilíngües normalmente trazem apenas unidades lexicais ou terminológicas em dois idiomas, sem quaisquer informações adicionais.

Um BDT, por outro lado, não é apenas uma versão informatizada de um dicionário ou de um glossário. Dependendo do tipo de aplicação a que se destina, ele pode ser mono, bi ou multilíngüe, mas comporta exclusivamente unidades terminológicas, isto é, unidades compostas de palavras, expressões, siglas etc., oriundas de situações de comunicação especializada que caracterizam as chamadas linguagens de especialidade. As categorias de dados que o constituem são determinadas também a partir de suas possíveis aplicações e de seus usuários em potencial, podendo abranger, além do termo de entrada e sua definição (ou definições), a área de especialidade, o termo em um ou mais idiomas, informações gramaticais em cada idioma, exemplos contextualizados de uso, observações quanto ao uso, as fontes e referências de onde foram extraídas a definição e os exemplos, além de dados de manutenção, como por exemplo a data de entrada das informações, das respectivas revisões ou atualizações e do(s) responsável(is) pela entrada dos dados. Aliada a essas características, há ainda uma vantagem adicional decorrente da facilidade de consulta e de atualização de um BDT, o que contribui para otimizar sobremaneira a realização de tarefas por parte do usuário.

Dada sua natureza exclusivamente especializada e por trazerem informações adicionais sobre os termos que auxiliam na sua contextualização, os BDTs constituem-se enquanto importantes fontes de consulta na atividade tradutória. Essas fontes auxiliam o usuário a visualizar possíveis situações de uso ou cenários comunicativos para uma dada unidade terminológica, além de proporcionarem um maior grau de confiabilidade, visto que as informações disponíveis sobre cada termo resultam de um extensivo trabalho de pesquisa e pressupõem sua validação por especialistas. Apesar dessas vantagens, tratam-se de fontes de consulta pouquíssimo utilizadas pelo meu grupo de respondentes. Retomando os dados apresentados no primeiro episódio desta tese, podemos observar que a consulta a BDTs não aparece entre as seis estratégias mais citadas para resolução de dificuldades terminológicas,

sendo que apenas um deles mencionou espontaneamente a consulta a uma base de dados específica (EURODICAUTOM). Esse resultado é um forte indício da inexistência desse tipo de fonte no mercado profissional que contemple o português brasileiro.

A inexistência desse tipo de fonte de consulta configura-se como mais um buraco negro na prática tradutória. Esse buraco tem como principal efeito a necessidade de o profissional produzir seus próprios recursos, na forma de glossários ou até mesmo BDTs, conforme indicado por 89% dos respondentes de minha pesquisa. No entanto, aqui também podemos observar a manifestação de um outro buraco negro, desta vez com relação a ferramentas especificamente voltadas à gestão de terminologia para a tradução. Ao compararmos os dados, constatamos que embora 68% de meus respondentes tenham afirmado estar familiarizados com ferramentas terminológicas especificamente voltadas para uso em tradução (i.e., as ferramentas da Trados, o Transit e o Déjà Vú), apenas a metade deles mencionou fazer uso delas. Ainda assim, entre aqueles que explicitamente mencionaram desenvolver BDTs e glossários para uso próprio, apenas um terço têm utilizado ferramentas especificamente voltadas para este fim e somente 11% mencionaram a utilização de uma ferramenta com a qual se disseram familiarizados (o MultiTerm da Trados). A grande maioria faz uso de programas tais como processadores de textos, planilhas e gerenciadores de dados genéricos para criar seus próprios recursos.

A partir do perfil traçado desse grupo de profissionais de tradução, podemos concluir que atualmente há no mercado de trabalho não apenas uma falta de fontes de consulta terminológica, mas também de metodologias de pesquisa mais eficazes, que contribuam para otimizar o processo tradutório, e de ferramentas mais apropriadas para implementá-las. A existência de fontes de consulta terminológica confiáveis e de fácil acesso (por exemplo, dicionários especializados e BDTs em CDROM ou online) poderia abreviar o caminho entre um termo desconhecido e a sua tradução apropriada em português brasileiro.

Abreviar esse caminho, no entanto, pressupõe a existência de uma ponte entre Terminologia e Tradução que, parece-me, ainda não começou a ser construída. A manifestação de buracos negros da terminologia na prática tradutória pode ser observada, como vimos, de vários ângulos, e aqui partimos da exploração de uma tradução na qual a terminologia enquanto jargão havia sido totalmente ignorada, resultando num produto que não atendeu às

expectativas de uma grande parte de seu público-alvo. A partir daí, vimos que a prática tradutória, apesar de envolver etapas diretamente relacionadas à atividade terminológica, carece de uma metodologia mais efetiva de pesquisa e de recursos terminológicos que a facilitem. Essa carência pode ser atribuída a dois fatores principais: primeiro, ao caráter relativamente recente da Terminologia no Brasil, e, segundo, ao caráter pouco aplicado que a disciplina vem adquirindo enquanto área de pesquisa. Conforme mencionado anteriormente, há vários focos de atuação nesta área no país; apesar disso, parece não haver uma orientação mais específica a um contexto profissional, notadamente à comunidade de tradutores e tradutoras que poderiam constituir-se como um grande mercado consumidor de produtos terminológicos, sejam eles bons dicionários especializados ou BDTs.

As próprias transformações teóricas pelas quais a Terminologia tem passado recentemente enfatizam cada vez mais a sua aplicação, seja na forma de produto ou de metodologias, nas mais diversas áreas e a tradução talvez seja a principal delas. Ao pensarmos as etapas envolvidas no processo tradutório, conforme elencadas mais atrás, temos de reconhecer a presença da terminologia na maioria delas. Já no primeiro contato com o texto de partida, a terminologia constitui um dos elementos a nos dar pistas para identificá-lo e relacioná-lo a uma determinada situação de comunicação; quando realizamos o levantamento e a pesquisa terminológica, estamos totalmente imersos em terminologia, não apenas como jargão, mas também como processo, que envolve o conhecimento de uma ampla gama de recursos terminológicos, informatizados ou não. Se temos de fazer o registro dos dados da pesquisa terminológica, precisamos utilizar as ferramentas mais adequadas para este fim.

Muito embora não haja uma linha divisória delimitando o fazer terminológico no fazer tradutório, o perfil aqui traçado sugere a conscientização de tradutores e tradutoras em relação à importância da terminologia na sua prática diária. Como enfatizado por Hartley, “a habilidade de identificar e organizar terminologia e a habilidade de escrever para um público específico são precondições da capacidade de traduzir e não meramente atividades periféricas” (p. 55). Vejamos, a seguir, como essa importância se manifesta na sala de aula, retomando alguns dados apresentados no primeiro episódio, tentando explorar mais detalhadamente alguns buracos negros no ensino da Terminologia, principalmente quanto ao desenvolvimento de habilidades consideradas fundamentais para o aprendizado tradutório.

III.1.2 ... da formação profissional

É bem mais fácil aprender e se lembrar de terminologia especializada, uma das principais preocupações do tradutor ou tradutora profissional, se a concebemos simplesmente enquanto o modo como especialistas falam e escrevem, em vez de tentarmos memorizar longas listas de palavras desprovidas de contexto.

Douglas Robinson
(*Becoming a translator*)

Da mesma forma que tradutoras e tradutores reconhecem a importância da terminologia para a sua prática profissional, estudantes de tradução reconhecem a importância da Terminologia para a sua formação, embora muitos deles não saibam exatamente o que esperar de tal disciplina. Conforme os dados apresentados no primeiro episódio desta tese, identificar terminologias especializadas está entre suas maiores expectativas de aprendizagem, configurando-se como uma de suas principais preocupações. No entanto, segundo esses mesmos dados, o grau de preenchimento das expectativas é inversamente proporcional à importância conferida a esse tópico, assim como a relação entre o que consideram mais relevante – conhecer recursos terminológicos para uso na tradução – e o preenchimento das respectivas expectativas. Os dados indicam que quanto maior a relevância de um determinado tópico para o aluno, menor seu grau de satisfação em relação a ele. Neste segmento, tentaremos identificar alguns efeitos do descompasso verificado entre o que é esperado da Terminologia e o que tem sido oferecido, como também suas possíveis causas, a partir de uma observação mais cautelosa dos programas e ementas da disciplina, tendo como pano de fundo os pressupostos teóricos que têm norteado seu estudo atualmente.

Retomemos brevemente os objetivos considerados mais relevantes pelos respondentes do questionário aplicado na segunda fase da pesquisa, lembrando que foram previamente definidos enquanto tópicos supostamente abordados ao longo da disciplina (vide gráfico 37). Em ordem de relevância, temos: 1º.) conhecer os principais recursos terminológicos para a tradução; 2º.) aprender a identificar o jargão de diferentes áreas de especialidade; 3º.) aprender

a desenvolver/utilizar BDTs; 4º.) obter uma visão geral da Terminologia como área de estudo; e 5º.) estudar o processo de formação de termos. Quanto ao preenchimento das expectativas, a relação na qual se observa um certo equilíbrio refere-se aos dois tópicos de natureza teórica, considerados menos relevantes, enquanto que os de natureza essencialmente prática ficaram aquém das expectativas dos alunos, conforme mostrado no gráfico 37. Como vimos anteriormente também, a insatisfação dos alunos quanto aos objetivos e ao conteúdo da disciplina é ratificada nas respostas subseqüentes, quando indagados sobre o que havia sido abordado de fato. Para uma parcela razoável desses alunos, nenhum tópico foi efetivamente abordado, enquanto que, para os demais, os tópicos de natureza mais prática foram os mais relevantes, nesta ordem: aprender a identificar jargões e conhecer recursos terminológicos; e aprender a desenvolver e utilizar BDTs, como mostra o gráfico 38.

Os conhecimentos teóricos e práticos proporcionados pela Terminologia foram-lhe úteis para outras disciplinas do curso de tradução? Por quê?

Sim, pois aumentou a conscientização da importância de se fazer uma tradução mais precisa, e da existência de bancos de dados, aos quais podemos recorrer e até mesmo elaborar.

(estudante do 4º. ano de graduação)

Não até o momento. A abordagem é essencialmente teórica.

(estudante do 4º. ano de graduação)

Sim. Os conhecimentos proporcionados por essa disciplina são úteis para outras disciplinas na medida em que se tem maior segurança da identificação de termos técnicos, por exemplo, facilitando o trabalho nas disciplinas de tradução.

(estudante do 4º. ano de graduação)

Não, pois a disciplina é oferecida quase no final do curso, quando já fizemos todas as disciplinas de tradução, nas quais poderíamos ter utilizado este conhecimento.

(estudante do 4º. ano de graduação)

Não. Porque a disciplina foi uma das mais mal planejadas [...] e pessimamente conduzida.

(estudante do 3º. ano de graduação)

Os conhecimentos práticos da Terminologia poderiam ser utilizados em Tradução III (destinada à tradução técnica) mas que, infelizmente foi oferecida bem antes de Terminologia. Quanto ao conhecimento teórico, não vejo aplicação prática no curso nem na minha carreira como tradutora.

(estudante do 4º. ano de graduação)

Os resultados da aplicação de questionários a alunos de tradução apontam para uma inadequação de objetivos e conteúdo da disciplina Terminologia, ao mesmo tempo em que revelam a falta de uma definição mais precisa dos conhecimentos e das habilidades a serem desenvolvidas. O principal efeito disso manifesta-se diretamente na relação da Terminologia com outras disciplinas, notadamente as de Prática de Tradução, e com sua futura atuação profissional. Na fase I desta pesquisa, embora a grande maioria reconheça a importância da Terminologia para a sua formação, perto de 1/3 dos respondentes não souberam identificar a forma como os conhecimentos teóricos e práticos provenientes de sua experiência com a disciplina poderiam ajudá-los em outras matérias, e outros 20% simplesmente responderam não ter ajudado de forma alguma. Na fase II, os resultados foram similares: a maioria quase absoluta reconhece a importância da disciplina para sua formação profissional, mas, apesar disso, para mais da metade dos respondentes a Terminologia não teve qualquer aplicação em outras disciplinas. O período inadequado de oferecimento, a abordagem excessivamente teórica e a falta de planejamento foram as razões mais citadas para a insatisfação dos alunos.

Na tabela I.2.2.2 (páginas 49 e 50), onde são apresentadas as grades curriculares dos cursos de tradução aqui analisados, pode-se verificar que não há uniformidade com relação ao período de oferecimento da Terminologia, tampouco quanto à sua carga horária. Na instituição A, é oferecida no 7º semestre do curso (30 horas/aula), quando já foram ministradas as disciplinas de Prática de Tradução; o mesmo ocorre na instituição I, onde é oferecida no 8º e 9º semestres (120 horas/aula no total). Por outro lado, na instituição G, é oferecida no 3º semestre, junto com Tradução Técnica I, e também no 4º semestre (60 horas/aula no total); e finalmente, na instituição J, no 3º semestre (36 horas/aula), antes das disciplinas de prática. No primeiro caso, não há qualquer possibilidade de aplicação da Terminologia às disciplinas de prática de tradução; a experiência eventualmente adquirida pode, na melhor das hipóteses, subsidiar apenas os estágios. Existe tal possibilidade no segundo caso, onde a Terminologia é dada simultaneamente à primeira disciplina de tradução técnico-científica ou até mesmo antes dela. No entanto, mesmo quando a grade curricular permite estabelecer uma relação entre as disciplinas de prática de tradução e a Terminologia, esta oportunidade não tem sido aproveitada de forma satisfatória, conforme sugerem os resultados de minha pesquisa. Vejamos o que alguns dos programas anteriormente apresentados nos permitem inferir com relação à abordagem e ao planejamento da disciplina.

Pode-se perceber um enfoque notadamente teórico conferido à disciplina na instituição A, conforme programa transcrito anteriormente (cf. p. 53). Começa-se por introduzir uma noção geral de terminologia e sua relevância no contexto nacional, como também por relacionar seu desenvolvimento à evolução da sociedade. A partir do item 4 do programa, são apresentadas algumas noções mais específicas, como as definições da terminologia, seus objetivos e métodos, as diferenças entre a pesquisa pontual e a pesquisa temática, o papel do neologismo e da normatização terminológica. Finalmente, o último item versa sobre bancos de termos. Em nenhum momento há qualquer referência explícita quanto a possíveis relações da disciplina com a prática tradutória, nem tampouco quanto a suas aplicações. Apenas na ementa aparece mencionada a “elaboração de glossários inglês-português”, o que eventualmente pode remeter a uma possível aplicação, ainda que muito restrita. A falta de um vínculo com as disciplinas de prática de tradução é acentuada ainda mais pelo próprio período em que é ministrada, depois que o aluno já cursou todas elas. Numa orientação mais pragmática, voltada para explicitar as relações entre tradução e terminologia, esses aspectos teóricos abordados isoladamente poderiam ser tratados de um modo menos abstrato e mais contextualizado, ou seja, em levantamentos e pesquisas terminológicas a partir de textos utilizados pelos alunos nas aulas de prática de tradução.

O programa de “Terminologia I”, oferecida no bacharelado da instituição I, parece estruturado de modo a contemplar tanto aspectos teóricos como práticos da disciplina. Nas duas primeiras partes são apresentadas a origem da terminologia, as diferentes escolas e suas relações com a tradução, além de definições mais específicas da própria terminologia e seus conceitos. O componente de natureza mais prática abrange a pesquisa terminológica, seus métodos, ferramentas e aplicações, como também uma análise crítica de fontes de pesquisa (dicionários e glossários). Apesar de sugerir uma abordagem de princípios e métodos terminológicos direcionados à prática tradutória, aqui também não se consegue estabelecer um vínculo mais estreito com as disciplinas de tradução, dado o período em que é ministrada (oitavo semestre), e os alunos acabam perdendo a oportunidade de aplicar, desenvolver e aprimorar suas habilidades terminológicas de um modo mais orientado à sua futura prática profissional. O mesmo acontece com “Terminologia II”, oferecida no nono semestre, junto com o segundo período do estágio; conforme a ementa, são abordados aspectos da formação de termos, da normalização, da pesquisa terminológica, além de bancos de dados, todos

relevantes à prática tradutória mas que, no âmbito do curso, perdem o sentido ao serem dados posterior e isoladamente.

Ainda no que tange ao aspecto planejamento, a situação dos outros dois cursos aqui analisados é bem mais delicada. Num deles, o programa da disciplina não existia, apesar de os alunos já estarem no final do semestre letivo, quando da coleta dos dados desta pesquisa. No outro, a disciplina havia acabado de ser inserida no currículo do curso e, às vésperas do início do semestre, não havia um programa definido, tampouco havia sido indicado alguém para ministrá-la.

Nos cursos de especialização já mencionados, o mesmo enfoque de natureza teórica pode ser observado. No primeiro (instituição A), num espaço em que se pretende tratar de “noções básicas de terminologia como campo multidisciplinar” e ao mesmo tempo apresentar “fundamentos para a elaboração de glossários especializados”, três quartos do programa são dedicados exclusivamente a definições, origens dos estudos terminológicos, descrição de metodologias de pesquisa terminológica, restando uma pequena parte para introduzir noções de constituição e gerenciamento de BDTs. Aqui, a carga horária reduzida (16 h/a) permite apenas abordar superficialmente determinados aspectos inerentes à própria disciplina. O segundo curso (instituição D) também não escapa a essa orientação teórica, conforme sugerem os tópicos apresentados. Assim, também na especialização, torna-se difícil para o aluno aperceber-se das aplicações da terminologia em sua prática profissional e, mais ainda, familiarizar-se com metodologias e recursos terminológicos mais apropriados que poderiam facilitar a realização de sua atividade.

Num primeiro momento, podemos concluir que o caráter de disciplina aplicada, cada vez mais reconhecido na Terminologia em suas vertentes teóricas contemporâneas, ainda não se manifesta claramente no âmbito de seu ensino nos cursos aqui analisados. Nem as transformações pelas quais a própria atividade tem passado nestes últimos anos, em decorrência do rápido avanço verificado no cenário computacional, que muito tem contribuído com recursos e ferramentas destinadas a facilitar a atividade terminológica. Conforme mostraram os dados, a grande maioria dos alunos não tem acesso a ferramentas computadorizadas especificamente voltadas para a organização de terminologia que, aqui, parece restringir-se unicamente a fichas terminológicas. Nesse cenário, vimos que menos da

metade dos respondentes tiveram alguma experiência na criação de BDTs ou glossários e, entre eles, dois terços não especificaram o tipo de programa utilizado; apenas uma porcentagem mínima (4%) informou utilizar um aplicativo específico para essa finalidade (TermWin).

Fontes de consulta bilíngües, contendo informações adicionais sobre uma palavra ou expressão (como por exemplo, definição, contexto em que são empregadas, exemplos de uso etc.) poderiam facilitar a tradução de um determinado texto?

Sim. Claro. É óbvio que quanto mais informações encontrarmos em um único dicionário, menos trabalho teremos.

(estudante de graduação)

Sim. Definitivamente! Por exemplo, "ankle joint" é um termo médico, mas "joint" não deve ser traduzido por "junta" ou coisa do tipo (apesar de constar em alguns dicionários) e sim por "articulação", que é a forma corrente no falar médico – e isso é uma coisa que falta quando buscamos informações acerca de uma palavra.

(estudante de graduação)

Sim [...], pois nos dariam detalhes destas palavras/expressões, o que permitiriam o uso adequado delas, evitando assim os erros de tradução.

(estudante de graduação)

Podemos concluir que habilidades fundamentais como identificar e organizar terminologia e utilizar recursos terminológicos apropriados não têm sido exploradas no contexto do ensino da disciplina Terminologia. Quando focalizamos os programas de prática de tradução, no entanto, essas habilidades afloram naturalmente enquanto parte do fazer tradutório, ao se abordarem, por exemplo, o desenvolvimento de estratégias de pesquisa (Iniciação à Tradução), questões relativas à terminologia de várias áreas técnicas e científicas (Tradução Técnico-científica), e a elaboração de glossários especializados (mencionada em vários programas). É possível encontrar algumas pistas em relação à forma de abordagem dessas atividades a partir também das respostas obtidas de professores e de alunos que ainda não haviam cursado ou que não tinham Terminologia no currículo de seu curso. Conforme mostrado anteriormente, nos dois grupos de alunos, menos da metade respondeu que a Terminologia é abordada em outras disciplinas; entre os alunos que não têm a disciplina, pouco mais da metade afirmou realizar levantamentos terminológicos, e entre as estratégias

mais utilizadas para resolver suas dificuldades terminológicas prevaleceu a consulta a especialistas da área, o mesmo acontecendo para os que ainda iriam cursá-la.

Quando observamos as respostas dos professores, vemos que o principal recurso sugerido aos alunos a fim de resolverem dificuldades terminológicas é a consulta a especialistas. A maioria também os orienta para que façam levantamentos terminológicos, elaborando e/ou consultando glossários bilingües, consultando textos paralelos, especialistas e dicionários. Estas são estratégias (ou habilidades) que poderiam estar sendo desenvolvidas de uma forma mais sistematizada, por meio de simulações de situação de tradução na disciplina Terminologia. Ou ainda, o professor de Prática de Tradução poderia contar com a assessoria do professor de Terminologia para organizar ou desenvolver metodologias de pesquisa e de organização e registro de informação terminológica.

Como um todo, esse cenário reflete uma situação prática em que as relações entre tradução e terminologia ainda são pouco exploradas e sugere que quase nada se sabe sobre princípios e métodos terminológicos mais modernos e suas aplicações na formação de tradutores. Um cenário ligeiramente diferente pode ser observado em alguns cursos analisados no exterior, embora em certos casos a situação também seja tão ou mais problemática que a nossa, notadamente quando se tratam de programas de disciplinas modulares, destinadas a atenderem alunos de diversas áreas de concentração ao mesmo tempo. Mas, vejamos alguns exemplos que podem nos servir de contraponto à situação local.

A disciplina Terminologia, que é oferecida pela instituição L para alunos de pós-graduação (PGDips e MAs), tem um enfoque puramente textual, de caráter mais pragmático, pois centraliza-se exclusivamente no estudo do jargão de diversas áreas de especialidade na língua inglesa. Os alunos têm acesso a essas terminologias a partir da leitura de material textual, aprendendo a identificá-las nos próprios textos. Para suprir as necessidades da terminologia enquanto atividade, há uma outra disciplina, conforme mostrado na grade curricular (“Computerised Terminography”), em que são tratados os aspectos metodológicos da pesquisa, da compilação e da recuperação de termos, com o uso das ferramentas apropriadas.¹⁹

¹⁹ Informação obtida em entrevista com a diretora do Centro de Estudos da Tradução da instituição. O programa da disciplina não foi fornecido.

Um enfoque teórico e prático pode ser observado na instituição M. Além de estudar os fundamentos teóricos da Terminologia, o aluno é introduzido a práticas de processamento e recuperação de terminologia e exemplos de aplicação de técnicas da lingüística computacional, que complementam o estudo do processo tradutório. O programa lhe permite conhecer bancos de dados online, além de algumas ferramentas comerciais para desenvolvê-los, utilizando-os em exercícios práticos de compilação e recuperação de terminologia. Há ainda um programa cuja abordagem tem um caráter mais teórico e é voltado para questões envolvendo a natureza das linguagens de especialidade, da variação e do planejamento de linguagem. O aspecto prático envolve a produção de um glossário, também a partir da utilização de ferramentas especificamente desenvolvidas para este fim.

Na maioria dos cursos analisados no exterior, a terminologia se manifesta nas disciplinas de prática de tradução na forma de compilação de glossários, avaliação de dicionários, pesquisa terminológica em diversas áreas, estratégias para resolver dificuldades de tradução relacionadas à terminologia, e uso de ferramentas terminológicas. Um outro componente desses cursos em que a terminologia também é abordada são as disciplinas de suporte informático e tecnológico. Nessas disciplinas, os alunos têm a oportunidade de se familiarizarem com sistemas de tradução assistida por computador e programas de memória de tradução que incluem gerenciadores de terminologia, como o MultiTerm e o TermStar, além de acessarem bancos de dados e outras fontes de consulta disponíveis online.

Em resumo, quando comparamos esses dois cenários, é possível perceber uma nítida diferença de orientação. Nos cursos aqui analisados, a disciplina Terminologia parece vinculada a uma visão tradicional, já que seus métodos e conceitos são geralmente abordados de forma abstrata e isolados de contextos reais de tradução. Os cursos analisados no exterior, ao contrário, parecem enfatizar o caráter aplicado da disciplina, contextualizando as atividades e apresentando metodologias de identificação e organização de terminologia, devidamente amparadas por ferramentas terminológicas apropriadas. O enfoque num determinado aspecto reflete diretamente sobre o tipo de habilidades a serem desenvolvidas; no próximo segmento vamos considerar mais detalhadamente essas habilidades e propor algumas diretrizes para a elaboração de um programa de Terminologia que esteja mais sintonizado com as necessidades, e expectativas, dos alunos e ao mesmo tempo reflita uma abordagem mais contemporânea da disciplina.

III.2 O big bang de um novo universo

holism - The view that parts of a system have significance mostly in virtue of their interrelations with other parts.

The Routledge Encyclopaedia of Philosophy

Vimos analisando as manifestações de buracos negros da terminologia na prática e no ensino da tradução, procurando identificar suas origens e seus efeitos. *Grosso modo*, podemos atribuir a origem desses buracos ao pouco que se sabe das relações entre tradução e terminologia que, aqui, tentamos tornar mais explícitas. Nessa tentativa, pudemos observar a importância da terminologia enquanto jargão para se adequar o texto de chegada a um determinado cenário comunicativo no qual as expectativas de leitura de uma comunidade receptora em potencial estejam plenamente refletidas. Observamos também a importância da atividade terminológica enquanto identificação e organização de terminologia no processo tradutório, muito embora seus limites não estejam claramente definidos nesse processo. Observamos ainda as singularidades da Tradução e da Terminologia enquanto áreas de estudo atravessadas pelo prisma pós-estruturalista. É sob a influência desse prisma que somos levados a rever o papel da Terminologia no processo tradutório e isto implica, como vimos, rever também seus próprios princípios e fundamentos.

Detectamos buracos negros da terminologia na tradução enquanto produto e enquanto processo. Vimos que as impropriedades de tradução de *Uma breve história* têm suas raízes numa falha ao se reconhecer um cenário comunicativo, e que tal reconhecimento pressupõe necessariamente a familiarização com o modo de expressão de uma determinada comunidade científica. De uma situação específica de tradução, ampliamos o foco para o cenário atual da prática profissional, onde identificamos outras manifestações de buracos negros que apontam para a inexistência de fontes de consulta e de ferramentas terminológicas apropriadas para uso na atividade tradutória. Da prática, mudamos novamente o foco para o cenário da formação profissional, onde detectamos um descompasso entre as necessidades e as expectativas dos

alunos e o que lhes tem sido oferecido, cuja origem relaciona-se principalmente a uma abordagem excessivamente teórica e pouco aplicada da Terminologia.

Ao focalizarmos esses buracos negros à luz de uma perspectiva pós-estruturalista, vimos que em *Uma breve história* faltaram à tradutora os meios necessários para que pudesse, num primeiro momento, identificar determinadas unidades terminológicas no texto de partida para, depois, produzir um texto de chegada sintonizado com uma importante parcela de seu público alvo, a comunidade científica. Vimos que a plena consciência do papel que tradutores desempenham e das responsabilidades nele implícitas implica conhecer cada uma das etapas envolvidas no processo tradutório e que, nessas etapas, tradutor e tradutora desempenham o papel de terminólogo e terminóloga sem muitas vezes se darem conta disso. Na prática, deparamos com uma falta de metodologias de pesquisa mais efetivas como também de recursos terminológicos que a facilitem. Esses mesmos buracos negros refletem-se em situações de ensino de Terminologia para futuros tradutores, situações em que habilidades terminológicas mais relevantes à prática tradutória são deixadas de lado em função de um estudo mais abstrato e geralmente dissociado de outras disciplinas.

Em resumo, estivemos explorando vários aspectos do universo tradutório numa tentativa de melhor compreender as manifestações de buracos negros da terminologia nesse universo. Conforme mencionado no início de nossa jornada, pretendíamos com esta exploração levantar alguns elementos que pudessem servir de subsídio para a criação de um novo universo. Assim, depois de haveremos percorrido vários caminhos, na última etapa desta jornada vamos centralizar o foco numa única questão: o ensino de Terminologia para futuros tradutores. Este é talvez o lugar mais propício à origem de um novo universo, mas somente se considerarmos plenamente as inter-relações entre as várias partes que o compõem. Introduziremos a noção de "terminologia aplicada", tentando empregar cada um dos elementos de uma forma integrada, de modo que seu ensino i) leve em conta o perfil atual do profissional de tradução, ii) leve em conta as expectativas dos alunos, iii) reflita uma abordagem contemporânea de Tradução e Terminologia, e iv) possa contribuir para realimentar a prática. Vamos estabelecer inicialmente alguns pressupostos subjacentes ao seu planejamento, seguidos das diretrizes que o orientam e dos dados que nos auxiliaram na definição dos objetivos e dos tópicos a serem abordados na disciplina, considerando-se seus dois níveis de ensino, a graduação e a pós-graduação.

A Tradução tem sido aqui concebida como um universo, ou um sistema, composto de galáxias, ou partes, inter-relacionadas. Nesse sentido, ela abriga diversos elementos que interagem simultaneamente, mantendo uma relação de dependência mais ou menos direta entre si. Por exemplo, quando consideramos a prática, temos na obra traduzida um produto, resultado de um processo do qual fazem parte um cliente e um ou mais prestadores de serviços. Esse processo envolve uma metodologia, que pressupõe uma teoria ou um modo de concebê-lo que, consciente ou inconscientemente, vai determinar não apenas a sua realização propriamente dita mas também a própria natureza da relação entre as partes; além disso, nem sempre o cliente, enquanto solicitante da tradução, é seu usuário final, caracterizando-se aí uma relação de intermediação entre tradutor e público-alvo, em que esbarramos em fatores como a relativização da qualidade do produto final. A mesma diversidade ocorre ao considerarmos a questão ensino-aprendizagem: temos uma prática norteada por princípios e por uma concepção de tradução em particular, que determinam não só a natureza de seus componentes como também a forma como serão explorados ao longo da formação do aluno.

Reconhecer que os diversos elementos da galáxia da prática tradutória operam de forma inter-relacionada implica recriar essa inter-relação na galáxia da formação profissional. Isto, por sua vez, requer uma grade curricular em que as disciplinas estejam harmonizadas entre si de tal forma que o aluno possa perceber a relação entre elas e a importância de uma em função da outra, para, enfim, reconhecer na diversidade das partes um todo integrado e coerente. Não cabe neste momento discutirmos o grau de harmonização das grades curriculares aqui apresentadas, nem a relevância desse ou daquele componente para a formação profissional do aluno ou aluna. Entretanto, não podemos perder de vista essa formação como um todo, mesmo quando focalizando apenas um de seus aspectos, pois alterar qualquer uma das partes traz implicações para as demais. Sendo assim, os pressupostos e diretrizes a serem apresentados a seguir podem resultar na necessidade de se reconsiderar o planejamento ou até mesmo de se acrescentar novas disciplinas às já existentes.

Minha proposta alternativa para o ensino de Terminologia no âmbito da formação de tradutores tem como pilar principal o reconhecimento de seu papel na tradução, não como atividade meramente periférica mas sim essencial e inerente à produção de um texto de chegada em sintonia com a estrutura sociocomunicativa em que se insere. Além disso, lembrando as singularidades anteriormente identificadas, parte do reconhecimento de que:

- i) a tradução é uma *atividade meio*, destinada a suprir uma necessidade de comunicação de um grupo ou comunidade em particular, pressupondo que deve ser realizada *para alguém*; é também o resultado dessa atividade, ou a *obra traduzida*;
- ii) a terminologia é uma *atividade meio* e ao mesmo tempo o resultado dessa atividade; é o *conjunto de práticas* envolvidas na criação, identificação e organização de termos e o próprio *conjunto de termos*, ou vocabulário especializado, de uma determinada área;
- iii) a tradução é um processo de *produção de significados* que se dá em cenários comunicativos; é um processo que, nas palavras de Hatim & Mason, “envolve a *negociação de significados* entre produtores e recebedores de textos [...] é uma operação comunicativa que tem lugar numa estrutura social” (1990: 2-3);
- iv) a terminologia é uma *atividade aplicada*, visto que a criação, a identificação e a organização de termos visam a facilitar o trabalho de profissionais que necessitam de informação terminológica para o desempenho de suas atividades;
- v) o texto de partida não é estável; é uma *macro-unidade de interpretação* que vai ser ativada conforme os seus condicionantes socio-culturais e os objetivos comunicativos da comunidade interpretativa em que se insere; o texto de partida desempenha uma determinada *função* na comunidade em que foi produzido e adquire, portanto, um *valor* específico, que deve ser recriado no texto de chegada para que sua função não se perca na comunidade receptora;
- vi) os termos não são estáticos nem estáveis, são *micro-unidades de interpretação*; o termo é uma unidade lexical a que se pode atribuir um valor terminológico conforme a situação comunicativa em que se insere;
- vii) o tradutor e a tradutora atuam como *mediadores de uma situação de comunicação*; são responsáveis pela recriação de um determinado texto que atenda aos objetivos de leitura de seus recebedores em potencial; como mediadores ou autores de um novo texto, devem ter consciência das responsabilidades que seu papel implica;
- viii) o terminólogo e a terminóloga desempenham um *papel ativo* na criação, identificação e organização de terminologias; sua atividade é delimitada pelos objetivos e pelas circunstâncias de sua realização.

Com base nos pressupostos elencados acima, estabelecemos algumas diretrizes para o planejamento dos tópicos a serem explorados no ensino da Terminologia, visando à formação de profissionais melhor preparados para lidar com os aspectos terminológicos de sua atividade, e que também se configure enquanto um campo de produção de recursos que, a médio e longo prazos, possam ser utilizados como ferramentas de apoio à tradução. O estabelecimento dessas diretrizes passa necessariamente pela resposta a perguntas tais como: Para que, quando e de que forma aprender terminologia? Quais habilidades devem ser desenvolvidas? Que outros conhecimentos ou habilidades adicionais são necessários para um melhor aproveitamento da disciplina? Vamos, então, tentar respondê-las.

Para que aprender Terminologia? Uma resposta mais imediata para esta questão é “para resolver problemas de tradução”. Mas que tipo de problemas? São problemas que envolvem o reconhecimento de jargões especializados e a forma de lidarmos com eles. Com a terminologia podemos aprender a identificá-los e a organizar os termos de tal forma que facilitem nosso processo de escolha de unidades terminológicas mais apropriadas a serem empregadas no texto de chegada. Conforme observado por Hartley, os termos são empregados por especialistas ao lidarem com fenômenos peculiares à sua área de atuação; tal emprego é regido por um alto grau de precisão referencial e é sempre negociado pelos membros de uma comunidade científica que compartilham determinadas convenções. Ao traduzirem, diz ele,

não lhes basta consultar um dicionário técnico confiável para localizar os termos necessários, pois os dicionários são mercadorias imperfeitas, e tradutores e tradutoras devem ser capazes de avaliar a sua deficiência e compensar as omissões compilando e organizando seus próprios termos, ou seja, são obrigados a se engajarem na prática da terminologia (p. 58).

Reconhecer que dicionários são “mercadorias imperfeitas” implica a capacidade de avaliar suas deficiências e tentar contorná-las com o auxílio de outras fontes de consulta e de ferramentas que permitam ao tradutor ou tradutora organizar suas terminologias de modo que possam ao mesmo tempo resolver questões pontuais e registrá-las para eventuais futuras consultas. Isto é parte essencial da prática terminológica e quanto mais engajados estiverem nessa prática, maior facilidade terão para resolver problemas de tradução e, principalmente, para justificar suas escolhas de forma consciente, quando necessário.

Quando aprender Terminologia? Esta questão pode subdividir-se em outras duas: em que nível, na graduação ou pós-graduação, e em que momento do curso. Ao reconhecermos a importância da terminologia no processo tradutório, parece-me que já estamos respondendo à primeira parte desta questão. Se ela é importante nesse processo, deve necessariamente fazer parte da formação do aluno na graduação. Dado seu caráter essencialmente aplicado, o momento mais adequado, a meu ver, é o que antecede às disciplinas de prática de tradução, para que o aluno possa usufruir de seu aprendizado e até mesmo aprimorá-lo em outros momentos do curso. A Terminologia pode, e deve, ser ministrada também em nível de pós-graduação, nos cursos de especialização, embora com um enfoque ligeiramente distinto, visando a permitir ao aluno aperfeiçoar as habilidades antes desenvolvidas, seja no âmbito de sua formação ou de sua atuação profissional.

De que forma aprender Terminologia? A formação terminológica do tradutor apresenta alguns elementos de controvérsia que suscitam posições bastante divergentes, segundo apontado por Cabré (1999: 193). Ela destaca cinco desses elementos, que podem ser resumidos nos seguintes questionamentos:

- É necessário ao tradutor conhecer teorias ou os fundamentos da terminologia?
- Que concepção o tradutor tem acerca da metodologia de tradução?
- Qual a proporção entre conhecimentos e habilidades que o tradutor deve possuir?
- Em que medida o caráter interdisciplinar da tradução pode influir em sua concepção; e
- Qual a proporção e o enfoque a serem dados aos conhecimentos complementares que o tradutor deve ter?

Como alternativa a esses questionamentos, a autora propõe “adequar os conhecimentos terminológicos do tradutor à sua vontade de envolver-se com terminologia” (p. 193). A partir de suas necessidades práticas, o tradutor pode adotar diferentes graus de envolvimento ou níveis de implicação com terminologia e ela identifica quatro deles, brevemente descritos conforme segue:

- **Nível passivo:** vale para o tradutor que apenas consulta fontes terminológicas. Neste caso, ele precisa ter acesso a uma lista de fontes e ter uma formação adequada para saber como usá-las. Diante de um problema de tradução, ele encontra uma solução, podendo resultar positiva ou negativa.

- **Nível passivo:** resolve um problema terminológico com a lógica da lexicologia, quando, por exemplo, cria um neologismo.
- **Minimamente ativo:** conhece a(s) área(s) de especialidade com que trabalha, compila termos, criando base de dados, observa a sistemática dos termos. Realiza terminologia pontual.
- **Terminólogo sistemático:** além das habilidades anteriores, utiliza a informação terminológica de seu banco para criar glossários e compartilhar seus dados com outros tradutores.

A forma de ensinar ou de aprender vai depender fundamentalmente do conteúdo e das características de cada programa de formação, notadamente de seus objetivos, ou seja, das habilidades que se pretende desenvolver com a disciplina. Aqui, esses níveis de envolvimento propostos por Cabré serviram-me de base para estabelecer os objetivos e o conteúdo da disciplina para a graduação e a especialização. No primeiro caso, espera-se que o aluno esteja devidamente habilitado a um envolvimento “minimamente ativo”, enquanto que no segundo, seu envolvimento com terminologia deverá corresponder ao de um “terminólogo sistemático”. Para se atingir esses níveis, há pelo menos duas alternativas a serem seguidas: uma enfatizando uma abordagem teórica e outra uma abordagem prática. Uma terceira alternativa, aqui privilegiada, embora tendendo mais para a prática, busca estabelecer um equilíbrio entre elas, conforme as necessidades dos alunos e respeitando o caráter essencialmente aplicado da disciplina. Ao se desenvolverem exercícios práticos que coloquem o aluno em contato com o jargão de várias áreas de especialidade e com metodologias de compilação e recuperação de informação terminológica, os conhecimentos teóricos poderão ser assimilados de uma forma aplicada e não abstrata e descontextualizada.

Quais são as habilidades a serem desenvolvidas? A definição do conjunto de habilidades a serem trabalhadas com os alunos depende diretamente do que se espera que sejam capazes de realizar, a partir de um determinado grau de envolvimento com a terminologia, como vimos mais acima. O desenvolvimento dessas habilidades pressupõe ainda uma noção prévia acerca do que seria um “bom tradutor” ou uma “boa tradutora profissional”. Keith (1989) argumenta que tradutores podem ser “feitos”, não “nascem” tradutores simplesmente e apresenta uma série de habilidades que podem ser adquiridas no decorrer de sua formação profissional. Entre elas, há algumas diretamente relacionadas à terminologia,

como por exemplo, reconhecer os vários tipos de linguagem utilizada em diferentes circunstâncias, lidar com uma grande quantidade de informação e se assegurar de que estejam adequadamente armazenadas e possam ser facilmente recuperadas (cf. p. 164). Mais especificamente, o autor cita algumas habilidades relacionadas à língua de partida e à língua de chegada (terminologia especializada relacionada a determinadas áreas), à utilização de ferramentas computacionais para auxílio à tradução (bancos de termos), e à terminologia propriamente dita (como organizar terminologias especializadas com o auxílio de ferramentas adequadas) (cf. pp. 168-169).

De modo semelhante, Owens (1996) identifica algumas qualidades pessoais e habilidades inatas e adquiríveis, essenciais a todo bom profissional de tradução. Entre as habilidades a serem adquiridas, encontramos aqui também algumas que abrangem a terminologia. São elas: uma metodologia sistemática, relacionada ao armazenamento de terminologia de forma que possa ser facilmente recuperada e ajude a manter a consistência do trabalho; as estratégias de pesquisa, relacionadas à utilização de fontes de consulta que variam desde dicionários monolíngües até listas de discussão na Internet; as técnicas computacionais, que incluem a familiarização e a utilização de programas de gestão de terminologia; e o conhecimento especializado, relacionado ao emprego adequado de terminologia das áreas de especialidade (cf. pp. 30-33).

Essas habilidades são alguns dos pré-requisitos para se chegar aos vários graus de envolvimento com terminologia identificados por Cabré. Aqui, conforme já mencionado, o planejamento da disciplina está orientado com vistas a se chegar a um grau “minimamente ativo”, na graduação, e a um grau comparável ao de um “terminólogo sistemático”, na especialização. Em ambos os casos, as habilidades a serem desenvolvidas relacionam-se à terminologia enquanto produto e enquanto atividade. Na graduação, tais habilidades referem-se ao desenvolvimento de estratégias que auxiliem os alunos a reconhecerem textos de distintas áreas de especialidade, a distinguir unidades terminológicas de unidades lexicais, a fazerem pesquisas terminológicas pontuais, a buscarem fontes de consulta apropriadas e confiáveis, a organizarem informações terminológicas, a fazerem o registro dessas informações, e, finalmente, a utilizarem ferramentas e recursos terminológicos informatizados mais adequados às suas necessidades de trabalho. Na especialização, a ênfase é dada ao desenvolvimento de habilidades relacionadas à utilização de informação terminológica na

criação de glossários, a formas de compartilhamento dessas informações, e a metodologias de pesquisa terminológica sistemática. São habilidades que requerem do futuro tradutor a capacidade de desenvolver um trabalho de forma ordenada e sistemática, individualmente e em conjunto com os demais colegas.

Que outros conhecimentos ou habilidades adicionais são necessários para um melhor aproveitamento da disciplina? Esta questão evidencia a importância de reconhecermos as inter-relações nos vários níveis do processo de formação profissional. Para um melhor aproveitamento das atividades a serem desenvolvidas, é necessário que o aluno preencha uma série de pré-requisitos. Alguns devem necessariamente fazer parte de sua bagagem, como por exemplo, sólidos conhecimentos de seus idiomas de trabalho, uma concepção de tradução que evidencie suas responsabilidades, uma concepção de linguagem que enfatize as relações língua/sujeito/realidade, além de alguns conhecimentos mínimos de informática que lhe permitam transitar com facilidade entre os aplicativos mais utilizados para produção de textos, busca e intercâmbio de informação online. Outros podem ser desenvolvidos concomitantemente, como por exemplo, conhecimentos sociocognitivos e pragmáticos que lhe permitam compreender mais facilmente a natureza das linguagens de especialidade e dos textos com os quais vai estar lidando, e as habilidades metodológicas para organizar e administrar seu próprio trabalho. Mais importante, é fundamental que esses conhecimentos e habilidades adicionais não entrem em choque entre si, mas mantenham uma coerência interna com relação aos pressupostos teóricos a eles subjacentes, e auxiliem o aluno a melhor compreender a própria concepção de tradução e terminologia privilegiada em sua formação, para que possa efetivamente aplicá-la em sua conduta profissional.

Uma vez traçadas as diretrizes gerais, chegamos, enfim, aos últimos elementos que nos servem de subsídio à escolha dos tópicos a serem abordados em minha proposta de ensino de terminologia: os dados obtidos a partir do perfil atual do profissional e do aluno de tradução aqui delineados. Vamos resumir inicialmente alguns pontos acerca do perfil do tradutor, relacionados à terminologia, que julgo importantes e que devem estar refletidos no seu ensino. Partimos do pressuposto, devidamente amparado pelos resultados de minha pesquisa, de que tradutores e tradutoras reconhecem a importância da terminologia na tradução, seja enquanto produto (jargão ou vocabulários especializados) ou enquanto processo ou atividade (levantamento e pesquisa terminológica). Há, no mercado nacional, uma falta de fontes de

consulta terminológica, como bancos de dados ou dicionários especializados informatizados, o que leva os profissionais de tradução a criarem seus próprios recursos terminológicos, com o auxílio de programas genéricos, já que lhes faltam também as ferramentas especificamente voltadas para este fim. Mais especificamente, o perfil aqui delineado mostrou que os pares de idiomas mais freqüentes são o inglês/português e o espanhol/português. A maioria dos profissionais tende a se especializar em uma ou mais áreas, sendo que a informática ocupa uma considerável fatia do mercado; as outras áreas de especialidade mais citadas foram respectivamente a jurídica, as telecomunicações, a economia, a médica e a eletrônica. Para resolverem suas dificuldades terminológicas, tradutores e tradutoras recorrem mais freqüentemente aos dicionários, à Internet, a textos paralelos e a especialistas. Suas ferramentas terminológicas mais conhecidas são o Trados, o Déjà Vú e o Transit, embora pouquíssimos as utilizem. A grande maioria desenvolve seus próprios BDTs e glossários, utilizando programas genéricos, como o Word e o Excel, enquanto um pequeno número se utiliza de programas específicos, como o MultiTerm, o Wordfisher e o EPUtilex.

Com relação ao perfil dos alunos de tradução, partimos do pressuposto de que reconhecem a importância da terminologia para sua formação profissional, também com base nas respostas aqui obtidas. A grande maioria dos alunos reconhece a relevância da familiarização com o jargão de uma determinada área para se traduzir textos a ela relacionados e acredita que fontes de consulta mais amplas poderiam facilitar a tradução. Para resolverem suas dificuldades terminológicas os alunos geralmente consultam especialistas, textos afins, dicionários, seus professores e a Internet. A grande maioria desconhece recursos terminológicos para a tradução e praticamente a metade deles não tem experiência na criação de BDTs nem elaboração de glossários. Entre os que mencionaram ter tido essa experiência, a vasta maioria não especificou o tipo de programa utilizado; entre uma pequena minoria, os aplicativos mencionados para esta finalidade são programas genéricos, como o Word, Access e Excel. Embora esses dados sejam bastante representativos de sua formação, aqui maior atenção será dada aos tópicos que os alunos julgam mais relevantes ao seu aprendizado, como também às suas expectativas em relação à disciplina. Esses tópicos e expectativas relacionam-se à terminologia enquanto produto e enquanto atividade e, como vimos, resumem-se a: i) conhecer recursos terminológicos para uso na tradução; ii) aprender a identificar jargões; e iii) aprender a utilizar/desenvolver BDTs.

Assim, com base nos pressupostos e diretrizes aqui traçados, como também no perfil profissional e no perfil estudantil, chegamos a uma proposta de ensino de terminologia que busca atender às atuais necessidades e expectativas discentes. Nesta proposta, são levados em conta ainda alguns elementos encontrados nos programas estrangeiros aqui analisados, como por exemplo, o modo de se lidar com textos especializados e, principalmente, o enfoque na informatização das atividades de pesquisa e de gestão terminológica na maioria das disciplinas que envolvem a terminologia.

Em decorrência das diferenças de objetivos de formação na graduação e na pós-graduação, é conveniente que tenhamos duas disciplinas, cada qual especificamente voltada a um determinado nível. Desta forma, para alunos de graduação, vamos descrever os elementos básicos da disciplina “Terminologia Aplicada”; para alunos de especialização, estaremos nos referindo à “Gestão de Terminologia para Tradutores”. Ambas, no entanto, são estruturadas de forma a ressaltar o caráter aplicado da Terminologia, visto que estão inseridas no contexto da formação de tradutores e não de terminólogos.

Para “Terminologia Aplicada”, estabelecemos uma carga horária mínima total de 60 horas/aula, assim distribuídas: 30 horas/aula, correspondendo a 15 aulas semanais, sendo 8 horas (ou 4 aulas) teóricas e 22 horas (ou 11 aulas) de prática em laboratório; as outras 30 horas referem-se a um mínimo de estudo individual e laboratório a ser exigido de cada aluno para a realização das atividades propostas no curso. Vejamos sua descrição:

Ementa:

Noções básicas de terminologia: origem, definições e escolas. O termo como unidade de interpretação. Relações entre Terminologia e Tradução. Linguagens de especialidade e Tradução. Identificação de terminologias especializadas. Metodologias de pesquisa terminológica bilíngüe pontual e sistemática. Criação e gestão de bancos de dados terminológicos para uso na tradução.

Objetivos da disciplina:

Geral: Proporcionar ao aluno o instrumental teórico e prático necessário para a realização de levantamentos e pesquisas terminológicas pontuais bilíngües, como também para a criação de bancos de dados para gestão de terminologia aplicada à tradução, com a utilização de ferramentas computacionais apropriadas.

Específicos: Ao concluir a disciplina, o aluno deverá ser capaz de:

- reconhecer diferentes terminologias especializadas;
- solucionar problemas terminológicos de tradução;
- avaliar fontes de consulta terminológica para a tradução; e
- utilizar e desenvolver bancos de dados terminológicos para uso em tradução.

Programa:

- 1- Terminologia: origens e definições, escolas e abordagens teóricas.
- 2- Terminologia e Tradução: termo e texto como unidades de interpretação.
- 3- Linguagens de especialidade: informática, jurídica, telecomunicações e comércio exterior.
- 4- Levantamento e pesquisa terminológica pontual bilingüe: fontes de consulta.
- 5- Recursos terminológicos para a tradução: fontes de pesquisa (dicionários, glossários, publicações especializadas, Internet, BDTs (EURODICAUTOM, TERMIUM, TERMITE, ILOTERM, etc.)).
- 6- Ferramentas para GT (Trados MultiTerm, TermWatch, TermStar, WordFisher).
- 7- BDTs para uso na tradução: criação e gestão; estrutura de um BDT, categoria de dados; organização de informação terminológica; alimentação.

Avaliação:

Projeto terminológico bilingüe (compilação e registro de 20 termos e suas informações mais relevantes para a tradução) em uma área a ser escolhida entre informática, jurídica, telecomunicações e comércio exterior, em que o aluno deverá mostrar-se minimamente ativo em terminologia (i.e., conhecer a área de especialidade, realizar pesquisa terminológica pontual bilingüe e utilizar uma ferramenta específica para GT).

Bibliografia básica:

- Araújo, L. A. (1999). “*COMEX*, a term bank to be used as an aid to translating and translator training”. Manchester: UMIST. Scholarly monograph, unpublished.
- Azenha Jr., J. (1996). “Tradução técnica, condicionantes culturais e os limites da responsabilidade do tradutor”, em: *Cadernos de Tradução* 1: 137-149, Florianópolis: UFSC.
- Cabré, M. T. (1999). “Las fuentes terminológicas para la traducción”, em: M. T. Cabré, *La Terminología – Representación y comunicación*. Barcelona: IULA – UPF, pp. 203-229.
- Krieger, M. G. (1998). “Terminologia em contextos de integração: funcionalidade e fundamentos”, em: *Organon* 12 (26): 19-31.
- Pearson, J. (1998). *Terms in context*. Studies in Corpus Linguistics 1. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, chapter 1.
- Temmerman, R. (2000). *Towards new ways of terminology description – The sociocognitive approach*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, chapters 1 and 2.

Em “Gestão de Terminologia para Tradutores”, prevemos uma carga horária mínima de 40 horas/aula, assim distribuídas: 24 horas, correspondendo a 8 horas/aula semanais, sendo 1 aula teórica e 7 de prática em laboratório; as outras 16 horas referem-se a um mínimo de estudo individual e laboratório a ser exigido de cada aluno para a realização das atividades propostas no curso. Como pré-requisito, são necessários sólidos conhecimentos de informática (processadores de textos e recursos de pesquisa online) e familiarização com o MultiTerm. Vejamos, a seguir, a descrição da disciplina.

Ementa:

Aplicação de princípios e métodos da Terminologia no desenvolvimento de uma ferramenta voltada para facilitar a gestão e o compartilhamento de dados terminológicos na atividade tradutória.

Objetivos:

Geral: Proporcionar ao aluno o instrumental teórico e prático necessário para o registro e a recuperação de informações terminológicas para uso compartilhado na tradução.

Específicos: Ao concluir a disciplina, o aluno deverá ser capaz de alimentar e administrar um banco de dados terminológicos, utilizando as informações disponíveis para produzir glossários e compartilhar com outros tradutores.

Programa:

- 1- Terminologia: definições, aplicações e relações com tradução.
- 2- Linguagens de especialidade e levantamento terminológico.
- 3- Fontes de pesquisa terminológica impressas e online.
- 4- Alimentação de um banco de dados terminológicos.
- 5- Exportação e importação de dados terminológicos.
- 6- Compartilhamento de dados terminológicos.
- 7- Consulta e elaboração de glossários.

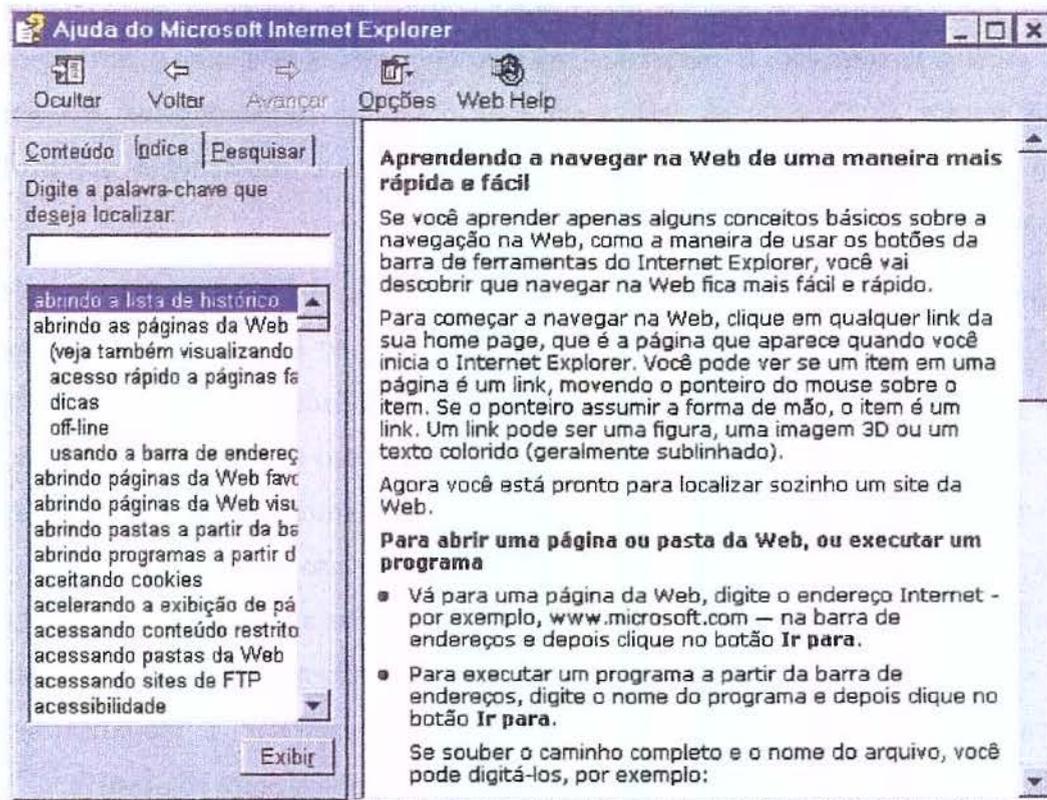
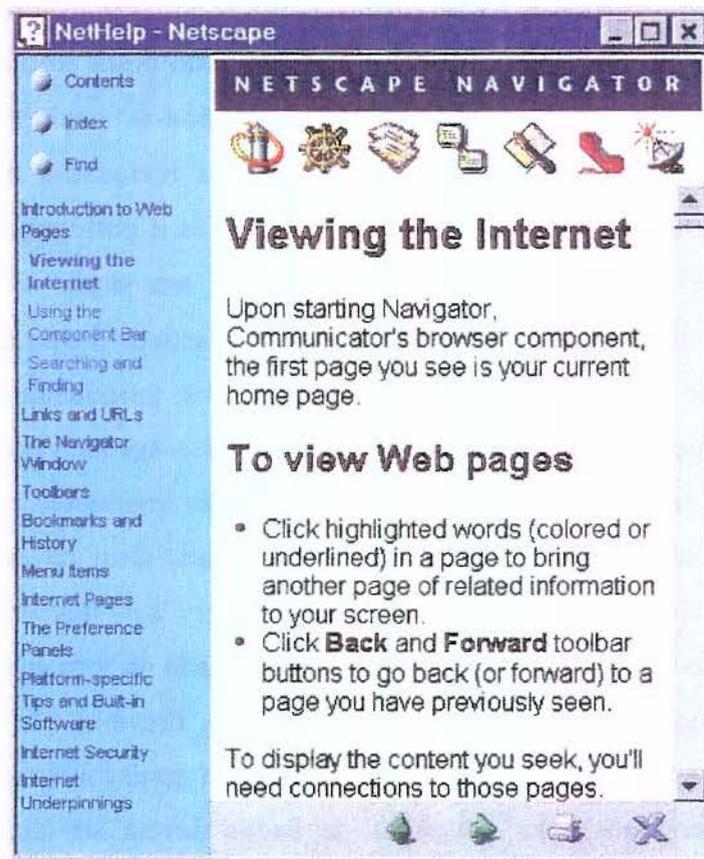
Avaliação:

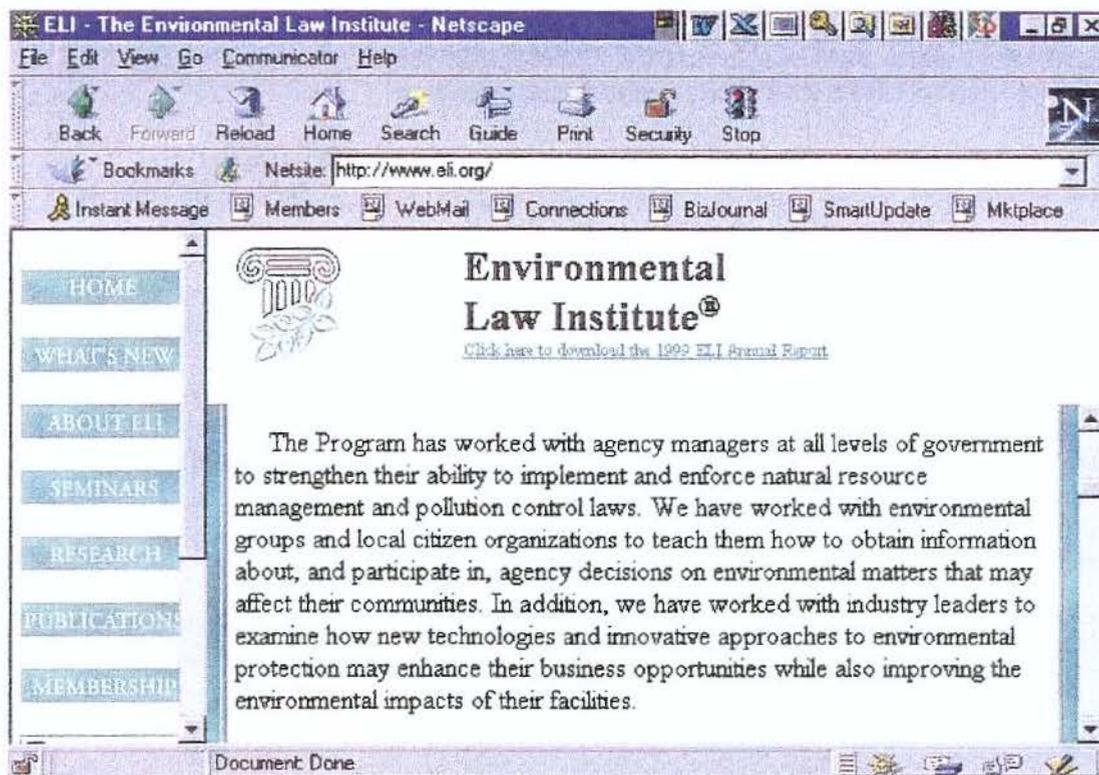
Projeto terminológico bilíngüe (apresentação de um glossário com pelo menos 30 termos e suas informações mais relevantes para uso em tradução) em uma área a ser escolhida entre informática, telecomunicações, jurídica e comércio exterior, em que o aluno deverá demonstrar habilidade na realização de pesquisa terminológica sistemática para fins de tradução e no compartilhamento de dados terminológicos.

Bibliografia básica: a mesma prevista para a graduação.

Como pode ser observado, foi privilegiada uma abordagem essencialmente prática para os dois níveis. Na graduação, que consiste o principal foco desta proposta, após uma rápida introdução teórica (itens 1 e 2 do programa), propõe-se explorar as linguagens de especialidade a partir da análise contrastiva de alguns textos das áreas de informática, telecomunicações, jurídica e comércio exterior, em inglês e português, para que os alunos possam desenvolver estratégias de reconhecimento de seu jargão específico (item 3 do programa). A partir da identificação dos cenários comunicativos desses textos e dos possíveis objetivos e usuários em potencial, os alunos podem ser introduzidos a metodologias de pesquisa terminológica e ter a oportunidade de conhecer e avaliar vários tipos de fontes de consulta, como por exemplo, dicionários mono e bilíngües impressos, em CDROM e online, textos paralelos e outros materiais disponíveis na Internet, além de BDTs (itens 4 e 5 do programa). De modo complementar, os alunos podem ser incentivados a procurarem especialistas em cada uma das áreas, na própria universidade ou fora dela, que possam avaliar as soluções de tradução encontradas ao final do trabalho. Prevê-se que sejam introduzidos a algumas ferramentas para gestão de terminologia, a fim de desenvolverem seus próprios BDTs (itens 6 e 7 do programa). As categorias de dados devem ser definidas segundo suas necessidades, i.e., conforme o tipo de informação considerada relevante para facilitar o processo de escolha na tradução. É importante enfatizar que embora os alunos sejam levados a encontrar os termos de chegada ao realizarem suas pesquisas terminológicas, o objetivo central aqui não é fazê-los traduzir esses textos, mas sim criar condições e desenvolver estratégias que facilitem essa tarefa posteriormente.

Apesar dessa orientação prática, alguns dos tópicos previstos possibilitam explorar conceitos e definições da Terminologia, como por exemplo, ao estudarmos as linguagens especializadas, a partir de textos de várias áreas de especialidade. Neste caso, é possível explorar a noção de “termo”, “conceito” e “definição” e o processo de formação ou criação de novas palavras de uma forma contextualizada. A comparação entre textos de diversas áreas proporciona ao aluno a chance de perceber as diferenças de uso de linguagem, tanto em relação à terminologia como também ao estilo de redação peculiar a cada área. Os fragmentos mostrados a seguir são exemplos extraídos das áreas de informática, direito ambiental, telecomunicações e comércio exterior, em que se pode exercitar a identificação da terminologia característica de cada uma delas, por meio de uma abordagem contrastiva.





Constitutional provisions offer broad and powerful tools for protecting the environment, but to date these tools have gone largely unutilized in Africa. Practically all African constitutions include substantive provisions that ensure either a “right to healthy a environment” or a “right to life,” which often is held to imply a right to a healthy environment in which to live that life. Additionally, the process of opening courts to citizens to enforce their constitutional rights strengthens the judiciary, empowers civil society, and fosters an atmosphere of environmental accountability.

This research report explores how African constitutional provisions can be utilized to create real, enforceable environmental rights. African countries do have different legal traditions, namely, common law, civil law, and Islamic law, as well as some hybrid systems. Nevertheless, these legal systems share many common underlying principles and values, particularly fundamental human rights that are embodied in their respective constitutions.

This report highlights relevant provisions from the constitutions of 53 African countries (excluding the territories of the Canary Islands, the Madeira Islands, Reunion, and West Sahara) – provisions that may be used to protect the environment – as well as cases from around the world that illustrate opportunities for implementing constitutional environmental rights. Additionally, given the ongoing constitutional reforms in various African countries – such as Kenya, Tanzania, and Zaire/DRC – this report examines the opportunities that such provisions present for improving environmental governance, addressing issues of environmental and participatory rights, and ensuring implementation and enforcement.

Fonte: ELI 2000 Research Report: Constitutional Environmental Law: Giving Force to Fundamental Principles In Africa (<http://www.eli.org>)

telecommunications media

equipment and systems--metal wire, terrestrial and satellite radio, and optical fibre--employed in the transmission of electromagnetic signals.

Every telecommunications system involves the transmission of an information-bearing electromagnetic signal through a physical medium that separates the transmitter from the receiver. All transmitted signals are to some extent degraded by the environment through which they propagate.

Signal degradation can take many forms, but generally it falls into three types: noise, distortion, and attenuation. Noise is the presence of random, unpredictable, and undesirable electromagnetic emissions that can mask the intended information signal. Distortion is any undesired change in the amplitude or phase of any component of an information signal that causes a change in the overall waveform of the signal. Both noise and distortion are commonly introduced by all transmission media, and they both result in errors in reception. The relative impact of these factors on reliable communication depends on the rate of information transmission, on the desired fidelity upon reception, and on whether communication must occur in "real time"--i.e., as in two-way voice telephony and video.

Fonte: Encyclopaedia Britannica

Echo and Noise Reduction Methods for Multimedia Communication

File Edit View Go Communicator Help

Back Forward Reload Home Search Guide Print Security Stop

Bookmarks Location: <http://sound.eti.pg.gda.pl/STAFF/slawek/papers/mmsp99/MMSP99.htm>

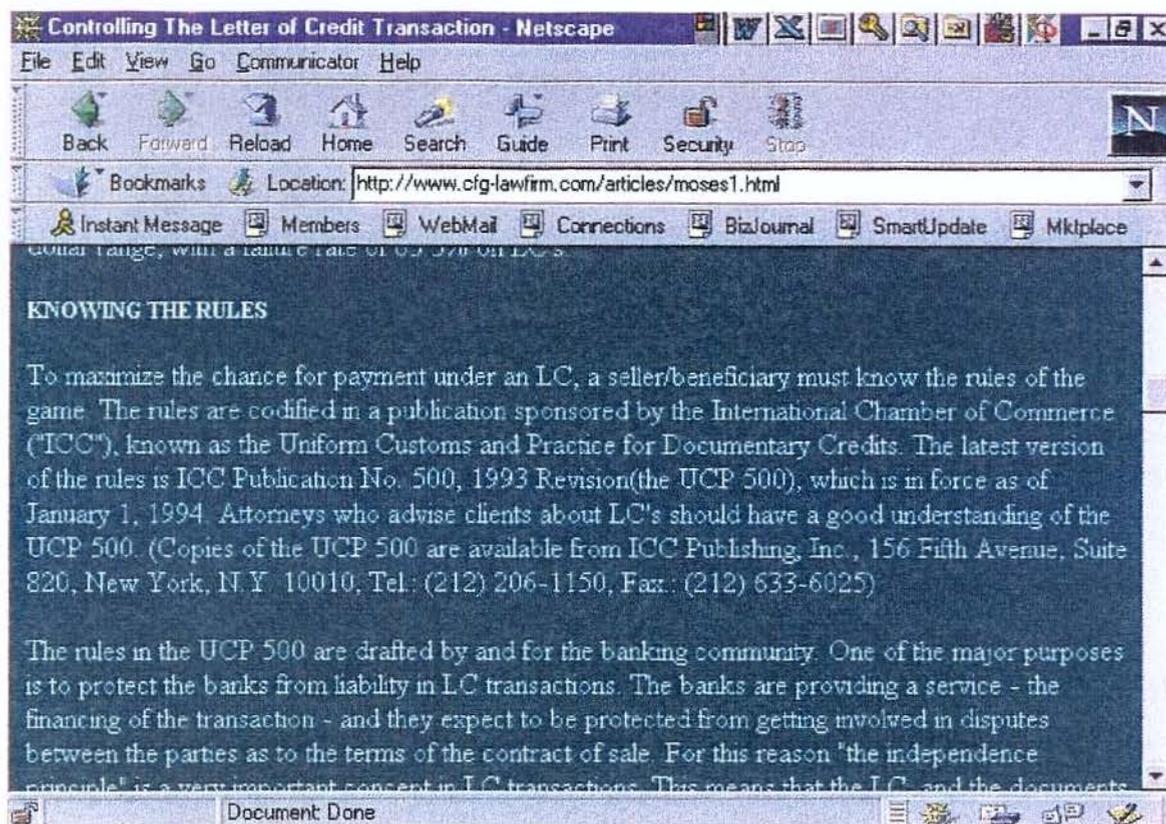
Instant Message Members WebMail Connections BizJournal SmartUpdate Mktplace

1. Introduction

The sound acquisition systems of the contemporary communication devices often work in some very poor acoustic conditions. It concerns microphone systems of personal computers, conference intercom devices, video camera audio channels and also hearing aids. Consequently, there is a need for robust and efficient methods of parasite noise and echo reduction in audio signals.

The commonly used noise reduction methods do not take into account some subjective properties of the human auditory system [6], which have been successfully exploited in some audio coding standards. However, as was revealed by the results of experiments carried out by the authors, auditory masking can be also used to the suppression of noise corrupting audio signals. According to this, a noise corrupting audio can be efficiently masked (become inaudible) by these audio components which convey most of the useful energy. Due to the space limitations, the engineered system is generally described in this paper, whereas the detailed mathematical foundations of this

40% of 28K (at 323 bytes/sec)



Meeting the deadlines

Every LC has three important dates: the date by which goods must be shipped, the date by which documents must be presented, and the expiry date for the LC. A seller should make sure that each of these dates can be met, and should allow a large margin for error. After the LC has been issued, if the seller learns that the date for shipping goods cannot be met, he should not ship any goods until he obtains an amendment to the LC permitting later shipment.

If an LC which calls for transport documents does not contain a date by which documents must be presented, does this mean the seller can wait until the expiry date to present his documents? Not if he wants to be paid. Article 43 of the UCP 500 provides that if no time period after shipment is given in the Credit for presentation of documents, banks will not accept documents presented to them later than 21 days after shipment. An exporter unfamiliar with the 21 day rule of the UCP 500 could easily miss this deadline.

The exporter should make sure that the expiry date of the LC permits sufficient time to permit correction, if possible, of any mistakes in the documents. Under the UCP 500, once the documents are presented, the bank has a maximum of seven days to let the beneficiary know if there are any discrepancies. If discrepancies can be corrected, they must be corrected and the documents resubmitted before the expiry date of the LC. Thus the exporter should make sure that the expiry date allows enough time for errors to be rectified.

*Fonte: Controlling The Letter of Credit Transaction, By Margaret L. Moses, Of Counsel
<http://www.cfg-lawfirm.com/articles/moses1.html>*

Uso de carta de crédito vai facilitar lances em leilões - Netscape

File Edit View Go Communicator Help

Back Forward Reload Home Search Netscape Print Security

Bookmarks Location: <http://www.tj.rs.gov.br/comsoc/dj19-4.htm> What's Related

Instant Message Internet Lookup New&Cool

Comunicação Social

Uso de carta de crédito vai facilitar lances em leilões

Matéria publicada no Diário da Justiça de 19 de abril de 1999

Na manhã do próximo dia 29, uma casa de alvenaria com 509m² de área, avaliada em R\$ 82 mil, será alienada pelo melhor lance em decorrência de decisão judicial dentro do processo falimentar de uma indústria. Nada mais normal. Mas em um aspecto será completamente diferente dos demais leilões: para a cobertura do lance será aceita carta de crédito de instituição financeira que poderá cobrir até 80% do valor do lance. Os outros 20% deverão ser pagos à vista.



Tribunal de Justiça do Estado do Rio Gran

Carta de Crédito sem Segredos - Netscape

File Edit View Go Communicator Help

Back Forward Reload Home Search Netscape Print Security

Bookmarks Location: [%20cred%20segr/cartacredsegr2.htm](#) What's Related

Instant Message Internet Lookup New&Cool

3. A carta de crédito como instrumento de pagamento

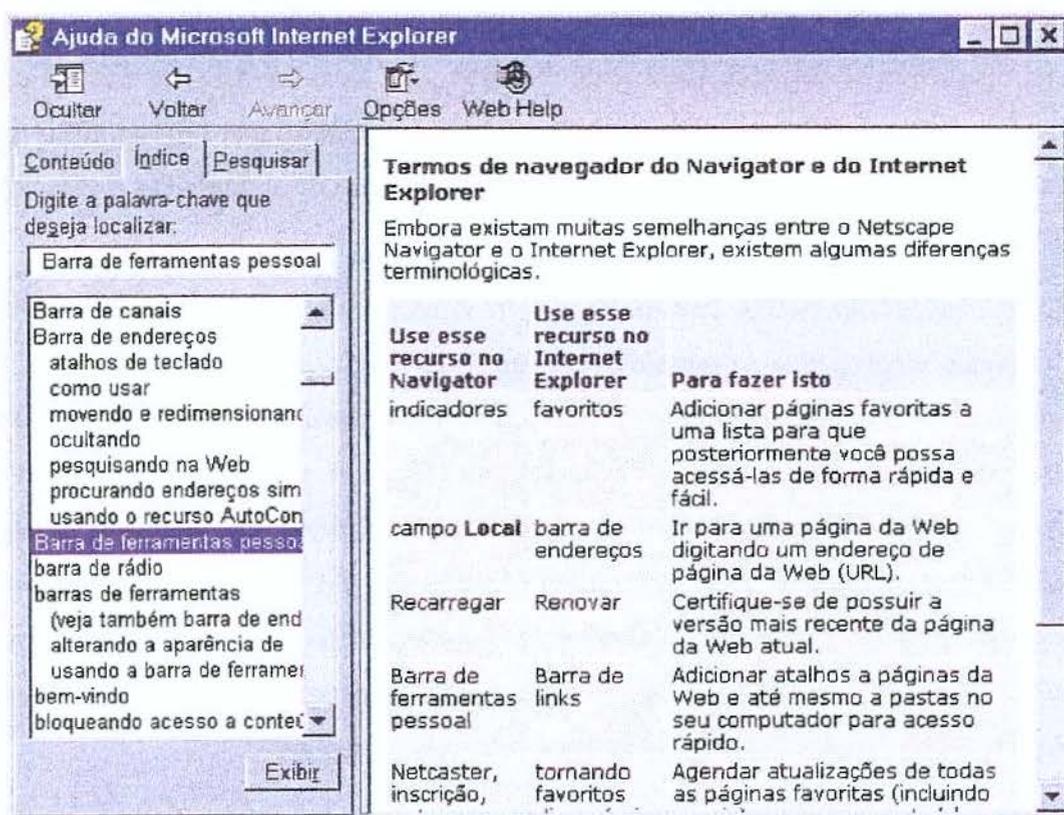
- definição e utilização de cartas de crédito
- os diversos tipos e sua utilização
- obrigações e direitos das partes: *applicant, issuing bank, advising bank, confirming bank, nominated bank, remitting bank, reimbursing bank e beneficiary*
- sinopse das vantagens e desvantagens para exportadores e importadores
 - pagamento contra documentos e não contra mercadorias
 - princípio da exatidão documental
 - despesas bancárias locais e no exterior

4. As fases das operações com carta de crédito

- no momento da compra/venda da mercadoria

Document Done

O jargão da informática é uma fonte extremamente rica de “fenômenos terminológicos”, tendo em vista a grande incidência de empréstimos, decalques, neologismos e outras peculiaridades lingüísticas que vão gradativamente se incorporando ao nosso idioma, seja com a criação de novas palavras ou com a atribuição de novos conceitos a palavras e expressões de uso comum. Podemos observar alguns exemplos nas telas de ajuda do Netscape Navigator e do Internet Explorer. Termos como “cookies”, “home page” e “link” são freqüentemente encontrados em português. Este último poderia ser traduzido por “linque”, da mesma forma que utilizamos “clique” para “click”, no entanto tem permanecido em inglês. Já o termo “navegar” adquiriu um novo significado ao se referir à visualização de páginas na Web.



Diferentes comunidades expressam-se de modos diversos e, às vezes, existem modos de expressão díspares no âmbito de uma mesma comunidade. O “informatês” permite ao aluno constatar influências ideológicas ou até mesmo de cunho meramente comercial em certos grupos, que determinam essas disparidades, como se pode observar no fragmento logo acima, em que são estabelecidas algumas diferenças terminológicas para se identificar os mesmos recursos e executar tarefas idênticas em dois navegadores. Termos como nos pares “indicadores” e “favoritos”, “recarregar” e “renovar” e “barra de ferramentas pessoal” e “barra de links” são diferentes, mas correspondem a funções idênticas nessa linguagem.

Em outros casos, um mesmo termo pode ser utilizado para designar conceitos totalmente distintos, como se pode verificar nos textos relacionados a créditos documentários aqui reproduzidos. *Letter of Credit* é traduzido em português por um único termo, “carta de crédito”. Este, por sua vez, dependendo da situação em que ocorre, pode se referir a um instrumento de pagamento numa importação ou a um crédito numa operação de aquisição imobiliária, operações de natureza totalmente distintas. Um levantamento sistemático na área de comércio exterior poderá mostrar que esta também constitui um terreno fértil para a incidência de fenômenos terminológicos, dado o grande número de abreviações e empréstimos que se vai encontrar.

Ao realizar levantamentos terminológicos, o aluno deve tornar-se capaz de reconhecer unidades lexicais empregadas terminologicamente. Nos fragmentos acima, unidades como *natural resource management*, *pollution control laws*, *environmental groups*, *environmental matters*, *environmental protection*, *environmental impacts*, *constitutional provisions*, *constitutional rights*, e *telecommunications system*, *optical fibre*, *electromagnetic signals*, *noise*, *distortion*, *amplitude* são termos em potencial do direito ambiental e das telecomunicações, respectivamente. Na falta de familiarização com essas áreas, um dos principais critérios para atribuímos valor terminológico a essas unidades é o seu grau de ocorrência no próprio texto e em diferentes textos de uma mesma área.

O fato de uma unidade adquirir valor terminológico numa determinada área, entretanto, não significa que esse valor seja automaticamente carregado para uma outra, nem tampouco seja expresso por uma mesma unidade quando traduzido. Por exemplo, a unidade lexical *impact* (*environmental impacts*, em direito ambiental) ocorre também no texto de

telecomunicações (*The relative impact of these factors...*), mas aqui seu valor parece não ser tão facilmente determinável; na falta de amparo textual, apenas um especialista da área poderia afirmar se se trata de um uso especial e, portanto, terminológico. Apesar disso, “impacto” pode ser uma tradução aceitável em ambos os casos. O mesmo já não ocorre com *environment (tools for protecting the environment*, em direito ambiental, e *the environment through which they propagate*, em telecomunicações); nas duas situações parece tratarem-se de unidades especializadas que demandam traduções diferentes em português. “Meio-ambiente” no segundo caso seria totalmente inadequado; simplesmente “meio” ou “ambiente” são as formas geralmente aceitas nesse contexto (“meio de propagação” ou “ambiente de propagação”).

Num primeiro momento, é importante que o aluno aprenda a estabelecer diferenças entre termos e palavras no texto de partida para, num segundo momento, ser capaz de estabelecer essas diferenças em textos paralelos no idioma de chegada; estes constituem uma das principais fontes para se checar a pertinência das unidades terminológicas já traduzidas. Assim procedendo, pode-se evitar, por exemplo, traduzir *noise* por “barulho”, o que no fragmento acima seria tão inadequado quanto na situação mencionada no início desta tese. Além de desenvolver a habilidade de identificar terminologias em diferentes cenários comunicativos, a pesquisa em textos paralelos no idioma de partida e de chegada possibilita ao aluno familiarizar-se com vocabulários especializados em situações reais de uso. Permite-lhe buscar soluções de tradução adequadas a cada situação e ainda extrair dos textos informações adicionais, como definições, variantes e exemplos de uso, que podem ser armazenadas em BDTs para consulta em traduções posteriores.

Na elaboração de BDTs, podem ser utilizados dois tipos aplicativos: genéricos ou específicos. Como vimos, aplicativos genéricos como o Word, Excel e Access têm sido preferido entre meu grupo de tradutores respondentes, muito embora conheçam ferramentas específicas como o Trados, o Transit, o Déjà Vu e o WordFisher. À exceção deste último, esses programas são sistemas robustos de memória de tradução que permitem a organização de terminologia de forma integrada, por meio de componentes modulares que também podem ser utilizados separadamente. Vejamos uma breve descrição de cada um deles.

O WordFisher for MS Word²⁰ pode ser considerado uma versão *light* de um programa de memória de tradução, pois incorpora vários recursos encontrados em sistemas comerciais mais conhecidos, sendo mais apropriado para uso individual em projetos de tradução de pequeno porte. É utilizado com o MS Word 6.0 e versões posteriores; suas principais funções incluem a indexação automática, o alinhamento do texto e da tradução na tela, recursos de busca e substituição, verificação de contexto, preparação automática de glossários e construção automática de um corpus bilíngüe. Comparado aos demais, é de custo acessível, sendo possível baixar da Internet uma versão para testes e o respectivo manual de operação, editado em vários idiomas, inclusive o português brasileiro.

O Déjà Vu é descrito por seus fabricantes²¹ como um sistema de tradução assistida por computador, que combina a mais recente tecnologia de memória de tradução com técnicas de tradução automática baseada em exemplos (EBMT - *Example-Based Machine Translation*), podendo ser utilizado por tradutores em esquema de trabalho individual ou em equipe. É fornecido com um módulo integrado de gestão de terminologia (TermWatch), que permite consultar, adicionar e apagar facilmente entradas terminológicas. É compatível com o Windows e suporta todos os idiomas de trabalho de seus aplicativos. É de custo elevado, mas se pode baixar da Internet uma versão para testes durante um período limitado.

Da mesma forma que o anterior, o Transit²² é um sistema de tradução assistida por computador baseado em tecnologia de memória de tradução e incorpora um programa integrado de banco de dados terminológicos (TermStar). É compatível com aplicativos Windows e visa a aumentar a produtividade de tradutores *freelances* ou *in-house* por meio da reutilização de traduções (palavras, expressões ou até mesmo frases inteiras), de informações de formatação e de terminologia. O TermStar é um programa de gestão terminológica multilíngüe que pode ser adquirido separadamente; os dados podem ser mostrados na tela ou impressos. É de custo elevado e não há versão de testes disponível para *download*.

Finalmente, as ferramentas da Trados²³ são também baseadas em tecnologia de memória de tradução. São comercializadas em edições diferenciadas para tradutores que

²⁰ Környei, T. (2000). "WordFisher for MS Word – An alternative to translation memory programs for freelance translators?", *Translation Journal* 4 (1), <http://accurapid.com/journal/11wf.htm>.

²¹ Ver: <http://www.atril.com/overview>

²² Ver: <http://www.star-ag.ch/products>

²³ Ver: <http://www.trados.com/products>

atuam individualmente ou em equipe, podendo ser utilizadas em projetos de grande ou pequeno porte. O pacote “Freelance Edition” inclui, entre outros recursos, um sistema de memória de tradução (Translator’s Workbench) e o MultiTerm, programa de gestão de terminologia multilíngüe disponível em quatro idiomas (inglês, francês, alemão e espanhol). Este programa também pode ser adquirido separadamente, roda em Windows e é compatível com seus aplicativos. O pacote é de custo elevado, mas há uma versão de todas as ferramentas disponível para *download* na Internet, que pode ser testada por tempo ilimitado.

O emprego do MultiTerm é privilegiado nas disciplinas aqui descritas visto tratar-se do programa de gestão de terminologia mais conhecido entre os tradutores respondentes de minha pesquisa. É uma ferramenta amplamente utilizada em serviços de tradução de organismos internacionais, tais como a ONU e a CUE, grandes agências de tradução e localização e, talvez por esta razão, constitui um dos principais recursos para o ensino de gestão de terminologia na maioria dos cursos no exterior aqui analisados. Uma razão adicional para sua escolha é a possibilidade de o aluno fazer o download de uma versão para testes, para uso próprio. Embora essa versão seja restrita a um número limitado de entradas (100), isto não o impede de familiarizar-se com suas características, estrutura e modo de operação fora do ambiente do laboratório de ensino e sem quaisquer custos, desde que disponha de um microcomputador com acesso à Internet.

O programa é estruturado hierarquicamente, compreendendo três tipos de campos pré-definidos: de indexação, de texto e de atributos, conforme ilustrado na figura III.2.1 a seguir. Os campos de indexação (*Index Fields*) servem para ordenar os registros, que são geralmente indexados por idioma, podendo ser classificados também por área ou assunto, número da entrada, referência bibliográfica ou conforme preferido pelo usuário. Os campos de texto (*Text Fields*) servem para armazenar dados conceituais, pragmáticos, bibliográficos, ou de manutenção, como por exemplo, o termo, sua definição, a fonte, o contexto, a data de entrada e respectivas atualizações etc. Os campos de atributos (*Attribute Fields*) são utilizados para armazenar informações que devem ser previamente especificadas numa lista de escolha (*Pick List*), como área, nome do projeto ou do cliente, gênero, categoria gramatical etc. Embora os tipos de campos sejam fixos, as categorias de dados podem ser definidas de modo flexível e atribuídas a cada um deles conforme os objetivos e necessidades do usuário.

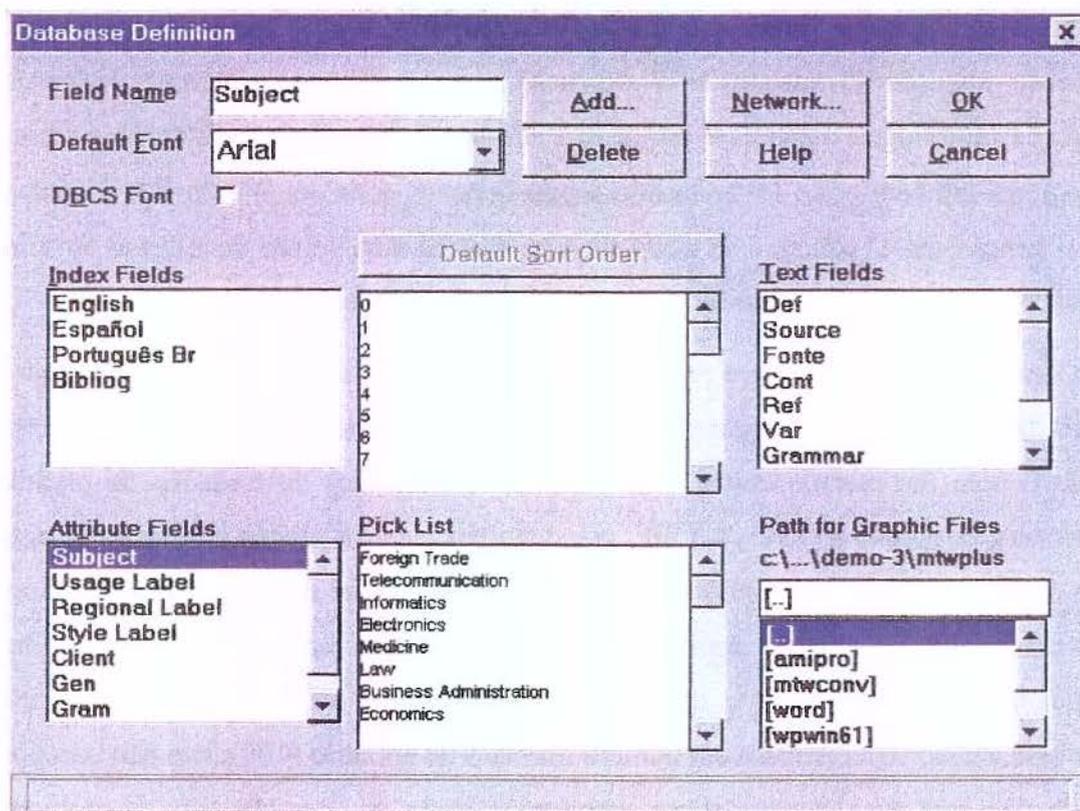


Figura III.2.1. Tela de definição de uma base de dados no MultiTerm.

Considerando-se os objetivos das disciplinas aqui propostas, adaptou-se a versão de uma base de dados que vinha sendo desenvolvida com o MS Access exclusivamente para gestão de terminologia na área de comércio exterior em três idiomas (inglês, português brasileiro e espanhol), cuja estrutura prevê o acréscimo de outras áreas de especialidade. Conforme descrito em Araújo (1999), essa base de dados destinava-se inicialmente ao registro e recuperação de dados terminológicos para auxílio à tradução, mas foram incorporadas modificações em sua estrutura de modo a facilitar a sua utilização em sala de aula. A seguir, são apresentadas outras telas do banco de dados, geradas a partir de uma estrutura básica especificamente definida para introduzir estudantes de graduação ao modo de funcionamento do programa.

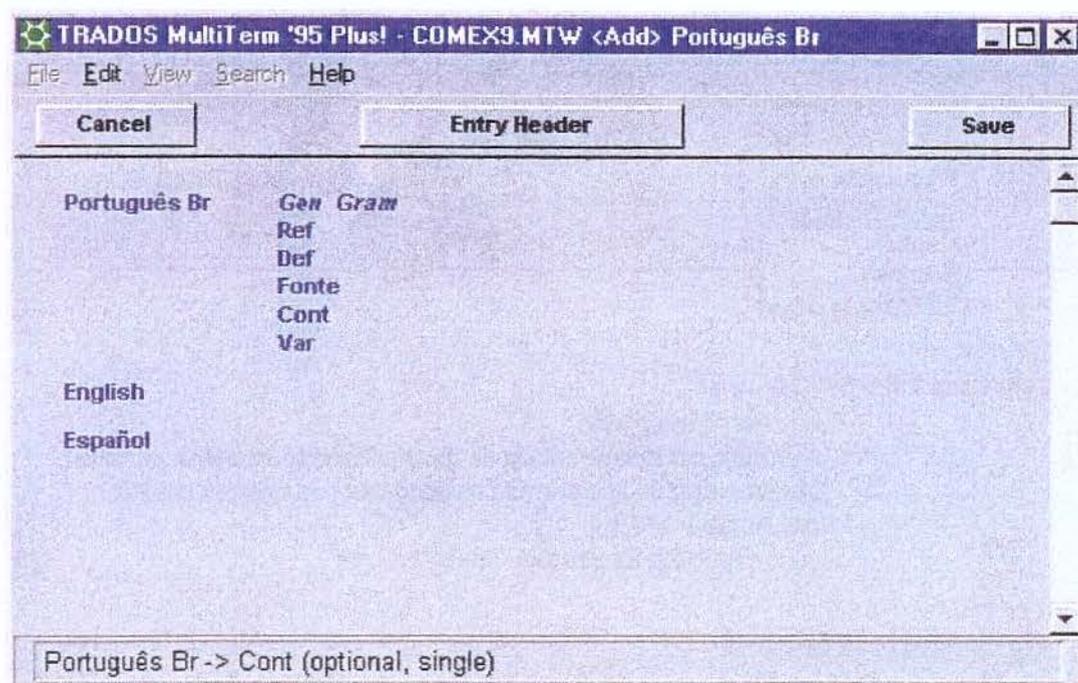


Figura III.2.2 – Tela da máscara para entrada de dados.

Definida a estrutura, o MultiTerm permite ao usuário a criação de máscaras para adicionar entradas, o que garante a uniformidade na inserção de novos registros. No modo de inserção mostrado na figura acima, o formato da máscara comporta três campos de indexação (“Português Br”, “English” e “Español”), cinco campos de texto e dois campos de atributos imediatamente subordinados ao termo em português. Os campos de indexação destinam-se ao registro dos termos em três idiomas e aqui o português é o idioma de partida; os campos de texto permitem o registro de informações relativas ao documento de origem do termo (“Ref”), sua definição (“Def”), a fonte da definição (“Fonte”), exemplos de uso (“Cont”) e variantes (“Var”); os campos de atributos destinam-se ao registro de gênero (“Gen”) e classe de palavra (“Gram”). A critério do usuário, os campos de texto e de atributos podem ser adicionados também para os termos em inglês e espanhol. A figura III.2.3 ilustra um registro no modo visualização, indexado em português. Nesse modo, para se iniciar a busca dos termos nos demais idiomas disponíveis basta que se altere a indexação para o idioma desejado. A figura III.2.4 exhibe um registro bibliográfico completo, indexado pelo campo bibliografia (“Bibliog”).

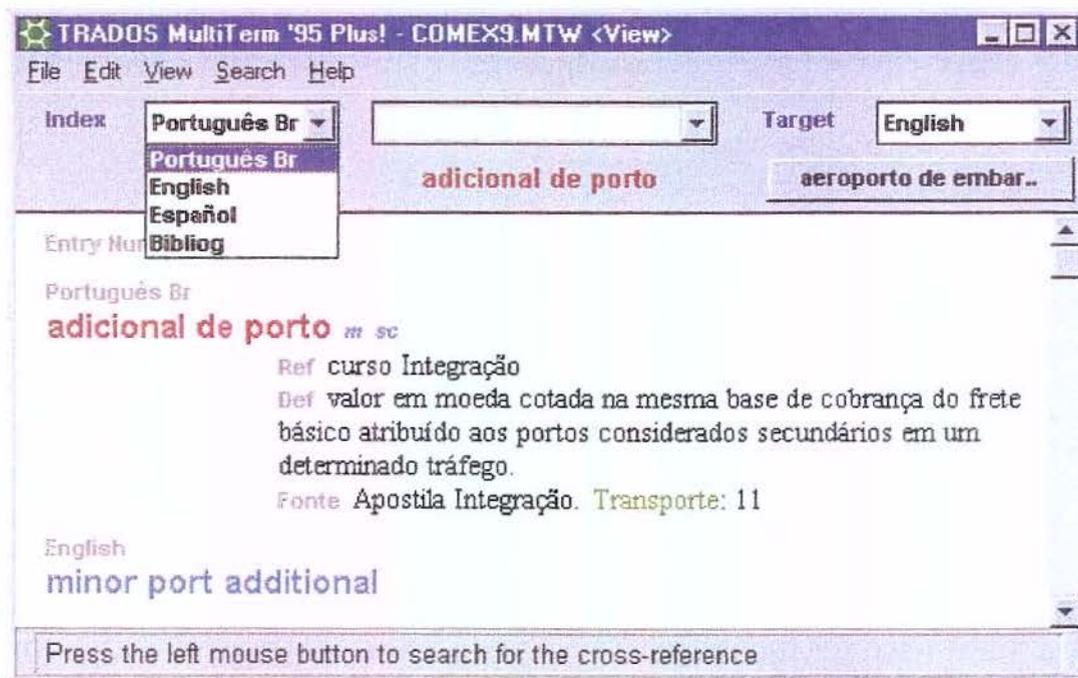


Figura III.2.3 - Tela de visualização de dados – registro terminológico.

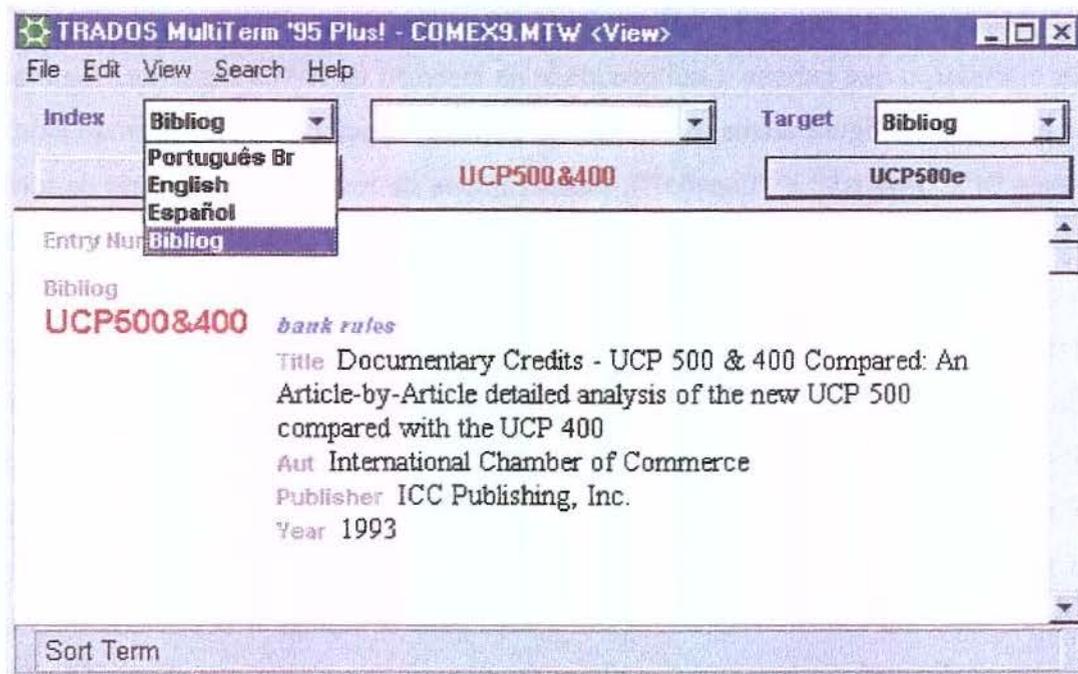


Figura III.2.4 - Tela de visualização de dados – registro bibliográfico.

No modo de visualização do registro terminológico mostrado acima, “Português Br” é o campo atual de indexação dos registros (*Index*) e “adicional de porto” corresponde ao termo atualmente exibido. (*Target*) está definido para um dos idiomas de chegada (“English”). Para ir de um registro a outro de forma sequencial, basta clicar nos botões de navegação: o da direita (“aeroporto de embar...”) vai para o próximo e o da esquerda (oculto sob a caixa de seleção) retorna ao anterior. Para se localizar um registro mais rapidamente, há várias opções de busca, bastando digitar o termo ou expressão procurados no campo central da barra superior. Sendo encontrada mais de uma ocorrência, uma “Hit List” é mostrada e o usuário pode então selecionar o termo desejado. As informações terminológicas são exibidas de modo hierárquico, a começar pelo campo de indexação atual “adicional de porto”. Logo à sua direita, aparecem os campos de atributos (“m” = masculino; “sc” = substantivo comum) e, logo abaixo, a referência de ocorrência, seguida da definição e respectiva fonte. O termo no idioma de chegada aparece em azul mais abaixo da tela. Neste modo, os nomes dos campos ainda não preenchidos não são exibidos. No campo “Fonte”, a palavra destacada em verde é uma referência cruzada; clicando-se nela são automaticamente mostrados os registros indexados pelo campo “Bibliog”, com as informações bibliográficas completas, conforme ilustrado na figura seguinte. Além de possibilitar vários modos de exibição e de consulta na tela, o programa permite ainda a impressão dos registros terminológicos em formato similar ao de um dicionário com a ajuda da função exportação, em que se definem os campos e respectivos dados a serem impressos.

A utilização do MultiTerm é privilegiada também na especialização, onde se pode observar a mesma orientação prática da graduação; no entanto, os objetivos nesse nível são um pouco mais ambiciosos e, por esta razão, as habilidades vão um passo além daquilo que se procura desenvolver na formação de base. O programa da disciplina “Gestão de Terminologia para Tradutores” foi elaborado pensando-se numa situação de ensino continuada e é voltado principalmente a alunos egressos da graduação em Tradução, que já tenham cursado “Terminologia Aplicada”, ou a tradutores mais experientes, que preencham os pré-requisitos especificados. Aprendizes com um perfil diferente certamente requerem outro tipo de programa, compatível com suas necessidades.

Conforme o programa aqui proposto, após uma rápida introdução teórica (itens 1 e 2), alunos e alunas passam a trabalhar com a análise dos textos para fins de levantamento

terminológico sistemático, a partir das fontes pertinentes, escolhidas numa área específica (item 3). Para o desenvolvimento de seu projeto terminológico, aqui é esperado que utilizem uma base de dados já existente (se possível, a mesma desenvolvida por estudantes de graduação) a fim de adicionarem novas entradas, que podem ser criadas a partir de editores de textos comuns (item 4). Isto possibilita-lhes a familiarização com os recursos de importação do programa; num segundo momento, prevê-se que sejam introduzidos a metodologias de compartilhamento de dados terminológicos e à elaboração de glossários a partir dos registros criados, o que lhes permite utilizar a função exportação de dados do MultiTerm (itens 5, 6 e 7). Assim, a formação do aluno de graduação pode ser incrementada na especialização, onde se espera que de um grau minimamente ativo em terminologia este seja capaz de demonstrar habilidades comparáveis às de um terminólogo sistemático. Este mesmo programa poderia ser aplicado também nos cursos de graduação em que a Terminologia é oferecida em dois semestres, fazendo-se as devidas adaptações de carga horária.

Com base nesta proposta, nos programas de graduação, os alunos podem ser introduzidos a metodologias de levantamento e de pesquisa terminológica, cujo resultado é armazenado em BDTs, garantindo que as informações não se percam e possam ser reaproveitadas por outros alunos de uma forma otimizada. Primeiro, por turmas subseqüentes que poderão continuar a alimentação dos dados enquanto se familiarizam com o aplicativo. Depois, por turmas da especialização que não só poderão alimentar os dados mas também produzir glossários a partir deles. Esses glossários, como os próprios BDTs, tanto podem servir de fontes de consulta como serem alimentados por novos alunos e assim sucessivamente. Gradativamente, podem ser criadas condições para que as fontes de consulta produzidas no âmbito das disciplinas de Terminologia possam ser empregadas em aulas de prática de tradução e avaliadas pelos alunos, cujas sugestões podem contribuir para aprimorar sua qualidade. Cria-se, com isto, uma estrutura passível de ser aplicada, a médio e longo prazos, à produção de ferramentas e fontes de consulta para uso no mercado profissional, estabelecendo-se assim uma ponte entre ensino e prática que possibilite a constante realimentação de uma atividade pela outra.

O conjunto de habilidades a serem desenvolvidas na disciplina “Terminologia Aplicada” parece dar conta dos objetivos a que se propõe e não foge aos pressupostos anteriormente delineados. As atividades propostas parecem atender às principais expectativas

discentes manifestadas em minha pesquisa, e se procura estabelecer uma coerência interna entre os diversos aspectos da terminologia a serem trabalhados. Contudo, para que a disciplina possa contribuir de maneira efetiva para a formação do aluno e da aluna como um todo, é necessário considerarmos as inter-relações entre as várias partes ou elementos que compõem o processo de ensino, conforme já observado. Tais partes abrangem questões internas à própria disciplina e pelo menos dois tipos de questões externas, uma interdisciplinar e outra de ordem administrativa e infraestrutural, que atuam como fatores condicionantes do processo ensino-aprendizagem.

Para que os objetivos da disciplina possam ser satisfatoriamente alcançados, parece-me necessário que sejam atendidas algumas pré-condições internas e externas. Internamente, o êxito da disciplina requer do aluno: a) sólidos conhecimentos das línguas envolvidas, da língua de partida e da(s) língua(s) de chegada, já que necessita deles para lidar com a interpretação dos textos e realizar levantamentos terminológicos; b) habilidade para lidar com ferramentas computacionais, como processadores de textos, bancos de dados, planilhas, navegadores e correio eletrônico, pois quanto mais recursos conhecer, maior sua facilidade de assimilar novos aplicativos; c) uma concepção de Tradução que abra espaço para o reconhecimento da importância do papel da Terminologia na prática tradutória, para justificá-la em sua formação; d) uma concepção de linguagem que fundamente e ao mesmo tempo solidifique a concepção de Terminologia subjacente à sua prática. Além disso, sua formação deve e) ser complementada com outras disciplinas dedicadas ao estudo do uso da linguagem, que o ajudem a perceber o caráter instável dos materiais com que trabalha, sejam eles textos, unidades terminológicas ou até mesmo as fontes de consulta que venha a utilizar.

Externamente, ou seja, em seu caráter aplicado e interdisciplinar, parece-me necessário que: f) a Terminologia tenha seus limites claramente demarcados enquanto atividade inerente ao processo tradutório; g) haja uma coerência na forma de abordagem dos aspectos terminológicos da tradução em outras disciplinas; e h) seja oferecida num período que permita aos alunos usufruírem das habilidades adquiridas durante o curso. De modo complementar, o êxito da disciplina requer da instituição: i) profissionais capacitados para lidar com os aspectos teóricos e práticos do programa a ser seguido; j) infraestrutura computacional adequada; e k) flexibilidade curricular que permita o deslocamento e a inserção de novas disciplinas na grade.

Cada um desses conjuntos tem suas próprias implicações e nos reporta respectivamente ao perfil discente, ao perfil docente e ao perfil institucional. O primeiro conjunto, relacionado às pré-condições internas, pode trazer implicações para a grade curricular e até mesmo para os critérios de admissão e progressão do aluno. Pode haver casos em que o ingressante ainda não possui o domínio necessário da língua materna nem do idioma estrangeiro, o que inviabilizaria por completo seu aproveitamento da matéria, quando oferecida no início do curso. Alguns conhecimentos e habilidades requerem disciplinas introdutórias de teorias de tradução, informática e estudos da linguagem, a serem oferecidas previamente (antes da Terminologia). O segundo conjunto parece implicar a necessidade de se estabelecer um canal de comunicação interdisciplinar, por meio do qual possam ser compartilhadas informações sobre conteúdo e metodologias entre os responsáveis pelas disciplinas da grade curricular, principalmente as relacionadas à tradução. Além disso, pode implicar ainda a necessidade de uma reformulação curricular para adequar o período de oferecimento da Terminologia e a formação básica do aluno ao seu aproveitamento da disciplina. Finalmente, o último conjunto parece extrapolar completamente os limites da disciplina. Apesar disso, pode comprometer sua eficácia, sobretudo na ausência de profissionais habilitados para ministrá-la. Isto nos remete de volta à própria Terminologia, mas de uma forma mais ampla, ou seja, enquanto área de estudo, pesquisa e formação de recursos humanos, ainda em estágio de desenvolvimento embrionário no país.

Embora existam projetos de pesquisa sendo conduzidos em nível de pós-graduação em algumas instituições brasileiras, a Terminologia ainda não se estabeleceu enquanto área de ensino propriamente dita. Não há cursos específicos em nível de graduação de formação de terminólogos, nem de “terminólogos aplicados”, dedicados a áreas como documentação, biblioteconomia, ciência da informação e tradução, entre outras. O cenário acadêmico atual nos permite concluir que o ensino da disciplina nos cursos de tradução aqui analisados tem sido pioneiramente conduzido por docentes e pesquisadores oriundos de outras áreas – notadamente a Linguística e suas ramificações –, amparados teórica e metodologicamente por suas próprias atividades de pesquisa e atuação profissional na tradução, ou desamparados teórica, metodológica e institucionalmente. Este parece constituir um dos fatores centrais para o sucesso ou fracasso do ensino de Terminologia no âmbito da formação de tradutores, já que cabe ao profissional docente a maior fatia de responsabilidade sobre a condução da disciplina.

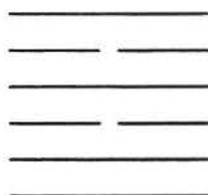
É ao docente que cabe, em última análise, a tarefa de detectar as necessidades de aprendizagem e planejar e promover atividades que as preencham, interagindo com as demais partes envolvidas no processo, dentro e fora da sala de aula, dentro e fora da instituição de ensino, tendo plena consciência do lugar onde se encontra e para onde pretende conduzir seus alunos.

Hoje, os cursos de tradução no país já não esboçam o caráter juvenil do final da década de 80. Hoje, já não se tem de começar do nada, nem em termos de fundamentos teóricos, nem de estratégias de sala de aula, nem de sequenciação de conteúdos. Hoje, não temos talvez as mesmas carências de dez anos atrás, ou porque foram supridas ou porque a sociedade tem se transformado rapidamente e junto com ela a realidade profissional do tradutor, impondo cada vez mais novas carências. Hoje, tem-se praticamente 30 anos de bagagem acadêmica acumulada. Por isso, hoje, não basta apenas acompanhar a realidade; é preciso que a academia se antecipe a ela, detectando as necessidades da profissão e proporcionando ao aluno o conhecimento e as habilidades essenciais ao seu desempenho no mercado de trabalho amanhã.

Hoje, chegamos a uma proposta alternativa de ensino de Terminologia para tradutores cuja origem se reporta a uma anomalia verificada na prática – talvez o principal componente do complexo universo tradutório. Essa proposta, por sua vez, está inserida num outro componente desse universo, o ensino, mas para ser construída, procurou incorporar elementos oriundos da observação dos demais componentes e das relações entre eles. Se queremos reconhecer o valor da Terminologia na formação de tradutores, precisamos reconhecer a diversidade desses componentes e observá-los cuidadosamente, explorando suas relações e os efeitos causados ao todo por qualquer alteração provocada numa das partes. Habilidades terminológicas não são nem mais nem menos importantes que outras habilidades. São simplesmente tão importantes quanto as demais. São importantes porque podem facilitar a tarefa do tradutor e proporcionar adequação e consistência terminológica, contribuindo para a qualidade do produto final. São importantes porque são partes integrantes de um processo e como tal podem contribuir para o big bang de um novo universo, onde haja diálogo e onde a teoria não custe a filtrar para a prática profissional. Um novo universo em que acadêmicos e acadêmicas e tradutores e tradutoras falem a mesma língua, usem, enfim, a mesma terminologia.

Epílogo

Um universo em expansão



As oposições entre o céu e a terra, o espírito e a natureza, entre o homem e a mulher, promovem a criação e a multiplicação da vida quando se descobre serem as diferenças complementares entre si.

No plano das coisas visíveis, a oposição possibilita a diferenciação em categorias, pela qual se estabelece a ordem no mundo.

(I Ching: K'uei)

UM UNIVERSO EM EXPANSÃO

... o universo não pode ser estático, como se pensava anteriormente, mas está, de fato, em expansão; a distância entre as diferentes galáxias aumenta constantemente.

Stephen Hawking

Uma breve história do tempo

A idéia para esta pesquisa surgiu de um desejo de explorar as relações entre tradução e terminologia, partindo da hipótese de que esta não tem seus contornos claramente demarcados no universo tradutório. Em nossa exploração, detectamos manifestações de buracos negros em duas galáxias que compõem esse universo, a prática e a formação profissional, sob vários aspectos. Primeiro, na forma de jargão, ao analisarmos as impropriedades terminológicas de um *bestseller* publicado no Brasil. Em seguida, não apenas na forma de jargão mas também de atividade, ao delinear o perfil de um grupo de tradutores. Vimos ainda como esses buracos se manifestam no ensino, ao traçarmos os perfis discente e docente e analisarmos a forma como a terminologia tem sido abordada em alguns cursos de tradução.

Na galáxia da prática profissional, vimos que negligenciar a terminologia peculiar a uma determinada comunidade traz como efeito traduções infelizes, que não atendem às expectativas dos leitores membros dessa comunidade. Constatamos uma carência de fontes terminológicas em português brasileiro, que produz como efeito imediato a necessidade de tradutores atuarem como terminólogos e produzirem seus próprios recursos, sem, contudo, disporem de metodologias e ferramentas mais adequadas para esse fim. Essa carência acaba resultando num maior tempo gasto na tradução, podendo ainda comprometer a qualidade do produto final. Na galáxia da formação profissional, pudemos verificar um descompasso quanto às expectativas dos alunos e o que lhes tem sido oferecido na disciplina Terminologia. Os buracos negros aqui se manifestam na forma de uma inadequação de objetivos e conteúdo da disciplina, sugerindo uma abordagem predominantemente teórica e uma falta de vínculo com as disciplinas de prática de tradução. A insatisfação dos alunos é um dos efeitos mais imedia-

tos da ocorrência desses buracos, podendo mais tarde comprometer sua formação como um todo.

Conhecemos alguns componentes do universo da terminologia a partir de nosso percurso pelo universo da tradução. Nesse percurso, uma abordagem pós-estruturalista permite-nos um entendimento mais abrangente da atividade tradutória e do papel que o tradutor nela desempenha, trazendo à tona suas responsabilidades. Entre elas, há a responsabilidade para com o público leitor em potencial, que se reflete numa necessidade de adequar o texto de chegada à linguagem das comunidades receptoras, notadamente aquela instituída de poder para legitimar a escrita tradutora. Nessa adequação, a terminologia desempenha um papel fundamental enquanto produto, seja na forma de um jargão propriamente dito ou na forma de compilação de vocabulários especializados reunidos em fontes de consulta que facilitam o acesso do tradutor e da tradutora a um modo de expressão em particular. Seu papel é igualmente importante enquanto processo, na forma de metodologias empregadas no levantamento e na pesquisa terminológica. Na realização da tarefa tradutória, portanto, não se pode negar o envolvimento de tradutores com a terminologia em seus diferentes aspectos, muito embora não haja uma nitidez entre as fronteiras do fazer tradutório e do fazer terminológico.

Ao final desse percurso, ao buscar alternativas para amenizar os efeitos dos buracos negros da terminologia no universo tradutório, centramos o foco de nossa atenção na galáxia do ensino, primeiro sugerindo algumas diretrizes para o planejamento da disciplina e, depois, propondo um programa que procura não apenas refletir uma abordagem teórica contemporânea, mas também responder às expectativas dos alunos ao mesmo tempo em que leva em conta certas características e tendências atuais do mercado profissional. Neste momento de conclusão, faz-se pertinente reconhecer algumas de nossas limitações oriundas de buracos dos quais não conseguimos escapar e até mesmo daqueles abertos ao longo do caminho, que podem servir de ponto de partida para novas explorações.

Uma das limitações relaciona-se à coleta de dados, tanto sobre os cursos de tradução brasileiros como sobre o perfil profissional. No âmbito do ensino, faltam informações mais precisas sobre os cursos. De um modo geral, não foi possível chegar ao número total de programas de formação de tradutores oferecidos no Brasil, nem a uma estimativa do número de novos profissionais lançados anualmente no mercado de trabalho; as regiões norte e nordeste

foram excluídas da pesquisa devido à dificuldade de obtenção de informação, ficando os dados limitados ao centro-sul do país, onde – exceto pelas instituições de maior renome – também foi considerável a dificuldade de localizar os cursos. Esses dados teriam contribuído para se chegar a um panorama mais abrangente e ao mesmo tempo mais detalhado da formação profissional. Essas dificuldades apontam para uma necessidade, primeiro mais geral, de registro, organização e, principalmente, divulgação de informações em esfera nacional, visando a conferir uma maior visibilidade à formação de tradutores e tradutoras. Depois, de avaliação dos programas oferecidos, com vistas a se promover uma maior uniformidade entre eles, tanto em termos de grade curricular quanto de conteúdos disciplinares.

De modo mais pontual, após identificadas algumas instituições, houve dificuldade de acesso às grades curriculares, aos programas e ementas das disciplinas, muitas vezes inexistentes ou consideradas "informação confidencial da instituição", o que acabou reduzindo ainda mais o número de cursos analisados. Ainda assim, não se pode garantir que os programas e ementas fornecidos estejam atualizados ou sejam efetivamente colocados em prática; mais importante ainda parece ser a questão metodológica, ou *como* a terminologia é efetivamente abordada nos exercícios de prática de tradução. Embora as respostas aos questionários aqui aplicados tenham fornecido indicativos importantes quanto à forma de abordagem da disciplina e de atividades a ela relacionadas, somente a observação de aulas poderia proporcionar a visualização de um quadro mais completo. Estudos localizados de natureza qualitativa, em que se acompanha o progresso dos estudantes em relação a certas habilidades, podem contribuir para o desenvolvimento de novas metodologias de ensino de terminologia aplicada à tradução.

De modo similar, no contexto profissional, a observação *in loco* de escritórios de tradução no Brasil e no exterior poderia contribuir para a obtenção de um perfil mais detalhado e abrangente de tradutores *in-house* quanto a suas metodologias de trabalho e ao tipo de ferramentas terminológicas efetivamente utilizadas em sua prática diária. Embora os dados de minha pesquisa, provenientes da aplicação de questionários, tenham possibilitado detectar diferenças entre a prática e o ensino, a observação do ambiente profissional pode trazer elementos mais concretos que permitam avaliar ferramentas eventualmente empregadas assim como identificar, ou até mesmo antecipar, as necessidades de formação do futuro tradutor ou tradutora. Uma pesquisa de campo desse tipo pode contribuir para a identificação de carências

no mercado, em termos de aparato profissional que possa ser desenvolvido no âmbito acadêmico e testado em conjunto com seus usuários em potencial.

A utilização de ferramentas especificamente voltadas para gestão de terminologia em aulas da própria disciplina e de prática de tradução também abre novas perspectivas de investigação. A maioria das ferramentas aqui mencionadas é de origem estrangeira e conquistou o mercado internacional há alguns anos, principalmente em escritórios de tradução de grande porte; contudo, seu alto custo geralmente as tornam inacessíveis para profissionais autônomos. Nesse caso, o meio acadêmico poderia dar uma maior contribuição à comunidade profissional ao testar e, porque não, desenvolver novas ferramentas, enquanto cumpre seu papel principal de formar e capacitar recursos humanos. O desenvolvimento de ferramentas terminológicas para a tradução, contemplando o português brasileiro, constitui um vasto campo de pesquisa aplicada a ser explorado ao mesmo tempo em que se desenvolvem estudos terminológicos sistemáticos, voltados para o registro e a descrição de linguagens de especialidade. São alternativas a serem consideradas quando se procura encurtar a distância entre as galáxias da prática e da formação profissional.

O universo da tradução não é estático, mas se transforma e se expande, incorporando novos elementos a cada instante. E foi a partir dele e em função dessa constante expansão que observamos o universo vizinho da terminologia, cujos elementos estão também sujeitos a semelhante expansão. Tal expansão faz aumentar os pontos de interseção entre esses dois mundos e um percurso inverso, ou seja, um olhar *para a tradução a partir da terminologia*, pode trazer à tona outros buracos negros e contribuir para uma melhor compreensão das relações entre as suas galáxias. Questões de natureza similar se aplicam quando invertemos o olhar: qual o papel da tradução na terminologia? Que concepções de tradução podemos encontrar por trás da prática terminológica bi ou multilíngue? De que forma a tradução se manifesta no ensino da terminologia, onde já instituído como tal? Qual a contribuição da tradução para a terminologia? A resposta a estas e a outras questões pode ajudar a aproximar um pouco mais esses dois mundos, mas isto é outra história.

**FROM BIG BANGS TO BLACK HOLES IN THE UNIVERSE OF TRANSLATION:
A SURVEY OF THE ROLE OF TERMINOLOGY IN TRANSLATING AND
TRANSLATOR TRAINING IN BRAZIL**

ABSTRACT

This research work aims at exploring the role of terminology in translating and translator training in Brazil. As we shall argue, terminology plays an important role in the production and reception of translated works, either as a specialised jargon or as the act of identifying, compiling and retrieving terms featuring specialised domains. However, that role has not been fully acknowledged in our universe of translation, where translation-oriented terminology tools bearing Brazilian Portuguese are hard to find. Similarly, terminology has seldom figured among the disciplines offered as part of a would-be translator study programme, nor has its relationship with translation deserved a careful theoretical investigation.

As an attempt to fill out this gap, this study looks at the way terminology has been approached within two galaxies of our translation universe, the galaxy of practising and the galaxy of training. It starts by analysing the Brazilian rendering of Stephen Hawking's A brief history of Time – from the Big Bang to black holes, and its polemic reception. A further investigation is carried out by means of a questionnaire application aiming at outlining the present profile of a group of 36 in-house and freelance translators with respect to their dealing with terminology, both as a product, or specialised jargon, and as a process, or activity inherent to their practice. Secondly, an attempt is made to outline the current profile of 126 would-be translators and 17 lecturers with respect to their dealing with terminology in the scope of professional training. As a supplement to this profile, the syllabus of eight Brazilian translator training programmes are analysed and later compared to nine similar ones offered in Great Britain and Ireland.

In our analysis we have found black holes of terminology as a specialised jargon in the translating process of Hawking's work, which have lead to its complete rejection among the scientific community. By outlining the translator's profile, we have found black holes of terminology in terms of a lack of a coherent methodology as well as appropriate tools for terminology management. Results have also shown similar black holes in our current translator training scenario as my analysis suggests that our programmes fail to provide students with an appropriate training towards fulfilling the present demands of a translator's professional reality in so far as terminology issues are concerned.

In our attempt to shedding some light into the black holes previously detected, we have looked at the brief theoretical history of translation and terminology and found out a few singularities shared by both disciplines. We have also found out that some contemporary theories, mainly the ones inspired by post-structuralist ideals, could help us finding alternatives to reduce the effects of those black holes. We then focused our attention on the galaxy of professional training, and devised a set of guidelines to syllabus design that we expect may contribute to the birth of a new translation universe in which the role of terminology can be fully acknowledged.

Keywords: *translation, terminology, translator training, applied terminology*

REFERÊNCIAS CITADAS E BIBLIOGRAFIA

- Araújo, L. A. (1993). *Por que os computadores não são capazes de traduzir? Uma resposta a partir de uma concepção pós-estruturalista de tradução*. Dissertação de mestrado. Campinas: DLA/IEL/UNICAMP, junho.
- (1999). "Terminological database to be used as an aid to translating and translator training". Manchester: UMIST. Scholarly monograph, unpublished.
- Arntz, R. (1980). "A ciência da terminologia e a formação de tradutores e intérpretes", em: D. de Mattos (org.), pp. 67-79.
- Arrojo, R. (1986). *Oficina de Tradução – A teoria na prática*. São Paulo: Ática.
- (1990). "As questões teóricas da tradução e a desconstrução do logocentrismo", em *DELTA* 6 (1): pp. 41-53.
- (1991). "A tradução como "problema teórico" e as estratégias do logocentrismo", em *Estudos Linguísticos – Anais do XX Seminário do GEL*, pp. 240-246.
- (1992). "O ensino da tradução e seus limites: por uma abordagem menos ilusória", em *O Signo Desconstruído – Implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas, Pontes, pp. 99-105.
- (1993). "A tradução passada a limpo e a visibilidade do tradutor", em *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, pp. 71-90.
- (1998). "The revision of the traditional gap between theory and practice and the empowerment of translation in postmodern times", in *The Translator* 4 (1): 25-48, Manchester: St. Jerome.
- Aubert, F. (1987). "A pesquisa no ensino da tradução", em: *O Ensino da Tradução – Anais do III Encontro Nacional de Tradutores*, Porto Alegre: UFRGS, pp. 9-15.
- (1996). *Introdução à Metodologia da Pesquisa Terminológica Bilingüe*. Cadernos de Terminologia 2. São Paulo: FFLCH/USP.
- Azenha Jr., J. (1996). "Tradução técnica, condicionantes culturais e os limites da responsabilidade do tradutor", em: *Cadernos de Tradução* 1: 137-149. Florianópolis: UFSC.
- (1999). *Tradução técnica e condicionantes culturais – Primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.
- Baker, M. (1992). *In Other Words: A Coursebook in Translation*. London & New York: Routledge.
- Bar-Hillel, Y. (1964). *Language and Information: Selected Issues on their Theories and Application*. Reading: Addison-Wesley Publishing Co.
- Basil, H. & Mason, I. (1996). *The Translator as Communicator*. London: Routledge.
- Bassnett, S. & Lefevere, A. (Eds.) (1990). *Translation, History and Culture*. London: Pinter.

- Bassnett, S. & H. Trivedi (eds.) (1998). *Post-Colonial Translation: Theory and Practice*. London & New York: Routledge.
- Bassnett-McGuire, S. (1980). *Translation Studies*. London & New York: Methuen.
- Benjamin, A. (1989). *Translation and the Nature of Philosophy*. London & New York: Routledge.
- Benjamin, W. (1923). "The task of the translator", reprinted in: Schulte, R. & J. Biguenet (eds.), pp. 71-82, and Venuti, L. (ed.), pp. 15-25.
- Berman, A. (1985). "Translation and the trials of the foreign", reprinted in: L. Venuti (ed.) (2000), pp. 284-297, translated by Lawrence Venuti.
- Bernofsky, S. (1997). "Schleiermacher's translation theory and varieties of foreignization", in: *The Translator* 3 (2): 175-192, Manchester: St. Jerome.
- Bonatti, N.A. (1993). *A Brief History of Time, de Stephen Hawking: Uma breve história da construção de sentidos em algumas comunidades interpretativas*. Dissertação de Mestrado, Campinas: DLA/IEL/Unicamp, junho.
- Bordenave, M. C. (1987). "Fundamentos de uma metodologia de ensino da tradução", em: *O Ensino da Tradução – Anais do III Encontro Nacional de Tradutores*, Porto Alegre: UFRGS, pp. 59-63.
- Burke, P. & R. Porter (Orgs.) (1996). *Linguas e Jargões – Contribuições para uma história social da linguagem*. São Paulo: Ed. UNESP, tradução de Álvaro Hattner.
- Cabré, M.T. (1993). *La Terminología – Teoría, Metodología, Aplicaciones*. Barcelona: Antartida/Empúries.
- (1995). "Formación en terminología", em: *Puente – Revista del Programa de Traducción e Interpretación* 6: pp. 37-46.
- (1996). "Terminology today", in: H. Somers (ed.), pp. 15-33.
- (1998). "Traducción y terminología: un espacio de encuentro ineludible", em: M. T. Cabré (1999): pp. 177-201.
- (1999). *La Terminología – Representación y comunicación*. Barcelona: IULA/UPF.
- Capra, F. (1995). *O Tao da Física. Um Paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental*. São Paulo: Cultrix, 10^a ed., tradução de José Fernandes Dias.
- Catford, J. C. (1980). *Uma teoria lingüística da tradução: um ensaio de lingüística aplicada*. São Paulo: Cultrix, tradução do Centro de Especialização de Tradutores de Inglês do Instituto de Letras da Puccamp.
- Cecin, J.C. (1987). "A formação atual do tradutor", em: *O Ensino da Tradução – Anais do III Encontro Nacional de Tradutores*, Porto Alegre: UFRGS, pp. 55-57.
- Chamberlain, L. (1988). "Gender and the metaphors of translation", reprinted in: Venuti, L. (ed.), pp. 315-329.
- Condamines, A. (1994). "Terminologie et representación de connaissances", em: *La banque des mots* 6: pp. 29-44.

- Coulthard, M. (ed.) (1992). *Studies in Translation. Ilha do Desterro* 28.
- Cronin, M. (1996). *Translating Ireland: Translation, Languages, Culture*. Cork: Cork University Press.
- Cushing, S. (1994). *Fatal Words: Communication Clashes and Aircraft Crashes*. Chicago & London: Univ. of Chicago Press.
- Darin, L. C. de Mello (1998). "O ensino da tradução em nível universitário: indagações e propostas", em: *Cadernos de Tradução* 3: pp. 419-428.
- Delisle, J. (1987). "A iniciação à tradução econômica", em: *O Ensino da Tradução – Anais do III Encontro Nacional de Tradutores*, Porto Alegre: UFRGS, pp. 137-151.
- Derrida, J. (1973). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, tradução de Miriam Schneiderman e Renato Janini Ribeiro.
- (1979). "Living on / Border lines", in *Deconstruction and Criticism*, New York: Continuum, pp. 75-176, translated by J. Hulbert.
- (1985). "Des tours de Babel", in J. F. Graham (ed.), pp. 165-207, translated by Joseph F. Graham.
- Dollerop, C. & A. Loddegaard (eds.) (1992). *Teaching Translation and Interpreting: Training, Talent and Experience..* Papers from the First Language International Conference, Elsinore, Denmark, 31 May-2 June (Copenhagen Studies on Translation). Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- (1994). *Teaching Translation and Interpreting 2: Insights, Aims, Visions*. Papers from the Second Language International Conference, Elsinore, Denmark, 4 - 6 June 1993. Benjamins Translation Library Volume 5. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Even-Zohar, I. (1978, revised 1990). "The position of translated literature within the literary polysystem", reprinted in L. Venuti (ed.) (2000), pp 192-197.
- Fish, S. (1980). *Is there a text in this class? The authority of interpretive communities*. Cambridge: Harvard University Press.
- Foucault, M. (1987). *As Palavras e as Coisas: Uma Arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo: Martins Fontes, tradução de Salma Tannus Muchail.
- Fraser, J. (1995). "Translating practice into theory: a practical study of quality in translator training", in: C. Picken (ed.) (1995), pp. 130-142.
- Friedrich, H. (1965). "On the art of translation", reprinted in: Schulte, R. & J. Biguenet (eds.), pp. 11-16.
- Frota, M.P. (1987). "Uma teoria da tradução interdisciplinar: proposta de pesquisa e ensino", em: *O Ensino da Tradução – Anais do III Encontro Nacional de Tradutores*, Porto Alegre: UFRGS, pp. 65-72.
- (1991). "A pesquisa em teoria de tradução: o que há de novo no front", em *Estudos Linguísticos, Anais do XX Seminário do GEL*, pp. 492-498.
- Gaarder, J. (1995). *O Mundo de Sofia – Romance da História da Filosofia*. São Paulo: Cia. das Letras, 9ª ed., tradução de João Azenha Jr.

- Gambier, Y. (1991). "Travail et vocabulaires spécialisés: prolegomènes à une socioterminologie", em: *Meta* 36 (1): pp. 8-15.
- Garcia, I. W. (1992). "A tradução do texto técnico-científico", em: M. Coulthard (ed.), pp. 75-85.
- Gaudin, F. (1991). "Terminologie et travail scientifique: mouvement des signes, mouvement des connaissances", em: *Cahiers de Linguistique Sociale* 18: pp. 111-132.
- (1995). "Champs, clôtures et domaines: des langues de spécialité à la culture scientifique", em: *Meta* 40 (2): pp. 229-237.
- Gentzler, E. (1993). *Contemporary Translation Theories*. London & New York: Routledge.
- Graham, J. F. (ed.) (1985). *Difference in Translation*. Ithaca: Cornell University Press.
- Hanstock, J. (1991). "Extended specialized translation in the undergraduate syllabus", in: C. Smith (ed.), pp. 119-127.
- Hartley, A. F. (1988). "An operational definition of the course components for translator training including terminology", in: B. Bessé & J. Sager (eds.), pp. 136-140.
- Hawking, S. W. (1988a). *A Brief History of Time – From the Big Bang to Black Holes*. New York & London: Bantam Press.
- (1988b). *Uma Breve História do Tempo – do Big Bang aos Buracos Negros*. Tradução de Maria Helena Torres. Rio de Janeiro: Rocco.
- (1997). *Uma Breve História do Tempo – do Big Bang aos Buracos Negros*. Tradução de Maria Helena Torres. Rio de Janeiro: Rocco, 28^a. edição.
- (1998). "Stephen Hawking revê sua 'Breve História do Tempo'", em: *Caderno 2, O Estado de São Paulo*, p. D7, Sábado, 22 de Agosto, tradução de Ruth Helena Bellinghini.
- (1999). *Historia del Tiempo – Del big bang a los agujeros negros*. Madrid: Alianza Editorial, traductor: Miguel Ortuño.
- Holmes, J. S. (1972). "The name and nature of translation studies", reprinted in L. Venuti (ed.) (2000), pp. 172-185.
- Holz-Mänttari, Justa (1984). *Translatorisches Handeln: Theorie und Methode*. Helsinki: Suomalainen Tiedeakatemia.
- ISO TC 37 / SC 1 / DC 704.2 N 133 EN. (1995). *Terminology Work: Principles and Methods*.
- ISO CD 1087-1. (1995). *Terminology Work - Vocabulary - Part 1: Theory and Application*. (Partial revision of ISO 1087: 1990).
- Jakobson, R. (1959). "On linguistic aspects of translation", in: Schulte, R. & J. Biguenet (eds.), pp. 144-151, and Venuti, L. (ed.), pp. 113-118.
- Johnson, M. (1987). *The Body in the Mind*. Chicago and London: The University of Chicago Press.
- Keith, H. (1989). "Training of translators", in: C. Picken (ed.) (1989), Chapter 11, pp. 163-173.

- Krieger, M. G. (1998). "Terminologia em contextos de integração: funcionalidade e fundamentos", em: *Organon* 12 (26): 19-31.
- Lakoff, G. (1987). *Women, Fire and Dangerous Things*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lefevere, A. (1982). "Mother Courage's cucumbers: text, system and refraction in a theory of literature", reprinted in L. Venuti (ed.) (2000), pp. 233-249.
- Levý, J. (1967). "Translation as a decision process", reprinted in L. Venuti (ed.) (2000), pp. 148-159.
- Lewis, P. (1985). "The measure of translation effects", reprinted in L. Venuti (ed.) (2000), pp. 264-283.
- Machado, A. (2000). "Brasil publica clássico de Darwin 128 anos depois", em: *Folha Ilustrada*, 4 de março, p. 1.
- Machado, J. N. (1988). "Lista das falhas grandes e médias da abominável tradução brasileira". Mimeografado, Instituto de Física, USP e Instituto de Física, PUC-Recife.
- Maillot, J. (1975). *A Tradução Científica e Técnica*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil e Brasília: Editora da UnB, tradução de Paulo Rónai.
- Martin, S. B. (1996). "Professional translation: can it be taught?", in: *Translating and the Computer 18 – Papers from the ASLIB Conference held on 14-15 November 1996*. London: ASLIB.
- de Mattos, D. (1992) (org.). *A Formação do Tradutor em Nível Universitário*. Brasília: Horizonte.
- Mounin, G. (1975). *Os Problemas Teóricos da Tradução*. São Paulo: Cultrix, tradução de Heloysa de Lima Dantas.
- Newmark, P. (1982). *Approaches to Translation*. Oxford: Pergamon.
- (1988). *A Textbook of Translation*. Hemel Hempstead, England: Prentice Hall.
- Nida, E. (1964). *Toward a Science of Translating, with special reference to principles and procedures involved in bible translating*. Leiden, Holland: Brill.
- Nietzsche, F. W. (1873). "Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral", em *Os Pensadores, Obras Incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, pp. 45-52, tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho.
- Niranjana, T. (1992). *Siting Translation: History, Post-structuralism, and the Colonial Context*. Berkeley & Los Angeles: University of California Press.
- Niremburg, S. (Ed.) (1987). *Machine Translation: Theoretical and Methodological Issues*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Nord, C. (1997). *Translation as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome.
- Ortega y Gasset, J. (1937). "The misery and splendor of translation", reprinted in: Schulte, R. & J. Biguenet (eds), pp. 93-112, and Venuti, L. (ed.), pp. 49-63, translated by Elizabeth G. Miller.

- Otoni, P. (1998). "A formação do tradutor científico e técnico: necessária e impossível", em: *A tradução científica e técnica em língua portuguesa – Actas do Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa*. Lisboa, 25-28 de novembro.
- Owens, R. (1995). "Training", in: R. Owens (ed.) (1996), Chapter 2, pp. 27-43.
 ----- (ed.) (1995). *ITI Conference 7 Proceedings*. London: ITI.
- Paes, J. P. (1990). *Tradução: A Ponte Necessária – Aspectos e Problemas da Arte de Traduzir*. São Paulo: Ática.
- Paz, O. (1971). *Traducción: Literatura y Literalidad*. Barcelona: Tusquets Editor.
- Pearson, J. (1998). *Terms in Context*. Studies in Corpus Linguistics Volume 1. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Picken, C. (ed.) (1989). *The Translator's Handbook*. London: ASLIB, 2nd Ed.
 ----- (ed.) (1996). *The Translator's Handbook*. London: ASLIB, 3rd Ed.
- Pym, A. (1993). *Epistemological Problems in Translation and its Teaching – A Seminar for Thinking Students*. Teruel: Ediciones Caminade.
 ----- (1998). "On the market as a factor in the training of translators", at: <http://www.fut.es/~apym/market.html>. First published in *Koiné* 3 (1993), 109-121.
 ----- (1999). "Localizing Localization in Translator-Training Curricula", at: <http://www.fut.es/~apym/localization.html>. (Published in *Linguistica Antverpiensa*, 1999, pp. 127-137).
 ----- (2000). "Training Translators and European Unification: A Model of the Market", at: <http://www.fut.es/~apym/training.html>.
- Quental, R. de F. (1995). *A dicotomia tradicional teoria/prática no ensino de tradução: suas manifestações, sua matriz teórica e seus efeitos para a formação de tradutores*. Dissertação de Mestrado, DLA/IEL/Unicamp, maio.
- Quine, W.V.O. (1959). "Meaning and translation", reprinted in: Venuti, L. (ed.) (2000), pp. 94-112.
- Reiss, K. (1971). "Type, kind and individuality of text: decision making in translation", reprinted in Venuti, L. (ed.) (2000), pp. 160-171.
- Rey, A. (1979). *La Terminologie: noms et notions*. Paris: Presses Universitaires de France, 2^a edición.
 ----- (1996). "Beyond terminology", in: H. Somers (ed.), pp. 99-106.
 ----- (1995). *Essays on Terminology*. Benjamins Translation Library Volume 9. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Robinson, D. (1991). *The Translator's Turn*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
 ----- (1997). *Becoming a translator – An accelerated course*. London & New York: Routledge.
 ----- (1997). *What is Translation?: Centrifugal Theories, Critical Interventions*. Ohio & London: The Kent State University Press.

- Rónai, P. (1981). *A Tradução Vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2^a ed. revista.
- Rondeau, G. (1984). *Introduction a la Terminologie*. Montréal: Gaëtan Morin Éditeur.
- Sager, J. C. (1989). "Quality and standards -- the evaluation of translations", in: C. Picken (ed.), *The translator's handbook*, pp. 91-102.
- (1990). *A Practical Course in Terminology Processing*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- (1992). "The translator as terminologist". Em: Dollerop, C. & A. Loddegaard (eds). *Teaching Translation and Interpreting Training: Talent and Experience*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 107-122.
- (1998). "What distinguishes major types of translation?". In: *The Translator* 4 (1): 69-89.
- Samuelsson-Brown, G. (1993). *A Practical Guide for Translators*. Clevedon: Multilingual Matters Ltd.
- Schaffner, C. (ed.) (1998). *Translation and Quality*. (Current Issues in Language and Society). Clevedon: Multilingual Matters Ltd.
- Schleiermacher, (1938). "From On different methods of translating", reprinted in Schulte, R. & J. Biguenet (eds.) (1992), pp. 36-54, translated by Waltraud Bartscht.
- Schulte, R. & J. Biguenet (eds.) (1992). *Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida*. Chicago: University of Chicago Press.
- Simon, S. (1996). *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission*. London & New York: Routledge.
- Slocum, J. (Ed.) (1988). *Machine Translation Systems*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Slodzian, M. (1995). "Comment revisiter la doctrine terminologique aujourd'hui?", em: *La Banque des Mots* 7: pp. 11-18.
- Smith, C. (ed.) (1991). *UEA Papers in Linguistics, Special Issue (31-32), The Teaching of Translation*. Norwich: University of East Anglia.
- Snell-Hornby, M. (1988). *Translation Studies: An Integrated Approach*. Amsterdam: John Benjamins.
- , F. Pöchhacker & K. Kaindl (Eds.) (1994). *Translation Studies – An Interdiscipline: Selected papers from the Translation Studies Congress, Vienna, 9-12 September 1992*. Benjamins Translation Library Volume 2. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Sofer, M. (1999). *The Translator's Handbook*. Rockville: Shreiber Publishing, Inc., 3rd revised edition.
- Somers, H. (ed.) (1996). *Terminology, LSP, and Translation: Studies in Language Engineering in Honour of Juan C. Sager*. Benjamins Translation Library Volume 18. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Sonnenveld, H. B. & K. L. Loening (eds.) (1993). *Terminology – Applications in Interdisciplinary Communication*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.

- Steiner, G. (1992). *After Babel – Aspects of language and translation*. London & New York: Oxford University Press, 2nd. edition.
- Temmerman, R. (1997). "Questioning the univocity ideal. The difference between sociocognitive Terminology and traditional Terminology", in: *Hermes Journal of Linguistics* 18: pp. 51-91.
- . (2000). *Towards New Ways of Terminology Description – The Sociocognitive Approach*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Theodor, E. (1983). *Tradução: Ofício e Arte*. São Paulo: Cultrix, 3^a ed. revista.
- Thomas, P. (1992). "Computerized term banks and translation", in: J. Newton (ed.), *Computers in Translation – A practical appraisal*. London & New York: Routledge, pp. 131-146.
- Toury, G. (1978, revised 1995). "The nature and role of norms in translation", reprinted in L. Venuti (ed.) (2000), pp. 198-211.
- Trosborg, Anna (Ed.) (1997). *Text Typology and Translation*. Benjamins Translation Library Volume 26. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- Varantola, K. (1992). "Words, terms and translators", in: *Euralex '92 Proceedings*. University of Tampere, Finland, pp. 121-128.
- Venuti, L. (Ed.) (1992). *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. London: Routledge.
- . (1994). *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London: Routledge.
- . (Ed.) (2000). *The Translation Studies Reader*. London: Routledge.
- Vermeer, H.J. (1989). "Skopos and comission in translational action", reprinted in L. Venuti (ed.) (2000), pp. 221-232, translated by Andrew Chesterman.
- . (1990). "Um plano piloto para a formação de tradutores e intérpretes", em: *A tradução: alvos e ferramentas – Anais do IV Encontro Nacional de Tradutores*, São Paulo: USP, pp. 93-95.
- Vieira, E. R. P. (1994). "A postmodern translational aesthetics in Brazil", in Snell-Hornby, M. *et. alii* (Eds.), pp. 65-72.
- Vinay, J.-P. & Darbelnet, J. (1958/1995). "A methodology for translation", reprinted in Venuti, L. (ed.), pp. 84-93.
- Wills, W. (1982). *The Science of Translation: Problems and Methods*. Tübingen, Germany: Narr.
- Wüster, E. (1998). *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: IULA/UPF, traducción de Anne-Cécile Nokerman.

Apêndice

Prezado/a Colega:

Ao responder a este questionário você estará contribuindo para enriquecer os dados de minha pesquisa de doutoramento. Nesta pesquisa, estou tentando traçar um perfil atual do profissional de tradução e dos cursos de formação de tradutores no Brasil, mais especificamente no que se refere ao papel da Terminologia na prática e no ensino da Tradução em nosso país.

Por favor, utilize o verso para justificar suas respostas e devolva este questionário à pessoa que o entregou, ou, se preferir, pode me enviar por e-mail.

Grata por sua colaboração!

Luzia Araújo
IEL/UNICAMP
e-mail: luzia@turing.unicamp.br

1. De que forma você costuma resolver a tradução de um termo técnico que desconhece e não consegue encontrar nos dicionários que geralmente utiliza? (Pode-se assinalar mais de uma alternativa, se for o caso).

a- consultando especialistas da área

b- consultando outros tradutores

c- consultando textos paralelos no idioma de chegada

d- consultando bancos de dados terminológicos

e- outras. Especifique: _____

2. Você tem o hábito de realizar o levantamento terminológico dos textos que traduz?

Não. Sim, na forma de: glossário, em papel informatizado

3. Você vê relevância na familiarização com o jargão de uma determinada área de saber ou de atuação para a tradução de textos a elas relacionados? Sim. Não. Por quê?

4. Na realização de uma tradução, você estimaria o tempo gasto com pesquisa terminológica em:

20% 30% 40 % 50 % mais de 50%

5. Na sua opinião, a existência de fontes de consulta bilíngües, contendo informações adicionais sobre uma palavra ou expressão (como por exemplo, definição, contexto em que são empregadas, exemplos de uso etc.), poderia facilitar seu trabalho? Por quê?

6. Em sua prática diária, você costuma consultar e/ou acessar bancos de dados terminológicos? Quais?

7. Você já fez algum curso de terminologia aplicada à tradução? Qual?

8. Você atua como: autônomo/a *in-house*, trabalhando individualmente

in-house, trabalhando em equipe

Área(s) de especialidade(s): _____

Idiomas: de: _____ para: _____

O PAPEL DA TERMINOLOGIA NA PRÁTICA DA TRADUÇÃO

Prezado/a colega:

Minha tese de doutoramento tem por objetivo estudar o papel da terminologia na prática e no ensino da tradução no Brasil. Como parte disso, estou realizando uma pesquisa entre tradutores/as, cujos dados deverão constituir a base de uma análise da prática tradutória vs. necessidades de aprendizagem, com relação à terminologia, no âmbito dos cursos de formação em tradução oferecidos em nossas universidades.

Ficaria imensamente grata se você pudesse dedicar alguns minutos de seu tempo para responder as questões abaixo. Sua contribuição será de grande valia para minha pesquisa.

Grata,

Luzia Araújo

Programa de Doutorado em Linguística Aplicada

Instituto de Estudos da Linguagem

Unicamp

e-mail: araujix@obelix.unicamp.br

Por favor, marque um x e/ou responda conforme indicado.

Q1 A Q5 - SEU PERFIL



1 Você possui formação específica em tradução? Em caso afirmativo, por favor, especifique a instituição.

Não Sim Graduação: _____
 Pós-grad.: _____



2 Você já fez algum curso e/ou participou de algum treinamento em terminologia?

Não Sim Especifique: _____



3 Você atua como:

freelance contratado, e trabalha individualmente
 contratado, e faz parte de uma equipe



4 Você especializou-se em alguma área/assunto?

Não Sim Especifique:



5 Que idiomas você traduz de/para?

do: _____ para: _____

Continua...

A PRÁTICA DA TRADUÇÃO E A TERMINOLOGIA

Q6 E Q7 - A TERMINOLOGIA COMO VOCABULÁRIO ESPECIALIZADO

6 Na sua opinião, a familiarização com a terminologia (ou jargão) de uma determinada área de atuação ou conhecimento ao traduzir textos a elas relacionadas é:

Fundamental Importante, mas prescindível Irrelevante

7 Como você resolve dificuldades terminológicas (i.e., encontra o termo mais apropriado para uma expressão na língua de chegada), que eventualmente ocorrem ao traduzir textos de uma área com a qual não está familiarizado? Relacione até 5 de suas estratégias mais utilizadas:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

Q8 A Q11 - RECURSOS TERMINOLÓGICOS PARA TRADUÇÃO

8 Você conhece algum tipo de recurso terminológico para auxílio à tradução?

Não Vá para 11 Sim Especifique:

9 Você utiliza ferramentas terminológicas em sua prática diária?

Sim Não Vá para 11

10 Em caso afirmativo, especifique as mais utilizadas.

11 Você desenvolve seus próprios bancos de termos e/ou glossários?

Não Sim Programa utilizado: _____

Continua...

Q12 A Q16 - PADRONIZAÇÃO TERMINOLÓGICA

12

Seus clientes e/ou empregador(es) adotam alguma política de padronização terminológica?

Sim Não

13

Você costuma compartilhar informações terminológicas com outros colegas?

Sim Não Vá para 15

14

Em caso afirmativo, por favor especifique de que forma se dá tal compartilhamento (com vistas à manutenção da uniformização terminológica).

15

Seu(s) cliente(s) ou sua empresa dispõem de algum tipo de suporte terminológico ao qual você possa recorrer ou com o qual você deva interagir?

Sim Não

16

Em caso afirmativo, tente delinear brevemente os principais benefícios de tal interação.

Por favor, utilize este espaço para quaisquer comentários ou sugestões referentes ao questionário.

Mais uma vez, muito obrigada por ter respondido!!

Prezado(a) Professor(a):

Ao responder a este questionário, você estará contribuindo para enriquecer os dados de minha pesquisa de doutoramento, na qual estou abordando algumas questões relativas ao papel da Terminologia na prática e no ensino da Tradução no Brasil.

Por favor, não deixe de preencher os dados de sua instituição e utilize o verso deste para suas respostas ou uma folha à parte, se preferir.

Grata por sua colaboração.

Luzia Araújo
Programa de Doutorado em Linguística Aplicada
Área de Tradução
IEL/Unicamp

Instituição:	
Faculdade/Instituto:	
Departamento:	
Curso(s):	
Disciplina(s) que leciona:	

- 1 – Numa aula de prática de tradução, de que forma você ajudaria seus alunos a resolverem a tradução de uma palavra ou expressão de caráter técnico que tanto eles quanto você desconhecem e não conseguem encontrar nos dicionários?
- 2 – Você vê relevância na familiarização de seus alunos com o jargão de uma determinada área de saber ou de atuação para que traduzam textos a elas relacionados? Por quê?
- 3 – Nas aulas de prática de tradução, você costuma orientar seus alunos para que realizem o levantamento das palavras e expressões pertinentes aos diversos assuntos dos textos que traduzem? Em caso afirmativo, de que forma esse levantamento é realizado?
- 4 – Você vê relevância na disciplina Terminologia para os cursos de formação de tradutores? Por quê?
- 5 – Você ministra ou já ministrou a disciplina Terminologia? Em caso afirmativo, cite os principais objetivos dessa disciplina e as três principais referências bibliográficas utilizadas em seu curso.
- 6 – Qual é a sua formação? Você já fez algum curso de Terminologia ou Gestão Terminológica?
- 7 – Você trabalha como tradutor/a também? Em caso afirmativo, costuma consultar bancos de dados terminológicos ou outras fontes informatizadas de auxílio à tradução? Quais?

Prezado(a) Aluno(a):

Ao responder a este questionário, você estará contribuindo para enriquecer os dados de minha pesquisa de doutoramento.

Por favor, não deixe de preencher os dados de seu curso e utilize o verso deste para as respostas.

Conto com sua colaboração!

Grata,

Luzia Araújo
Programa de Doutorado em Linguística Aplicada
Área de Tradução
IEL/Unicamp

DADOS DO CURSO

Nome do Curso:

Graduação

Especialização

Ano de curso:

Instituição:

- 1- Quais eram as suas expectativas em relação à disciplina “Terminologia”, oferecida em seu curso? Tais expectativas foram atendidas? Parcial ou integralmente?
- 2- Você considera a disciplina “Terminologia” importante para a sua formação profissional? Por quê?
- 3- O período em que a disciplina “Terminologia” é oferecida em seu curso é adequado em relação às demais disciplinas? Em caso negativo, qual seria o período mais apropriado? Justifique sua resposta.
- 4- Você vê relevância na familiarização com o jargão de uma determinada área de saber ou de atuação para a tradução de textos a elas relacionados? Por quê?
- 5- De que forma os conhecimentos teóricos e/ou práticos provenientes de sua experiência com a “Terminologia” podem ajudá-lo(a) em outras disciplinas de seu curso e na sua prática profissional?
- 6- Você recomendaria o curso dessa disciplina a um(a) colega? Ao recomendá-lo, ou não, como descreveria seu conteúdo e objetivos?

Prezado(a) Aluno(a):

Ao responder a este questionário, você estará contribuindo para enriquecer os dados de minha pesquisa de doutoramento. Por favor, não deixe de preencher os dados de seu curso e utilize o verso deste para as respostas.

Conto com sua colaboração!

Grata,

Luzia Araújo
Programa de Doutorado em Lingüística Aplicada
Área de Tradução
IEL/Unicamp

DADOS DO CURSO		
Nome do Curso:		
<input type="checkbox"/> Graduação	<input type="checkbox"/> Especialização	Ano de curso:
Instituição:		

- 1- Em uma aula de prática de tradução, de que forma você resolve(ria) a tradução de uma palavra ou expressão de caráter técnico que você desconhece e não consegue encontrar no(s) dicionário(s)?
- 2- Você costuma realizar o levantamento das palavras e expressões características de uma determinada área em suas aulas de prática de tradução? De que forma?
- 3- Na sua opinião, a existência de fontes de consulta bilíngües contendo informações adicionais sobre uma palavra ou expressão (como por exemplo, definição, contexto em que são empregadas, exemplos de uso etc.) poderia facilitar a tradução de um determinado texto? Justifique sua resposta.
- 4- Você vê relevância na familiarização com o jargão de uma determinada área de saber ou de atuação para a tradução de textos a elas relacionados? Por quê?
- 5- A disciplina "Terminologia" é oferecida em seu curso. O que você espera ver/estudar nessa disciplina?
- 6- Os aspectos terminológicos da tradução são tratados em alguma outra disciplina oferecida em seu curso? Qual? De que forma?

Prezado(a) Aluno(a):

Ao responder a este questionário, você estará contribuindo para enriquecer os dados de minha pesquisa de doutoramento.

Por favor, não deixe de preencher os dados de seu curso e utilize o verso deste para as respostas.

Conto com sua colaboração!

Grata,

Luzia Araújo
Programa de Doutorado em Linguística Aplicada
Área de Tradução
IEL/Unicamp

DADOS DO CURSO

Nome do Curso:

Graduação

Especialização

Ano de curso:

Instituição:

- 1- Em uma aula de prática de tradução, de que forma você resolve(ria) a tradução de uma palavra ou expressão de caráter técnico que você desconhece e não consegue encontrar no(s) dicionário(s)?
- 2- Você costuma realizar o levantamento das palavras e expressões características de uma determinada área em suas aulas de prática de tradução? De que forma?
- 3- Na sua opinião, a existência de fontes de consulta bilíngües contendo informações adicionais sobre uma palavra ou expressão (como por exemplo, definição, contexto em que são empregadas, exemplos de uso etc.) poderia facilitar a tradução de um determinado texto? Justifique sua resposta.
- 4- Você vê relevância na familiarização com o jargão de uma determinada área de saber ou de atuação para a tradução de textos a elas relacionados? Por quê?
- 5- Os aspectos terminológicos da tradução são tratados em alguma disciplina oferecida em seu curso? Qual?

O PAPEL DA TERMINOLOGIA NO ENSINO DA TRADUÇÃO

Prezado/a aluno/a:

Minha tese de doutoramento objetiva estudar o papel da terminologia na prática e no ensino da tradução no Brasil. Como parte disso, estou realizando uma pesquisa sobre o ensino de terminologia nos cursos de tradução, visando a uma análise das relações entre a prática tradutória e as necessidades de ensino-aprendizagem. Ficaria imensamente grata se você pudesse dedicar parte de seu tempo para responder a este questionário, pois sua contribuição será de grande valia para minha pesquisa.

Luzia Araújo

Programa de Doutorado em Linguística Aplicada

Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp

e-mail: araujix@obelix.unicamp.br

Por favor, marque um x e/ou responda conforme indicado.

SOBRE SEUS ESTUDOS

Nome de seu curso: _____

Instituição: _____

Duração: _____

anos

Último ano: Sim Não

Q1 A Q3 – NATUREZA E CARGA HORÁRIA DA DISCIPLINA TERMINOLOGIA

- 1 A terminologia é uma disciplina obrigatória? Sim Não
- 2 Quando é oferecida?
- | | 1º ano | 2º ano | 3º ano | 4º ano |
|-------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1º semestre | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2º semestre | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
- 3 Qual é a carga horária total (incluindo laboratório, se houver) em horas/aula?
- Menos de 12 12 – 20 21 – 30 31 – 40 41 +

Q4 E Q5 - OBJETIVOS E CONTEÚDO DA DISCIPLINA TERMINOLOGIA

- 4 Supondo que os objetivos listados abaixo estão entre suas principais expectativas para a disciplina terminologia, classifique-os conforme sua relevância para você (1 = menos importante, a 5 = mais importante). Na segunda coluna, indique o grau em que tais expectativas foram preenchidas (1 = não preenchida, 3 = parcialmente, 5 = totalmente).

Obter uma visão geral da terminologia como área de estudo	_____	_____
Estudar o processo de formação de termos	_____	_____
Conhecer os principais recursos terminológicos para tradução	_____	_____
Aprender a desenvolver/utilizar bancos de dados terminológicos	_____	_____
Aprender a identificar o jargão de diferentes áreas de especialidade	_____	_____

- 5) Relacione até cinco tópicos efetivamente abordados na disciplina terminologia, começando pelos que considera/ou mais relevantes para sua prática como futuro/a tradutor/a.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

A TERMINOLOGIA E O ENSINO DA TRADUÇÃO

Q6 E Q7- TERMINOLOGIA - TEORIA E PRÁTICA

- 6) Os conhecimentos teóricos e práticos proporcionados pela disciplina terminologia foram-lhe úteis para outras disciplinas do curso de tradução? Por quê?

- 7) Na sua opinião, qual a importância da terminologia para sua formação profissional como futuro/a tradutor/a?

Muito importante

Importante

Irrelevante

Q8 E Q9 – TERMINOLOGIA - VOCABULÁRIO ESPECIALIZADO

- 8) Para você, a familiarização com o jargão de uma determinada área de especialidade para traduzir textos a ela relacionados é:

Imprescindível

Importante, mas não imprescindível

Irrelevante

- 9) De que forma você costuma resolver as dificuldades terminológicas (i.e., encontrar o termo mais apropriado na língua de chegada), que eventualmente aparecem na realização de uma tradução? Especifique até cinco estratégias mais utilizadas.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____

Q10 A Q15 - RECURSOS TERMINOLÓGICOS PARA TRADUÇÃO

10) Você conhece algum tipo de ferramenta terminológica para tradução?

Não **Vá para 12**

Sim Especifique:

11) Você utiliza ferramentas terminológicas computadorizadas nas aulas de prática de tradução?

Não

Sim Especifique (até 5):

12) Você tem/teve alguma experiência na criação de bancos de dados terminológicos e/ou elaboração de glossários?

Sim Programa usado (se algum): _____ Não

13) Há condições para esse tipo de atividade no seu curso de tradução?

Sim

Não

14) Na sua opinião, quais os principais benefícios da utilização de recursos terminológicos para tradução? Liste até cinco, começando pelos mais importantes.

1. _____

2. _____

3. _____

4. _____

5. _____

Se quiser, utilize o espaço abaixo para quaisquer comentários e/ou sugestões.

Mais uma vez, obrigada por colaborar com minha pesquisa!!

RESPOSTAS TRADUTORES

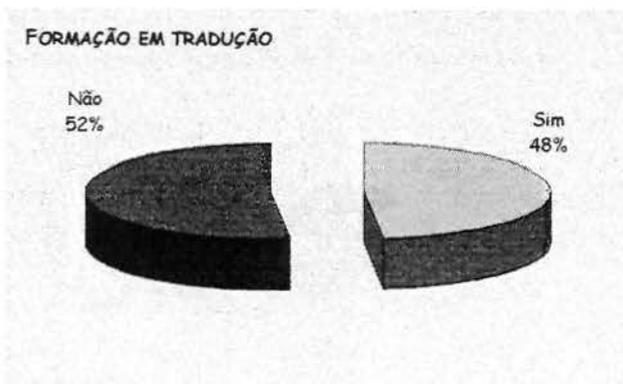


Gráfico 1

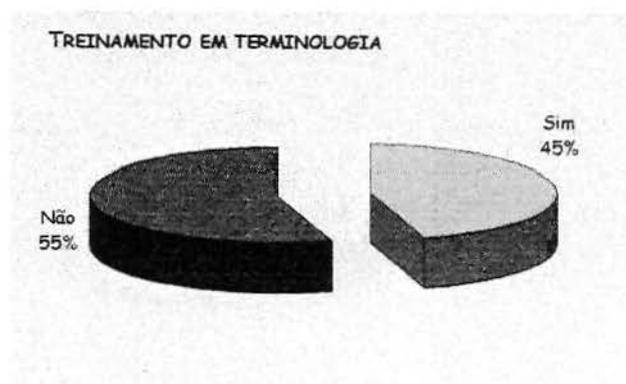


Gráfico 2

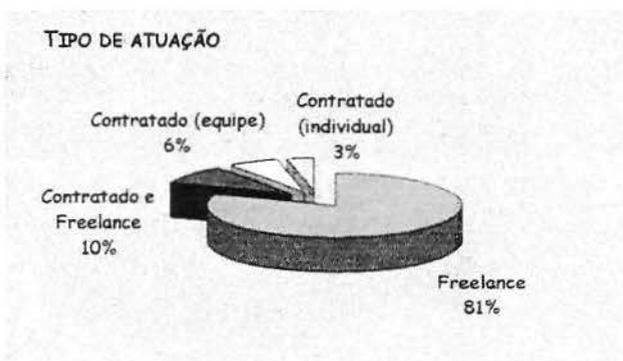


Gráfico 3

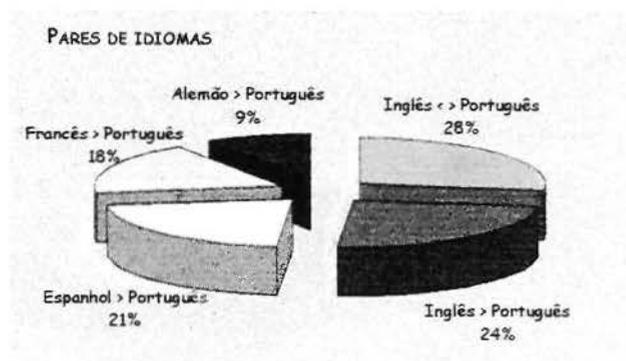


Gráfico 4



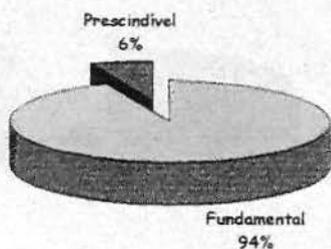
Gráfico 5



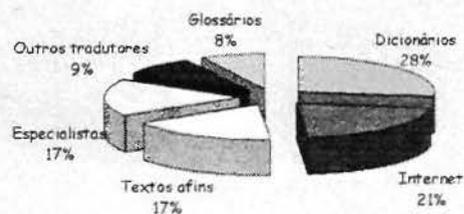
Gráfico 6

Gráficos 1 a 6 - Perfil dos tradutores respondentes

FAMILIARIZAÇÃO COM JARGÃO

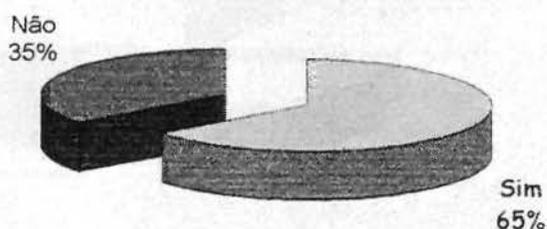


ESTRATÉGIAS MAIS UTILIZADAS PARA RESOLVER DIFICULDADES TERMINOLÓGICAS

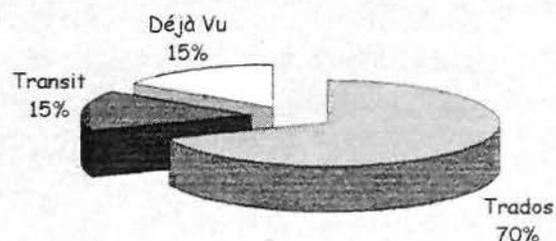


Gráficos 7 e 8 - A terminologia como vocabulário especializado

FAMILIARIDADE COM RECURSOS TERMINOLÓGICOS



RECURSOS MAIS CONHECIDOS



Gráficos 9 e 10 - Familiaridade com recursos terminológicos

UTILIZAÇÃO DE RECURSOS TERMINOLÓGICOS

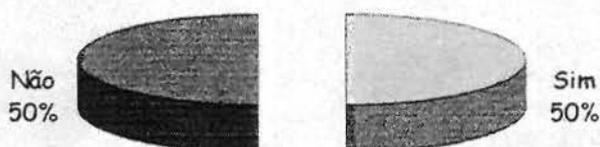
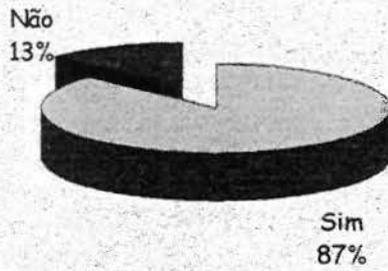
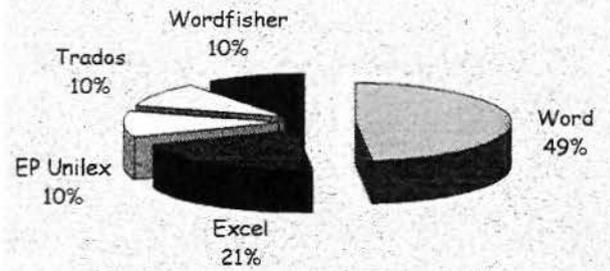


Gráfico 11 - Utilização de recursos terminológicos

DESENVOLVIMENTO DE BANCOS DE DADOS
TERMINOLÓGICOS OU GLOSSÁRIOS

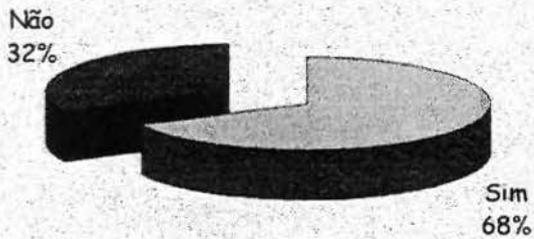


PROGRAMAS UTILIZADOS

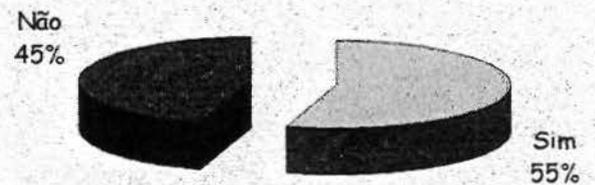


Gráficos 12 e 13 - Desenvolvimento de bancos de termos ou glossários

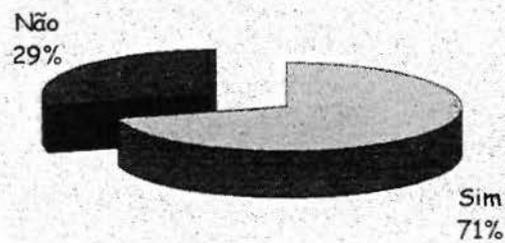
POLÍTICA DE PADRONIZAÇÃO TERMINOLÓGICA



ASSESSORIA TERMINOLÓGICA



INFORMAÇÕES TERMINOLÓGICAS COMPARTILHADAS



Gráficos 14, 15 e 16 - Padronização terminológica

RESPOSTAS ALUNOS - FASE I



Gráfico 17

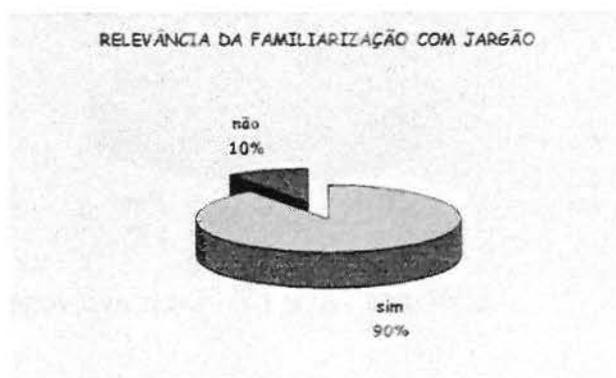


Gráfico 18

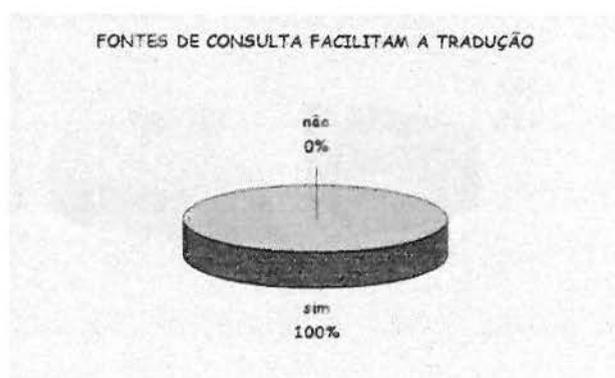


Gráfico 19

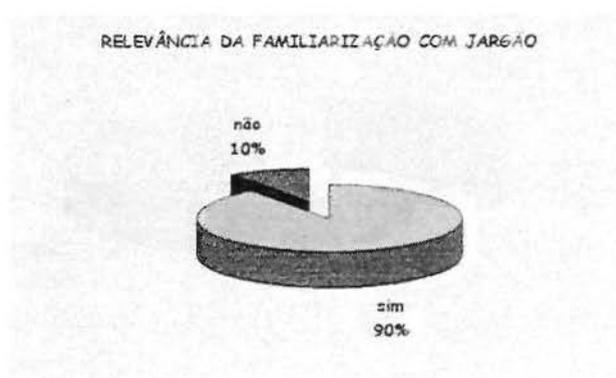


Gráfico 20

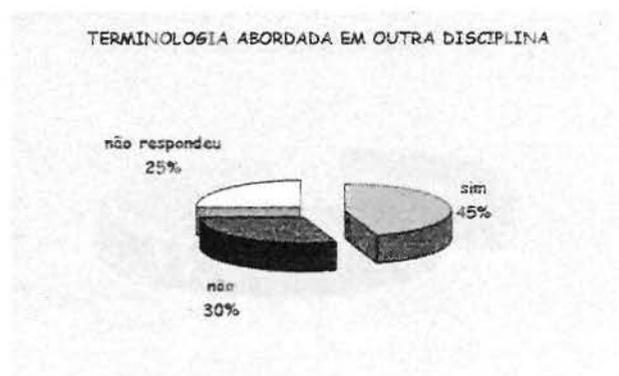


Gráfico 21

Gráficos 17 a 21 - Alunos que não têm a disciplina terminologia

ESTRATÉGIAS PARA RESOLVER DIFICULDADES
TERMINOLÓGICAS

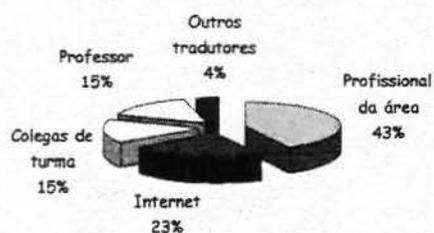


Gráfico 22

RELEVÂNCIA DA FAMILIARIZAÇÃO COM JARGÃO

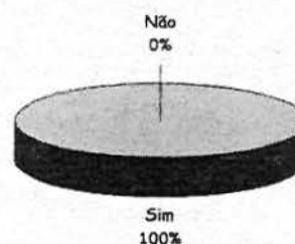


Gráfico 23

EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À TERMINOLOGIA

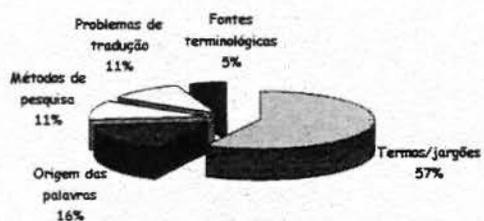


Gráfico 24

TERMINOLOGIA ABORDADA EM OUTRAS
DISCIPLINAS?



Gráfico 25

EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À TERMINOLOGIA

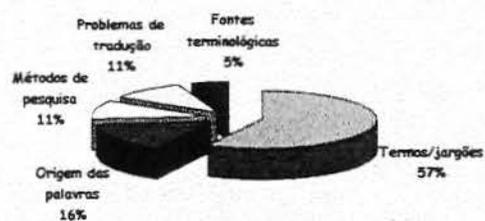


Gráfico 26

TERMINOLOGIA ABORDADA EM OUTRAS
DISCIPLINAS?

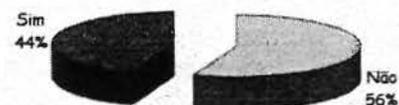


Gráfico 27

Gráficos 22 a 27 - Alunos que ainda não cursaram terminologia



Gráfico 28

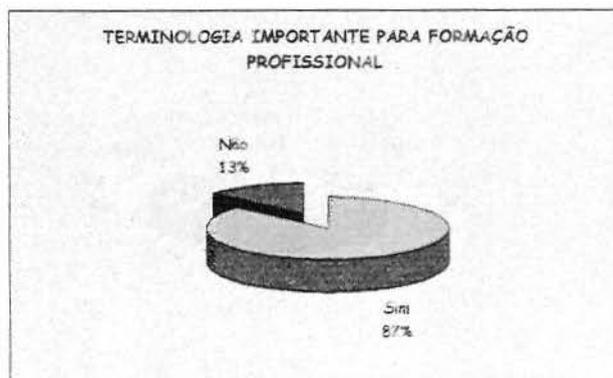


Gráfico 29

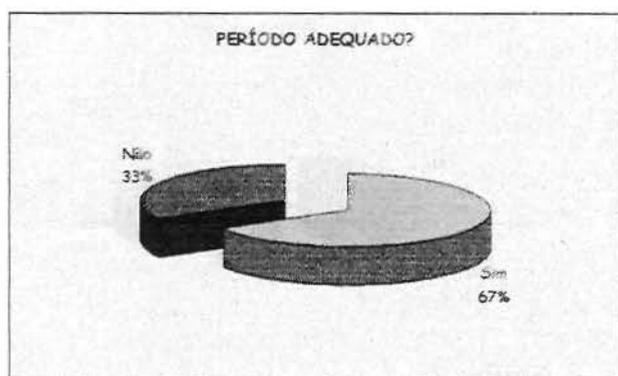


Gráfico 30



Gráfico 31

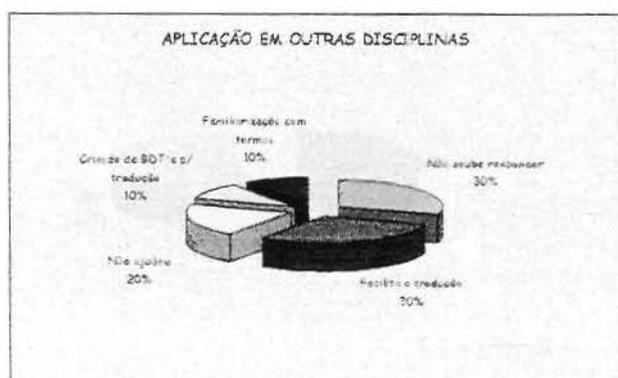


Gráfico 32

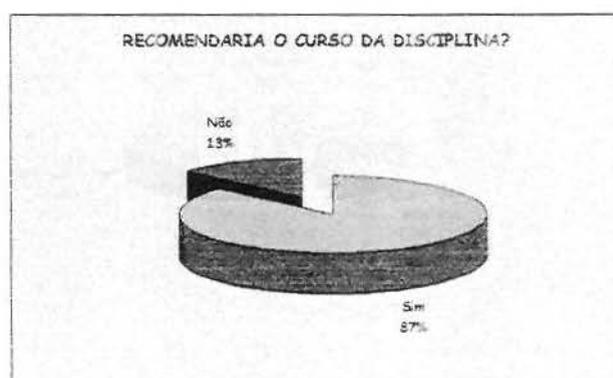


Gráfico 33

Gráficos 28 a 33 - Alunos que cursaram terminologia (I)

RESPOSTAS ALUNOS - FASE II

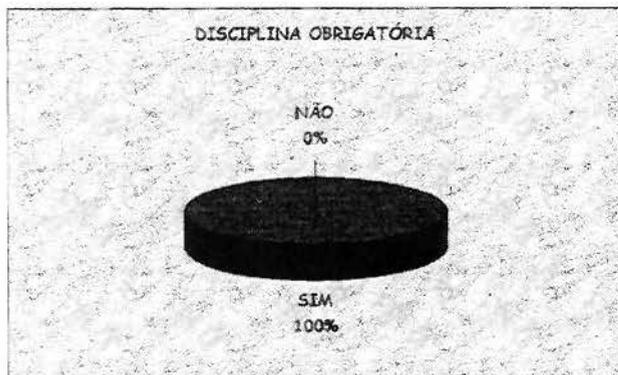


Gráfico 34

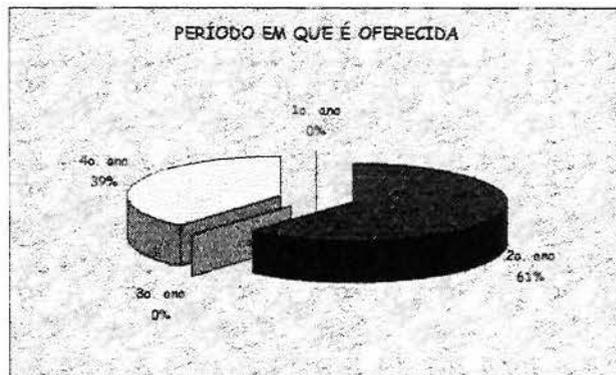


Gráfico 35

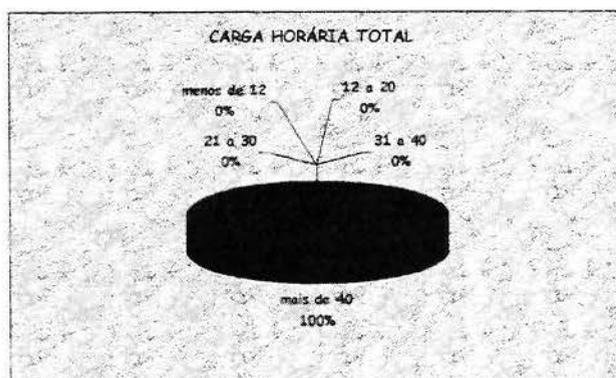


Gráfico 36

Gráficos 34 a 36 - Natureza e carga horária da disciplina terminologia

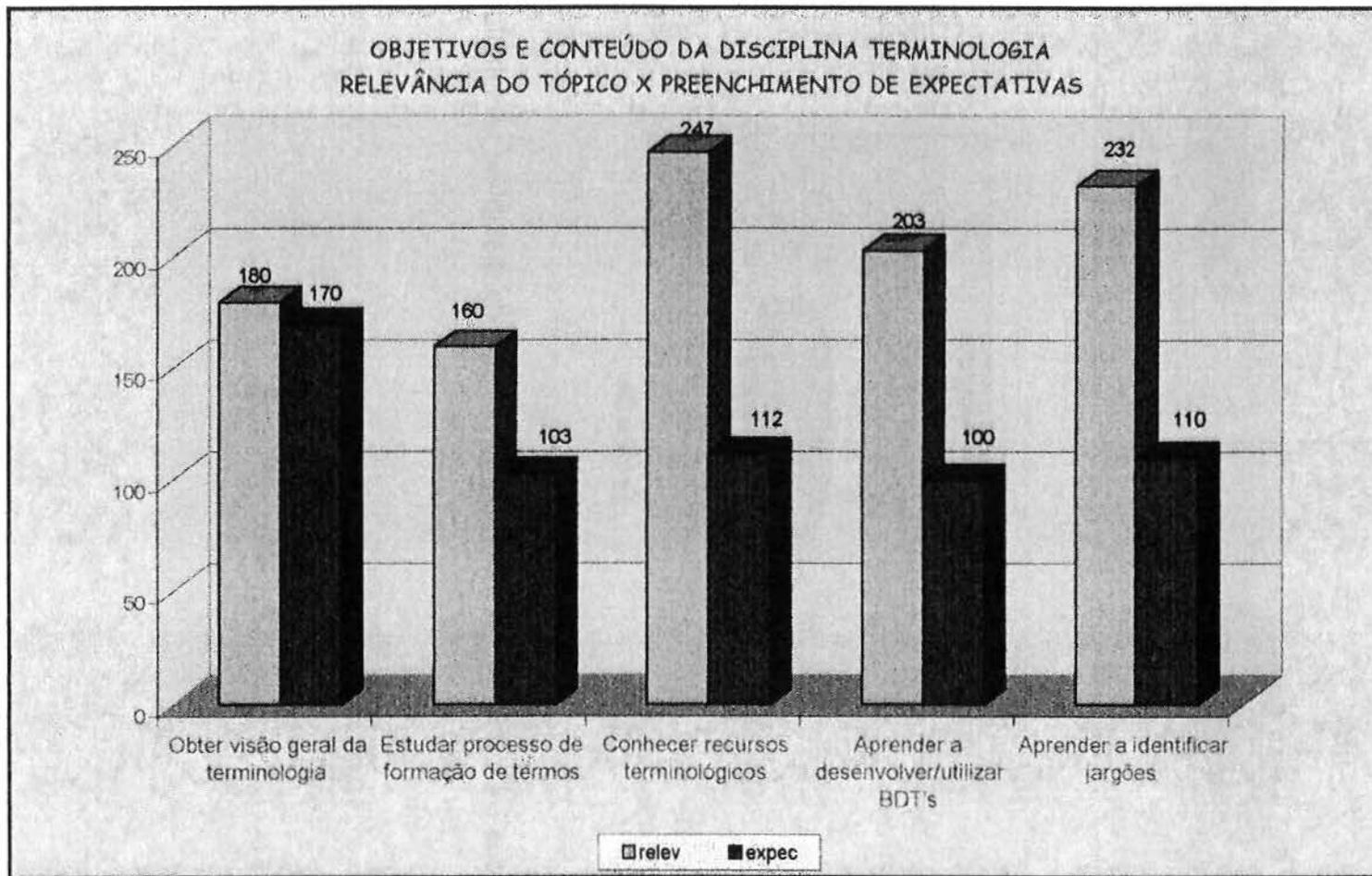


Gráfico 37

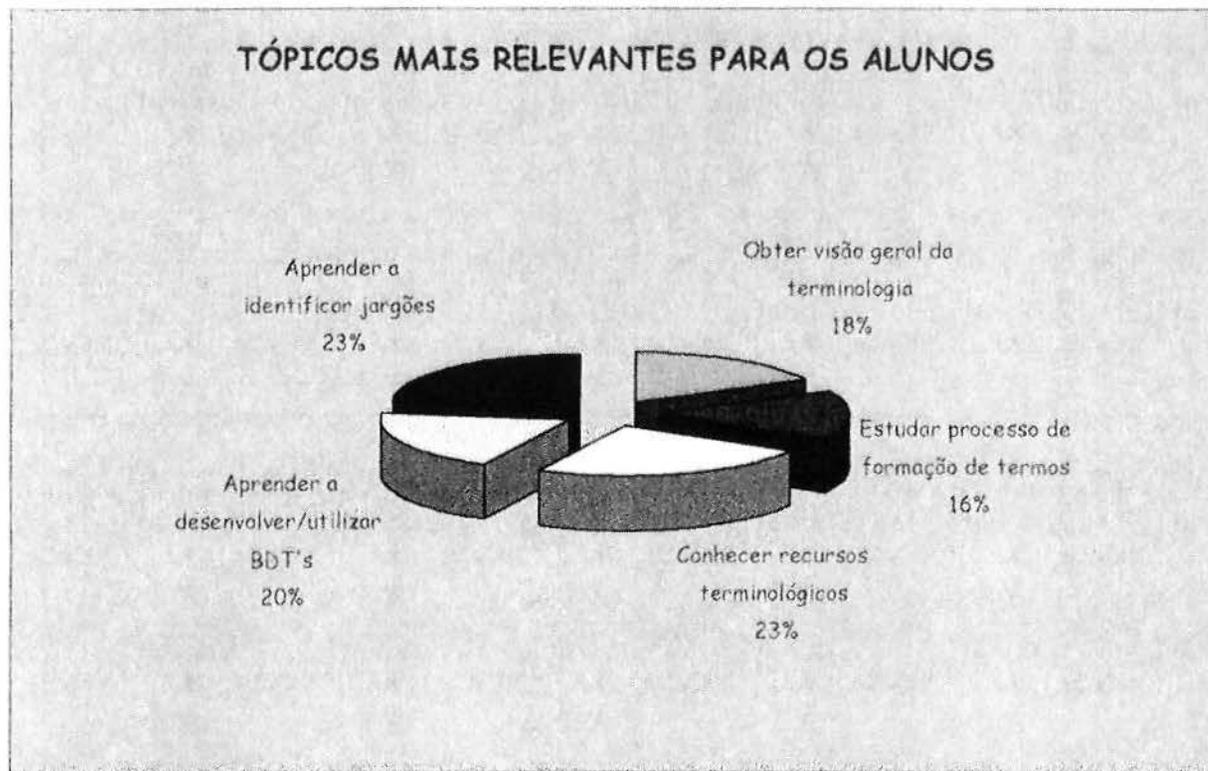


Gráfico 38



Gráficos 39 e 40 - Terminologia - teoria e prática no ensino da tradução



Gráficos 41 e 42 - Terminologia - Vocabulário especializado



Gráfico 43

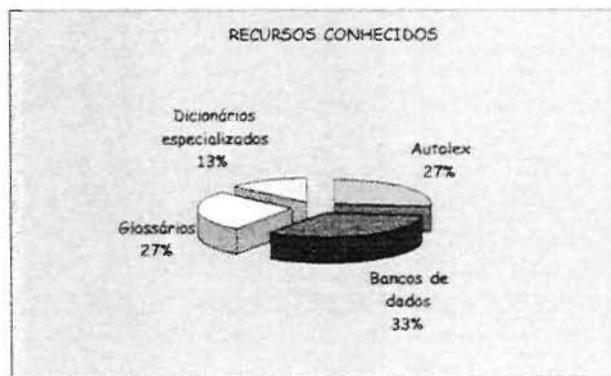


Gráfico 44

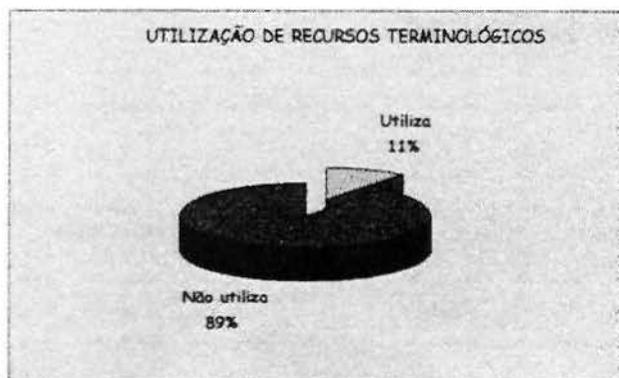


Gráfico 45



Gráfico 46

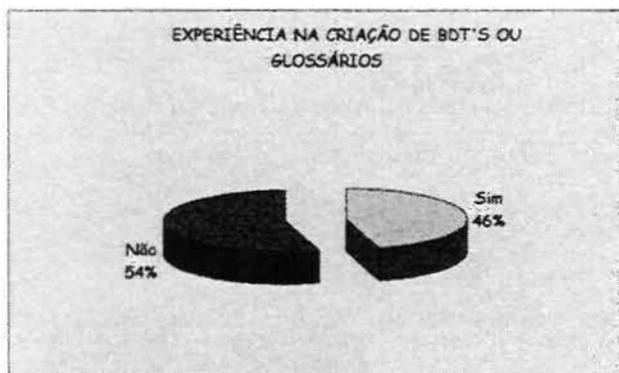


Gráfico 47

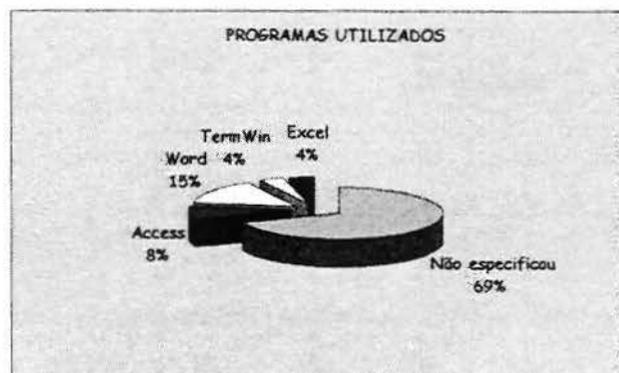


Gráfico 48

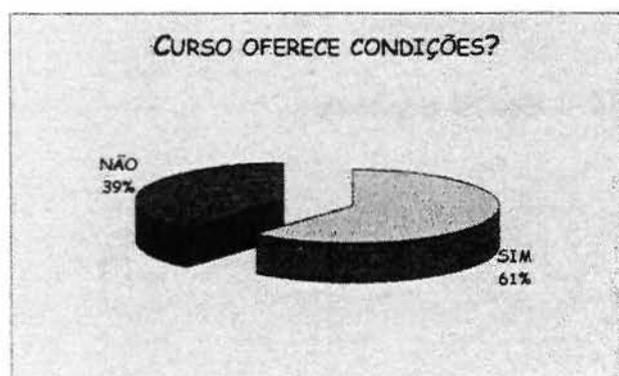


Gráfico 49

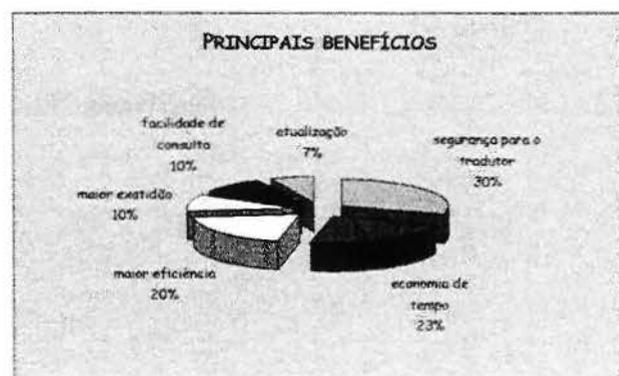


Gráfico 50

Gráficos 43 a 50 - Recursos terminológicos no ensino da tradução

RESPOSTAS DOCENTES

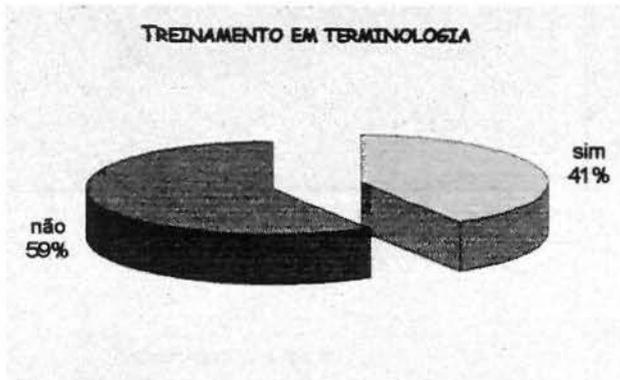


Gráfico 51

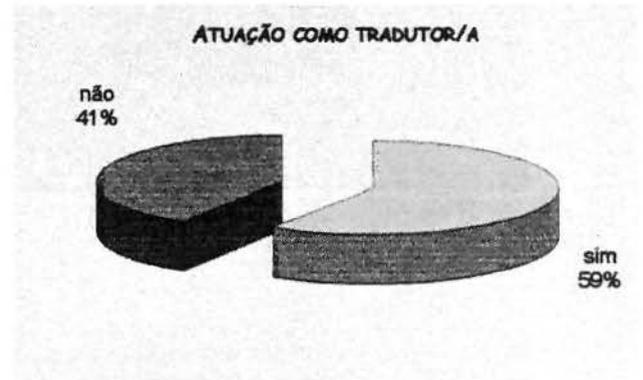


Gráfico 52

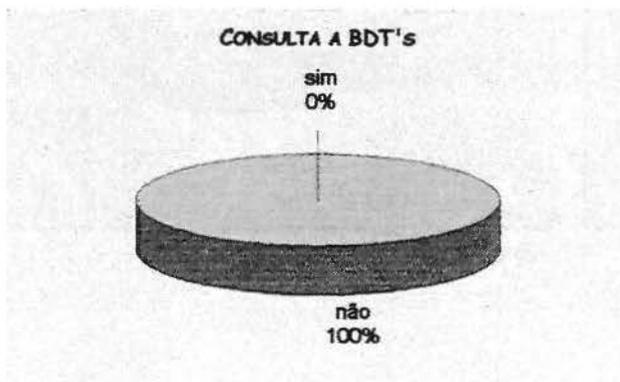


Gráfico 53

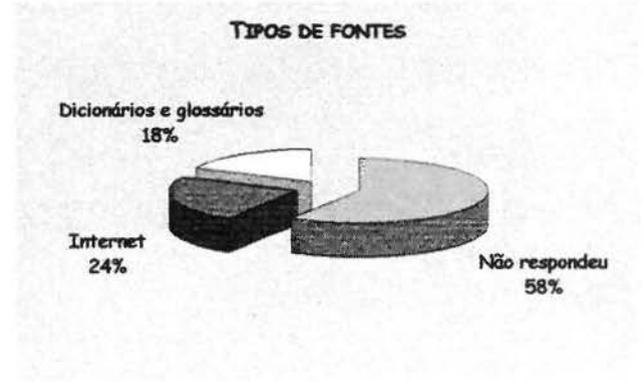


Gráfico 54

Gráficos 51 a 54 - Perfil docente

RELEVÂNCIA DA FAMILIARIZAÇÃO COM JARGÃO

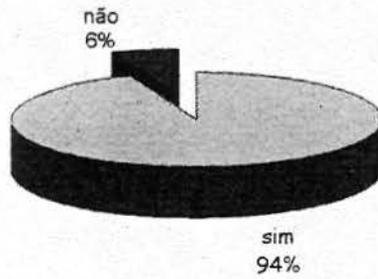


Gráfico 55

ESTRATÉGIAS EMPREGADAS PARA AJUDAR OS ALUNOS A RESOLVEREM DIFICULDADES TERMINOLÓGICAS

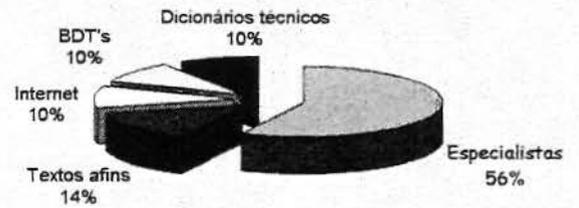


Gráfico 56

COSTUMA ORIENTAR ALUNOS PARA QUE REALIZEM LEVANTAMENTO TERMINOLÓGICO

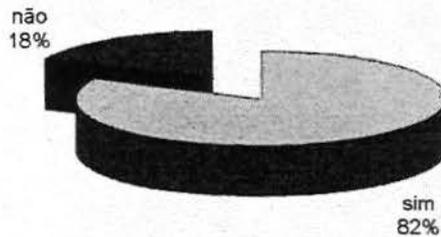


Gráfico 57

LEVANTAMENTO TERMINOLÓGICO POR MEIO DE ...



Gráfico 58

RELEVÂNCIA DA TERMINOLOGIA PARA A FORMAÇÃO DE TRADUTORES

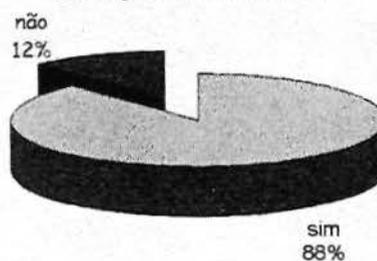


Gráfico 59